

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

FLÁVIA ADRIANA ANDRADE

Ficções de Anna Bolena
Na História e na Literatura contemporâneas

TESE DE DOUTORADO

PORTO ALEGRE, 2013

FLÁVIA ADRIANA ANDRADE

Ficções de Anna Bolena
Na história e na literatura contemporâneas

Tese apresentada ao Instituto de Letras
da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul para obtenção do título de Doutor
em Letras

Área de concentração:
Literatura Comparada

Orientadora: Profa. Dra.
Rita Terezinha Schmidt

PORTO ALEGRE

2013

Nome: ANDRADE, Flávia Adriana.

Título: **Ficções de Anna Bolena, na história e na literatura contemporâneas.**

Tese apresentada ao Instituto de Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
para obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovado em: 02\07\2013

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Para minha sobrinha Isadora.

Para minha avó, Sílvia Andrade (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A CAPES, pela bolsa de estudos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras, na pessoa do coordenador, Prof. Dr. Valdir Flores.

À secretaria do Programa de Pós-Graduação em Letras, especialmente ao secretário Canísio, onde sempre fui atendida com presteza e cordialidade.

À gráfica ExpanSSiva pelo belo trabalho na confecção das folhas personalizadas.

Aos terapeutas, Glívia Almeida e Fernando Matos Ribeiro Silva, pelo valioso suporte.

À direção da Escola Monte Cristo, na pessoa da Profa. Silvana Viegas, e à coordenação da EJA da Escola Neusa Brizola, na pessoa da Profa. Rita Azzolin, pela compreensão e flexibilidade.

À romancista Robin Maxwell pela amabilidade.

À romancista Wendy J. Dunn pela disponibilidade e pela mão estendida em amizade.

À Rafaela Rocha pela ajuda inestimável na edição de imagens e mídia auditiva.

À minha orientadora, Dra. Rita Teresinha Schmidt, que tantas vezes trouxe luz onde só havia treva e em cuja compreensão revelou-se um horizonte.

Aos amigos que entenderam crises e desaparecimentos.

À minha família, que nunca estabeleceu condições para o Amor que me oferece.

Ao meu pai, Flavio Andrade (in memoriam), que está feliz onde quer que se encontre.

Ao Pai Oxalá, aos Mestres Ascencionados e todos os amigos espirituais, que me auxiliaram a levantar todas as vezes que eu caí.

A Deus, que me permitiu chegar até aqui.

“And if any person will meddle of my
cause, I require them to judge
the best.”¹

“At great cost, I know. But then all great
enterprises are won only at great cost...”²

¹ “E se alguém se ocupar da minha causa, eu peço que julgue pelo melhor.” BOLEYN, Anne (1536 Apud IVES, 2007, p.358. trad.no.).

² “A um grande custo, eu sei. Mas todas as grandes empresas são conquistadas somente a grandes custos.” (DUNN, 2002, p.162. tra. no.)

Andrade, Flávia Adriana. Ficções de Anna Bolena, na história e na literatura contemporâneas. 2013. 390f. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.

RESUMO

O tema de minha tese de doutorado é o estudo de representações da personagem histórica feminina Anna Bolena, configuradas em textos do âmbito da história e do âmbito da literatura contemporâneas. O *corpus* analisado na pesquisa é composto pelos romances de língua inglesa contemporâneos: *The Secret Diary of Anne Boleyn* (1997), da escritora estado-unidense Robin Maxwell; e *Dear heart, How Like You This?* (2002), da escritora australiana Wendy J. Dunn. E pelos textos do registro histórico: *Life and Death of Anne Boleyn: The Most Happy* (2004), de Eric Ives; e *Anne Boleyn*, capítulo do livro *Six Wives: The Queens of Henry VIII* (2003), de David Starkey. Ambos acreditados historiadores britânicos. Tendo em vista o *corpus* assinalado, busco demonstrar ao longo do estudo a tese de que tanto discursos históricos quanto discursos literários anglófonos contemporâneos constroem índices diferenciados de legitimidade e visibilidade à personagem histórica Anna Bolena; cuja importância histórica foi, até recentemente, negada e diminuída através de processos de envilecimento, deslegitimação, silenciamento e apagamento. Dentre as conclusões, destaco a confirmação da tese proposta. Ou seja, os discursos históricos e literários estudados se apropriam da figura de Anna Bolena em um movimento de resgate e reabilitação da memória apagada, fragmentada, vilanizada e demonizada da personagem histórica. Os historiadores, Ives e Starkey, reescreveram a história de Anna, com base em novas evidências surgidas no final do século XX; bem como, em uma investigação acurada e novas interpretações das informações presentes em fontes já conhecidas. O resultado é que Anne ganhou visibilidade e legitimidade históricas, na medida em que aspectos da vida dela, antes desconsiderados, como a educação e o envolvimento na Reforma Religiosa, passaram a ser representados em discursos de prestigiados historiadores britânicos. Ao se tornar o centro de discursos acreditados, Anna Bolena é legitimada e se torna visível no quadro histórico. As romancistas, Dunn e Maxwell, desconstróem mitos negativos em torno da personagem histórica ao apresentá-los sob uma nova perspectiva. Os textos literários, devido à liberdade imaginativa, que lhes é peculiar, dão ênfase, especialmente, a um aspecto não coberto pela história devido à escassez de fontes: a psicologia da personagem. Nos textos híbridos que surgem da intersecção entre literatura e história, passado e presente, ex-colônia e ex-metrópole, o passado é re-escrito com as tintas vivas de um presente marcado por movimentos e expressões de descolonização.

Palavras-Chave: Representações, Anna Bolena, literatura, história, contemporânea.

Andrade, Flávia Adriana. Ficções de Anna Bolena, na história e na literatura contemporâneas. 2013. 390f. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.

ABSTRACT

The theme of my PhD research is the study of representations of Anne Boleyn in texts from contemporary literature and history. The corpus analyzed in the research is composed of the novels *The secret diary of Anne Boleyn*, by the North American novelist Robin Maxwell; and *Dear heart, how like you this?*, by the Australian novelist Wendy J. Dunn. And the historical texts *Life and Death of Anne Boleyn*, by Eric Ives; and "Anne Boleyn", chapter of the book *Six Wives: The Queens of Henry VIII*, by David Starkey. Both are credited British Historians. Considering the corpus, I demonstrate the thesis that contemporary Anglophone historical discourses, as well as, contemporary Anglophone literary discourses, build different hints of legitimacy and visibility to the historical character Anne Boleyn, whose importance was denied and diminished, until a short time ago. And so it is. The literary and historical discourses analyzed appropriate the image of Anna Bolena in a movement towards rescuing and rehabilitating her memory, which was erased, fragmented, vilified, and demonized. The historians, Ives and Starkey, wrote new versions of her life history based on new evidence found at the end of the twentieth century, as well as, on accurate investigation and fresh interpretations of old sources. They included, in their report, aspects not considered before, such as her education and her participation in the English Religious Reformation. The result of all these procedures is that Anne achieved visibility and legitimacy in the historical scene. The novelists, Dunn and Maxwell, deconstruct negative myths about Anne Boleyn presenting them according to a new perspective. The literary texts, because of their imaginative freedom, especially emphasize an aspect that, due to lack of sources, is not covered by history: the psychology of the character. In these hybrid texts that emerge from the intersection between literature and history, past and present, former metropolis and former colony, the past is re-written with the vivid colors of the present, that are marked by movements and expressions of de-colonization.

Keywords: Representations, Anne Boleyn, literature, history, contemporary.

Lista de ilustrações

1. Tudor Rose. Rosa vermelha e branca, símbolo da dinastia Tudor.
2. King Henry VIII and Anne Boleyn deer shooting in Windsor forest (1903), de William Powell Frith (UK).
3. O falcão branco coroadado. Um dos brasões de Anna Bolena.
4. Wendy Jean Dunn (Melbourne\Australia)
5. David Starkey (Kent\UK)
6. Eric William Ives (Birmingham\UK)
7. Robin Maxwell (Pioneertown, Califórnia\USA)
8. Anne Boleyn says a final goodbye to her daughter, Princess Elizabeth, pintura de Gustaf Wappers, Paris, 1838.
9. Anne Boleyn, Artista Desconhecido, século XVI, National Portrait Gallery (NPG)\Londres.
10. Anne Boleyn, Artista desconhecido, coleção Hever Castle\Kent.
11. Deslocamentos coloniais e pós-coloniais, desenho gráfico de Rafaela Rocha, 2013.
12. Merle Oberon, The private Life of Henry VIII (1933).

13. Genevieve Bujold, Anne of the thousand days (1969).
14. Natalie Dormer, The Tudors (2007-2008).
15. Helena Bonham Carter, Henry VIII (2003).
16. Natalie Portman, The other Boleyn Girl (2008).
17. Anne Boleyn, Frans Porbus, Século XVII, Pinacoteca Malaspina, Pávia\Itália.
18. Anne Boleyn, de Wenzel Hollar (1649), NPG\Londres.
19. Anne Boleyn, miniatura de Lucas Horenbolte (século XVI).
20. Anne Boleyn, escultura em Madeira, de Dennis Huntley (1967), Londres.
21. Anne Boleyn, Vermeulen (1707), NPG\Londres.
22. Anne Boleyn, miniatura de John Hoskins, NPG\Londres.
23. Anne Boleyn in the Tower, de Edouard Cibot (1835), Paris.

Mídia auditiva – Lista de Canções do CD

1. Almain – Thomas Robinson
2. Greensleeves – Gregorian
3. Oh death, rock me asleep – David Munrow
4. Greensleeves – Gretchen Cornwall&\John Cornwall
5. Oh death, rock me asleep – Katy Rose
6. Pavan e Gaillards



Uma história da Era Tudor...

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: QUANDO A LITERATURA DA (EX) COLÔNIA ENCONTRA A HISTÓRIA DA (EX) METRÓPOLE ...	15
2 PREFÁCIO TEÓRICO:	25
2.1 A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO NO MUNDO PÓS-COLONIAL	26
2.2 A REPRESENTAÇÃO DO GÊNERO ENQUANTO CONSTRUÇÃO DISCURSIVA	38
2.3 A AMPLITUDE DO CONCEITO DE FICÇÃO	43
2.3.1 <i>Literatura, ficção literária e narratologia</i>	46
2.3.1.1 Narratologia.....	53
2.3.2 <i>Natureza, caracteres, novas teorias e práticas da ficção histórica</i>	57
2.3.3 <i>A História das Mulheres e o resgate das histórias perdidas</i>	66
2.3.4 <i>Entrelaçamentos entre literatura e história</i>	69
2.3.5 <i>O romance histórico</i>	81
PARTE II: O RESGATE DA HISTÓRIA PERDIDA	88
3 A HISTÓRIA DE ANNA BOLENA.....	90
4 LEGITIMANDO A “OUTRA” I: ANA BOLENA NO LIVRO DAS SEIS ESPOSAS.....	97
4.1 DAVID STARKEY	97
4.2 EIS QUE SURGE ANNA.....	98
5 LEGITIMANDO A “OUTRA” II: ANNE BOLEYN, THE MOST HAPPY	139
5.1 ERIC WILLIAM IVES.....	139
5.2 LIFE AND DEATH OF ANNE BOLEYN: THE MOST HAPPY	141
5.3 ANNA RE-CONSTRUÍDA.....	145
6 UM PARALELO POSSÍVEL ENTRE A “SEGUNDA ESPOSA” E “THE MOST HAPPY”	198
PARTE II: DESLOCANDO A 'OUTRA' - O OLHAR DA COLÔNIA SOBRE A METRÓPOLE.....	196
7 AS MIL FACES DE ANNA.....	206
8 O DIÁRIO DE ANNA BOLENA: A ‘OUTRA’ POR ELA MESMA	211
8.1 ROBIN MAXWELL.....	211
8.2. SECRET DIARY OF ANNE BOLEYN	212
8.3. ANNE BOLEYN CONTA SUA VERSÃO DA HISTÓRIA	222
9 “OH, ANNA! MY BURNING LIGHT. DEAREST OF HEARTS”: A “OUTRA” NA VOZ DO POETA.....	234
9.1 WENDY JEAN DUNN	235
9.2 DEAR HEART.....	239
9.3 O NARRADOR	245
9.3.1 <i>Sir Thomas Wyatt</i>	245
9.3.2 <i>O poeta-narrador</i>	248
9.4 ANNE, ANNA.....	259
10 UM PARALELO POSSÍVEL ENTRE A VOZ DO “SELF” E A VOZ DO “OUTRO”	275
11 CONCLUSÃO: QUANDO A LITERATURA DA COLÔNIA ENCONTRA A HISTÓRIA DA METRÓPOLE II	280
REFERÊNCIAS	288
ANEXO1	297
ANEXO 2	299
ANEXO 3	CD



2. King Henry VIII and Anne Boleyn deer shooting in Windsor forest, William Frith (1903), UK.

1 Introdução: Quando a literatura da (ex) colônia encontra a história da (ex) metrópole

A história de Anna Bolena une o passado ao presente ao trazer à pauta o tema do feminicídio, consequência mais nefasta da violência contra a mulher. Assim, ao deparar a história de Anne recontada pelo cinema, pela história e pela literatura, nas mais diversas versões, reconheci, imediatamente, o tema, hoje mais atual do que nunca. E percebi o quão vivo está o passado, se repetindo diariamente em um presente no qual proliferam: a opressão, as discriminações, as agressões físicas e verbais, os assédios e violências sexuais, as desmoralizações e culpabilizações pelas violências sofridas e os assassinatos de mulheres.

Ao perceber a proximidade entre os dramas vividos por Anne no século XVI e aqueles vivenciados por milhões de mulheres na contemporaneidade, quis conhecer a fundo a história dela. Com algumas leituras, descobri que Anne Boleyn é uma figura misteriosa, controversa, de magnetismo imenso. E, ainda, que, após a aproximação, não é possível abandoná-la e a solução é mergulhar no oceano de objetos textuais-imagéticos-midiáticos-virtuais dedicados a ela. Como Anne não está mais entre nós para apresentar-se por si mesma, o contato com ela, hoje em dia, só é possível mediado por representações construídas por discursos da história, da literatura, do cinema, enfim, das diversas artes e meios de comunicação.

As representações de Anne, construídas no passado ou no presente, revelam muito sobre a época e a sociedade em que foram elaboradas e trazem a marca de quem às elaborou. Algumas são reveladoras do drama que Anna vivenciou, não porque descrevam os terríveis acontecimentos do final da vida dela, mas porque fazem dela uma vilã desprezível, de modo a estabelecer uma justificativa velada para a morte dela: “recebeu o que merecia”, ideia que prevalece, ainda nos dias de hoje, no senso comum. As representações que vilanizam Anne, no passado e no

presente, estão em consonância com os discursos misóginos que vinculam a mulher ao mal. Assim sendo, se inserem na linha discursiva que culpabiliza as mulheres pelas agressões sofridas e que justifica, dessa forma, o comportamento dos agressores. Infelizmente, essa linha discursiva-comportamental também está profundamente arraigada no senso comum, fazendo com que a violência contra a mulher seja compreendida como algo normal, como parte da ordenação da sociedade.

Diante dessas constatações e com o estudo de diversas representações de Anne Boleyn feitas pela história, literatura, pintura, cinema e em páginas da internet, cheguei ao tema que aqui desenvolvo: o estudo de representações da personagem histórica feminina Anna Bolena, configuradas em dois textos pertencentes ao âmbito da história e dois textos pertencentes ao âmbito da literatura contemporâneas. A análise é feita a partir da consciência de que toda representação é construída em um determinado discurso marcado pelo lócus de enunciação, pela vinculação ideológica e pela intencionalidade do autor. Essas representações, portanto, não podem, ser confundidas com a entidade física que teve existência real em um dado momento da história.

O *corpus* analisado na pesquisa é composto pelos romances de língua inglesa contemporâneos: *The secret diary of Anne Boleyn*³ (1997), da escritora estado-unidense Robin Maxwell; e *Dear heart, How like you this?*⁴ (2002), da escritora australiana Wendy J. Dunn; e pelos textos do registro histórico: *Life and Death of Anne Boleyn: The most happy*⁵ (2004), de Eric Ives; e Anne Boleyn, capítulo do livro *Six Wives: The Queens of Henry VIII*⁶ (2003), de David Starkey; ambos renomados historiadores britânicos contemporâneos. Todos os textos que compõem o *corpus* têm em comum o tema da ascensão e queda de Anna Bolena.

Os critérios para escolha do *corpus* literário foram de diversas ordens. Primeiro, a questão da autoria feminina. Segundo, da idéia de realizar um estudo de

³ MAXWELL, Robin. *The secret diary of Anne Boleyn*. London: Orion, 2004, 260p.

⁴ DUNN, Wendy J. *Dear heart, how like you this?* United Kingdom: Metropolis Ink, 2002, 322p.

⁵ IVES, Eric. *Life and death of Anne Boleyn*. Oxford: Blackwell, 2007, 458p.

⁶ STARKEY, David. Anne Boleyn. In: *Six Wives: The Queens of Henry VIII*. London: Vintage, 2004, 852 p.

como discursos literários de duas ex-colônias inglesas interagem com a história daquele país, explicitando de que forma esses discursos apresentam uma releitura de uma dada passagem da história inglesa. Terceiro, a época de publicação dos romances: segunda metade da última década do século XX e primeira metade da primeira década do século XXI; também relevante uma vez que é aproximada da época de publicação dos textos do registro histórico, assim, tornou-se possível realizar um cotejo entre textos produzidos dentro de um período de tempo inferior a dez anos (1997-2004). Finalmente, a elaboração formal das narrativas e o tratamento dado à linguagem foram aspectos decisivos na escolha porque me tocaram em termos de preferências pessoais.

Paralelamente à escolha do corpus literário, foi necessário escolher dentre os diversos historiadores britânicos que escreveram sobre Anne Boleyn. Para a escolha dos autores da história, adotei como critérios a relevância da obra, a credibilidade e o reconhecimento tanto na comunidade acadêmica quanto na sociedade inglesa, e ainda, a época de publicação dos textos que deveria ser aproximada daquela da publicação dos romances. Então cheguei ao historiador acadêmico Eric Ives⁷, que foi professor emérito da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, considerado como o maior expert em Anne Boleyn, no século XX e, provavelmente, também no século XXI.

O segundo nome escolhido foi David Starkey⁸, historiador acadêmico que posteriormente ganhou notoriedade como figura de mídia. Ives, na primeira edição de *Life and Death of Anne Boleyn*, de 1986, já havia elaborado um perfil complexo e mais justo para a personagem. No entanto, foi Starkey que propiciou a verdadeira revolução naquilo que se sabia sobre Anne ao tornar públicas informações importantes sobre a participação dela na história Inglesa, com a publicação do *Inventário de Henrique VIII (The Inventory of Henry VIII)*, do qual foi editor geral. Nesse documento, transformado em uma publicação de vários volumes, são reveladas informações novas, que evidenciam que a extensão da participação de Anne na política, na corte e na reforma religiosa, que criou a igreja da Inglaterra, durante o reinado de Henrique VIII, foi muito maior do que se pensava

⁷ IVES, 2007.

⁸ STARKEY, 2004.

anteriormente. O próprio Ives justifica a reedição atualizada da biografia de Anne Boleyn, no surgimento de um grande número de informações, antes desconhecidas. Ambos são historiadores conhecidos e respeitados nos círculos da história no Reino Unido. Além disso, as obras de Starkey e Ives desconstruem a vilanização-demonização da personagem e conferem a ela visibilidade e legitimidade. Os historiadores nem sempre concordam a respeito dos fatos envolvidos na vida de Anne, mas, se respeitam mutuamente.

Tendo em vista o *corpus* assinalado, busco demonstrar ao longo do estudo a tese de que tanto discursos históricos quanto discursos literários anglófonos contemporâneos constroem índices diferenciados de legitimidade e visibilidade à personagem histórica Anna Bolena; cuja importância histórica foi, até recentemente, negada e diminuída através de processos de envilecimento, deslegitimação, silenciamento e apagamento. As representações que buscam resgatá-la, em ambos os discursos, apresentam perspectivas diversas determinadas pelas diferenças de *lôcus* de enunciação. Aqui, considero *lôcus* de enunciação como um construto identitário de uma voz autoral perpassada por entrecruzamentos de gênero, de protocolo discursivo, de pertencimento nacional e de espaços geo-culturais historicamente determinados.

No sentido de comprovar a tese explicitada, verifico em que termos discursos históricos e discursos literários contemporâneos se apropriam da figura de Anne Boleyn. Averiguo ainda de que forma esses discursos reabilitam a memória e constroem índices de visibilidade e legitimação para a personagem histórica. Considerando que há uma inter-relação entre os discursos históricos e os discursos literários, investigo em que termos é constituída a diferença de representação decorrente dos *lôci* de enunciação inscritos nos textos do *corpus*.

Para que se compreenda os procedimentos de desconstrução e reconstrução discursivas que pretendo evidenciar, é necessário esclarecer o sentido que atribuo aos termos envilecimento, apagamento, silenciamento e deslegitimação.

Os processos de envilecimento sofridos por Anne Boleyn foram de duas ordens: vilanização e demonização. O processo de vilanização teve início tão logo o

relacionamento de Anne com Henry VIII tornou-se público. A partir daquele momento, ela foi execrada pela sociedade patriarcal como ‘a outra mulher’, ‘a concubina’, o que equivalia a dizer que não tinha nenhum valor e não merecia nenhum respeito. A situação agravou-se com a percepção de que a ligação entre eles tinha propósitos sérios. Assim, Anne adquiriu inimigos de peso: a rainha Catarina de Aragão, o imperador Carlos V, que era sobrinho da rainha, e o Vaticano, pois Henry começava a se rebelar contra a igreja por influência da ‘accursed whore’⁹. Com a inimizade do Vaticano, à vilanização somou-se a demonização. Os católicos passaram a criar inúmeras ficções, vinculando Anne, a herege protestante, ao demônio, atribuindo a ela características físicas monstruosas, extrema crueldade e práticas de bruxaria. Os processos de vilanização e demonização da personagem foram acentuados com base nas acusações do processo que a levou a morte: incesto, bruxaria, adultério, ninfomania e assassinato. Some-se a tudo isso que o casamento de Anne foi declarado nulo¹⁰ e ela recebeu oficialmente o status de concubina de Henry VIII.

Os processos de apagamento e silenciamento de Anne Boleyn se fizeram na medida em que Henry VIII quis apagá-la de sua memória (e da história). Segundo Susan Bordo¹¹, o rei deu início aos procedimentos para erradicar as lembranças da segunda esposa antes mesmo da morte dela. A rainha ainda aguardava para ser executada quando Henry deu a ordem para que um exército de carpinteiros, pedreiros, costureiras e bordadeiras removessem todos os sinais do reinado dela estampados nas mais diversas técnicas em todas as residências reais: emblemas, brasões, mottos e centenas de iniciais do nome dela, sozinhas ou entrelaçadas com as de Henry. Em adição a isso, quase tudo que pertencia a Anne foi destruído ou desapareceu, incluindo os retratos e a maior parte dos documentos escritos produzidos por ela. Nem mesmo a sepultura que recebeu o corpo de Anne foi

⁹ Prostituta maldita.

¹⁰ Os historiadores não sabem ao certo que argumentos Henry Tudor usou para decretar a nulidade do casamento com Anne Boleyn. O arcebispo Crammer foi visitá-la na prisão e conseguiu que ela assinasse um documento admitindo a nulidade de seu casamento com o rei. Dois argumentos estão entre os mais aventados. O primeiro é de que o casamento teria sido anulado com base no envolvimento prévio de Henry com Mary Boleyn, irmã de Anne. Casar com a irmã da ex-amante era considerado incesto. O segundo argumento seria baseado na admissão de Anne, em confissão, da consumação do (possível) casamento com Henry Percy, sendo assim, ela já seria casada quando se uniu a Henry VIII e, portanto, não poderia casar-se novamente.

¹¹ BORDO, Susan. *The creation of Anne Boleyn*. New York: HMH, 2013.

identificada com o nome. A única identificação existente sobre o túmulo é um símbolo que indica que ali foi sepultada uma bruxa. No século XX, quando reformas foram feitas na Capela de Saint Peter, na Torre de Londres, as ossadas de duas mulheres foram encontradas, as quais, pelas características, supõem-se teriam pertencido a Anne Boleyn e Lady Jane Grey¹², ambas decapitadas na Torre.

O processo de deslegitimação de Anne Boleyn constituiu-se, enquanto ela esteve viva, da negação contundente do status de legítima e válida à união de Henry VIII com ela que, mesmo após o casamento, continuou sendo chamada de concubina por toda Europa católica. Esse processo de deslegitimação foi coroado com a anulação do casamento de Anne, antes da morte dela. Posteriormente, a deslegitimação da personagem assumiu uma nova forma, consistindo na desconsideração sistemática da participação histórica de Anne e do fato de que sua tematização pelos discursos históricos, quando ocorria, era em termos pejorativos.

Ao longo do caminho percorrido, a pesquisa suscitou a investigação de questões ligadas às diferenças discursivas devidas aos diferentes *lóci* de enunciação dos autores. Abrangendo, assim, questões de gênero, pertencimento nacional, de distanciamentos históricos e geo-culturais, e também de protocolo discursivo, ao focalizar as relações interdisciplinares entre literatura e história. O estabelecimento de um estudo de quatro representações discursivas de Anne Boleyn, apontando aproximações, diferenças e intersecções determinadas a partir de diferenças de *lóci* de enunciação, permitiu uma investigação dos limites e das interpenetrações dos diversos *lóci* de enunciação identificáveis nos textos sob análise.

A focalização das diferenças de gênero permitiu investigar como o sujeito feminino é representado a partir de olhares femininos e masculinos. À questão da diferença de gênero soma-se a diferença de paradigma discursivo, pois investigamos textos de duas romancistas e dois historiadores. Ainda um terceiro elemento vem aumentar a complexidade das relações que se estabelecem entre os textos sob análise, os historiadores são ingleses, enquanto que as romancistas são

¹² Lady Jane Grey foi uma jovem da corte usada pela família para dar um golpe de estado, após a morte de Eduardo VI.

uma australiana e a outra norte-americana. A partir daí, entram fatores como pertencimento nacional, distanciamento geo-cultural, e também a relação entre ex-colônias e ex-metrópole. Outro aspecto considerado é que todos os textos sob análise focalizam uma personagem e um momento histórico do século XVI. Quase cinco séculos nos separam dos acontecimentos narrados, o que levou-me a avaliar também o distanciamento histórico, temporal, entre a vida de Anne Boleyn e os discursos sob estudo que tematizam sua história. A percepção dos contemporâneos de Anne sobre ela, jamais seria a mesma dos historiadores e romancistas dos séculos XX e XXI, simplesmente porque as visões de mundo diferem radicalmente.

A focalização das diferenças de pertencimento nacional e distanciamento geo-cultural, bem como, das relações entre ex-colônia e ex-metrópole, propiciou o estudo de conceitos como: identidade, alteridade e ainda uma revisão da polaridade centro-margens. O fato de que as obras literárias do corpus se inserem no sistema literário amplo de língua inglesa, mas pertencem a sistemas literários de países diversos, possibilita um estudo comparativo do conteúdo, da forma e das implicações ideológicas, assumidas pela literatura produzida por representantes contemporâneos da mesma tradição¹³, mas oriundos de diferentes contextos históricos, geográficos, culturais e nacionais.

A focalização de diferentes paradigmas discursivos propiciou a investigação da interface entre literatura e história, um aprofundamento dos estudos, dos diálogos e intersecções que se estabelecem entre as duas disciplinas. O estudo das relações entre literatura e história, que proponho aqui, parte do pressuposto de que ambas são espécies diferenciadas de ficção.

Quanto ao embasamento teórico, o leitor pode ficar supreso ao se deparar com uma colcha de retalhos que reúne nomes que dentro do quadro teórico se colocam em oposição. Por essa razão, quero deixar claro que não me filio com exclusividade a nenhuma corrente teórico-filosófica, o que me permite, conhecendo diversas correntes do pensamento teórico, aproveitar de cada uma as idéias que

¹³ De acordo com Sandra Nitri (1997), o conceito de tradição literária supõe seqüências temporais e de grupos de escritores, e o conhecimento, por parte dos escritores, de seus antepassados (na escrita).

melhor iluminam os estudos que desenvolvo. E esse foi o procedimento que adotei na elaboração da tese aqui apresentada.

A internet foi uma ferramenta essencial para o desenvolvimento deste estudo. Foi através da rede que eu encontrei a maior parte dos títulos, romances e textos da história, que em um estágio ou outro fizeram parte da pesquisa. Na internet também encontrei uma infinidade de representações visuais de Anne Boleyn, da pintura ao cinema, e um vasto número de páginas dedicadas a ela. A rede social Facebook foi também uma ferramenta importante para o trabalho, pois foi através dela que fiz contato com as autoras, que me passaram diretamente inúmeras informações biográficas e sobre a produção literária, além de fornecer indicação de sites onde eu poderia coletar dados. Em adição a isso, no Facebook, me tornei membro dos grupos Historical Novel Society (Sidney) e Historical Novel Society (New York), o que me permite receber atualizações de diversas autoras e autores de romances históricos contemporâneos de Língua Inglesa; entrar em debates sobre o assunto; e fazer contato com escritoras e escritores, recolhendo inúmeras contribuições relevantes. Ainda no mesmo site, me inscrevi para receber atualizações da Association for the Study of Australian Literature e de diversas páginas feministas; fui também incluída pela autora Wendy Dunn em seu grupo acadêmico, ARTSS, recebendo assim atualizações de diversos pesquisadores australianos. De modo que tão logo eu acesso o lócus virtual me deparo com diversas informações que podem ser úteis ou pelo menos enriquecedoras. Através do site youtube, fiz a pesquisa musical que resultou no CD, que faz parte dos anexos, e através do Facebook enviei os links com as músicas para que a colega Rafaela Rocha fizesse a gravação. Através da internet, foram todos os contatos para tratar da edição das imagens, também com a Rafaela. E, é claro, com a minha orientadora, a Dra. Rita Terezinha Schmidt, com quem grande parte da comunicação foi por e-mail. Enfim, alguns podem afirmar a frivolidade dos ambientes virtuais, mas eu acredito firmemente na utilidade deles.

Ao longo do trabalho, eu uso permutavelmente os termos Anna Bolena, Anne Boleyn, Anne, Anna, Nan, Nan Bullen, Anna Du Boullans, Rainha Anne, Anna Regina, *The Lady*, bem como a abreviatura A.B., para fazer referência à personagem histórica cujas representações constituem o objeto de análise deste

estudo. O emprego das variações conhecidas do nome da personagem torna o texto menos repetitivo. Além disso, é uma maneira de evocar a variedade quase infinita de representações de Anne construídas pelos mais diversificados meios de expressão e que a têm mantido a viva através dos séculos, como um dos grandes mitos femininos do ocidente.

Quanto às citações em língua estrangeira, todas as traduções apresentadas em nota de rodapé são de minha autoria. São traduções relativamente livres, na medida em que, quando não encontrei, de imediato, termo ou expressão exato para manter as imagens e construções formais, substituí por outro de significação semelhante. Na maioria dos casos, mantive a maior proximidade possível dos textos originais.

A seguir explicito a ordenação da tese. O capítulo um constitui esta introdução. O capítulo dois apresenta uma revisão dos tópicos teóricos que serviram de alicerce para o estudo, abrangendo: teoria da ficção, da história, literária, pós-colonial e de gênero. Após o capítulo teórico, a tese é dividida em duas partes. A parte um é dedicada à análise dos textos da história e é composta de quatro capítulos, cuja numeração dá sequência aquela da tese como um todo. O capítulo 3, traz uma apresentação histórica da personagem. O capítulo 4 analisa a obra de David Starkey¹⁴; e o 5, a obra de Eric Ives¹⁵. O capítulo 6 apresenta uma conclusão parcial, que tece um paralelo entre os textos dos dois historiadores. A parte dois é composta de quatro capítulos, cuja numeração da continuidade à sequência da tese, e é dedicada à análise dos textos da literatura. O capítulo 7 apresenta um comentário breve sobre as representações de Anna Bolena nas artes e no cinema, bem como sobre aspectos que fazem parte do imaginário em torno da personagem. O capítulo 8 analisa o romance de Robin Maxwell¹⁶; e o 9, o romance de Wendy Dunn¹⁷. O capítulo 10 traz uma conclusão parcial, que faz um paralelo entre os textos das duas romancistas. O capítulo 11 constitui a conclusão geral do trabalho, na qual procuro traçar pontos de aproximação e afastamento entre os textos e

¹⁴ STARKEY, 2004.

¹⁵ IVES, 2005.

¹⁶ MAXWELL, 2004.

¹⁷ DUNN, 2002.

apontar particularidades de cada um, devidas à filiação discursiva, literária ou histórica, de gênero e pertencimento nacional. Retomo, ainda, questões ideológicas que se tornaram manifestas em decorrência das análises realizadas.

Le Temps Viendra

3



2 Prefácio Teórico:

2.1 A construção do sentido no mundo pós-colonial

A construção do sentido no mundo pós-colonial passa pela desconstrução de significados e representações socialmente aceitos como naturais ou verdadeiros e empregados no exercício do poder e na manutenção de uma determinada ordem instituída. Essa desconstrução ocorre através do desnudamento da origem discursiva dos juízos tradicionalmente estabelecidos, bem como dos mecanismos de construção das significações dadas. No entender de Thomas Bonnici¹⁸, a teoria e a crítica pós-colonialistas têm como base a relação entre “discurso e poder”, configurando uma nova forma de apreciação estética, que propõe uma hermenêutica política dos textos. Tal leitura se faz necessária na medida em que “As forças políticas e econômicas, o controle ideológico e social subjazem ao discurso e ao texto.”¹⁹. E apenas um exercício de desconstrução dos discursos contidos nos textos, considerando suas origens, de desnudamento e compreensão dos mecanismos de exercício de poder e dominação que eles veiculam, bem como, das imagens ideologicamente marcadas que eles constroem, torna possível a libertação das crenças, conceitos e ideias difundidas através do discurso e que dão forma à organização das sociedades. O esforço no sentido de despertar as consciências para a realidade de que o poder se manifesta e estende seus braços através do discurso revela-se como uma prática crítica verdadeiramente libertadora.

¹⁸ BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialista. In: BONNICI & ZOLIN (org). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: EDUEM, 2009, p. 257-286.

¹⁹ BONNICI, 2009, p. 257.

De acordo com Walter Mignolo²⁰, a expressão pós-colonial é problemática quando utilizada em referência a práticas culturais dos séculos XIX e XX. É ambígua ao referir-se a situações sócio-históricas ligadas à expansão colonial e à descolonização, pois países com realidades tão desiguais como os Estados Unidos e a Argélia são abarcados pelo termo. O antropólogo destaca que os Estados Unidos não são um país facilmente aceito como uma situação pós-colonial propriamente dita. No entanto, para fins deste estudo, considero que durante um determinado período de sua história, aquele país foi uma colônia britânica e, portanto, ainda que de forma não tão traumática quanto às colônias europeias localizadas na África, na Ásia e no Caribe, também foi afetado pelas relações de colonização e descolonização. Para tornar mais claro o ponto de vista que adoto, recorro aos conceitos de imperialismo e colonialismo emitidos por Edward Said:

Usarei o termo 'imperialismo' para designar a prática, a teoria e as atitudes de um centro metropolitano dominante governando um território distante; o 'colonialismo', quase sempre uma consequência do imperialismo, é a implantação de colônias em territórios distantes.²¹

E como o próprio Said²² destaca, Estados Unidos e Austrália e suas populações – para me restringir apenas aos países que serão, através das romancistas, focalizados no prosseguimento deste estudo – foram afetados pelos impérios do passado.

Para Mignolo²³, o termo pós-colonial remete a uma mudança epistemológica e hermenêutica radical em termos de produção teórica e intelectual. O autor destaca que o pós-colonial torna possível desconstruir oposições construídas social e culturalmente, mas tomadas como naturais. A partir da perspectiva pós-colonial, a nova configuração do objeto de estudo rompe com a configuração colonial do mesmo objeto. A configuração colonial de um objeto parte das dicotomias centro-margem, eu-outro, civilização-barbárie, metrópole-colônia; e o discurso configura-se a partir de um olhar que parte do centro para as margens. A perspectiva pós-colonial desconstrói essas dicotomias e rompe com esse paradigma ao propor que o

²⁰ MIGNOLO, Walter. La Razón Postcolonial. In: *Gragoatá*. Niterói, n.1, p. 7-29, 2. Sem. 1996.

²¹ SAID, Edward. Territórios sobrepostos, histórias entrelaçadas. In: *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.40.

²² SAID, 2008.

²³ MIGNOLO, 1996.

discurso parta da margem em direção ao centro. Dessa forma, inverte-se, ou subverte-se, a noção de centro e margem e aquelas a ela relacionadas. Além disso, a perspectiva deixa de ser una e fixa, e passa a ser múltipla e móvel, assim como são compreendidas as identidades na era das teorias pós-coloniais. Passa-se a pensar em termos de “alteridade periférica”²⁴, em identidades híbridas, constituídas na intersecção entre o eu e o outro.

Entendo que são essenciais para o desenvolvimento de minha análise, alguns aspectos sublinhados pela teoria pós-colonial, tais como: a importância dada aos *lóci* de enunciação e a desconstrução-reconstrução de pares opositivos tradicionais tais como: eu\outro, centro\margens, metrópole\colônia, levando a uma revisão do conceito de identidade, e ainda, a uma reflexão em torno de conceitos como diferença, alteridade, outridade, diáspora e entre-lugar.

A reflexão sobre o conceito de diferença se faz importante para que a seguir possamos pensar os conceitos de alteridade e outridade. Vejamos as considerações de Stuart Hall sobre a questão da diferença:

o reconhecimento de que há distintas contradições sociais cujas origens são também diversas; que as contradições que impulsionam os processos históricos nem sempre surgem do mesmo lugar, nem causam os mesmos efeitos históricos. Devemos pensar sobre a articulação entre as diversas contradições, sobre as distintas especificidades e durações pelas quais elas operam, sobre as diferentes modalidades nas quais funcionam.²⁵

Dois *lóci* de enunciação, embora aproximados, jamais serão exatamente iguais, por que a experiência de cada indivíduo é essencialmente individual e única. Cada sujeito constrói e emite seu discurso de um determinado lugar que é único e marcado por uma complexa rede de vivências que formatam a voz que emite pareceres e representações que, por essa razão, serão sempre diferentes em relação a outros discursos, emitidos por outros sujeitos situados cada um em seu *lôcus*, sempre diferenciado. Com relação a isso, Hall afirma:

A ênfase sobre a diferença – sobre a pluralidade dos discursos, sobre o perpétuo resvalar do significado, sobre o infinito deslizamento do

²⁴ BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

²⁵ HALL, 2003, p.161.

significante – ultrapassa hoje o ponto onde ela é capaz de teorizar as irregularidades necessárias de uma unidade complexa ou mesmo a ‘unidade na diferença’ de uma estrutura complexa.²⁶

“O mesmo” no “outro” e o “mesmo” com “diferença” são elementos presentes nos discursos pós-coloniais, no entrecruzamento de pontos de vista muitas vezes conflitantes, a partir de uma nova contextualização da informação antiga, velhos significados vão sendo transformados e muitas vezes até invertidos. Nos discursos dos autores pós-coloniais, o sentido desliza, revelando faces com traços e colorações novos a cada movimento do caleidoscópio textual da contemporaneidade. Como na cena final de *Cidadão Kane*²⁷, o jogo visual na sala de espelhos mostra sempre a mesma figura, porém, com a diferença de uma outra perspectiva.

Thomas Bonnici²⁸ apresenta o par opositivo “eu\outro” sob uma forma singular. Para esse autor o par se apresenta como uma oposição entre ‘Outro’ e “outro”; sendo o “Outro” o “sujeito hegemônico europeu”²⁹; e o “outro” o “sujeito marginalizado pela hegemonia europeia; uma pessoa de raça ou etnia diferente, ou seja, não branca e não europeia.”³⁰. Pode-se ampliar esse conceito, considerando como ‘Outro’ todo sujeito hegemônico (europeu ou não) colocado em relação com um ‘outro’ sujeito em situação minoritária e de desvantagem nas relações de poder. O ‘outro’ é todo aquele ou aquela a quem faltou ou falta voz e visibilidade; a quem muitas vezes a legitimidade, a importância e mesmo a existência foi ou tem sido negada. A partir dessa perspectiva pode-se imaginar um narrador que fala em terceira pessoa, construindo representações de seus personagens, atribuindo a cada um deles caracteres que irão delinear-los como ‘Outro’ ou ‘outro’. Alguns narradores optam por uma postura transgressiva dos discursos já existentes, transformando sujeitos tradicionalmente representados como ‘outro’ em sujeitos de poder, então representados como o ‘Outro’ ao conferir-lhes visibilidade e voz, ao

²⁶ HALL, 2003, p. 162.

²⁷ *Cidadão Kane* é um filme de Orson Welles, de 1941, a cena na sala de espelhos é uma das mais famosas da história do cinema e esse filme é considerado um marco para os estudos cinematográficos.

²⁸ BONNICI, 2009.

²⁹ Ibid. p.260.

³⁰ Ibid. p.260.

revelar-lhes a importância, ao defender sua legitimidade e ao resgatar-lhes o próprio sentido de existência.

O conceito de 'outro' de Joan W. Scott é mais abrangente, segundo ela, o 'outro' é aquele que se estabelece a partir das diferenças em relação à norma: "(...) the problem of writing the history of difference, the history, that is, of the designation of 'other', of the attribution of characteristics that distinguish categories of people from some presumed (and usually unstated) norm."³¹ De acordo com esse conceito, o 'outro' é todo aquele que pensa e age em desacordo com as normas e padrões estabelecidos pelas sociedades. Nesse sentido, todo comportamento transgressor em relação à moralidade patriarcal, católica-cristã, constitui seu autor como um integrante categoria 'outro'. O 'outro', em muitos casos, vem a ser na verdade a 'outra', figura feminina que vive em desacordo com as normas sociais, morais (e talvez até legais) de seu tempo e espaço. O preço dessa existência transgressiva é conviver com o preconceito e com vilipêndios, muitas vezes tornando-se mesmo alvo de violência, oriunda do ódio, do desrespeito e da intolerância direcionadas à alteridade incômoda cuja diferença se apresenta como uma ameaça aos interesses e a visão de mundo dos grupos dominantes.

Relacionada à questão da outridade, Joham Scott³² trabalha com os termos desprivilegiado e privilegiado, relacionando-os à questão da visibilidade. Segundo a autora, os sujeitos são constituídos através do discurso, portanto, quando se documenta algo antes não documentado, este elemento (que pode ser uma pessoa, uma entidade, um movimento, etc.), que antes estava oculto, passa a ter existência histórica. Assim, escrever sobre um assunto é dar-lhe visibilidade e, nessa medida, torná-lo privilegiado. Para Johan Scott, aquilo sobre o que se fala, se discute, se escreve, passa a fazer parte da categoria 'privilegiado' e o que é condenado ao silêncio e, portanto, à invisibilidade, enquadra-se na categoria 'desprivilegiado'. Eu concordo com a autora, no entanto, faço um parêntese nessa reflexão. Se pensarmos na existência de uma personagem histórica, como Anne Boleyn, por

³¹ "O problema de escrever a história da diferença, da história que é da designação 'outro', da atribuição de características que distinguem categorias de pessoas de alguma norma presumida e geralmente não expressa em palavras." (SCOTT, 1991, p.773. trad.no).

³² SCOTT, Joan W. The evidence of experience. In: CRITICAL ENQUIRY 17 (Summer 1991). Chicago: University of Chicago, 1991, p.773-797

exemplo, estaremos diante de uma situação um pouco mais complexa. Anne tem sido largamente tematizada por uma imensa variedade de discursos desde sua morte até os dias de hoje, então se conclui que ela sempre teve grande visibilidade. Contudo, é preciso refletir sobre a imagem que delineada por esses discursos. Em grande parte dos casos, eles não são nada justos para com ela, porque se constituem como relatos parciais, que desconsideram aspectos importantes da vida da personagem ou porque se baseiam em fontes hostis, ou ambos os casos. Assim, a visibilidade que Anne tem recebido nem sempre tem feito dela uma figura privilegiada, pois, muitas vezes, tem sido mostrada como uma das grandes vilãs da história. Fazer de Anne Boleyn uma figura privilegiada não depende apenas de tematizá-la, mas de purgar a memória da personagem das máculas que a cobriram e a tornaram, de fato, invisível. Torná-la uma figura discursivamente privilegiada demanda um esforço por descobrir quem foi a mulher, demonizada pelas acusações que a levaram à morte e, antes disso, pela vida tão cheia de glória quanto de escândalos que ela levou. Demanda um esforço por perceber que ela foi uma figura que desgostou papas, cardeais, imperadores e reis e que, portanto, não passaria para a história impunemente. Contemporaneamente, Anne tem se tornado uma figura privilegiada através de discursos que surgem nos mais diversos lugares e 'entre-lugares', e este último termo é que será endereçado a seguir.

O 'entre-lugar' é definido por Bhabha como uma situação entre-tempos e entre-espacos que se cruzam produzindo figuras híbridas formadas na conjunção entre identidade e diferença:

encontramo-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Um distúrbio de direção, 'no além': um movimento exploratório incessante que o termo francês *au-delà* capta tão bem, aqui e lá, de todos os lados, *fort\da*, para lá e para cá, para frente e para trás.³³

Essas figuras híbridas se formam no choque e na conjunção de culturas, realidades e experiências que se entrelaçam, especialmente, em situações coloniais e pós-coloniais. Os seres híbridos, formadores de uma cultura híbrida, são os filhos da colonização e da imigração, são os seres nascidos das diásporas e cuja identidade

³³ BHABHA, 2007, p.19.

se constitui em contínuo deslocamento e reformulação. Essa cultura mestiça, gerada nas ex-colônias, muitas vezes faz um movimento em direção à ex-metrópole, escrutinando os domínios do tempo e do espaço, buscando a compreensão de sua própria existência.

Mignolo³⁴ chama atenção para a questão dos *lóci* de enunciação, ou seja, os locais de onde partem os discursos, como sendo um dos aspectos mais importantes do pós-colonial. Com relação a esse aspecto, Bhabha refere à multiplicidade de aspectos que compõem o *lôcus* de enunciação de um sujeito e que, acredito, formam um desenho individual e único, porque duas pessoas, por mais próximas e assemelhadas que sejam, jamais terão histórias e vivências absolutamente iguais:

O afastamento das singularidades de 'classe' ou 'gênero' como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo pós-moderno.³⁵

O autor salienta que o pós-colonial tornou-se, primordialmente um espaço de resistência, e que os discursos pós-coloniais geram práticas de oposição em países com grande herança colonial. Relacionado à questão dos *lóci* de enunciação, Mignolo ressalta que as caracterizações não correspondem necessariamente a propriedades dos objetos descritos, mas sim ao lugar de enunciação de onde emana a representação. Segundo o autor, “a teorização pós-colonial luta por um deslocamento do *lôcus* de enunciação do primeiro para o terceiro mundo.”³⁶. No entanto, prefiro pensar esse deslocamento em termos de ex-metrópole e ex-colônia, incluindo nessa mudança de paradigma todos os países que em algum momento estiveram envolvidos em situações coloniais e que, portanto, tem uma história de dominação e dependência, mais ou menos marcada e traumática, revertida através de algum tipo de luta.

No caso dos textos literários sob análise, um tema tipicamente britânico, a trajetória de Anne Boleyn, rainha Inglesa do século XVI, e seu envolvimento na reforma religiosa da Inglaterra, é retomado a partir de *lóci* de enunciação localizados

³⁴ MIGNOLO, 1996.

³⁵ BHABHA, 2007, p.19-20.

³⁶ MIGNOLO, 1996, p.16.

em ex-colônias britânicas. Entretanto, não é apenas o deslocamento geográfico e temporal que chamam atenção; mas, sobretudo, a desconstrução de representações que diminuem ou vilanizam Anne e que são frequentemente encontradas em discursos da história, da literatura e do cinema, sendo largamente aceitas pelo senso comum. Essas representações depositárias de carga semântica negativa foram construídas, conforme Susan Bordo³⁷ destaca, com base nos relatos de alguns dos maiores inimigos de Anne – Eustace Chapuys³⁸ e Cavendish³⁹. No entanto, muito mais do que simplesmente retirar informações desses textos, essas representações aceitam como verdadeiros os julgamentos que aqueles relatos emitem com relação à personagem.

No caso dos textos que pertencem ao registro histórico, o vínculo com a prática pós-colonial se faz na medida em que esses textos, produzidos no Reino Unido, retomam a figura marginal, desprivilegiada de Anne Boleyn (mulher executada sob a acusação de crimes diversos) e colocam-na no centro do discurso, fazendo dela uma figura privilegiada. Esse processo se faz através da desconstrução de representações feitas pelo discurso histórico tradicional, o qual foi construído sobre a sentença de condenação de Anne à morte, bem como sobre a aceitação dos juízos feitos sobre ela nos relatos dos inimigos já mencionados. Os textos do corpus se afinam com a prática de resgate de figuras históricas femininas vilanizadas, diminuídas ou apagadas pelos discursos históricos tradicionais, contemporaneamente, realizada pela história das mulheres.

Nessa medida tanto os textos do registro histórico quanto os textos do registro literário que compõem o corpus se apresentam como discursos de desconstrução e resistência com relação a discursos e representações anteriormente estabelecidos.

³⁷ BORDO, 2013.

³⁸ Eustace Chapuys foi um enviado diplomático a serviço do Sacro Império à Inglaterra, e que lá permaneceu entre 1529 e 1545, sendo especialmente devotado à Catarina de Aragão (tia do imperador Carlos V) e, portanto, inimigo feroz de Anne Boleyn.

³⁹ Cavendish foi um integrante de casa de Wolsey, que após a morte de Anne escreveu a biografia do Cardeal, Cavendish credita a Anne a queda de Wolsey, o que teria sido uma vingança em função do rompimento do contrato de casamento entre ela e Henry Percy, herdeiro de Northumberland.

Diáspora, Bonnici explica, é o “deslocamento livre ou forçado de populações fora de seu país para novas regiões.”⁴⁰ O movimento diaspórico teve início quando os europeus começaram a migrar para as colônias na África, na América, na Ásia e na Austrália. A seguir a diáspora assumiu um caráter sombrio na medida em que os africanos começaram a ser levados como escravos para a América. Contemporaneamente, se faz em sentido contrário, na medida em que populações das ex-colônias e refugiados de situações de guerra e miserabilidade procuram melhores oportunidades de vida nos países onde se localizavam as antigas metrópoles.

Dentre as características da diáspora, mencionadas por Bonnici⁴¹, destacam-se: dispersão de um local de origem para uma região distante, a preservação da memória e de um acervo cultural, bem como a idealização dos ancestrais e do país de origem a partir da ideia de ‘lar’ e, ainda, a crença de que “a população diaspórica jamais se inseriria por completo no país hospede, produzindo um isolamento mental ou um gueto geográfico”⁴². Na realidade, a diáspora desencadeia fenômenos culturais próprios, produzidos por sujeitos híbridos, instituídos pela imersão da herança nacional do país de origem na complexa atmosfera cultural da terra que os recebe, originando assim um “entre-lugar”, impalpável porque não física e geograficamente constituído, mas efetivo porque manifesto através de inúmeras formações discursivas e representações culturais abertas à alteridade. Nessa medida, o conceito de “entre-lugar” está estreitamente relacionado ao conceito de ‘diáspora’, porque o “entre-lugar” se produz a partir de situações diaspóricas. Sobre o signo produzido na articulação de diferenças culturais, Bhabha coloca:

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.⁴³

⁴⁰ BONNICI, 2009, p.277.

⁴¹ BONNICI, 2009.

⁴² Ibid. p.278.

⁴³ BHABHA, 2007, p.20.

Desses “entre-lugares”, emergem sujeitos híbridos constituídos na articulação de diferenças culturais e dotados de uma identidade aberta, em constante transformação ou deslocamento.

O deslocamento diaspórico gera entidades que não giram em torno de um único “centro de poder”, mas sim constroem relações a partir de múltiplos centros que coabitam um mesmo espaço. No dizer de Stuart Hall:

Uma estrutura deslocada é aquela cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por uma ‘pluralidade de centros de poder’. As sociedades modernas, argumenta Laclau, não têm nenhum centro, nenhum princípio articulador ou organizador único e não se desenvolvem de acordo com o desdobramento de uma única ‘causa’ ou ‘lei’.⁴⁴

A sociedade contemporânea, completa Hall, “está constantemente sendo ‘descentrada’ ou deslocada por forças fora de si mesma.”⁴⁵ e é marcada pela “diferença”, por divisões sociais que geram diferentes identidades para um mesmo indivíduo.

Para compreender a questão da identidade e seus contornos na contemporaneidade é preciso refletir sobre como a identidade tem sido concebida através dos tempos. Stuart Hall⁴⁶ menciona três concepções históricas de identidade: o sujeito do iluminismo; o sujeito sociológico; e o sujeito pós-moderno. Durante o iluminismo, o sujeito era compreendido como um ente totalmente centrado e unificado, constituído de um “núcleo interior”⁴⁷ que permanecia essencialmente o mesmo durante toda a existência do indivíduo, sendo essa uma concepção individualista, monolítica e pétrea do sujeito. Quanto ao sujeito sociológico, Hall destaca que esse “refletia a crescente complexidade do mundo moderno, e a consciência de que o núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’.”⁴⁸. De acordo com esta concepção, a identidade estabelece a ligação entre o sujeito e a sociedade na qual está inserido.

⁴⁴ HALL, 2006, p. 16.

⁴⁵ Ibid. p.17.

⁴⁶ HALL, 2006.

⁴⁷ Ibid. p.10.

⁴⁸ Ibid. p.11.

Tanto o sujeito do iluminismo quanto o sujeito sociológico apresentavam identidades unificadas, contrariamente do que se verifica com o sujeito pós-moderno. A esse respeito, Hall comenta: “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.”⁴⁹ e sugere que a origem dessa fragmentação está na própria sociedade, na forma como a mesma se apresenta ao indivíduo na contemporaneidade, fazendo com que o próprio processo de identificação se torne “provisório, variável e problemático.”⁵⁰ De acordo com essa linha de pensamento, o sujeito pós-moderno não tem “uma identidade fixa, essencial ou permanente.”⁵¹; mas sim, “formada e transformada continuamente”⁵², historicamente, dentro dos sistemas culturais que nos rodeiam. Nesse sentido, Hall explica que: “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos”⁵³; e ainda que: “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.”⁵⁴. A identidade na contemporaneidade é uma entidade aberta, em processo, marcada por transformações, agregações e substituições de caracteres. E a sociedade, Hall salienta, só não se desintegra completamente porque os elementos e identidades, em determinadas circunstâncias, ainda que parcialmente, são articulados de forma conjunta. Nesse sentido, ao se referir à identidade Bhabha⁵⁵ salienta que:

O afastamento das singularidades de ‘classe’ ou ‘gênero’ como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno.

A identidade na contemporaneidade constitui-se de forma particularizada, circunstancial, estratificada e em constante deslocamento, adicionando e subtraindo elementos.

⁴⁹ HALL, 2006, p.12.

⁵⁰ Ibid. p.12

⁵¹ Ibid. p. 12.

⁵² Ibid. p.13.

⁵³ Ibid. p.13.

⁵⁴ Ibid. p.13.

⁵⁵ BHABHA, 2007, p.19-20.

O conceito de identidade individual amplia-se a uma tentativa de elaboração de identidades coletivas, sendo a mais comumente conhecida e investigada a identidade nacional, que se relaciona estreitamente com a identidade cultural de uma comunidade imaginada comumente denominada nação. Segundo Bhabha⁵⁶, as nações surgem, no ocidente, a partir das tradições do pensamento político e constituem-se como forças simbólicas e ao mesmo tempo como unidades impossíveis, na medida em que suas coletividades são formadas por indivíduos tão distintos em suas histórias e realidades que apenas simbolicamente é que podem existir em comunhão. Nesse sentido, Bhabha enfatiza a duplicidade específica que ronda a idéia de nação, por um lado, a linguagem daqueles que escrevem sobre a nação (e dessa forma a constroem), e por outro, a vida daqueles que são o elemento humano componente da nação.

As nações são comunidades imaginadas e discursivamente engendradas; são constituídas no imaginário coletivo como sistemas de significação cultural e representações da vida social. São elaboradas através de narrativas – estratégias textuais, deslocamentos metafóricos, subtextos e artifícios figurativos, que dão forma e organizam imagens consistentes de nação, cujo objetivo, em última instância, é criar o sentimento de identidade nacional. Sobre as narrativas nacionais e os significados que elas veiculam com o intuito de engendrar identidades, Hall explica: “Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente e seu passado e imagens que dela são construídas.”⁵⁷

A construção de uma identidade nacional está estreitamente relacionada às manifestações de cultura nacional. Com relação ao conceito de cultura nacional, Hall explica:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (...) As culturas nacionais ao produzir sentidos sobre a ‘nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades.”⁵⁸

⁵⁶ BHABHA. Narrating the nation. In: *Nation and Narration*. London: Routledge, 1990.

⁵⁷ HALL, 2006, p. 51.

⁵⁸ HALL, 2006, p.50-51.

A construção das idéias de nação, cultura e identidade nacionais se faz através de ideologias veiculadas pelo discurso. Ideologia, segundo Hall é “a tarefa de fixar significados através do estabelecimento, por seleção e combinação de uma cadeia de equivalências”⁵⁹ e, ainda, de acordo com o mesmo autor, tem como função “reproduzir as relações sociais de produção.”⁶⁰, nessa medida, as ideologias servem não apenas para amalgamar o conceito de nação e outros a ele vinculados, mas também para estabelecer hierarquias e papéis sociais que determinam a organização e a regulamentação dos grupos sociais.

As ideologias se servem dos discursos como veículo de sua propagação e ao mesmo tempo formatam esses discursos que as disseminam e reforçam, transformando-as em práticas sociais. Essas práticas, por sua vez, dão origem a novos discursos, que dão continuidade aos significados que fortalecem a engrenagem ideológica vigente, de modo a manter a estrutura social inalterada: “As relações sociais tem que ser ‘representadas na fala e na linguagem’ para adquirir significado. O significado é produzido como resultado do trabalho ideológico ou teórico.”⁶¹

2.2 A representação de gênero enquanto construção discursiva

De acordo com Teresa de Lauretis⁶², “assim como a sexualidade, o gênero não é uma propriedade dos corpos nem algo existente a priori nos seres humanos”⁶³, mas sim “o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais”⁶⁴ por meio do desdobramento de “uma complexa tecnologia política.”⁶⁵ Entendido dessa maneira, pode-se considerar o gênero como um produto

⁵⁹ HALL, 2003, p.164.

⁶⁰ Ibid. p.171.

⁶¹ Ibid. p.170.

⁶² LAURETIS, 1994.

⁶³ LAURETIS, 1994, p.208.

⁶⁴ Ibid. p.208.

⁶⁵ Ibid. p.208.

das imposições do meio social e das condições históricas engendradas através de diversas tecnologias. Essas imposições e condições históricas precedem a existência de cada ser humano percebido individualmente. Contudo, Lauretis salienta que o gênero é não somente produto, mas também processo, pois tendo seu aparato lançado através das tecnologias políticas, passa a ser percebido pelos indivíduos como uma característica intrínseca, que lhes acompanha desde os tempos que precedem o nascimento.

Lauretis percebe o gênero também como “a representação de uma relação, a relação de pertencer a uma classe, um grupo, uma categoria.”⁶⁶ De acordo com a autora, o gênero cria uma ligação entre um ser humano e outros seres humanos previamente constituídos como uma classe, estabelecendo um vínculo de pertencimento. A essa classe, por sua vez, é atribuída uma posição em relação a outras classes igualmente constituídas. Assim, nas palavras da autora, “gênero representa não um indivíduo e sim uma relação, uma relação social; em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe.”⁶⁷ Daí o frequente enquadramento dos sujeitos em estereótipos (a mulher fatal, a santa, a megera), como se fosse possível definir acuradamente os indivíduos a partir de modelos fixos que reúnem determinados grupos de características.

Lauretis desconstrói a elaboração discursiva do sistema sexo-gênero demarcando a diferença entre sexo e gênero. A autora faz ver que o sexo biológico, é uma condição natural, ao passo que, o gênero é a representação dos indivíduos em termos de relações sociais pré-existentes aos mesmos indivíduos e elaborada sobre a oposição estrutural e conceitual dos dois sexos biológicos. Essa engrenagem de produção e manutenção das categorias de gênero é o que Lauretis convencionou chamar de “o sistema de sexo-gênero”⁶⁸.

O gênero é construído através de códigos linguísticos e representações culturais, a difusão de seus modelos é feita através de todos os tipos de mídia verbal-auditiva-imagético-visual, bem como pelos padrões de comportamento

⁶⁶ LAURETIS, 1994, p.210.

⁶⁷ Ibid. p.211.

⁶⁸ LAURETIS, 1994, p.211.

transmitidos socialmente. E a partir dos padrões estabelecidos por essas representações é que o sujeito é constituído socialmente e, de tal forma, que sente como se os caracteres que lhe são sugeridos, lhe fossem intrinsecamente inerentes. Para chegar a esse pensamento, Lauretis se utiliza do conceito de interpelação formulado por Althusser, segundo o qual uma “representação social é aceita e absorvida por uma pessoa como sua própria representação, e assim se torna real para ela”⁶⁹. Lauretis chama atenção à afirmação de Althusser de que “toda ideologia tem a função (...) de constituir indivíduos concretos em sujeitos.”⁷⁰. Na mesma linha de pensamento, Lauretis afirma que: “o gênero tem a função (que o define) de constituir indivíduos concretos em homens e mulheres.”⁷¹ Essa afirmativa indica que as categorias homem e mulher são elaboradas nas construções de gênero que moldam os indivíduos dentro de determinados padrões instituídos como aceitáveis pela sociedade.

Lauretis relaciona o pensamento de Althusser sobre ideologia à questão do gênero:

Ao afirmar que a ideologia representa ‘não o sistema de relações reais que governam a existência dos indivíduos, e sim a relação imaginária daqueles indivíduos com as relações reais em que vivem’ e que lhes governam a existência, Althusser estava também descrevendo, a meu ver, o funcionamento do gênero.⁷²

Ao indicar a similaridade entre o funcionamento da ideologia e o funcionamento do gênero enquanto mecanismo político, Lauretis sinaliza para a função social do gênero de moldar os indivíduos a partir de padrões comportamentais pré-estabelecidos que mantenham a sociedade dentro de uma determinada ‘ordem de coisas’. Ao mesmo tempo, a autora faz refletir sobre a maneira como o mecanismo de construção do gênero se estabelece e atua na sociedade. Pode-se pensar, por exemplo, na construção do gênero através dos discursos verbais e imagéticos que proliferam em nossa sociedade, os quais são reforçados pelos comportamentos que ajudam a construir e que, concomitantemente, os reforçam. Sendo assim, o gênero constitui uma engrenagem que tanto alimenta quanto se alimenta dos

⁶⁹ LAURETIS, 1994, p. 220.

⁷⁰ Ibid. p.212.

⁷¹ Ibid. p.213.

⁷² Ibid. p.212.

comportamentos que constrói; elabora e reforça padrões ao mesmo tempo em que é reforçado pelos padrões vigentes. Lauretis salienta que, embora existam hoje de forma sistemática e mesmo previsível, masculinidade e feminilidade são construções históricas:

...a construção do gênero nada mais é do que o efeito de uma variedade de representações e práticas discursivas que produzem diferenças sexuais 'não previamente conhecidas'(ou nas minhas próprias palavras, gênero nada mais é do que a configuração variável de posicionalidades sexuais-discursivas).⁷³

Ainda nesse sentido e reforçando a relação entre ideologia e gênero, Barret afirma: “a ideologia é um locus extremamente importante para a construção do gênero, mas que deve ser entendida como parte de uma totalidade social e não uma prática ou discurso autônomo.”⁷⁴ A autora salienta que masculino e feminino são concepções culturais construídas como complementares e mutuamente excludentes, nas quais os seres humanos são classificados formando um sistema de gênero. Em realidade, um sistema de significações, no qual o sexo é relacionado a elementos culturais, a partir de determinados valores e hierarquias da sociedade. Sendo assim, o “sistema sexo-gênero” é uma construção cultural e um mecanismo semiótico que confere significado (valor e posição dentro da hierarquia social) aos indivíduos inseridos da sociedade. Na mesma linha de pensamento, Lauretis chama atenção a que: “Embora os significados possam variar de uma cultura para outra, qualquer sistema sexo-gênero está sempre intimamente interligado a fatores políticos e econômicos em cada sociedade.”⁷⁵ Sendo assim, a construção do gênero serve ao estabelecimento e manutenção do *status quo* na medida em que determina os padrões segundo os quais os indivíduos são considerados aceitáveis ou não dentro de um determinado grupo ou hierarquia social.

Se as representações de gênero são posições sociais que trazem consigo significados diferenciais, então o fato de alguém ser representado ou se representar como masculino ou feminino subentende a totalidade daqueles atributos sociais. Assim, a proposição de que a representação de gênero é a sua construção, sendo cada termo, a um tempo, o produto e o processo de outro, encontra eco na

⁷³ LAURETIS, 1994, p.214.

⁷⁴ BARRET apud. LAURETIS, 1994, p.211.

⁷⁵ LAURETIS, 1994, p.211.

formulação: “A construção de gênero é tanto o produto quanto o processo de sua representação.”⁷⁶

A reflexão de Lauretis em relação à questão do gênero é elaborada a partir de quatro proposições. A primeira afirma que o “gênero é uma representação”⁷⁷, assinalando-lhe o caráter de construção social. A segunda afirma que “a representação do gênero é a sua construção”⁷⁸, indicando que as representações feitas no âmbito de um determinado gênero concorrem para a própria construção do gênero por processo de adição e sedimentação de significados, dando forma e/ou ratificando esse mecanismo de organização e controle social. A terceira afirma que “a construção do gênero vem se efetuando hoje no mesmo ritmo de tempos passados”⁷⁹, indicando que o gênero é uma construção dinâmica, em constante mutação pelo processo contínuo de adição e subtração de caracteres, revelando feições diferenciadas a cada momento, atendendo, assim, às exigências históricas e sociais. Finalmente, a quarta afirma que: “paradoxalmente, a construção do gênero também se faz por meio de sua desconstrução”⁸⁰. Ou seja, novos discursos engendram novas representações de gênero também ao desconstruir representações previamente existentes, que já não correspondem às prerrogativas da época ou à ideologia que tenta se estabelecer como regra dominante.

Lauretis destaca que o sujeito é múltiplo e que o gênero não pode ser pensado somente a partir de diferenças sexuais, como uma categoria abstrata que abarque todos os homens ou todas as mulheres; mas sim deve considerar as diferenças históricas, as de raça e classe, trajetória individual, tornando assim único cada indivíduo. Essa construção individualizada é feita e verificada por meio de códigos linguísticos e representações culturais, que levam em conta e revelam relações de pertencimento concomitante a diversos grupos sociais.

⁷⁶ LAURETIS, 1994, p.212.

⁷⁷ Ibid. p.209.

⁷⁸ Ibid. p.209.

⁷⁹ Ibid. p.209.

⁸⁰ Ibid. p.209.

É importante ressaltar a complexidade da elaboração do gênero, como instrumento regulador da vida social, que foge à concepção simplista gênero-sexo. De acordo com Lauretis:

A imbricação de gênero e diferença(s) sexual(ais), precisa ser desfeita e desconstruída. Para isso, pode-se começar a pensar o gênero a partir de uma visão teórica foucaultiana, que vê a sexualidade como uma “tecnologia sexual”; desta forma, propor-se-ia que também o gênero, como representação e como auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana.⁸¹

Lauretis destaca que o sistema de gênero é produto de uma diversificada gama de elementos concatenados na sua construção e manutenção. Ainda mencionando a teoria foucaultiana, segundo a qual a sexualidade é um construto social elaborado e a serviço dos interesses das classes dominantes, a autora chama atenção:

O primeiro volume da História da Sexualidade de Foucault se tornou influentíssimo, especialmente por sua audaciosa tese de que a sexualidade, normalmente considerada como uma questão tão natural, particular e íntima, é de fato totalmente construída na cultura de acordo com os objetivos políticos da classe dominante.⁸²

Para Foucault, a sexualidade, aceita como característica humana, natural e biológica, constitui uma elaboração de aparatos culturais, que serve aos interesses do poder. Nesse sentido, as tecnologias do gênero, ou sistemas de representação, produzem as diferenças entre homens e mulheres, as quais não seriam previamente conhecidas. No dizer de Lauretis: “o gênero é um efeito da representação.”⁸³ A representação oferece modelos para o gênero e esses modelos são assimilados pela sociedade. A partir daí a construção do gênero é feita em movimento contínuo, pois novas representações são construídas com base nos comportamentos sociais oriundos dos modelos dados, reforçando esses modelos e garantindo sua repetição e manutenção ao infinito.

2.3 A amplitude do conceito de ficção

⁸¹ LAURETIS, 1994, p.208.

⁸² Ibid. p.220.

⁸³ Ibid. p.214.

Wolfgang Iser⁸⁴ estabelece uma distinção pragmática entre o termo genérico ficção e o termo específico ficção literária. De acordo com Iser, a ficção, termo genérico, tanto pode ser literária, como não-literária.

Segundo Iser⁸⁵, a ficção é uma forma de comunicação, que realiza a mediação entre a realidade vivida e os seres humanos, pois comunica algo a respeito dessa realidade. Para esse teórico a ficção não se opõe à realidade nem se confunde com ela. No primeiro caso, porque capta e reordena elementos da realidade, de modo que não se configura uma oposição. No segundo caso, porque ela organiza, através da seleção e arranjo de elementos, o caos da realidade, de forma que esta possa ser comunicada. As ficções constituem nossas vias de acesso à percepção, ao conhecimento e à compreensão do mundo em que vivemos. Através delas é que conseguimos formar imagens e idéias mais ou menos coesas sobre o mundo. A ficção atua através da seleção e da combinação de elementos retirados dos campos de referência, bem como da condensação das experiências de que é mediadora.

Iser define as condições de existência das ficções não-literárias e determina a diferença destas em relação à ficção literária:

Pois as ficções não só existem como textos ficcionais; elas desempenham um papel importante tanto nas atividades do conhecimento, da ação e do comportamento, quanto no estabelecimento de instituições, de sociedades e de visões de mundo. De tais modalidades de ficção, as ficções do texto ficcional de literatura se diferenciam pelo desnudamento de sua ficcionalidade. A própria indicação do que pretendem ser altera radicalmente sua função face àquelas ficções que não se mostram como tais. O desnudamento não se apresenta ali onde a ficção precisa apresentar processos de explicação e fundamentação. A ficção preocupada com a explicação, na dissimulação de seu estatuto próprio, se oferece como aparência de realidade, de que ela, neste caso, necessita, pois só assim pode funcionar como condição transcendental da constituição da realidade.⁸⁶

⁸⁴ ISER, 1984. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa(Org.). *Teoria da literatura e suas fontes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984, v.2.

⁸⁵ ISER, Wolfgang. «La realidad de la ficción » in WARNING, Rainer (org.). *Estética de la recepción*. Madrid: Visor, 1989.

⁸⁶ ISER, 1984, p. 398.

No entendimento do teórico, a ficção, no sentido amplo, se constitui através de processos de seleção e combinação de elementos. A ficção literária apresenta uma terceira dimensão que é o autodesnudamento do estatuto ficcional. Este terceiro aspecto determina a diferença entre ficções literárias e ficções não literárias. Ao afirmar que a ficção literária se caracteriza pelo autodesnudamento do estatuto de ficção, aceitamos como atributo dessa espécie de ficção a consciência de que suas elaborações ficcionais são apenas “como se fossem mundos”. O autodesnudamento do estatuto ficcional exime a ficção literária do compromisso de reproduzir, explicar, fundamentar ou constituir a realidade. Diante da ausência desse compromisso, a ficção literária tem por restrição apenas a necessidade de estabelecer verossimilhança interna ao universo do texto.

A literatura é uma forma de ficção que não toma para si o compromisso de registrar a “verdade” e que, pelo contrário, assume o estatuto de ficção de suas formulações, entendidas desde o primeiro momento “como se fossem mundos”⁸⁷. Por essa razão, a literatura tem por limites às suas produções apenas a necessidade de conferir coerência interna ao texto. Assim, remetendo à concepção aristotélica⁸⁸, é possível dizer que: a literatura constitui território livre para tematizar-representar tanto o que aconteceu, como o que pode acontecer, ou o que se deseja ou imagina que aconteça.

As ficções não literárias (tais como a história, a antropologia, a sociologia etc.), por outro lado, assumem o compromisso de reproduzir, explicar, constituir e fundamentar o mundo. Por essa razão, permanecem necessariamente limitadas ao aproveitamento de dados efetivamente registrados e/ou comprovados, tidos como verdadeiros ou idôneos. O compromisso predominantemente didático-cognitivo assumido pelas ficções não-literárias as submete às noções de “mentira” e “erro”, bem como à “prova da verdade”⁸⁹.

⁸⁷ Segundo Iser, a expressão “como se” estabelece equivalências entre a realidade e o produto das atividades imaginativas. O emprego do “como se” indica que o mundo representado não é propriamente um mundo, mas constitui-se como se o fosse. S'ISER, Wolfgang. “Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional”(1984, v.2, p.402).

⁸⁸ ARISTÓTELES, 1990.

⁸⁹ Segundo Walter Mignolo, o discurso da história está submetido à convenção de veracidade, o que equivale a dizer que se “compromete com a verdade do dito”. Por essa razão, os textos da história submetem-se às noções de “mentira” e “erro” e à “prova da verdade”. Da mesma forma que os textos da história, os textos das demais ficções não literárias, submetem-se às noções de “mentira”

A história é uma espécie de ficção não-literária, que se propõe a registrar e processar racionalmente o conhecimento do passado da humanidade. Como tal, visa apreender o fato único, que não se repete; bem como a sucessão dos fatos ocorridos em uma dada sociedade; e se caracteriza pelo assumido comprometimento de relatar somente o que comprovadamente aconteceu em dado tempo e lugar. Esse comprometimento submete a história à noção de “erro” ou “mentira”; e lhe impõe como limite as informações encontradas em fontes tidas como idôneas. Em função disso, a história apresenta apenas acontecimentos registrados como efetivamente ocorridos, em dado tempo e lugar, a determinados indivíduos ou a uma determinada coletividade. O historiador não pode modificar os dados registrados, mas pode questioná-los, interpretá-los e, até mesmo, desautorizá-los, confrontando-os com evidências encontradas em outras fontes.

2.3.1 Literatura, ficção literária e narratologia

A abrangência do significado do termo literatura tem variado de acordo com o ponto de vista de quem se utiliza dele e também pela variação de sua compreensão através da história. Como este estudo está inserido no âmbito dos estudos literários, o entendimento do termo literatura, que procuro estabelecer, vincula-se a definições do conceito nessa área específica, deixando de lado todas as demais.

Segundo Walter Mignolo⁹⁰, a literatura é uma projeção da energia criativa humana através da escrita, nesse sentido, o que diferencia a literatura da pintura, da escultura e de outras artes é que a literatura não tem um código específico e exclusivo. Contrariamente, ela necessita fazer uso da linguagem humana para derramar sua expressão e, assim, por vários séculos buscou afastar-se dos demais usos do código linguístico para criar uma linguagem literária. Após libertar-se da

e “erro” e à “prova da verdade”. (MIGNOLO, Walter. “Lógica das diferenças e política das semelhanças da que parece ou Antropologia, e vice-versa.”, em CHIAPINNI & AGUIAR, org. Ligia e Flavio Wolf. *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: EdUSP, 1993, p. 117-161.)

⁹⁰ MIGNOLO, 1993, p.21.

necessidade de afirmação enquanto domínio expressivo, através de um uso marcadamente diferenciado da linguagem, a literatura descobriu que seu grande trunfo é a capacidade e a liberdade de imitar ou deformar todos os demais tipos de discurso. Podendo, assim, recortá-los e reuni-los em arranjos particulares, criando um mosaico multidimensional de significações e padrões discursivos, revelando uma figura nova e multifacetada.

A literatura não é privilégio de um país ou de um continente; ela se desenvolveu em todos os cantos da terra, mesmo onde não há escrita, através da oralidade, sendo, nesse sentido, uma forma universal de expressão. Contudo, é extremamente particularizada em cada uma de suas manifestações, nos diferentes autores dos diferentes povos, expressa através de línguas distintas. Devido ao fascínio exercido sobre os leitores, extrapola fronteiras e exige o exercício da tradução:

A literatura é poliglota. Fala centenas, milhares de línguas. Nenhum Tirésias, nenhum Siro as compreenderá todas. Mas como é que várias dessas línguas são mundialmente compreendidas, escutadas, e forçam a tradução em escala de Torre de Babel? São essas operações translativas, que contribuem para a constituição do corpus mundial dos fatos literários (...).⁹¹

A literatura em essência não tem uma língua única que a concretize melhor, constitui-se nos mais diversos códigos linguísticos dos povos espalhados pelo globo e, por essa mesma razão, é formada por uma coleção gigantesca de obras. Para que suas criações possam penetrar terrenos delimitados por diferentes idiomas, a literatura vale-se da tradução. Através das traduções ela se espalha para povos próximos ou distantes, alargando seu público e as opções de textos disponíveis a cada comunidade, disseminando rasgos de outras culturas, de outras formas de pensar e agir. Os objetos literários, em sua constituição, estabelecem um diálogo com a tradição que os precedeu e com o conjunto de textos que lhes é contemporâneo, bem como, com outros objetos de significação, linguísticos ou não, oriundos de uma variedade de campos do conhecimento. Uma obra literária pode abrigar múltiplas vozes que configuram a diversidade em seu tecido discursivo:

⁹¹ KRYNSKI, Wladimir. Narrativa de valores: Os novos actantes da weltliteratur. In: *Dialéticas da transgressão*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 5.

Graças a Bakhtin, compreendeu-se que o fato literário é fundamentalmente multivalente, dialógico, polifônico, e que ele se realiza através de uma interdiscursividade marcada de tensões ideológicas e axiológicas, bem como através de uma injunção dos contextos sociais, textuais e discursivos. Até a própria desconstrução se desconstruiu: (...) o campo problemático do literário esvaziou-se sistematicamente de certezas julgadoras.⁹²

Essa visão da literatura a apresenta como um espaço marcado por conflitos entre diferentes ideologias, no qual se suscitam questionamentos ao invés de transferir convicções. E é justamente essa característica que faz dela uma ferramenta eficiente para ampliar os horizontes e despertar a criticidade no espírito humano.

Considerando a incongruência de ignorar a tradição teórica existente, e embora reconhecendo a validade apenas histórica de alguns conceitos, retomo algumas idéias de Wellek e Warren⁹³ relativas à definição do termo literatura no entendimento específico do campo dos estudos literários. Dentre os fatores mencionados pelos dois autores, destaco a menção à “ficcionalidade”, à “invenção” ou à “imaginação”⁹⁴, como traços característicos da literatura, que se completa na seguinte afirmativa sobre a natureza do fenômeno literário:

(...)é no aspecto da “referência” que a natureza da literatura transparece mais claramente. O cerne da arte literária encontrar-se-á, obviamente, nos gêneros tradicionais: lírico, épico, dramático. Em todos eles existe uma “referência”, um relacionar com um mundo de ficção, de imaginação. As afirmações contidas num romance, num poema ou num drama não representam a verdade literal; não são proposições lógicas. Existe uma diferença central e importante entre uma afirmação, mesmo produzida num romance histórico (...) que pareça comunicar uma “informação” a cerca de sucessos reais, e a mesma informação publicada num livro de história ou de sociologia.(...) Uma personagem de romance é diferente de uma figura histórica ou de uma figura da vida real. É formada meramente pelas frases que a descrevem ou pelas que foram postas na sua boca pelo autor. Não possui nem passado, nem futuro, nem, às vezes, continuidade de vida.⁹⁵

Lúcida e atual a afirmativa de que o personagem de um romance, ainda que histórico, é formado unicamente pelas frases que o compõem, pois demonstra a consciência da natureza discursiva do fato literário – embora, a meu ver deva ficar clara também a natureza discursiva de textos oriundos de qualquer área do

⁹² KRYSINSKI, 2007, p.4.

⁹³ WELLEK&WARREN. 1955.

⁹⁴ Ibid. p.32.

⁹⁵ WELLEK&WARREN, 1955, p.31.

conhecimento, demarcando assim o distanciamento entre discurso e realidade. Concordo com a afirmativa de que a “referência” do universo criado em um texto literário é imaginária; e que mesmo quando baseada em elementos da realidade comprovável difere daquela de um texto da história ou da sociologia. Uma vez que estas duas espécies de ficção são constituídas em função de objetivos primordialmente cognitivos e, por essa razão, tem sua composição atrelada a dados efetivamente apurados e registrados e tidos como verdadeiros e idôneos. Entretanto, há lógica também nas proposições de um romance, mas diversa daquela das proposições de um tratado histórico ou sociológico. A lógica de um texto literário é de natureza exclusivamente interna ao universo construído no texto. Essa lógica interna ao texto é o que lhe garante verossimilhança necessária para criar uma ‘impressão de realidade’, para suscitar as ‘emoções vivas’ que conquistam a atenção do leitor. Wellek e Warren defendem que por ser uma arte é que a literatura tem como base quadros de referências diferentes daqueles da realidade: “A arte proporciona uma espécie de enquadramento que coloca fora do mundo da realidade a afirmação contida na obra.”⁹⁶ Ou seja, as afirmações contidas em um texto literário têm existência somente no texto, não sendo possível validá-las como registros da realidade, ainda que por vezes suas formulações se aproximem ou imitem elementos que têm ou tiveram existência no universo factual.

O predomínio da função estética é outro fator mencionado por Wellek e Warren como sendo característico da literatura:

afigura-se melhor, no entanto, considerar apenas como literatura as obras nas quais é dominante a função estética, embora reconheçamos que existem também elementos estéticos (...) em obras com um objetivo completamente diferente, um objetivo não estético (...)⁹⁷.

Para concordar, ainda que parcialmente, com os autores é preciso definir função estética como a preocupação preponderante com o movimento da linguagem sobre si mesma. Esse exercício metalinguístico ocorre sempre que um autor se dedica a criar um universo literário, uma vez que textos dessa categoria não tem um referente factual; e objetivam, na maioria das vezes, sensibilizar o leitor, seja através do tocante, do belo, do sublime, do terrível, do grotesco ou do estranho.

⁹⁶ WELLEK&WARREN, 1955, p.30.

⁹⁷ Ibid. p.31.

Wellek e Warren mencionam ainda como diferencial entre a literatura e outras espécies de expressão verbal é “o modo particular de utilização da linguagem”⁹⁸, que sendo distintivo entre a espécie humana e as demais espécies animais, configura um elemento essencial na constituição da sociedade humana. É pela linguagem que os significados são elaborados e articulados, que acessamos o mundo, que interagimos com nossos semelhantes. Mas a linguagem não é una, apresenta diversas modalidades, que variam de acordo com a função ou o propósito de cada enunciação.

Os autores se expressam em termos de linguagem literária e linguagem científica. Aproveito aqui as que desenvolvem, contudo, prefiro falar em usos da linguagem, ao invés de classificar a própria entidade ‘linguagem’, segundo tipos A ou B. Considerar a linguagem em função de seus usos, não atribui características inerentes à linguagem, antes a apresenta como uma categoria quase amorfa, moldada diferentemente de acordo com o uso. Duas modalidades de usos da linguagem particularmente relevantes para este estudo, na medida em que investigo as representações de uma personagem na literatura e na história, são o uso literário da linguagem e o uso científico da linguagem. Observemos a concepção de Wellek e Warren⁹⁹ com relação à questão da linguagem. Os autores definem a ‘linguagem literária’ a partir de suas diferenças em relação à ‘linguagem científica’. Assim, o uso científico da linguagem se caracterizaria por sua transparência, por procurar dirigir diretamente atenção do leitor para a informação, não a retendo sobre si:

A linguagem científica ideal é puramente “denotativa”: visa a uma correspondência de um para um entre o signo e a coisa significada. O signo é completamente arbitrário e, portanto, pode ser substituído por outros sinais equivalentes. O signo é, além disso, transparente: isto é, sem chamar a atenção sobre si próprio, dirige a nossa atenção inequivocamente sobre a coisa referida.¹⁰⁰

Atualmente, o uso científico da linguagem aceita, em algumas áreas – notadamente humanas – alguma flexibilidade, no sentido de uma aproximação para com o uso literário da linguagem. Contudo, o uso científico da linguagem, idealmente, não deve

⁹⁸ WELLEK&WARREN, 1955, p.28.

⁹⁹ WELLEK&WARREN, 1955.

¹⁰⁰ WELLEK&WARREN, 1955, p.28.

abandonar as características de clareza e objetividade, até porque o excesso de ambiguidade e densidade, facilmente encontrados no uso literário da linguagem, pode dificultar demasiado a compreensão de conceitos e reflexões, fugindo assim ao objetivo primordial do texto científico que é veicular informação e fazer avançar o conhecimento.

De acordo com o pensamento dos teóricos, o próprio problema da natureza da literatura deve ser resolvido também em função do uso específico que ela faz da linguagem porque, diferentemente das outras artes (pintura, escultura e música, por exemplo), a literatura não utiliza matéria-prima exclusivamente sua. A literatura é apenas um dos diversos usos e produtos da linguagem humana, por essa razão, o uso que ela faz da linguagem tem sido entendido como um de seus diferenciais. O uso literário da linguagem, da forma como é tradicionalmente compreendido, é, caracteristicamente, ambíguo, simbólico, expressivo, subjetivo, pleno de torneios e conscientemente auto-reflexivo:

Abunda em ambiguidades; como qualquer outra linguagem histórica está cheia de homônimos e de categorias arbitrárias ou irracionais como o gênero gramatical; é permeada de acidentes históricos, por recordações e associações. Numa palavra: é uma linguagem altamente “conotativa”. Acresce que a linguagem literária está longe de ser apenas referencial: tem seu lado expressivo, comunica o tom e a atitude do orador ou do escritor. (...) A linguagem literária está muito mais profundamente ligada à estrutura histórica da linguagem; acentua o grau consciente de realce do próprio signo; (...) ¹⁰¹

Atualmente, entretanto, não é mais possível se estabelecer um padrão para o uso literário da linguagem, pois com o passar do tempo, assim como as outras artes, a literatura também se libertou de normas e formas pré-estabelecidas. Contemporaneamente, a literatura joga tranquilamente com todas as variações da linguagem e tipologias discursivas, se apropriando aqui e ali do material necessário para tecer suas malhas, de acordo com o objetivo estético-ideológico da autora ou autor para cada objeto criativo. Em outras palavras, o uso literário da linguagem não tem mais características fixas, mas pode tranquilamente mimetizar todos os outros usos da linguagem, estilizando-os, parodiando-os e atribuindo-lhes novos significados.

¹⁰¹ WELLEK&WARREN, 1955, p. 28-29.

Com tudo isso, se ainda nos dias de hoje, se quer fazer um esforço no sentido de diferenciar o uso literário da linguagem do uso cotidiano ou, ainda, do uso científico, é preciso então ater-se à questão da consciência auto-reflexiva: “Na literatura, os recursos da linguagem são explorados muito mais deliberadamente e sistematicamente.”¹⁰² O uso diferenciado da linguagem na literatura caracteriza-se pela auto-reflexividade, que, por sua vez, pode ser compreendida em função de seu caráter lúdico. Ao imitar os diversos usos da linguagem, a literatura está se constituindo a partir de um movimento da linguagem sobre si mesma, que é o que se chama de auto-reflexividade da linguagem. Ao construir um universo ficcional através da linguagem humana, o escritor realiza um exercício lúdico envolvendo elementos linguísticos e elementos temáticos retirados de diversos campos de referência pertencentes tanto à categoria da realidade quanto à categoria do imaginário, ou ainda das diversas áreas do conhecimento. O jogo da construção dos sentidos em um texto literário é um jogo que permite grande liberdade ao autor. Este é livre para penetrar nos campos de referência¹⁰³ e de lá retirar os elementos necessários à configuração de seu mundo de ficção. O autor é livre também para traduzir os elementos selecionados através das peças significantes (palavras) e de um arranjo de sua escolha. A única restrição imposta pelo jogo da construção do texto literário é a necessidade de conferir verossimilhança interna ao texto. O fator lúdico da criação literária está relacionado à auto-reflexividade da linguagem, na medida em que esta se volta constantemente sobre si mesma para elaborar, através de peças significantes, da forma mais eficiente, surpreendente ou encantadora possível, *refigurações* das peças significadas retiradas dos campos de referência. Destaco o aspecto lúdico dessa operação porque ao imitar outros usos da linguagem, a literatura estabelece um jogo de ‘faz de conta’ com o leitor: ‘faz de conta que eu sou história’; ‘faz de conta que eu sou crônica policial’; ‘faz de conta que eu sou antropologia’; ‘faz de conta que eu sou documento’. E assim por diante, em um repertório inesgotável de brincadeiras, cuja regra (de que se trata de um jogo) está estabelecida previamente quando o texto explicita, de alguma forma, seu estatuto ficcional. Ainda assim, muitas vezes, a ficção literária é tão eficiente que

¹⁰² WELLEK&WARREN, 1955, p.30.

¹⁰³ Conforme terminologia de Wolfgang Iser.

burla a consciência do leitor. Especialmente dos ‘leitores naturais’¹⁰⁴, facilmente esquecidos de que ao iniciar a leitura aceitamos participar de um *game* e, assim, atribuem valor ou autoridade de ‘verdade dos fatos’¹⁰⁵ aos enunciados ficcionais de literatura.

O estatuto lúdico (ao invés de cognitivo) do texto literário concorre para que não tenha compromissos com a verdade, a lógica ou a coerência externas ao texto; nem tão pouco com a difusão de conhecimentos. O compromisso da literatura é com o arranjo convincente dos elementos na tessitura textual. A linguagem no texto literário não se volta, em maior medida, para o mundo exterior, mas sim, para si mesma, para a consecução de uma maior perfeição no universo linguístico encerrado no texto. Nessa medida é que a literatura é uma arte, tanto quanto são artes a pintura, a escultura, a música, o teatro e a dança.

Ainda buscando uma definição de literatura, cheguei às considerações de Terry Eagleton que afirma que o conceito literatura como “escrita imaginativa, no sentido de ficção – escrita esta que não é literalmente verídica.”¹⁰⁶ não procede na medida em que dentre os textos considerados como literatura frequentemente se encontram textos filosóficos, políticos ou didáticos (sermões?). E se parte da escrita “factual” se encontra nas fileiras do literário, também boa parte da ficção imaginativa se encontra fora delas. Além disso, o autor salienta que a distinção entre ‘fato’ e ‘ficção’ nem sempre apresenta fronteiras muito bem delimitadas. Eagleton retoma então para a concepção formalista da literatura, segundo a qual, o que define o literário é o emprego da linguagem de forma peculiar: “a literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana.”¹⁰⁷. Eagleton salienta que, de acordo com a visão dos formalistas russos, a linguagem literária chama atenção sobre si mesma, exibindo sua “existência material”¹⁰⁸. Contudo, o autor questiona a concepção formalista da literatura ao considerar que a noção de desvio da linguagem cotidiana e automatizada é relativa e varia de acordo com as situações, os grupos sociais e as épocas envolvidas. Sendo assim, não é

¹⁰⁴ BAL, Mieke. *Narratology*. Toronto: University of Toronto Press, 2009.

¹⁰⁵ MIGNOLO, 1993.

¹⁰⁶ EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.1.

¹⁰⁷ EAGLETON, 2003, p.2.

¹⁰⁸ Ibid. p.3.

possível determinar que o literário encontra-se em um “uso peculiar da linguagem”, ou na distinção entre “fato” e “ficção”.

A retomada das reflexões de diversos teóricos do campo dos estudos literários reforça a percepção de que o conceito de literatura é parcial e transitório. Aqui e agora, compreendo o literário como um estatuto assumido por um conjunto de textos, um estatuto a partir do qual os textos se auto-assumem como objetos lúdico-estéticos, livres para imitar tanto as formas quanto os conteúdos de quaisquer textos e tipologias textuais existentes na civilização humana. Por essa razão, uma carta pode ser considerada literária; e os romances podem ser epistolares ou assumir a forma de um diário. Enfim, o texto literário pode imitar a forma ou o conteúdo discursivo de qualquer outro gênero textual. Essa liberdade faz parte do jogo de “como se” que a literatura oferece ao leitor, o mecanismo lúdico colocado em ação pelo texto literário. Ainda assim, pode-se dizer do fenômeno literário que é uma arte constituída a partir da linguagem humana. Um fazer preponderantemente criativo, construção lúdica, imbuída de caráter estético e sempre ideologicamente marcada. Dotada de liberdade imaginativa, enquanto ficção, se distingue das demais ficções elaboradas através da linguagem humana, pelo autodesnudamento de seu estatuto ficcional. Enquanto construção linguística se caracteriza pela auto-reflexividade da linguagem.

2.3.1.1 Narratologia

Not that everything ‘is’ narrative; but practically everything in culture has a narrative aspect to it, or at the very least, can be perceived, interpreted as narrative.¹⁰⁹

Não me deterei aqui em modelos narrativos e tipologias de narradores estabelecidas anteriormente por teóricos da literatura, pois entendo que as particularidades dos textos que serão colocados sob análise poderão facilmente

¹⁰⁹ “Não que tudo seja narrativa, mas praticamente tudo na cultura tem um aspecto narrativo, ou no mínimo que pode ser percebido, interpretado como narrativo.” (BAL, 2009, p.227. tra. no.).

colocá-los fora das categorias estabelecidas por tais modelos. Portanto, julgo mais eficaz descrever e problematizar as narrativas a partir das características que os textos efetivamente venham a revelar. Evidentemente, alguns termos empregados pelos teóricos revisados poderão ser aproveitados na análise desenvolvida. Assim, dedico este tópico uma reflexão breve sobre a natureza do texto narrativo e do gênero literário que focalizo nos capítulos dedicados à análise, o romance.

Segundo Mieke Bal¹¹⁰, a narratologia investiga os aspectos narrativos de um texto narrativo, é uma perspectiva de estudo da cultura, uma vez que a narrativa é uma atitude cultural. Sendo a narrativa muito mais uma construção do que uma reconstrução, a história, a literatura, e outros tantos discursos, ao abordar o passado, transformando-o em narrativa, constroem versões para os fatos.

Bal¹¹¹ define o texto narrativo como um texto em que um agente narrativo, ou narrador, conta uma história. Segundo a autora, o narrador constitui uma função textual, e não uma pessoa, um sujeito linguístico ou imagético que se expressa através da linguagem que compõe o texto. O estudo do narrador é um aspecto central na análise de textos narrativos, e as primeiras questões a se colocar a esta entidade linguística dizem respeito a sua identidade e seu estatuto na constituição da narrativa. Bal¹¹² destaca que o caráter específico do texto é dado por uma conjunção de fatores relacionados com a identidade do narrador e que envolvem o grau e a maneira segundo as quais essa identidade é estabelecida no texto, bem como, as escolhas que estão implicadas nas formulações textuais. A autora salienta, ainda, que o narrador não se confunde com o autor biográfico do texto e justamente essa distinção é um dos fatores que torna possível tanto a existência quanto a percepção de diversas vozes postas em diálogo no interior do texto, e possibilita ao leitor julgar a autoridade e a confiabilidade de cada uma dessas vozes. A questão das vozes que coabitam o texto narrativo é trabalhada por Mikhail Bakhtin¹¹³, em sua teoria do romance.

¹¹⁰ BAL, 2009.

¹¹¹ Ibid.

¹¹² Ibid.

¹¹³ BAKHTIN, Mikhail. O plurilinguismo no romance. In: *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1988.

Segundo Mikhail Bakhtin¹¹⁴ o romance é essencialmente plurilíngue, dialógico e polifônico. Plurilinguismo é a coexistência de diversas linguagens ideológico-sociais e diversos gêneros discursivos no interior do texto. As principais Formas de introdução do plurilinguismo no romance de acordo com Bakhtin são: narrador, suposto autor, personagens, introdução de diversos gêneros discursivos à narrativa (gêneros intercalados ou enquadrados), seja através da imitação do discurso de outros gêneros, da citação de textos, em parte ou na íntegra, oriundos de outros gêneros discursivos.

O romance apresenta um tecido textual mesclado na medida que admite na sua composição a inclusão de diferentes gêneros discursivos, literários e não literários: “Em princípio qualquer gênero pode ser introduzido na estrutura do romance”¹¹⁵ O emprego de gêneros intercalados na composição é uma das formas mais importantes de manifestação do plurilinguismo no romance e a introdução de outros tipos discursivos na tessitura textual pode se fazer através da forma e do conteúdo. Bakhtin¹¹⁶ observa que os gêneros incluídos no romance, geralmente, conservam características linguísticas, estruturais e estilísticas dos paradigmas de origem. O teórico destaca um grupo de gêneros discursivos especialmente relevantes quando se pensa o plurilinguismo como forma de estruturação do romance:

Porém, existe um grupo especial de gêneros que exercem um papel estrutural muito importante nos romances, e às vezes chegam a determinar a estrutura do conjunto, criando variantes particulares do gênero romanesco. São eles: a confissão, o diário, o relato de viagens, a biografia, as cartas e alguns outros gêneros. Todos eles podem não só entrar no romance como seu elemento estrutural básico, mas também determinar a forma do romance como um todo (romance-confissão, romance-diário, romance epistolar, etc.). Cada um desses gêneros possui suas formas semântico-verbais para assimilar os diferentes aspectos da realidade.¹¹⁷

Sem desmerecer o conto, narrativa curta, que carrega emoções condensadas; concede-se afirmar que o gênero literário narrativo por excelência é o romance. Através dele pode-se acompanhar a trajetória de uma vida ou, pelo menos, a de um pensamento. Logra-se visualizar a questão dos gêneros narrativos a partir de

¹¹⁴ BAKHTIN, 1988.

¹¹⁵ Ibid. p.124.

¹¹⁶ BAKHTIN, 1988.

¹¹⁷ BAKHTIN, 1988, p.124.

elementos do desenho. O conto é um ponto; o romance, narrativa longa, é uma linha, que pode assumir contornos surpreendentes. O conto é o instante, o romance é a continuidade. E, talvez, por sua própria semelhança com a experiência humana, seduza públicos completamente diferenciados.

2.3.2 Natureza, caracteres, novas teorias e práticas da ficção histórica

A primeira bipartição surgida no cerne do conceito de história constituiu-se a partir da oposição entre profano (história profana) e sagrado (história sagrada). Durante o período medieval, a história aproximou-se muito da literatura, através da crônica histórica, que muitas vezes confundia-se com os feitos legendários. No século XVII, foi dividida em história-arte e história-ciência, categorias estas identificadas, respectivamente, à narração e à pesquisa, assim definidas e separadas no século XIX. Benedito Nunes observa que o ideal da história-ciência fundou-se na pesquisa das fontes e foi personificado por Leopold Ranke no século XIX; e que a história-arte por sua vez,

é sobretudo a narrativa de acontecimentos que os recria como se fossem presentes. Fazendo do historiador “um contemporâneo sintético e fictício”(4) do que ocorreu, fornece-nos imagens do passado, recuperado, tornado visível. Ela não se exime, portanto, do esforço da imaginação projetiva, que acusa a vivência particular do historiador, parente próximo do artista.¹¹⁸

Contemporaneamente, não há uma oposição rígida entre narração e pesquisa, mesmo um historiador que opte por uma escrita da história narrativa e aproximada da arte literária, mantem-se nos limites dados pelas fontes, sob pena de não ter a obra vista com seriedade.

Durante o século XIX, a história caracterizou-se por – além de ter como objeto o conhecimento do passado – um comprometimento com características

¹¹⁸ NUNES, Benedito. Narrativa histórica e narrativa ficcional, In: *Colóquio UERJ* – org. RIEDEL, Dirce Cortês. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p.10.

como a neutralidade, a objetividade, a totalidade e a univocidade. O paradigma oitocentista da história postulava o programa de mostrar a história “como realmente aconteceu”¹¹⁹, tendo a pretensão de registrar o passado “tal como foi”, contudo, Walter Benjamin indica a impossibilidade de realização dessa tarefa:

A verdadeira imagem perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido. (...) Pois irrecuperável é cada imagem do presente que se dirige ao presente, sem que esse presente se sinta visado por ela.¹²⁰

A história, desde as últimas décadas do século XX, assume-se como um organismo vivo, cuja forma permanece aberta, uma vez que, aceita alterações – devidas a novas descobertas, escritas de novas histórias – nos registros já existentes. Segundo João Barrento¹²¹, “o novo paradigma da história a propõe não como um processo meramente aditivo, mas sim construtivo, não linearmente contínuo, mas descontínuo, complexa e contraditoriamente estratificado.” Como isso, Barrento¹²² refere-se a possibilidade de uma pluralidade de histórias sendo escritas por diferentes indivíduos, pertencentes a diferentes grupos sociais, as histórias de diferentes segmentos, todas válidas e existindo simultaneamente, divulgando as versões, antes ignoradas ou silenciadas, dos mais diversos grupos, entidades ou indivíduos marginalizados e destituídos de poder.

Benjamin¹²³ ressalta que o conhecimento da história articula-se com os interesses de conhecimento que, no presente, marcam as relações dos sujeitos produtores de escrita histórica com o passado focalizado. Na concepção de Walter Benjamin¹²⁴, a história é subjetivamente seletiva e objetivamente relacionada, não com a totalidade de um momento histórico, mas sim com o caráter específico do presente do sujeito que guiado por uma determinada consciência histórica decide escrevê-la.

¹¹⁹ BANN, 1994, p.55.

¹²⁰ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. in: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.224.

¹²¹ BARRENTO, João. O regresso de Clio. *História literária – problemas e perspectivas*. Portugal, 1986. p.11-112.

¹²² BARRENTO, 1986.

¹²³ BENJAMIN, 1986.

¹²⁴ Ibid.

Segundo Le Goff¹²⁵, a história é a busca das ações realizadas pelos homens (sentido dado por Heródoto); é um campo de estudo que se esforça por se constituir como ciência (a ciência histórica); sendo também assim compreendido o objeto mesmo dessa busca. No dizer de Paul Veyne, “a história é quer uma série de acontecimentos, quer a narração desta série de acontecimentos”¹²⁶, podendo ter ainda um terceiro sentido, o de narração. Para Veyne, uma história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na ‘realidade histórica’ ou puramente imaginária – pode ser uma narração histórica ou uma fábula. Essa duplicidade de sentido deve-se ao fato do mesmo vocábulo, história, ser empregado para referir-se a ambos os casos. Com relação a isso, Le Goff comenta que o “inglês escapa a esta última confusão porque distingue entre *history* e *story* (fábula, conto). As outras línguas européias esforçam-se para evitar esta ambiguidade.”¹²⁷ Jacques Le Goff, em *História e memória*, inicia a reflexão sobre a natureza da história recorrendo à etimologia do termo:

A palavra ‘história’ (em todas as línguas românicas e em inglês) vem do grego antigo *historie*, em dialeto jônico [Keuck, 1934]. Esta forma deriva da raiz indo-européia *wid, weid, ‘ver’*. Daí o sânscrito *vetas* ‘testemunha’ e o grego *histor* ‘testemunha’ no sentido de ‘aquele que vê’. Esta concepção da visão como fonte essencial de conhecimento leva-nos à idéia que *histor*, ‘aquele que vê’, é também aquele que sabe; *historien* em grego antigo é ‘procurar saber’, ‘informar-se’. *Historie* significa pois ‘procurar’. É este o sentido da palavra em Heródoto, no início de suas *Histórias*, que são ‘investigações’, ‘procuras’.¹²⁸

À parte os questionamentos suscitados pela ambiguidade do termo, que levam a discussões sobre a natureza e as funções da disciplina, a história, enquanto gênero discursivo constitui uma ficção não literária, dotada de função predominantemente cognitiva. É uma construção linguística que busca refigurar o passado, restringindo-se, para tanto, à pesquisa de rastros e fontes consideradas idôneas. Por ser uma construção linguística, produto das atividades de um sujeito, a história não é objetiva – como se acreditava durante o século XIX. Contrariamente, sempre será fruto do arbítrio de um determinado narrador que seleciona, organiza e apresenta dados referentes ao passado, de acordo com critérios e alinhamentos pessoais. O que confere à história uma aparência de objetividade é o fato de que ela é,

¹²⁵ LE GOFF, 1996.

¹²⁶ VEYNE, 1968, p. 423.

¹²⁷ LE GOFF, 1996, p.18.

¹²⁸ LE GOFF, 1996, p.17.

invariavelmente, escrita em terceira pessoa. Esse fator, contudo, não anula as motivações pessoais do autor ao elaborar a refiguração de um momento passado.

Dentre os aspectos que ajudam a demarcar as fronteiras da história em relação a outras disciplinas – notadamente a literatura – sublinho que: a) a história compromete-se, segundo o paradigma oitocentista, com a verdade dos fatos e, de acordo com o paradigma do novo historicismo, com as versões dos diversos indivíduos e grupos sociais; b) a história não pode extrapolar as informações obtidas através das fontes (documentos, arquivos, registros, rastros - fotos, monumentos, depoimentos etc.); c) tem uma natureza retrospectiva, isto é, só pode se voltar em direção ao passado.

É necessário ressaltar, com relação à História, que suas versões não existem até que um sujeito selecione elementos do passado, os quais, linguisticamente sistematizados assumem os significados pretendidos pelo historiador.

Michel Foucault¹²⁹, com a publicação de *História da loucura*, em 1961, lançou as sementes do novo historicismo ao utilizar a palavra discurso para se referir à história e ao escrever a história não dos acontecimentos, mas de um segmento social. Uma história de transformações lentas, quase imóvel. Some-se a isso que o segmento tematizado por Foucault naquela obra, os loucos, é desprovido de qualquer prestígio ou poder dentro da sociedade, circunstância que alargou o foco da disciplina até as margens da estrutura social.

Paul Veyne¹³⁰, em *Como se escreve a história* (1971), retoma as idéias de Foucault, ao admitir a natureza linguística da disciplina e, em decorrência disso, nega à história o estatuto de ciência: “A história não é uma ciência e não tem muito a esperar das ciências; ela não explica e não tem método; melhor ainda, a história, da qual muito se tem falado nesses dois últimos séculos, não existe.”¹³¹ Ao fazer essa afirmativa, Veyne parte do pressuposto de que “tudo é histórico, logo se tudo é

¹²⁹ FOUCAULT (2003). Infelizmente, a partir da segunda edição dessa obra, o autor (devido às críticas negativas recebidas) fez com que se suprimisse o prefácio à primeira edição, no qual apresenta a tese que revoluciona a história.

¹³⁰ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

¹³¹ Ibid. p.12.

histórico, a história não existe”¹³². O autor considera que tudo que se passa à nossa volta é e deve ser matéria da história, dessa forma, se torna difícil delimitar uma disciplina cujo próprio objeto é ilimitado. Essa linha de pensamento nega o perfil totalitário e elitizante assumido pela história nos séculos XVIII e XIX, que pretendia colocá-la muito acima dos eventos cotidianos e do registro da memória de todos os segmentos da sociedade.

Veyne¹³³ define a história como uma narrativa baseada em documentos, a qual pelo fato mesmo de ser uma narrativa não faz reviver os eventos que narra, apenas tenta reconstruí-los discursivamente. Chama atenção à natureza linguística da história ao enfatizar o papel do narrador/autor na seleção, arranjo e apresentação dos dados, aproximando, assim, a história do romance:

A história é uma narrativa de eventos: todo o resto resulta disso. Já que é, de fato, uma narrativa, ela não faz reviver esses eventos, assim como tampouco o faz o romance; o vivido, tal como ressaí das mãos do historiador, não é o dos atores; é uma narração, o que permite evitar alguns falsos problemas. Como o romance, a história seleciona, simplifica, organiza, faz com que um século caiba numa página, e essa síntese narrativa é tão espontânea quanto a da nossa memória, quando evocamos os últimos dez anos que vivemos. Especular sobre a defasagem que sempre separa a experiência vivida da reflexão sobre a narrativa levaria, simplesmente, à constatação que Waterloo não foi a mesma coisa para um soldado e um Marechal, que é possível narrar essa batalha na primeira ou na terceira pessoa, referir-se a ela como uma batalha, como uma vitória inglesa ou uma derrota francesa, que se pode deixar entrever, desde o início, o seu epílogo ou simular descobri-lo; essas especulações podem dar ocasião a experiências estéticas divertidas; para o historiador são a descoberta de um limite.¹³⁴

Além de enfatizar a condensação dos fatos realizada pela história, fator que a aproxima da memória, Veyne compara a história com os gêneros literários aproximando-a do romance e afastando-a do drama e chama atenção ainda para a pluralidade da história. Pluralidade que diz respeito aos pontos de vista de cada um dos segmentos sociais ou indivíduos envolvidos em um determinado acontecimento histórico. Pontos de vista diferentes quanto à percepção do processo histórico e que determinam o caráter múltiplo e estratificado das versões da história. Quanto a essa multiplicidade de versões, Veyne sublinha a parcialidade de que cada uma delas separadamente se reveste:

¹³² VEYNE, 1998, p.25.

¹³³ VEYNE, 1998.

¹³⁴ VEYNE, 1998, p.18.

Esse limite é o seguinte: em nenhum caso, o que os historiadores chamam de evento é apreendido de uma maneira direta e completa, mas, sempre, incompleta e lateralmente, por documentos ou testemunhos, ou seja, por *tekmeria*, por indícios. Ainda que eu tivesse sido contemporâneo e testemunha de Waterloo, ainda que tivesse sido seu principal ator, Napoleão em pessoa, teria apenas uma perspectiva sobre o que os historiadores chamarão o evento Waterloo; só poderia deixar para a posteridade o meu depoimento que, se chegasse até ela, seria chamado indício.¹³⁵

Ao destacar a parcialidade da história e a sobrevivência de suas versões através de indícios, que nada mais são que fragmentos de um passado perdido, Veyne¹³⁶ sinaliza para a impossibilidade de se recuperar o passado tal como foi, bem como para a impossibilidade de se atingir uma total ‘objetividade histórica’. Além disso, os fragmentos do passado são, muitas vezes, construídos discursivamente, como ocorre no caso dos documentos, matéria-prima básica da história: “A história é em essência conhecimento por meio de documentos.”¹³⁷, afirma Veyne. Os documentos, contudo, reconhece o autor, também resultam da ação de um sujeito, que age de acordo com suas crenças, deveres, necessidades e de acordo com a época em que vive, por essa razão, sacrificando, em muitos casos, a exatidão daquilo que é registrado.

Hyden White¹³⁸, em *Meta-história*, publicado em 1973, apresenta, na introdução intitulada Poética da história, uma tese sobre a natureza linguística da história. Naquele texto, White propõe uma análise das formas linguísticas de que se reveste o discurso histórico. O autor descreve as formas do discurso histórico através de uma nomenclatura e de um conjunto de conceitos oriundos, em sua quase totalidade, da teoria literária. Ao tratar dos níveis de conceitualização na obra histórica, White¹³⁹ os apresenta como: modo de elaboração por enredo, modo de argumentação, modo de implicação ideológica. Ao discorrer sobre os modos de elaboração de enredo, White os classifica de acordo com gêneros do discurso literário: romanesco, trágico, cômico e satírico. O historiador destaca ainda que quatro figuras da linguagem poética – metáfora, metonímia, sinédoque e ironia –

¹³⁵ VEYNE, 1998, p.18.

¹³⁶ VEYNE, 1998.

¹³⁷ Ibid. p.18-19.

¹³⁸ WHITE, Hayden. *Meta-história*. A imaginação histórica do século XIX. São Paulo: EdUSP, 1995.

¹³⁹ Ibid.

permitem a caracterização de diferentes objetos linguísticos confeccionados no âmbito do discurso histórico.

No prefácio de *Meta-história*, White¹⁴⁰ previne o leitor de que sua própria obra é vazada no modo irônico. Ironia que o uso de uma terminologia literária ratifica uma vez que a história foi por muito tempo entendida como ciência. Por outro lado, o autor salienta que sua ironia é autoconsciente e que, por essa razão, é uma ironia que se volta contra si mesma. Dessa forma, entendemos que White¹⁴¹ não percebe história como ciência e veículo da ‘verdade dos fatos passados’, mas também não desacredita da possibilidade de existência da história como prática intelectual séria, institucionalizada e digna de respeito. Para esse historiador, a história é uma categoria estabelecida entre a ciência e a arte.

Ao explicitar a consciência de que a história é uma construção de linguagem, White¹⁴² determina que, como tal, sua ‘verdade’ reside em qualidades como consistência e coerência. As quais de fato não traduzem a ‘verdade do acontecimento’, múltipla e perdida para sempre no momento em que se tornou passado. Consistência e coerência são qualidades que dizem respeito à seleção e organização de elementos e à elaboração de uma explicação convincente para os acontecimentos. A consistência e a coerência, em um texto histórico, são os atributos que provocam no leitor a sensação de verdade, uma vez que do fato ocorrido sobrevivem apenas vestígios preservados¹⁴³ e posteriormente transformados em relatos pelos historiadores.

Ao destacar os elementos formais da escrita da história, White¹⁴⁴ sublinha o caráter arbitrário de que se reveste enquanto forma discursiva. Em outras palavras, a história, enquanto construto linguístico, sempre apresenta forma e conteúdo escolhidos e moldados pelo narrador-autor. Esse autor, por sua vez é um indivíduo

¹⁴⁰ WHITE, 1995.

¹⁴¹ Ibid.

¹⁴² Ibid.

¹⁴³ Por essa razão, quando não havia interesse que a história – ou a importância – de algum fato ou personagem sobrevivesse e chegasse às gerações posteriores, tudo o que poderia servir como rastro ou vestígio dessa existência era, muitas vezes, destruído.

¹⁴⁴ WHITE, 1995.

marcado socialmente e historicamente e que forçosamente imprime essas marcas em suas produções textuais.

Em adição ao reconhecimento da natureza linguística da história, é preciso lembrar que a “verdade histórica” jamais é uníssona. Contrariamente, apresenta tantas faces quantas são as entidades envolvidas. A aceitação dessa premissa constitui uma das diferenças fundamentais entre a prática histórica passada e a contemporânea. Aquela se restringia à matéria política, focalizando apenas a percepção dos governos e governantes. Esta se abre às vozes dos mais diversos segmentos sociais, assim como, àquelas dos vencidos, dos esquecidos e dos silenciados. E amplia-se, alcançando até mesmo os recônditos da vida privada.

Diante da nova e abrangente noção de história, os historiadores parecem ter perdido as certezas quanto aos estatutos, os limites, os métodos e até mesmo o objeto de sua disciplina. Isso transparece em *História e Memória*, de Jacques Le Goff¹⁴⁵, publicado em 1990. Nessa obra, Le Goff estabelece um meio termo entre a retomada do paradigma histórico anterior e as posições inovadoras de Veyne¹⁴⁶ e White¹⁴⁷. Le Goff¹⁴⁸ se coloca em primeiro lugar como um pesquisador envolto em dúvidas e questionamentos, compreendendo a história como uma forma de ciência; salienta, entretanto, o caráter paradoxal e ambíguo da ciência histórica, distinto daquele das ciências da natureza:

A história, mesmo que só o consiga vagamente, é uma ciência e depende de um saber profissionalmente adquirido. É evidente que a história não atingiu o grau de tecnicismo das ciências da natureza ou da vida e não deseja que atinja para que possa continuar a ser facilmente compreensível e até controlável pelo maior número de pessoas. A história já tem a sorte ou a infelicidade (única entre todas as ciências?) de poder ser feita convenientemente pelos amadores. De fato, ela tem necessidade de vulgarização – e os historiadores profissionais nem sempre se dignam a aceder a essa função, no entanto essencial e digna (...), a era dos novos media multiplica a necessidade e as ocasiões para existirem mediadores semiprofissionais.¹⁴⁹

¹⁴⁵ LE GOFF, 1996.

¹⁴⁶ VEYNE, 1998.

¹⁴⁷ WHITE, 1995.

¹⁴⁸ LE GOFF, 1996.

¹⁴⁹ LE GOFF, 1996, p.50.

Nesse trecho, a própria fala de Le Goff¹⁵⁰ se revela paradoxal, uma vez que define a história como uma ciência que depende de um saber adquirido profissionalmente e imediatamente após admite aceitar que a história possa ser feita “convenientemente pelos amadores”. O discurso de Le Goff¹⁵¹, com a aceitação da ‘história popular’¹⁵², revela o caráter não-elitizado da compreensão desse autor com relação à história. Uma posição que admite a necessidade da história apresentar-se através de uma linguagem mais acessível e em formas mais atraentes, ocupando espaços cada vez mais abertos (tais como a mídia televisiva, por exemplo), de modo que possa atingir uma parcela maior da população. Esse procedimento, adotado por uma linha de historiadores, aproxima o saber histórico das massas populacionais que não fazem parte dos círculos de alta cultura. Essa prática revela-se em conformidade com o caráter deselitizante da nova história¹⁵³.

Le Goff¹⁵⁴ considera a história como a ciência do passado, todavia, o autor admite a impossibilidade de a história atingir a “verdadeira objetividade”, uma vez que o passado só se torna objeto da história através de reconstruções e reinterpretações constantes e sempre marcadas pelo momento histórico de sua elaboração:

Sabemos agora que o passado depende parcialmente do presente. Toda história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses, o que não só é inevitável, como legítimo. Pois que a história é duração, o passado é ao mesmo tempo passado e presente. Compete ao historiador fazer um estudo “objetivo” do passado sob a sua dupla forma. Comprometido na história, não atingirá certamente a “verdadeira objetividade”, mas nenhuma outra história é possível. O historiador fará ainda progressos na compreensão da história, esforçando-se para pôr em causa, no seu processo de análise, tal como um observador científico tem em conta as modificações que eventualmente introduz no seu objeto de observação.¹⁵⁵

¹⁵⁰ LE GOFF, 1996.

¹⁵¹ Ibid. 1996.

¹⁵² A “história popular” seria aquela escrita muitas vezes em forma romanceada, por jornalistas e outros historiadores amadores ou não acadêmicos, e outras vezes apresentada na mídia televisiva. Há também o caso de historiadores acadêmicos, como David Starkey, que, embora se mantenham fiéis à pesquisa de fontes, optaram por escrever em linguagem mais acessível e aplicar estratégias narrativas capazes de prender o leitor e que, assim, atingiram grande popularidade.

¹⁵³ Mas como a história e a mídia nunca são ingênuas, é preciso ter muita cautela com as versões que são disponibilizadas para as grandes massas populacionais.

¹⁵⁴ LE GOFF, 1996.

¹⁵⁵ LE GOFF, 1996, p.51.

O comentário de Le Goff sublinha o fato de que a história enquanto construção discursiva é fruto da subjetividade de um indivíduo forçosamente marcado pela época e pelo lugar sócio-cultural em que vive. Convém ao historiador ter consciência dessa condição determinante de todo texto histórico.

Le Goff acredita que a história é ao mesmo tempo arte e ciência: “Por fim, o caráter ‘único’ dos eventos históricos, a necessidade do historiador de misturar relato e explicação fez da história um gênero literário, uma arte e, simultaneamente, uma ciência.”¹⁵⁶ Poderíamos acrescentar aqui que o próprio fato do historiador utilizar palavras (rudimento básico do fazer literário) na construção de seus relatos e explicações, somado à impossibilidade de fazer retornar o passado, aproxima a história da literatura.

Em resumo, e com base nos posicionamentos teóricos dos historiadores referidos, percebo como traços característicos da nova história: a consciência de que a história é também um discurso, daí a impossibilidade de se atingir a ‘verdadeira objetividade histórica’, almejada pelos historiadores do século XIX; as noções de pluralidade e estratificação, que determinam o alargamento quase infinito do campo de estudo; e ainda a consciência da impossibilidade de trazer o passado de volta.

A nova forma como a história passou a ser compreendida possibilitou que se contasse a história de todos os segmentos da sociedade, permitindo que surgisse também uma história das mulheres, assunto focalizado a seguir.

2.3.3 A História das Mulheres e o resgate das histórias perdidas

Michelle Perrot, em *Minha história das mulheres*¹⁵⁷, chama atenção ao fato de que, até o início da década de setenta do século XX, a história das mulheres enquanto segmento social, abrangendo um longo período, não existia. Nessa época,

¹⁵⁶ LE GOFF, 1996, p.12.

¹⁵⁷ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

a própria Michelle, historiadora e participante do movimento das mulheres, desejando estudar mais a história do segmento, percebeu que essa história não existia ou era rarefeita. Foi então que, em 1973, juntamente com Pauline Schmidt e Fabienne Bock, ofereceu o primeiro curso intitulado “As mulheres têm uma história?”, que revelava as incertezas e a timidez daquele momento inicial do movimento na França¹⁵⁸. Apesar de não possuir material de pesquisa ou métodos específicos, o curso foi um sucesso e o movimento espalhou-se rapidamente, atingindo Holanda, Alemanha, Itália, e um pouco mais tarde, Espanha e Portugal. Hoje, a história das mulheres é um movimento ativo na América Latina, na Ásia, no Quebec, enfim, tornou-se um movimento mundial.

Concordo com Perrot¹⁵⁹, quando ela sublinha a necessidade de se escrever a história das mulheres enquanto coletividade, o que até os anos setenta do século XX ainda não se fazia. No entanto, abro um parêntese com relação às biografias de mulheres específicas que, segundo Michele menciona, era um segmento já estabelecido da escrita da história. Embora a escrita biográfica focalizando figuras femininas individualmente exista a longo tempo, acredito que reescrever a biografia de certas mulheres, como fez Eric Ives¹⁶⁰ com Anne Boleyn, também é parte de um trabalho de resgate da memória das mulheres. As biografias escritas no passado eram muitas vezes incompletas e baseadas em preconceitos e juízos formulados pela história oficial ou pela tradição popular. Muitas mulheres morreram injustiçadas, incompreendidas por seu tempo, transgressivas por natureza e, por essa razão, condenadas, passando a figurar como vilãs na história tradicional. Em função disso, uma revisão baseada em escrupulosa pesquisa histórica é necessária no sentido de resgatar e clarificar a memória de mulheres que, em muitos casos, pagaram com a vida por terem sido agentes da transformação histórica.

Retomando o pensamento de Perrot¹⁶¹, a autora salienta que a história das mulheres constitui uma tomada de consciência da “dimensão sexuada da sociedade

¹⁵⁸ Perrot menciona que o movimento era anterior nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha através dos “Women’s studies”.

¹⁵⁹ PERROT, 2007.

¹⁶⁰ IVES, 2004.

¹⁶¹ PERROT, 2007.

e da história”¹⁶², acompanhando assim as lutas do movimento feminista. Em um primeiro momento, a história das mulheres se preocupou em elaborar a história das vítimas, a história do corpo e dos papéis da mulher na vida privada. Posteriormente, passou a se dedicar às mulheres ativas em situações que provocaram mudanças; as mulheres que ocuparam espaços públicos nas cidades, na política, na guerra, na criação.

Na visão de Michelle¹⁶³, escrever a história das mulheres é romper o silêncio a que fomos reduzidas por séculos a fio. Um silêncio traduzido pela ausência das mulheres no relato das transformações sociais – e que dessa forma as condenou ao esquecimento; o qual se deve a outro silêncio: “o silêncio das fontes”¹⁶⁴. Segundo Perrot: “Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios desfeitos, seus arquivos destruídos.”¹⁶⁵ Seja por ausência de registro, por destruição de fontes ou por registros estereotipados e deformados, há uma grande carência de material quando se trata de história das mulheres. O que ocorre também porque os registros feitos diretamente por mulheres são escassos: “As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas.”¹⁶⁶ Michelle acrescenta ainda que em muitos casos esse material foi por elas mesmas destruídos.

Diretamente relacionada ao silêncio em torno da mulher está a sua ‘invisibilidade’¹⁶⁷, também mencionada por Perrot. Primeiramente, a ‘invisibilidade’ da mulher na história se deve ao fato de que eram menos vistas nos espaços públicos, pois eram mantidas em casa, tomando conta da família. Além disso, seu corpo constitui uma presença ameaçadora, causadora de escândalo, por isso era¹⁶⁸ mantido encoberto; e suas vozes perturbavam o ambiente, por essa razão deviam

¹⁶² PERROT, 2007, p.15.

¹⁶³ Ibid.

¹⁶⁴ PERROT, 2007, p.17.

¹⁶⁵ Ibid. p.21.

¹⁶⁶ PERROT, 2007, p.17.

¹⁶⁷ Ibid.

¹⁶⁸ E ainda é em muitas sociedades.

permanecer em silêncio. Como se não fosse o bastante, invisíveis mais uma vez se tornavam quando se casavam e assumiam o nome do marido, dissolvendo-se, dessa forma, na massa de outra identidade. Então, como eram pouco 'vistas', pouco se falava delas e restaram poucos registros de sua participação na história, assim, foram encobertas por longos séculos sob um espesso manto de invisibilidade.

2.3.4 Entrelaçamentos entre literatura e história

Paul Ricoeur¹⁶⁹ criou o termo *entrecruzamento* para referir-se aos aspectos em que literatura e história apresentam uma maior aproximação ou, mesmo, uma intersecção entre os elementos constituintes de suas respectivas práticas discursivas. Diz-se que literatura e história se entrecruzam quando se observa que entre as duas disciplinas surgem aspectos comuns. Segundo Ricoeur¹⁷⁰, o aspecto primordial no qual literatura e história se entrecruzam é na tentativa de *refiguração* do tempo. Ricoeur utiliza o termo *ficção* para referir-se aos discursos literários, entretanto, mantenho a terminologia de Wolfgang Iser, que tenho adotado até o momento.

A prática historiadora criou instrumentos e procedimentos que possibilitaram a *refiguração*¹⁷¹ do tempo. Esses instrumentos agem como elos entre o *tempo vivido*¹⁷² e o *tempo cósmico*¹⁷³. Dentre os instrumentos de organização¹⁷⁴ do *tempo vivido* no *tempo cósmico*, aquele que menciono aqui é o calendário. A invenção do calendário foi a primeira tentativa humana de organizar o *tempo vivido* no *tempo cósmico*. O calendário é um sistema no qual estão colocadas todas as datas

¹⁶⁹ RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo III. São Paulo: Papirus, 1997.

¹⁷⁰ Ibid.

¹⁷¹ Ricoeur denomina refigurações do tempo as tentativas humanas de reconstruir a experiência humana vivida no tempo. (1997)

¹⁷² O tempo denominado por Ricoeur *tempo vivido* é o tempo transcorrido para um determinado indivíduo ou para toda uma coletividade. (1997)

¹⁷³ O tempo denominado por Ricoeur *tempo cósmico* é o tempo dos fenômenos naturais: fases da lua, o dia e a noite, o ano, as estações do ano. (1997)

¹⁷⁴ Os instrumentos mencionados por Paul Ricoeur em *Tempo e Narrativa*, vol.III, como procedimentos de conexão entre o tempo vivido e o tempo cósmico são: o calendário; a seqüência de gerações; o triplo reino dos sucessores, predecessores e contemporâneos; os arquivos; documentos e rastros. (1997)

possíveis, sua criação nos possibilita a atribuição de uma determinada data a um evento que, a partir daí, passará a carregar as marcas temporais do presente, do passado ou do futuro.

A origem da sistematização criada com a invenção do calendário reside no tempo mítico, também chamado de “grande tempo”. O tempo mítico é o tempo que antecede à instituição do calendário. Nos períodos que antecedem às instituições dos calendários, são as reatualizações dos mitos, através dos ritos, que ordenam a experiência temporal das sociedades no tempo cósmico. Os ciclos ordenados pelo tempo mítico têm como base um acontecimento primordial ou de origem, um mito, que é revivido de tempos em tempos através de uma atualização ritual. O período que se estende entre uma reatualização de um dado acontecimento primordial e a próxima reatualização do mesmo acontecimento constitui um ciclo. Os ciclos podem estar relacionados a fatores cósmicos, biológicos ou sociais; seu início é sempre marcado por uma reatualização, ou ritualização, do acontecimento mítico que deu origem ao primeiro ciclo de uma dada era. Em função dessa ordenação cíclica das ordens cósmica, biológica e humana, possibilitada pela existência do mito e de suas periódicas reatualizações, é que se pode compreender a participação do mito na criação do calendário.

O acontecimento mítico assume diversas funções na existência de uma comunidade. Dentre essas, além de sua função de organização cíclica do tempo, que inspirou a criação dos calendários, o mito, enquanto narrativa de origem, pode agir como instrumento de fundação ou fortificação da identidade de uma dada comunidade.

Paul Ricoeur¹⁷⁵ aponta três características comuns a todos os calendários: a) um acontecimento fundador que abre uma nova era, o momento axial a partir do qual todos os acontecimentos são datados; b) a possibilidade de se percorrer o eixo temporal em duas direções, do passado para o presente e do presente para o passado; c) o estabelecimento de unidades de medida que passam a denominar intervalos constantes entre as recorrências de fenômenos cósmicos (dia, as fases da

¹⁷⁵ RICOEUR, 1997.

lua, o ano etc.). Com a invenção dos calendários, o ser humano criou um terceiro tempo, um tempo que faz a ponte entre o *tempo vivido* e o *tempo cósmico*. Esse terceiro tempo é o *tempo histórico*.

A literatura, por sua vez, ao refigurar o tempo aproveita, em um grande número de casos, os instrumentos de conexão entre o *tempo vivido* e o *tempo cósmico* criados pelo ser humano no esforço de organizar o caos da existência. O primeiro dos recursos de conexão aproveitado pela escrita literária é o *tempo histórico*. A grande maioria das obras literárias reporta-se, em maior ou menor grau, a um tempo que pode ser identificado em um calendário; ou aquele que situa-se aquém do calendário, isto é, o tempo mítico. Mesmo nas obras de cunho psicológico, na maioria dos casos, há alguma referência que permite ao leitor situar-se com relação a um tempo que difere do tempo puramente fenomenológico¹⁷⁶.

Além do aproveitamento do *tempo histórico*, a literatura aproveita, muitas vezes, as refigurações do tempo feitas pela história como matéria principal ou adjuvante para a criação de seus universos ficcionais. Entretanto, se o historiador, ao tentar representar o tempo, necessita ater-se rigorosamente aos procedimentos de conexão colocados entre o *tempo vivido* e o *tempo cósmico*, o mesmo não ocorre com o romancista. O escritor de textos literários é livre para realizar suas *refigurações* do tempo de acordo com os rumos de sua imaginação, ou, utilizando a expressão adotada por Ricoeur, através de *variações imaginativas*¹⁷⁷. Na realidade, em função da liberdade de que o narrador literário desfruta – liberdade que vai até o limite da verossimilhança interna do texto –, pode aproveitar as criações, descobertas e registros oferecidos pela história ao efetivar a transposição da experiência humana para o texto. Esse aproveitamento é verificável, especialmente, em obras literárias em que a matéria ou os procedimentos próprios da escrita da história ocupam um lugar de destaque no texto, como ocorre nos romances históricos, por exemplo.

¹⁷⁶ O tempo denominado por Ricoeur como *tempo fenomenológico* é o tempo dos fenômenos interiores, o tempo que por ser exclusivamente subjetivo não pode ser medido e difere de indivíduo para indivíduo. (1997)

¹⁷⁷ As *variações imaginativas* trazem à tona possibilidades não consideradas, não esclarecidas, não comprovadas ou desconhecidas do registro histórico, ou, simplesmente modificações dos dados históricos feitas ao sabor da imaginação do ficcionista.

A constituição da narrativa literária (NL) favorece sua historicização. Ao contar uma história o narrador o faz como se o caso fosse realmente acontecido. Nessa medida, o que a ficção literária nos oferece é um “*como-se-passado*”: o passado é apresentado como se houvesse realmente acontecido, mas ao mesmo tempo há o desnudamento de sua ficcionalidade. Ricoeur propõe o texto de ficção literária (TFL) como “*quase-histórico*” na medida em que os acontecimentos que ele relata são fatos passados para a voz narrativa que se dirige ao leitor. Essa voz narrativa, por sua vez, é uma entidade constituída a partir de um estatuto explicitamente ficcional. Nesse sentido, o passado que nos é apresentado pela literatura é o que se pode denominar de “*quase-passado*”.

Devido a maior liberdade de que desfruta, o discurso literário (DL) ao ser entrecruzado com o discurso histórico (DH) pode trazer à tona possibilidades não consideradas, ou não reveladas, pela história. Entretanto, reitero que embora o ficcionista literário tenha mais liberdade na escritura do que o ficcionista histórico, por não necessitar ater-se às provas documentárias, sua liberdade não é total. O escritor de literatura está preso à necessidade de conferir congruência interna ao texto.

Para Maria Teresa Freitas¹⁷⁸, o entrecruzamento entre literatura e história acontece na medida em que texto literário (TL) se apresenta como uma mescla de “objetividade histórica” com a subjetividade de um narrador literário. O conceito de Freitas¹⁷⁹ de “objetividade histórica” está relacionado aos elementos que têm, ou tiveram, existência efetiva em algum momento espaço-temporal fora do universo ficcional, e também aos procedimentos vinculados ao registro histórico e que são, em muitos casos, aproveitados na constituição do texto literário.

Freitas¹⁸⁰, ao fazer a análise dos romances de Malraux, aponta como aspectos inerentes à história que se inserem nos textos literários: a sequência dos acontecimentos históricos; o conjunto de informações gerais sobre a situação

¹⁷⁸ FREITAS, Maria Teresa. *Literatura e História: O romance revolucionário de André Malraux*. São Paulo: Atual, 1996.

¹⁷⁹ Ibid.

¹⁸⁰ Ibid.

histórica; a análise de situações históricas específicas; as reflexões sobre a história em geral e as técnicas de autenticação do discurso.

A sequência dos acontecimentos históricos aparece de maneiras e em graus diferenciados no interior do texto literário. Os acontecimentos históricos podem ser aproveitados como tema do texto literário. Nesse caso, constituem o foco central da ação narrativa, aparecendo em primeiro plano; ou dividem com outro assunto o foco principal; ou ainda, aparecem em segundo plano, fazendo o pano de fundo para a narrativa. Nesses casos, os textos literários, em geral, tematizam momentos de grande importância para a sociedade focalizada.

A inserção de um conjunto de informações gerais sobre a situação histórica no corpo do texto literário é uma prática corrente entre uma significativa parcela dos escritores literários¹⁸¹. Essa inserção ocorre de maneiras distintas e abrange uma vasta gama de dados. Contudo, é possível que o autor não tenha a intenção deliberada de apresentar informações históricas no texto que está produzindo. Em alguns casos, essas informações inserem-se no texto de modo quase inconsciente, uma vez que até mesmo uma descrição de uma dada ação, ocorrida em um dado momento, revela a possibilidade de constituir-se como matéria histórica. Essa situação ocorre, por exemplo, se o autor optar por escrever a respeito do período de sua contemporaneidade.

Em alguns casos, o conjunto de informações gerais sobre a situação histórica é apresentado na forma de um grande painel, que fica ao fundo da trama central da narrativa. No caso dessa apresentação em forma de painel, a exposição da situação histórica abrange uma vasta gama de dados. Esses dados podem referir-se à época, ao país ou região, a hábitos, costumes, crenças e preconceitos do povo, ao pensamento, aos valores morais, à situação política, econômica e cultural vivida e suas consequências sobre a vida do povo, às entidades de existência histórica, aos personagens e ao conflito históricos, aos afazeres do cotidiano. A inserção de um conjunto de informações gerais sobre a situação histórica em forma de painel tende

¹⁸¹ Queremos salientar que, apesar de empregarmos, em alguns momentos, os termos literário e ficcional de modo aparentemente indiferenciado, nos mantemos dentro da perspectiva segundo a qual todo o texto narrativo literário é ficcional, mas nem todo texto ficcional é literário, podendo haver a ficção histórica, a ficção antropológica, dentre outras.

a possibilitar ao leitor formar uma espécie de quadro mental da época em que se passa a trama da narrativa.

O conjunto de informações gerais sobre a situação histórica pode ser inserido no texto literário também de outras formas. Essas informações podem ser colocadas nos romances através das descrições que servem de introdução à ação; através de cenas ou episódios ilustrativos ou simbólicos com relação ao quadro histórico; nos diálogos, através dos posicionamentos assumidos pelas personagens; no discurso narrativo, pelas observações e reflexões dos narradores; através de acontecimentos secundários presentes na trama narrativa; pelo comportamento e pelas ações das personagens.

As análises de situações históricas específicas e as reflexões sobre a História em geral, quando são inseridas no texto literário aparecem em diversas situações: através de comentários e descrições feitas pelo narrador ou pelas personagens; ou através de diálogos e discussões entre personagens. As análises e discussões a respeito da história, em geral, são expostas nos acontecimentos secundários de que trataremos adiante.

As técnicas de autenticação do discurso (TAD) são recursos próprios do processo de escrita da História, que permitem estabelecimento de uma relação entre as narrativas e um referente extratextual histórico. Essas técnicas caracterizam-se por procedimentos de datação, de localização espacial, de referência a acontecimentos, personagens e instituições históricas, pelo recurso a documentos e arquivos, pelo uso de notas de rodapé e, acrescento ainda, a presença de referências bibliográficas ao final do texto. As técnicas de autenticação do discurso situam os fatos históricos dentro do contexto das narrativas romanescas, concomitantemente, situam a trama narrativa no contexto histórico. O emprego de TADs tem como efeito, conferir maior autenticidade ao universo criado no texto, investindo a narrativa de uma pseudo-autoridade, liberando uma impressão de confiabilidade, que objetiva influenciar e envolver o leitor.

Conforme mencionado anteriormente, o ser humano inventou os calendários, criando dessa forma o *tempo histórico*; isto com o intuito de organizar a experiência

vivida no *tempo cósmico*. Sendo assim, o procedimento de datação constitui, por excelência, o método do historiador para estudar seu objeto. A história é essencialmente cronológica, uma vez que o acontecimento histórico forçosamente situa-se em algum momento na linha do tempo. A inserção de datas no texto literário se faz de diferentes maneiras, em graus diversos (um número maior ou menor de datas explicitadas ou, mesmo, implícitas na referência a algo que imediatamente remete a uma data, época, período) e com objetivos diferenciados.

Em algumas obras literárias, a inserção de datas na narrativa é realizada sistematicamente, de modo preciso e referencial – estabelecendo uma relação entre a cronologia do romance e a cronologia oficial –, conferindo, dessa forma, um aspecto documental ao texto. Em outras obras, as datas colocadas no corpo do texto podem não ser precisas (dia, mês, ano), ou podem não estar de acordo com a cronologia oficial. Nesses casos, o uso de datas confere ao texto um sentido pseudo-documental, em que o *como-se* da literatura torna-se mais explicitado¹⁸². O emprego desse tipo de processo de datação pode ter como objetivo o questionamento do discurso histórico oficial, a indicação de que tanto a literatura quanto a história são construtos discursivos, ou ainda, a afirmação das fronteiras entre discurso literário e discurso histórico.

Segundo Linda Hutcheon¹⁸³, informações históricas importantes, dentre elas as datas, podem ser transmitidas através da voz de narradores ou personagens situados à margem da sociedade, também chamados por ela de ex-cêntricos, são eles os: bêbados, loucos, drogados, reconhecidos mentirosos ou crianças. Acrescento, ainda, as mulheres a esse grupo, principalmente se foram consideradas criminosas e sofreram algum tipo de condenação. Outro grupo de narradores e personagens desprovidos de credibilidade para apresentar dados históricos são os doentes em delírio febril ou à beira da morte, especialmente se tentam rememorar fatos ocorridos muito tempo antes do momento que estão vivendo. Narradores notoriamente parciais também têm sua confiabilidade diminuída ou relativizada.

¹⁸² O reconhecimento dessa explicitação, entretanto, depende do nível de conhecimento do leitor sobre o assunto.

¹⁸³ HUTCHEON, Linda. Metaficção historiográfica: “o passatempo do tempo passado”. In: *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p.141-162.

A enunciação de elementos históricos através de personagens desprovidos de status social (e conseqüentemente de credibilidade) sugere, por um lado, que a história não pode se restringir a uma versão única (a dos vencedores), mas que deve abrir-se às vozes dos diversos segmentos envolvidos nos fatos passados. Por outro lado, evoca o fato de que a história constitui-se sempre como discurso de um indivíduo, sendo, por essa razão, parcial e vinculada ao lugar individual, político, social e cultural de onde emana.

Outro aspecto ligado à temporalidade, que pode inscrever-se à narrativa literária, é apontado por Maria Tereza Freitas¹⁸⁴ como *cronologia longa*. Os elementos que compõe a *cronologia longa* são referências cronológicas a acontecimentos situados fora do tempo da narrativa propriamente dita, mas que tem alguma relação com ele: são alusões a fatos passados que de certa forma teriam provocado os acontecimentos que fazem parte da trama narrativa apresentada ou previsões de acontecimentos que decorrerão deles.

A localização espacial precisa e referencial explicitada no texto é um procedimento relevante que se vincula diretamente ao procedimento da datação no processo de escrita da história. Em um texto literário, a definição do cenário da ação aproveitando espaços precisos e referenciais provoca no leitor a impressão de que a ação narrada está colocada no lugar onde ela efetivamente ocorreu. Localizar a ação em espaços precisos e referenciais significa que os locais onde ocorrem os fatos e, também, aqueles a que os textos fazem alguma alusão, têm existência concreta; que os personagens deslocam-se em espaços reconhecíveis, ligados à realidade externa ao universo textual.

Ao usar a expressão personagens históricos (PH) refiro-me a personagens que tiveram existência efetiva, em um dado momento, e que, de alguma forma, participaram dos acontecimentos históricos, de modo que seus nomes ficaram registrados e chegaram até nós. Os personagens históricos se inserem na narrativa ficcional de maneiras diversas. Em algumas obras literárias (O.L.) aparecem como

¹⁸⁴ FREITAS, 1996.

protagonistas da narrativa¹⁸⁵, em tudo atuando como caracteres centrais. Quando o foco central da narrativa envolve um determinado acontecimento histórico, os personagens históricos revelam, em muitos casos, uma participação relevante no todo do conflito, sendo, ou não, focalizados nas particularidades de sua personalidade.

Os personagens históricos podem ainda, em uma O.L., aparecer à distância, como ícones das facções em luta pelo poder em um determinado momento histórico¹⁸⁶. Em alguns casos, os P.H têm uma pequena atuação no conflito apresentado pela narrativa, mas têm grande participação nos acontecimentos históricos referidos. Em outros casos, os P.H são, mesmo que ligados aos acontecimentos históricos narrados, apenas mencionados na narrativa romanesca. Os P.H. podem, ainda, pertencer à *cronologia longa*, e constituir ponto de referência histórica. Nos casos em que o P.H. é apresentado apenas como um representante histórico, sua vida pessoal, os caracteres psicológicos e o destino individual não são focalizados nas narrativas literárias. E as descrições físicas, quando existem, são elaboradas de acordo com as das fotos conhecidas.

As entidades históricas são aqueles organismos, grupos sociais, políticos ou religiosos que aparecem no corpo da narrativa e que têm existência histórica comprovada: a monarquia, a igreja, os partidos políticos, por exemplo.

O recurso aos documentos na escrita de textos literários (TL) é uma transposição direta dos procedimentos de pesquisa e de autenticação inerentes aos discursos da história. Os documentos podem inscrever-se de diversas formas na narrativa literária. Em muitos casos, os documentos servem como fonte de pesquisa à produção da literatura e são introduzidos no corpo do texto através da presença de dados de ordem histórica. Outra forma de inserção de documentos nas narrativas literárias é a transcrição integral do documento no interior do texto. A inserção de documentos no TL através de transcrições evita a responsabilização das entidades ficcionais pelas informações veiculadas. Os documentos podem ser descritos,

¹⁸⁵ Notadamente isso ocorre no romance histórico contemporâneo, assim consideradas aquelas obras produzidas a partir da segunda metade do século XX.

¹⁸⁶ Esta é a forma como os personagens históricos são tradicionalmente incluídos no romance histórico de acordo com a teoria de Georg Lukács, apresentada no texto *La novela histórica*.

mencionados, discutidos ou analisados através do discurso do narrador ou das personagens. A seleção dos documentos utilizados na elaboração de um TL chama atenção para a presença, muitas vezes mascarada, de uma entidade organizadora do discurso.

A utilização das notas de rodapé denuncia uma intenção explicitamente didática por parte do narrador. Contudo, pode revelar também um pseudo-didatismo, ao apresentar, algumas vezes, informações puramente imaginárias, outras, infrações ao registro histórico. Ao utilizar notas de rodapé o narrador reforça a imagem de detentor de um saber que compartilha com o leitor.

Em alguns casos, os textos literários podem apresentar informações históricas deformadas, deslocadas, modificadas, incorretas e até com aspecto caricatural, pode, ainda, desconsiderar informações históricas consideradas relevantes. Nesses casos, segundo Maria Teresa Freitas¹⁸⁷, a literatura está infringindo a história.

Os comentários que, com base no texto de Freitas¹⁸⁸, fiz até este ponto, dizem respeito à inclusão, nos textos literários, de elementos retirados do registro histórico. Procedimento este que tem como resultado que a constituição do TL se faça através de uma reunião de elementos puramente imaginários e elementos de existência histórica. A Pergunta que tento responder a partir deste ponto é: De que maneira a história insere-se na constituição dos elementos puramente imaginários que compõem o texto literário?

Segundo Freitas¹⁸⁹, uma das formas da história se inserir na parcela puramente imaginária do TL efetua-se quando estes elementos representam aspectos da realidade sócio-histórica. Em um texto literário que tematiza centralmente a matéria histórica, os episódios fictícios podem tomar a forma de acontecimentos: a) secundários, quando ocorrem em consequência do acontecimento central, mas tem uma importância menor na narrativa; b) autônomos,

¹⁸⁷ FREITAS, 1996.

¹⁸⁸ Ibid.

¹⁸⁹ FREITAS, 1996.

ou paralelos, quando não ocorrem em consequência direta do acontecimento central.

Os acontecimentos secundários são as situações envolvendo personagens fictícios e, as vezes, também um ou outro personagem histórico, em que o diálogo predomina: reuniões, conversas informais, encontros diversos, discussões. No romance *The concubine*, de Nora Lofts¹⁹⁰, as conversas de Anne Boleyn com a criada mais próxima, a personagem ficcional Emma Arnett, são exemplos de acontecimentos secundários. A serviçal é uma protestante que, a serviço da causa religiosa, manipula sua senhora por anos a fio, administrando-lhe um xarope de papoula (morfina), cuja última dose é dada em sinal de amor e misericórdia momentos antes da execução de Anne. A cada um desses eventos, o leitor mantém contato com um número maior de informações sobre o momento histórico e as questões em voga na época. As prisões, os assassinatos, os interrogatórios, as torturas de personagens fictícios que o leitor acompanha através do texto são também acontecimentos secundários que concorrem para a configuração da situação histórica. Esses acontecimentos representam atividades previsíveis em momentos registrados pela história. No corpo do texto literário, os dados puramente imaginários se mesclam aos referenciais, de modo que acabam por se fundir em um quadro ficcional enraizado na realidade exterior. Os episódios fictícios apresentados na narrativa literária como consequentes de uma dada situação histórica auxiliam na visualização do momento focalizado. Isso se dá na medida em que os acontecimentos secundários constituem, em geral, ocorrências possíveis em situações históricas.

Os acontecimentos autônomos ou paralelos são aqueles referentes, sobretudo, à vida pessoal das personagens. Os acontecimentos paralelos podem ser uma incursão ao passado de uma determinada personagem, cenas de amor ou contratempos domésticos.

¹⁹⁰ O romance *The Concubine* (1963), de Norah Lofts, não faz parte do corpus, mas foi um dos textos cuja leitura foi feita durante o processo de seleção de material; é um texto rico e considerado um dos clássicos sobre Anne Boleyn, só foi excluído do corpus diante da necessidade de limitar o foco da pesquisa. A referência completa está ao final, na seção das referências bibliográficas.

Outro modo pelo qual a história se faz presente na parcela puramente imaginária dos textos literários é através dos personagens de existência fictícia que atuam na trama narrativa. Os personagens fictícios (P.F.) são, em geral, apresentados de forma coerente com a situação histórica delineada no texto. A função desses personagens nas narrativas é a de atuarem como substitutos dos indivíduos que tiveram existência real na época focalizada pela narrativa. Em muitos casos, os personagens fictícios atuam como símbolos de grupos ou correntes de pensamento que podem ter existido no contexto geral da situação histórica descrita nos romances. Esse é o caso de Emma Arnett, personagem do romance *The concubine*, de Norah Lofts¹⁹¹, que representa os reformistas protestantes da Inglaterra. Esses personagens são caracterizados como representantes de um grupo ou categoria social, em função disso, são apresentados como seres humanos que exercem uma função na história, ou seja, assumem um caráter sócio-político.

O processo de construção dos personagens fictícios é composto por uma série de procedimentos. Os P.F. são situados no tempo e no espaço em função do papel que desempenham na história; tanto sua vida pessoal como seu passado é sempre ligado à situação histórica, na medida em que justifica e esclarece sua função e situação atuais; sua maneira de viver, pensar e agir encontra sempre explicação na experiência de vida que tiveram. A configuração dos P.F. de acordo com o referido constitui uma valorização do elemento anônimo nos acontecimentos da história.

Os personagens, fictícios ou históricos, sendo os elementos que movem as ações em uma narrativa passam, em geral, por uma série de conflitos e dificuldades. Essas dificuldades podem revelar-se no âmbito dos conflitos interiores, sendo o indivíduo, nesses casos, obrigado a decidir entre tomar uma atitude que será benéfica para sua vida pessoal e tomar uma atitude que fará o benefício da coletividade. Outra espécie de dificuldade que se apresenta aos heróis é a fatalidade histórica, ou seja, aquilo diante de que o indivíduo experimenta a impotência, para Emma Arnett¹⁹², a fatalidade se faz presente por ocasião do nascimento de Elizabeth – o nascimento de uma menina não garantia a manutenção de Anne no

¹⁹¹ LOFTS, Norah. *The Concubine*. New York: Touchstone, 2008, 452p.

¹⁹² LOFTS, 2008.

poder, ameaçando os planos dos protestantes. Outro exemplo de fatalidade histórica em narrativas literárias é a condenação de Anne à morte; tanto em *Dear Heart* e *Secret diary*, quanto em *The concubine*, esse episódio constitui uma fatalidade histórica que afeta Anne e outros personagens. Essa espécie de situação representada no TL remete à impossibilidade do ser humano de controlar o próprio destino e, em última instância, os rumos da história.

Além de servir-se de elementos e procedimentos diretamente oriundos do registro histórico e de se aproveitar da contribuição histórica mesmo na constituição de seus elementos puramente ficcionais; o texto literário, para alcançar uma expressão mais intensa dos acontecimentos que representa, lança mão de uma série de artifícios. Nesse sentido, o T.L. muitas vezes faz uso de uma série de elementos intensificadores do quadro cênico e da expressão, tais como a pompa, o patético e o dramático. A pompa está ligada à idéia de cerimonial ou culto: são as cerimônias, desfiles, cortejos, manifestações, tudo aquilo que diz respeito, direta ou indiretamente, à multidão. O patético está relacionado ao exercício do terror e da piedade; manifesta-se pelas evocações de ternura, piedade, sofrimento, medo, terror, morte, violência, é o caso do relato da execução de Anne, no romance *The concubine*, e dos momentos que antecedem e sucedem a morte da personagem. O dramático é o que torna sensível ao leitor os perigos pelos quais os heróis passam; consiste na materialização dos conflitos sob a forma de combates, batalhas, lutas, ataques armados. Pela tensão que provoca, representa os obstáculos que o herói deve vencer para o êxito da ação. O dramático se revela em momentos em que os heróis passam por uma grande proximidade à morte. A presença desses elementos no texto literário, pela força emotiva de que se revestem, aumenta a intensidade com que o texto se revela ao leitor.

2.3.5 O romance histórico

A teoria do romance histórico foi fundada por Georg Lukács¹⁹³, na obra *La*

¹⁹³ LUKÁCS. Georg. *La novela historica*. Mexico: Bibliotera, 1966.

novela histórica, de 1955, texto em que o teórico situa o surgimento desse gênero no início do século XIX, mais precisamente em 1914, com a publicação de *El Waverley*, do romancista inglês Walter Scott. O modelo descrito por Lukács naquela obra extensa e seminal tornou-se conhecido como romance histórico clássico (RHC).

Que tipo de narrativas são chamadas de romance histórico? Segundo Lukács, para que um romance seja considerado histórico é necessário que aquilo que é excepcional na atuação de cada personagem derive da singularidade histórica da época que está sendo retratada. Ou seja, é necessário que haja, subjacente ao texto, uma consciência do sentido histórico e de suas consequências. De acordo com Seymour Menton¹⁹⁴, no sentido mais amplo, todo romance é histórico, na medida em que, em graus variados, retrata o ambiente social no qual as personagens atuam. Contudo, reaproveitando das palavras de George Orwell¹⁹⁵, eu diria que todo romance é histórico, mas alguns romances são mais históricos que outros.

No dizer de David Cowart¹⁹⁶, pelo menos é necessário que o passado figure com certa importância ou, conforme estabeleceu Lukács¹⁹⁷, que os sucessos derivem das circunstâncias históricas. Concordo com Cowart, pois acredito que para que se enquadrem na categoria literária específica denominada romance histórico, os romances têm que revelar em sua constituição uma relação mais estreita e constante com a história.

Segundo de Fredric Jameson¹⁹⁸, romance histórico é aquele que: “articula uma oposição entre um plano público ou histórico (definido seja pelos costumes, acontecimentos, crises ou líderes) e um plano existencial ou individual, denotado pela categoria narrativa que denominamos personagens.” O autor complementa

¹⁹⁴ MENTON, Seymour. Christopher Columbus and the new historical novel.” In *Hispania Magazine*, número 75. October, 1992, p.930-940.

¹⁹⁵ “Todos os bichos são iguais, mas alguns bichos são mais iguais que outros.” (ORWELL, 2007, p.106)

¹⁹⁶ COWART, David. “Time present and time past: History and the contemporary novel” in *History and the contemporary novel*. USA: Southern Illinois University Press, 1989, p.1-30.

¹⁹⁷ LUKÁCS, 1966.

¹⁹⁸ JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível?. *Novos estud.* - CEBRAP, 2007, vol., no.77, p.185.

ainda afirmando que o que torna um romance histórico “não é apenas a representação de um período de transição histórica, mas também, e em larga medida, a encenação de uma revolução e de uma contra-revolução.”¹⁹⁹. Em outras palavras, a focalização de um processo de transformação de uma sociedade contraposta a um movimento de recusa a essa transformação.

Lukács²⁰⁰ determina os aspectos característicos do romance histórico clássico, dentre os quais sobressaem: a tematização do passado histórico de uma nação; a perseguição da “objetividade histórica”²⁰¹; a pesquisa às fontes (documentos, rastros, etc); configurações temporal e espacial bem definidas e ordenadas em concordância com dados históricos; refiguração de personagens e acontecimentos históricos. Ao tematizar o passado histórico de uma nação, o romance histórico clássico procura retratar não o processo contínuo de desenvolvimento, mas sim os momentos de crise da sociedade em questão. A sociedade focalizada no romance histórico clássico é revelada através de uma vista panorâmica, obtida pela descrição da vida do povo, dos costumes, dos hábitos, do pensamento, da moral e das circunstâncias que rodeiam os acontecimentos. Segundo Lukács²⁰², a tematização do passado histórico evidenciada no romance histórico clássico tem como objetivo alcançar uma representação “verídica”²⁰³ da vida histórica e, em função disso, vale-se de instrumentos próprios da pesquisa histórica, como fontes e rastros.

No que diz respeito à refiguração das personagens históricas, no romance histórico clássico, estes permanecem em um plano secundário na ação, não ocupando a posição de protagonistas. Os heróis históricos são apresentados como tipos representativos das facções em luta, configurados como ícones das correntes sociais e dos poderes históricos que representam. A representação dessas

¹⁹⁹ JAMESON, 2007, p.186.

²⁰⁰ LUKÁCS, 1966.

²⁰¹ Utilizamos a expressão empregada pelo autor, embora reconheçamos a impossibilidade de uma completa objetividade do texto histórico, assim como de qualquer outro, por essa razão a colocamos entre aspas.

²⁰² LUKÁCS, 1966.

²⁰³ Utilizo a expressão empregada pelo autor, embora reconheça a impossibilidade de a história, uma vez que se constitui textualmente, apresentar a ‘verdade’, por essa razão a colocamos entre aspas. Em adição a isso, creio que a expressão ‘verídica’, no caso, foi empregada no sentido de ‘o mais realista possível’.

personagens não abrange o âmbito de sua vida privada, nem a complexidade humana e psicológica. Outro aspecto relativo às personagens históricas que não é abordado no romance histórico clássico é o seu surgimento ou sua trajetória de formação. Contrariamente, são introduzidos no momento que representa o auge de sua atuação histórica e após uma configuração completa da crise pela qual a sociedade está passando. Dessa forma, as personagens históricas são apresentadas como a figura que deveria surgir para resolver determinada situação histórica.

O processo histórico também não aparece como foco central da narrativa, permanecendo como uma espécie de “pano de fundo” para o enredo principal. No romance histórico clássico, o primeiro plano da narrativa é ocupado por um drama pessoal – vivido por personagens puramente ficcionais²⁰⁴ –, que se desencadeou em consequência da situação histórica que permanece ao fundo. Essa peculiaridade do romance histórico clássico concorre para que as transformações históricas sejam retratadas como transformações na vida do povo.

A partir da segunda metade do século XX, o romance histórico tem apresentado modificações significativas em relação ao modelo clássico, produzido no século XIX e teorizado por Lukács²⁰⁵. O novo romance histórico (NRH) continua a tematizar o passado histórico, entretanto, não mais com a pretensão de revelar-se como uma representação verídica desse mesmo passado, mas sim como uma problematização das versões admitidas da história.

Seymour Menton²⁰⁶ define traços característicos do novo romance histórico. O primeiro é a subordinação da representação de um período histórico à apresentação de algumas idéias filosóficas, tais como: a impossibilidade de se conhecer a verdade histórica ou a realidade, o caráter cíclico da história e, paradoxalmente, sua imprevisibilidade. O segundo diz respeito à distorção consciente da história mediante omissões, exageros e anacronias; acrescentamos

²⁰⁴ Personagens puramente imaginários, ou seja, que não tiveram existência efetiva no momento histórico representado.

²⁰⁵ LUKÁCS, 1966.

²⁰⁶ MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

aqui qualquer outra espécie de modificação que deforme os dados do registro histórico. O terceiro constitui a humanização das personagens históricas, em muitos casos, transformadas em protagonistas das narrativas; incluímos aqui a focalização do processo histórico, em um número significativo de casos, no primeiro plano narrativa. Outros procedimentos empregados no novo romance histórico, mencionados por Menton²⁰⁷, são: intertextualidade, metaficcionalidade, carnavalização, paródia, ironia, polifonia e dialogismo.

Com relação ao tratamento conferido às personagens históricas, estas se tornam entes legitimamente ficcionais ao assumirem o papel de protagonistas. De acordo com Linda Hutcheon²⁰⁸, no novo romance histórico²⁰⁹, contrariamente ao modelo estabelecido por Lukács²¹⁰, as personagens históricas não são necessariamente relegadas ao segundo plano da narrativa:

os protagonistas da metaficção historiográfica são tudo menos tipos, propriamente ditos(...). Até os personagens históricos assumem status diferente, particularizado e, em última hipótese, ex-cêntrico (...). Não existe nenhuma noção de universalidade cultural. Em sua reação à história, pública ou privada, o protagonista de um romance pós-moderno (...) é declaradamente específico, particular, individual condicionado cultural e familiarmente.²¹¹

Os personagens históricos, nesse novo romance, não constituem uma descrição microcômica dos tipos sociais representativos, pois passam a ser revelados em toda a sua complexa e fragmentada individualidade humana, são humanizados pela apresentação de suas virtudes, fraquezas, defeitos. Essa nova dimensão da personagem histórica se deve a focalização de sua vida psicológica e pessoal. Além das personagens históricas, também a matéria histórica passa, em um número significativo de casos, para o primeiro plano da narrativa, contrapondo, de forma ainda mais direta, o discurso literário ao discurso histórico.

A intertextualidade primeira do romance histórico é com a própria história, pode, contudo, estender-se aos mais diversos tipos de textos, caracterizando

²⁰⁷ MENTON, 1993.

²⁰⁸ HUTCHEON, 1991, p.141-162.

²⁰⁹ Hutcheon se refere ao novo romance histórico empregando o termo metaficção historiográfica.

²¹⁰ LUKÁCS, 1966.

²¹¹ HUTCHEON, 1991, p.15.

metaficcionalidade quando se faz com a literatura, a teoria, a história e a crítica literárias; que é o que ocorre sempre que aparecem reflexões sobre o próprio texto ou referências a outros textos literários ou críticos no corpo da narrativa. A polifonia se configura quando a intertextualidade se faz com outros tipos de discurso, tais como cartas, diários, jornais, receitas de cozinha, documentos, etc.; e também quando o texto acolhe os registros oral e escrito, e diversas variedades da língua (variante social, regional, de faixa etária, de gênero etc.).

A intertextualidade no novo romance histórico é, em muitos casos, paródica, empregando recursos como carnavalização (inversão das hierarquias, exageros cômicos e das funções orgânicas, deformações) e ironia (negação através da afirmação aparente, ou vice-versa). O dialogismo se faz presente quando o texto projeta diferentes visões de mundo, versões diferentes dos fatos e das personagens.

Além das características já mencionadas, acrescento ainda fragmentação dos elementos espaciais, temporais, humanos, históricos e discursivos. A configuração espacial fragmenta-se a partir das mudanças abruptas de cenário, que pode, de uma cena a outra, deslocar-se a grandes distâncias. As configurações temporais no novo romance histórico podem apresentar cortes bruscos, inversões ou subversões da cronologia histórica, provocando, dessa forma, o rompimento tanto da linearidade quanto da precisão histórica, verificada no romance histórico clássico do século XIX. A fragmentação do elemento humano se dá com a focalização de sua complexidade, na qual muitas vezes revela-se contraditório e multifacetado. A desintegração do discurso ocorre principalmente no nível da trama, que, em muitos casos, passa a ser apresentada em uma ordem radicalmente diversa daquela da história.

Tomo, aqui, em consideração que o texto de Menton²¹² foi escrito a partir da leitura de romances latino-americanos, em adição a isso, os elementos que acrescentei ao paradigma do novo romance histórico exposto advém das análises que realizei em estudos baseados em romances sul-rio-grandenses. Resta saber em

²¹² MENTON, 1993.

que medida a teoria do novo romance histórico (latino-americano) aplica-se ao romance histórico contemporâneo de Língua Inglesa escrito por mulheres. A observação dos traços narrativos, à luz do modelo teórico existente é que revelará, ou não, um outro paradigma de romance histórico (RH). E talvez, até mesmo, um romance histórico peculiar a escritoras oriundas de países falantes de língua inglesa.

Vozes da ficção



4. Wendy Jean Dunn (Melbourne, Australia)



5. David Starkey (Kent, England\ UK)



5. Eric William Ives (Birmingham, England\UK)



6. Robin Maxwell (Pionertown, Califórnia, USA)

The most happy



8. Anne Boleyn says a final goodbye to her daughter, Princess Elizabeth, Gustaf Wappers (1838).

PARTE I – O RESGATE DA HISTÓRIA PERDIDA

3 A história de Anna Bolena...

Anne Boleyn²¹³, personagem histórica, cuja trajetória constitui o tema comum às narrativas sob análise, nasceu na Inglaterra, no século XVI, contudo, a data de seu nascimento é ainda hoje controversa. Segundo Eric Ives²¹⁴, atualmente, os historiadores concordam que possa ter sido entre 1501 e 1507, e se dividem em duas facções, uma que opta pela primeira data, a outra pela segunda. O pai de Anne foi o cortesão Thomas Boleyn e a mãe, Elizabeth Howard, filha do Duque de Norfolk. Anne teve um irmão, George, e uma irmã, Mary.

Segundo David Starkey²¹⁵, Joanna Denny²¹⁶ e Eric Ives²¹⁷, Anne recebeu uma educação sofisticada. Em 1513, foi enviada para a corte da arqueduesesa Margarete²¹⁸, filha do imperador Maximiliano I²¹⁹ e regente da Áustria e Países Baixos. A arqueduesesa era uma mulher poderosa, senhora absoluta de sua corte e de sua vida, pois ao tornar-se viúva, optou por não casar novamente. De acordo

²¹³ As informações referentes à biografia de Anne Boleyn apresentadas neste projeto foram obtidas nos textos de Eric Ives e Joanna Denny, cujas referências bibliográficas completas se encontram ao final do projeto. Eric Ives é um respeitado historiador acadêmico, professor emérito da Universidade de Birmingham, na Inglaterra. Joanna Denny, que era descendente do serviçal mais próximo de Henry VIII nos últimos anos de seu reinado, foi romancista, mas a última obra que escreveu antes de falecer, em 2006, foi uma biografia de Anne Boleyn. Gostaríamos de salientar também que as obras aqui utilizadas como fontes de referência histórica trazem uma longa seção de referências bibliográficas ao final, as quais coincidem na maioria dos títulos citados.

²¹⁴ IVES, 2007. No entendimento de Eric Ives, Anne Boleyn nasceu em 1501.

²¹⁵ STARKEY, 2004.

²¹⁶ DENNY, Joanna. *Anne Boleyn: A new life of England's tragic queen*. Philadelphia: Da Capo Press, 2007. O livro de Joanna foi um dos textos lidos no período de seleção do corpus.

²¹⁷ IVES, 2007.

²¹⁸ A fonte dessa informação, utilizada por Denny e Ives, é a correspondência entre Thomas Boleyn, pai de Anne, e a arqueduesesa Margarete. Duas cartas são referidas pela biógrafa. A primeira em que Thomas pede à arqueduesesa que receba sua filha Anne na corte. A segunda em que a arqueduesesa elogia os talentos e o comportamento da jovem Boleyn, já então sob sua tutela.

²¹⁹ Maximiliano Habsburgo, imperador do sacro-império durante o período de 1508 a 1519, cujo sucessor foi Carlos V.

com Ives²²⁰, o período de cerca de um ano, durante o qual Anne viveu sob a influência da arqueduchessa foi decisivo na formação da personalidade dela. A corte imperial era uma das mais sofisticadas da Europa, na época, e foi uma das primeiras a incentivar o florescimento das artes na Renascença. Lá, Anne foi encorajada a desenvolver seu talento musical e dividiu lições com o futuro imperador Carlos V e suas irmãs, Eleanor (posteriormente rainha de Portugal e da França), e Isabel (posteriormente rainha da Dinamarca).

Em 1514, com o casamento de Mary Tudor, irmã de Henrique VIII, com o rei da França, Luis XII, Anne é enviada à corte francesa para servir, assim como sua irmã, Mary, como dama de companhia à rainha. Mesmo após a morte de Luis XII, em 1515, com a volta de Mary Tudor à Inglaterra, Anne permaneceu na França por mais seis anos, sob o reinado de Francis I, como dama de companhia da rainha Claude.

Após anos de treinamento nas sofisticadas cortes da Burgúndia e da França, Anne retornou à Inglaterra em 1521 e fez sua primeira aparição na corte londrina em uma festividade em março de 1522. De acordo com Joanna Denny²²¹ e David Starkey²²², Anne despertou o interesse de Henry VIII desde o primeiro momento. Eric Ives²²³, no entanto, acredita que isso aconteceu somente em 1525, ano em que uma carta do próprio Henry VIII a Anne Boleyn declara esse interesse.

A partir do momento em que Henry VIII demonstrou claramente seu interesse por ela, não desejando ter a desvantajosa sorte de uma amante²²⁴, Anne passou a esquivar-se do assédio do rei, sem, no entanto, demonstrar desprezo pelo monarca²²⁵. Henry, segundo Ives²²⁶ e Starkey²²⁷, já intencionava divorciar-se de

²²⁰ IVES, 2007.

²²¹ DENNY, Joanna. *Anne Boleyn. A new life of England's tragic Queen*. Philadelphia: Da Capo Press, 2007. Com relação a esse aspecto, Denny retira informações das obras de Cavendish.

²²² STARKEY, David. Anne Boleyn. In: *Six wives: the queens of Henry VIII*.

²²³ IVES, 2007.

²²⁴ Além de ser desprezada pela sociedade e pela família, seria rapidamente descartada e se tivesse sorte conseguiria casar-se com um homem de posição muito abaixo daquela de sua família, como ocorreu com Mary Boleyn.

²²⁵ Essa atitude seria demasiadamente perigosa, pois Henry VIII era um homem extremamente vaidoso e violento, habituado a ter todos os desejos atendidos e a ser adulado por todos.

²²⁶ IVES, 2007.

²²⁷ STARKEY, 2004.

Catarina – que não conseguira ter um filho homem –, para tentar obter um herdeiro legítimo através de um novo casamento. Assim, quando se apaixonou por Anne Boleyn, transferiu para a figura dela a expectativa de um herdeiro e decidiu tomá-la como esposa.

Todavia, o divórcio não foi um processo fácil. Catarina de Aragão era filha de Fernando e Isabela, rei e rainha da Espanha, e tia do imperador Carlos V, que representava uma séria ameaça para o Papa e o Vaticano. Por tudo isso, Henry VIII só conseguiu o divórcio separando-se da Igreja Católica e autoproclamando-se Chefe da Igreja na Inglaterra²²⁸, dando, assim, origem à igreja anglicana.

A ruptura com a igreja católica, e a rejeição de Catarina de Aragão, foram atitudes que isolaram a Inglaterra em relação aos demais países europeus, colocando-a em uma situação política delicada, com alto risco de deflagração de conflitos armados externos e internos. A Inglaterra tornou-se vulnerável a ataques do Vaticano e do Império. E por outro lado, em nível de política interna, a atitude do rei foi reprovada por grande parte da população, que amava a rainha Catarina, principalmente pelas mulheres casadas, que temiam que o comportamento do rei abrisse precedente para que os homens se sentissem livres para trocar suas esposas por mulheres mais jovens. A insatisfação da população com o divórcio de Henry VIII gerou o risco de uma nova guerra civil.

Mesmo com todas as turbulências políticas internas e externas, Henry VIII e Anne Boleyn casaram-se em 1533. Daquela união nasceu, não o filho homem desejado pelo rei, mas uma menina, que se tornou, anos mais tarde, Elizabeth I, monarca que reinou por quarenta e cinco anos e transformou a Inglaterra em uma das grandes potências européias.

De acordo com Eric Ives²²⁹, em 1536, sem ter conseguido dar à luz ao menino almejado pelo rei, Anne tornou-se vulnerável às intrigas de seus opositores. Assim, foi acusada de tê-lo seduzido através de bruxaria, de tramar a morte do rei,

²²⁸ Aqui, por razões pragmáticas, simplifiquei ao máximo a explicação do complexo processo matrimonial de Henry VIII e Anne Boleyn, bem como, da reforma religiosa na Inglaterra.

²²⁹ IVES, 2007.

da princesa Mary e do duque de Richmond, de ter cometido incesto com seu irmão, George Boleyn, e adultério com outros cinco homens: Henry Norris, Francis Weston, William Brereton, Marc Smeaton (o único que não fazia parte da nobreza e que, sob tortura, confessou as acusações recebidas) e Sir Thomas Wyatt (o poeta, o único que não foi levado a julgamento e que recebeu a liberdade).

Julgada e condenada à morte pelas acusações recebidas, Anne Boleyn foi decapitada na Torre de Londres no dia 19 de maio de 1536. O corpo da rainha Boleyn foi colocado em um sepulcro sem qualquer identificação, no interior da capela de Saint Peter, localizada nas dependências da própria Torre. Com aquela terrível condenação, a memória de Anne Boleyn foi irremissivelmente manchada com as máculas de incesto, bruxaria e adultério.

Apesar do curto reinado, tanto Ives²³⁰ quanto Starkey²³¹ concordam que Anne Boleyn influenciou fortemente a corte, a religião e a política na Inglaterra por mais de dez anos, período em que Henry VIII se manteve interessado nela. Na corte inglesa, vinte anos de silêncio absoluto em torno do nome de Anne se sucederam à morte dela e a imagem que dela prevaleceu e difundiu-se, por quase cinco séculos, tornando-se plena em sua aceitação pelo senso comum, foi aquela, por um lado, delineada por seus inimigos²³² e, por outro, estabelecida pela sentença que a condenou à morte.

Após a morte de Anne Boleyn, quase todos os objetos que lhe pertenceram, a maioria dos registros oficiais a respeito dela, assim como todos os retratos feitos na época de sua vida foram destruídos²³³. Ou seja, foi feito um grande esforço no sentido de negar a importância de Anne através de um processo de apagamento dos vestígios da passagem dela sobre a terra²³⁴. Esse foi um movimento deliberado

²³⁰ IVES, 2007.

²³¹ STARKEY, 2004.

²³² Nomeadamente os católicos daquela época, a começar pelo próprio Papa, todos os membros da corte que temiam seu poder sobre o rei, Mary I (filha de Henry VIII e Catarina de Aragão) e seus aliados. Isso sem mencionar o próprio patriarcado, pois Anne representava uma ameaça por seu poder, independência e exemplo de rebeldia.

²³³ Não restou um só retrato de Anne feito durante sua vida, todos os retratos existentes são baseados em originais 'perdidos' ou fruto de pura inspiração.

²³⁴ Um dos índices mais óbvios desse processo é que nem sequer foi permitido que se colocasse o nome de Anne no local onde foi enterrada (sob o altar na capela de São Pedro *ad Vincula*,

para, além de denegrir a imagem dela, relegá-la ao esquecimento. Por essa razão, Anne foi, por muito tempo, pouco lembrada pelo papel histórico que exerceu; e, por outro lado, muito lembrada pela condenação e pelas acusações recebidas. Circunstância que, para milhares de pessoas, justifica perfeitamente a morte dela.²³⁵

O processo de apagamento sofrido pela personagem histórica torna árdua a tarefa de reconstruir a trajetória e o perfil de Anne, uma rainha sem rosto, cuja data de nascimento é apenas presumível através da reunião de inúmeras peças do quebra-cabeça da história. Restam os comentários a respeito dela registrados nas crônicas da época de sua vida, ou em períodos imediatamente subsequentes. Contudo, esses relatos são tingidos, ora pelo tom de simpatia daqueles a quem ela beneficiou, ora (e em número muito maior) pelo tom beligerante dos opositores²³⁶. Apesar das adversidades, importantes historiadores britânicos²³⁷ têm feito a reescrita da história dessa fascinante mulher.

Contemporaneamente, e com grandes contribuições advindas da publicação de *Inventory of Henry VIII*²³⁸, por David Starkey²³⁹, discursos da história têm reavaliado o perfil e a participação de Anne Boleyn enquanto agente histórico. Esse processo de revisão é extremamente importante, uma vez que Anne foi tradicionalmente vilanizada e teve sua importância relegada pela história

localizada no interior da Torre de Londres). A única identificação possível era feita através de um símbolo que indicava que ali havia sido enterrada uma bruxa.

²³⁵ Um dos comentários mais comuns quando se fala em Anne Boleyn, especialmente quando mencionado que Henry a matou para casar-se novamente, é o seguinte: “Não é bem assim, ela o traiu com vários homens, inclusive com o irmão.” Outros comentários que já ouvi até de professores de história: “Henry VIII deixou a esposa para casar-se com uma prostituta.” Ou “Quem foi Anne Boleyn?” “Ela era uma prostituta.”. (Informação verbal)

²³⁶ Muitos dos comentários sobre Anne escritos na época em que viveu foram feitos por um de seus grandes inimigos, Eustace Chapuys, embaixador do Sacro-Império na Inglaterra durante sete anos. Para entender a natureza dessa inimizade é preciso recordar que o imperador Carlos V era sobrinho de Catarina de Aragão. Ainda, na geração que se seguiu à morte de Anne, Nicolas Sanders, um sacerdote e propagandista católico, também se dedicou a descrevê-la, da pior maneira possível: seis dedos, papo, verrugas, etc. (DENNY, 2007)

²³⁷ Eric Ives e David Starkey.

²³⁸ Eric Ives, na reedição modificada de sua obra *Life and Death of Anne Boleyn* (2004), reconhece a importância dessa publicação para o avanço das pesquisas históricas sobre a vida e a importância de Anne Boleyn na Corte Inglesa do século XVI.

²³⁹ Historiador e pesquisador britânico que se tornou posteriormente uma figura destacada da mídia no Reino Unido. *The Inventory of Henry VIII* foi publicado em três volumes, sendo o primeiro em 1998 e os dois últimos em 2002.

tradicional²⁴⁰. Os procedimentos revisionistas agem no sentido de reverter os processos de vilanização e apagamento-esquecimento, aos quais a personagem histórica foi submetida por cerca de 450 anos.

As duas obras do âmbito da história que compõem o corpus deste estudo foram escolhidas, por um lado, devido à credibilidade de seus autores nos meios históricos e acadêmicos no Reino Unido. E, por outro lado, devido ao tipo de representação de Anne Boleyn que esses historiadores optaram por apresentar. Tanto Starkey²⁴¹ quanto de Ives²⁴² buscam reconstruir com o máximo de complexidade e justiça o passado, a trajetória, os eventos e, o quanto possível, a personalidade, de Anne. Os textos colocados sob estudo fazem parte de pesquisas históricas mais amplas e são peças coerentemente localizadas nas obras dos dois historiadores. Starkey e Ives não fizeram afirmativas com base em incursões breves e inconsequentes pelos anais da história. Anne Boleyn não é santificada em nenhum dos dois textos, mas também não é demonizada e desconsiderada, como nas versões predominantes da história até a metade do século XX.

²⁴⁰ Em algumas obras de história da Inglaterra o nome de Anne não é sequer mencionado, outras admitem que teria sido culpada das acusações sofridas, mesmo com forte evidência de falsidade das mesmas, outras fazem uma referência breve mencionando as circunstâncias de sua morte, ou ainda sugerindo que sua relação com o rei era oriunda de um apelo exclusivamente sexual.

²⁴¹ STARKEY, 2004.

²⁴² IVES, 2007.



9. Anne Boleyn, Artista Desconhecido, NPG, Londres.

4 Legitimando a “Outra” I: Anna Bolena no livro das seis esposas

Anne Boleyn had the gift of arousing strong feelings. People were never neutral: they either loved her or loathed her.²⁴³

4.1 David Starkey

David Starkey é um historiador e apresentador de rádio e televisão britânico. É uma personalidade quase tão polêmica quanto à própria Anna Bolena, estando frequentemente envolvido em querelas e sendo amado e odiado em igual medida. Conhecido pela língua ferina, foi apelidado pelo jornal Daily Mail de “The rudest man in Britain”, ao que ele respondeu que sua personalidade fazia parte de sua imagem. Ou seja, a grosseria faz parte do personagem.

David Starkey nasceu em 1945, em uma família de trabalhadores com uma vida financeira bastante instável. Por seu excelente desempenho na escola, ganhou uma bolsa para estudar em Cambridge, onde graduou-se e doutorou-se em história, especializando-se na Era Tudor. Em Cambridge, atuou como professor por um período, deixando-a em 1972 para viver na atmosfera liberal de Londres, onde atuou como professor de história na London School of Economics até 1998, quando completou trinta anos de carreira no ensino e declarou-se entediado com a profissão.

A primeira aparição de Starkey na televisão foi em 1977, e de lá para cá, tem atuado na mídia radiofônica e televisiva. Fez-se conhecido do grande público em

²⁴³ “Anne Boleyn tinha a dádiva de despertar sentimentos fortes. As pessoas nunca eram neutras, amavam-na ou odiavam-na.” (STARKEY, 2004, p.257, trad.no)

1992, quando se tornou apresentador do programa *The Moral Maze*, na rádio BBC4, um programa em que debatia questões sobre moralidade com outros painelistas. Os documentários que produziu sobre as seis esposas de Henry VIII e Elizabeth I foram grandes sucessos televisivos. Escreveu diversos livros sobre a Era Tudor, suas narrativas fluentes, vívidas e instigantes fizeram dele um autor aclamado pelo público, embora nem sempre pela crítica.

Starkey é professor visitante na Universidade de Kent, membro honorário da National Secular Society, sendo conhecido por seus ataques à igreja católica. Em 2007, por ocasião do aniversário da rainha, foi honrado, recendo o título de CBE da Order of the British Empire, pelos serviços prestados à história.

David fez fortuna com seu trabalho, é um homossexual assumido e ativista na luta por igualdade de direitos para homossexuais e heterossexuais; vive no sul da Inglaterra, com seu companheiro de longa data, o editor James Brown.

4.2 Eis que surge Anna...

*Six wives*²⁴⁴ é um volume coletivo, que agrupa esboços biográficos das seis esposas de Henry VIII, apresentando-as através de uma narrativa clara, acessível e muito criativa²⁴⁵. Starkey trabalhou dois anos na escrita do avantajado volume, publicado pela primeira vez em 2003, que se oferece ao leitor em 852 páginas, não incluídas neste número o sumário, a lista de ilustrações, os diagramas indicando a genealogia das casas de York e Lancaster, a descendência de Lancaster, a família de Henrique VIII e a introdução.

²⁴⁴ STARKEY, 2004.

²⁴⁵ Entenda-se o uso da palavra 'criativa' aqui no sentido que lhe confere Bárbara Tutchman, qual seja, artisticamente arranjado e não inventado: "criador não significa como pensam alguns, aquele que inventa, mas sim dar ao produto uma forma artística." (TUTCHMAN, 1991, p.70)

*Six wives*²⁴⁶ faz parte de uma vasta pesquisa histórica sobre a era Tudor, que deu origem a diversas publicações de David Starkey, incluindo o *The inventory of King Henry VIII*²⁴⁷, em 3 volumes, que revolucionou o que antes era sabido sobre o reinado daquele soberano e especialmente sobre a participação e a importância de Anne boleyn. O historiador escreveu também um livro sobre o reinado de Henry VIII e outro sobre Elizabeth I. A produção científica foi transformada em séries de documentários históricos dramatizados, em que o próprio Starkey é o apresentador-narrador dos episódios, aos quais ele transfere a mesma vitalidade de seu texto.

David Starkey²⁴⁸, na obra *Six wives*, apesar das ironias e alfinetadas distribuídas para todos os lados, posiciona-se a favor das mulheres (ao menos de Catarina de Aragão e Anne Boleyn). O historiador tece uma crítica mordaz ao comportamento de Henry VIII, que sabendo da morte de Catarina, jogou-se avidamente sobre o que havia restado do patrimônio dela. E com relação a esse fato, é cáustico ao comentar que se Henry e Catarina nunca foram casados, afinal o casamento com ela foi anulado, o rei não tinha direito aos bens que ela havia deixado. No entanto, ignorou tudo que estava implicado na anulação do casamento no momento de fazer-se herdeiro de Catarina de Aragão.

Ainda sobre o tema da nulidade dos enlaces matrimoniais de Henry VIII, Starkey²⁴⁹ segue com suas alfinetadas, ponderando que se Henry e Anne nunca foram casados – afinal o casamento com ela foi declarado nulo e Elizabeth uma filha ilegítima –, então Anne não era uma adúltera, uma vez que era apenas uma concubina. O historiador completa ainda, lembrando que aultério só era considerado alta traição e, portanto, punível com morte, se a esposa em questão fosse a rainha. Mas, se Anne era apenas uma concubina, ela na realidade nunca fora rainha; e se o casamento era nulo, Anne era solteira e, portanto, poderia fazer planos de casamento com Norris²⁵⁰ e isso não configurava nenhum crime.

²⁴⁶ STARKEY, 2004.

²⁴⁷ STARKEY, 1998-2002.

²⁴⁸ STARKEY, 2004.

²⁴⁹ Ibid.

²⁵⁰ Essa foi uma das acusações usadas no processo contra Anne Boleyn, de que ela estaria planejando casar-se com Henry Norris após a morte de Henry VIII.

Estabelecendo essa linha de raciocínio, Starkey²⁵¹ dá visibilidade ao fato de que Henry VIII agia exclusivamente de acordo com seus interesses e caprichos. O tirano ignorava e transpunha toda e qualquer circunstância que se colocasse como um obstáculo à realização de seus desejos, ainda que suas ações se revelassem incoerentes e brutais. Nessa medida, o autor já sinaliza à inocência de Anne e a contingência de que as acusações que a levaram à morte foram parte de um golpe que abriria caminho a um novo casamento do rei.

A importância que Starkey²⁵² confere a cada esposa pode ser percebida desde o número de páginas que ele dedica a cada uma no relato. O capítulo dedicado à Catarina de Aragão tem 182, o capítulo de Anne Boleyn tem 327 páginas e o de Jane Seymour tem escassas 24 páginas. Nas exíguas páginas da terceira esposa, o autor passa mais tempo comparando-a a Anne (invariavelmente enaltecendo esta última e desmerecendo Jane); expondo como os nobres católicos apoiadores de Mary, que levaram Jane ao trono foram quase todos levados à torre e executados, por obra de Cromwell, logo após o terceiro casamento ser realizado. E ainda, como Mary, sob ameaça de ser levada à torre, foi obrigada a capitular sua fidelidade ao papa e, pior, até mesmo à mãe, assinando um documento em que declara que o casamento de seu pai e Catarina de Aragão era incestuoso e, portanto, nulo, e ela uma bastarda, sem qualquer direito de reclamar o trono. Outro aspecto destacado pelo historiador nas poucas páginas desse capítulo são as revoltas civis para restaurar o catolicismo (apoiadas por Jane), esmagadas por Henry com verdadeiro sanguinarismo.

Nas poucas linhas que dedica à Jane, Starkey²⁵³ não é nada gentil e emprega irrestritamente os piores comentários de Chapuys sobre ela: sem grande beleza, não muito inteligente, orgulhosa e arrogante, provavelmente não muito casta. Perceba-se que o embaixador do Sacro Império não tinha, para odiar Jane, os motivos que tinha para odiar Anne. A esse deslouro, adiciona suas próprias conclusões: tinha o aspecto de um rato²⁵⁴, sem talento ou habilidades, submissa e humilde somente diante Henry, possivelmente, apenas como estratégia para alcançar e manter a

²⁵¹ STARKEY, 2004.

²⁵² Ibid.

²⁵³ Ibid.

²⁵⁴ Ele se baseia no retrato feito por Holbein, para comentar a aparência de Jane.

posição de rainha. O historiador chama Jane de capacho, mas reflete que talvez isso fosse apenas um disfarce. E refere às poucas e tímidas tentativas de Jane de interceder em assuntos políticos (invariavelmente colocando-se de joelhos) repelidas brutalmente por Henry, que inclusive a fazia lembrar-se do destino de Anne.

Comparando-se à extensão do capítulo dedicado a Anne com a daquele dado a Jane; os atributos que confere a cada uma; e o tom que usa na elaboração de cada um dos discursos; percebe-se não só a imensa importância que confere a Anne, mas a admiração que nutre por ela. Starkey²⁵⁵ afirma que é repulsivo ver a santificação, feita por muitos historiadores, da mulher que se preparava em regozijo para receber Henry VIII e saber novas sobre o casamento, no exato momento em que Anne Boleyn era executada. Segundo o historiador, Anne podia até berrar que mataria Catarina de Aragão, mas Jane Seymour foi além: “the gentle Jane went further and was an accessory-after-the-fact to the judicial murder of her predecessor.”²⁵⁶ E vinte e quatro horas após a morte de Anne Boleyn, Henry VIII e Jane Seymour celebraram um pré-contrato de casamento.

No relato, Starkey²⁵⁷ confere grande relevo a Catarina de Aragão, tanto que a primeira parte do livro é toda dedicada a ela. O historiador justifica o procedimento na medida em que ela foi esposa de Henry por vinte e quatro anos, o que equivale a dois terços do reinado daquele soberano. Contudo, apesar de tratá-la com deferência, não a santifica, diferindo assim do discurso histórico tradicional. Pelo contrário, salienta omissões e artimanhas da rainha para obter e permanecer no poder. Defende, por exemplo, com base em cartas enviadas por ela ao pai, Fernando de Castella, que Catarina consumou o primeiro casamento e que, deliberadamente, negou esse fato, tendo em vista assegurar um segundo casamento com Henry VIII. Destaca ainda os movimentos dela para granjear o apoio do sobrinho, o Imperador Carlos V e, conseqüentemente, do Papa, na questão do divórcio. Ao desfazer a santificação de Catarina, Starkey²⁵⁸, coloca-a em pé de igualdade com Anne enquanto ser humano, mostrando que, na luta pelo poder, cada

²⁵⁵ STARKEY, 2004.

²⁵⁶ “A gentil Jane foi além, ela foi um acessório-após-o-fato do assassinato judicial da predecessora.” (STARKEY, 2004, p.591, trad.no).

²⁵⁷ STARKEY, 2004.

²⁵⁸ Ibid.

uma das mulheres fez uso das armas que possuía, e nenhuma delas deve ser demonizada por isso. Segundo Starkey²⁵⁹, Anne boleyn e Catarina de Aragão eram mulheres extraordinárias e oponentes à altura. Ao colocá-las em patamar de igualdade, o historiador confere legitimidade histórica a Anne Boleyn enquanto segunda esposa de Henry VIII. Com isso, realiza um procedimento de retratação da memória de Anne, que não é mais mostrada como a 'outra', ela passa a ser a poderosa 'Outra', sendo trazida para o centro do discurso e ganhando alta visibilidade.

As representações das outras esposas de Henry – assim como a do próprio monarca – especialmente da predecessora e da sucessora, ajudam a formular a imagem de Anne que ressaí do discurso de Starkey²⁶⁰. No retrato de Henry III e das demais esposas, a figura de Anne e a importância que ela teve, surgem no negativo. Um perfil revelado pelo contraste de imagens e vivências evocado pela narrativa. Por essa razão, para compreender e analisar a representação de Anne Boleyn configurada no texto de David Starkey²⁶¹, *Six Wives: The Queens of Henry VIII*, é necessário, além de observar a organização da narrativa, suas subdivisões e proporções, estudar atentamente as informações apresentadas na introdução e no prólogo “Henry’s Weddings”. No referido prólogo, o historiador expõe a maneira peculiar como Henry VIII vivenciou a instituição matrimonial e considera tanto a questão do status de soberano que ele detinha, quanto a época, plena de restrições morais e comportamentais. É época na qual, Henry viveu suas estripulias matrimoniais-amorosas, seguindo apenas o comando da própria vontade.

*Six Wives: the queens of Henry VIII*²⁶², é uma narrativa instigante que desde o título apresenta uma dramaticidade que a aproxima do romanesco. Aliás, o próprio Starkey sinaliza, na introdução, essa intenção de proximidade, ao relacionar o período histórico ao universo literário e midiático:

The six wives of Henry VIII is one of the world's great stories indeed, it contains a whole world of literature within itself. It is more far-fetched than any soap opera; as sexy and violent as any tabloid; and darker and more

²⁵⁹ STARKEY, 2004.

²⁶⁰ Ibid.

²⁶¹ Ibid.

²⁶² Ibid.

disturbing than the legend of Bluebeard. It is both a great love story and a supreme political thriller.²⁶³

Starkey caracteriza o período pelo alto grau de violência, pelos dramas ligados à sexualidade e à emoção, e ainda, pela instigante trama política. Com isso, o historiador indica o potencial do texto para despertar o interesse do público, sedento de emoções fortes e de apelo a um universo pleno de torneios fantasiosos. De certa forma, essa caracterização do período justifica a dicção dramática e os tons ora de suspense, ora de ironia ou humor que o texto assume no decorrer da narrativa.

A seguir, o texto aproxima-se do literário, pois o historiador apresenta cada uma das figuras históricas que participam da trama, descrevendo-as como personagens de uma narrativa literária:

It also has an incomparable cast of characters, with a male lead who begins as Prince Charming and ends as a Bloated Monster with a face like a Humpty-Dumpty of Nightmare. While, among women (at least as conventionally told), there is almost the full range of female stereotypes: the Saint, the Schemer, the Doormat, the Dim Fat Girl, the Sexy Teenager and the Bluestocking.²⁶⁴

Pela caracterização que Starkey faz de Henry, 'de príncipe encantado a monstro deformado', já é possível perceber o tom ora irônico, ora jocoso, ora de crítica direta e mordaz com que o historiador trata o soberano ao longo da narrativa. Ao falar das mulheres, ele as nomeia por categorias, entretanto, deixa claro que essas caracterizações são estereotipadas e que, assim, elas são delineadas nas narrativas históricas convencionais.

Quanto a Anne Boleyn, ao referi-la a partir de um estereótipo, não usa a categoria usurpadora, na qual ela é frequentemente enquadrada no discurso da

²⁶³ "A história das seis esposas de Henry VIII, de fato, é uma das grandes histórias do mundo, ela encerra em si mesma um universo literário completo. É mais fantasiosa que qualquer novela, tão sexy e violenta quanto qualquer tablóide, e mais sombria e perturbadora que a lenda do Barba Azul. É uma história de amor, mas também tem o mais alto grau de suspense político." (STARKEY, 2004, p.XV, trad.no)

²⁶⁴ "Ela também tem um incomparável elenco de personagens, liderados por um homem que começa como 'o príncipe encantado' e termina como um 'monstro deformado', com o rosto como o do Humpty-Dumpty de um pesadelo. Enquanto, entre as mulheres (pelo menos como é contado convencionalmente), há quase uma galeria completa de estereótipos femininos: a santa, a articuladora, o capacho, a garota gorda e sem graça, a adolescente sexy e a sabichona." (STARKEY, 2004, p. XV, trad.no).

tradição. Nem tão pouco faz referência à categoria maquiavélica. A esses dois vocábulos de carga semântica negativa, prefere a palavra articuladora. Termo que, além de não evocar uma imagem negativa, destaca a inteligência e a habilidade política de Anne. Considerando que Starkey é conhecido pela língua feroz, pode-se dizer que ele foi gentil com AB (Anne Boleyn).

O historiador avança na comparação da Era Tudor ao universo literário ao aproximar o episódio histórico que cobre a vida matrimonial de Henry VIII do gênero narrativo romance histórico: “Finally, it evokes, like the best historical novels, the peculiarities of the behaviour and mind-set of another age (...)”.²⁶⁵ Na realidade, esse período da história inglesa não se aproxima do romance histórico, mas configura um recorte ideal para os romances de cunho histórico, não são somente pelas peculiaridades da época e dos personagens da corte Tudor; mas, sobretudo, pelo o fato de que o reinado de Henry VIII foi um período de ruptura e transformação radical na sociedade inglesa; durante o qual, a fase de transição matrimonial de Catarina de Aragão para Anna Bolena, desencadeou uma grave crise política, tanto nas relações internas quanto externas do país.

Apesar do tom de crítica que assume com relação a Henry VIII, ao longo de toda narrativa, especialmente pelo comportamento dele com as mulheres, Starkey não nega a relevância histórica daquele soberano, e situa a importância de seu reinado na história da Inglaterra:

(...) it is supremely important. For the reign of Henry VIII is a turning point in English history second only to the Norman conquest. When he came to the throne, Henry was the Pious Prince who ruled an England at the heart of Catholic Europe; when he died, he was the Great Schismatic, who had created a National Church and an insular politics that shaped the development of England for the next half a millennium.²⁶⁶

²⁶⁵ “Finalmente, ela evoca, assim como os melhores romances históricos, as particularidades do comportamento e da visão de mundo de outra era.” (STARKEY, 2004, p. XV, trad.no).

²⁶⁶ “É extremamente importante. Porque o reinado de Henry VIII representa um marco na história inglesa que só fica em segundo lugar se comparado à conquista Normanda. Quando assumiu o trono, Henry era o príncipe devoto que governava a Inglaterra no coração da Europa católica; quando morreu, ele era o grande dissidente que havia criado uma igreja nacional e uma política insular que deu forma ao desenvolvimento da Inglaterra por metade de um milênio.” (STARKEY, p.2004, XV-XVI, trad.no)

De acordo com o historiador, reinado de Henry VIII é um momento de transformação na história inglesa comparável somente à conquista Normanda. Além de criar uma Igreja nacional, rompendo assim com a religião oficial do mundo europeu, foi Henry que criou a política insular que modelou o desenvolvimento da Inglaterra por cerca de 500 anos.

Sobre a criação da igreja anglicana, o historiador destaca, desde a introdução, sua crença de que a única razão para a criação da igreja anglicana foi o fato de que Henry estava apaixonado por Anne e esta era a única maneira de tê-la:“(...) it came about only because Henry loved Anne Boleyn and could get her no other way. And he stuck to what he had done, partly because it tickled his vanity, but also because no succeeding wife was able to persuade him out of it.”²⁶⁷ Nessa passagem, fica verifica-se também o imenso poder que atribui a Anne: por ela Henry rompeu com a Igreja católica e, conseqüentemente, com boa parte da Europa. E depois dela, nenhuma outra mulher foi capaz de influenciá-lo a ponto de induzi-lo a retornar ao catolicismo.

Assim, credita a Anne Boleyn um verdadeiro império sobre a vontade do rei e a capacidade de despertar uma paixão tão avassaladora que provocou uma cisão no mundo cristão do século XVI. Segundo o historiador, a ascendência de Anne sobre Henry, de modo a fazê-lo agir de acordo com sua vontade, conferiu a ela a supremacia sobre toda a corte, composta por nobres ingleses e enviados estrangeiros. Esse poder, salienta, nenhuma das outras esposas de Henry rivalizou. Nessa medida, percebe-se o empoderamento da personagem, conforme delineada no discurso de David Starkey²⁶⁸. Anne deixa de ser uma figura periférica, a ‘outra’ do discurso histórico tradicional, em *Six wives*²⁶⁹ ela é constituída como o próprio centro de onde emana o poder.

²⁶⁷ “Ela surgiu somente porque Henry amava Anne e não havia outra maneira de tê-la. E ele se manteve firme no que ele havia feito, em parte, porque isso excitava a vaidade dele, mas também porque nenhuma outra esposa foi capaz de convencê-lo a fazer diferente.” (STARKEY, 2004, p. XVI, trad.no)

²⁶⁸ STARKEY, 2004.

²⁶⁹ Ibid.

Observe-se a divisão que o historiador faz da narrativa: Henry's Weddings²⁷⁰; Part one: Queen Catherine of Aragon²⁷¹; Part two: Rival Queens: Divorcing Catherine²⁷²; Anne Boleyn²⁷³; Jane Seymour: She stoops to conquer?²⁷⁴; Part Three: the later queens: A conversation; Anne of Cleves: from queen to sister; Catherine Howard: 'virtuous and good behaviour'?; Interlude; Catherine Parr. À análise que faço aqui, interessam a primeira e a segunda parte apenas; e a segunda, obviamente, mais do que a primeira.

A primeira parte interessa, pois revela a importância dada por Starkey²⁷⁵ a Catarina de Aragão, em relação às demais esposas, toda primeira parte do livro é dedicada a ela. Já a segunda parte do livro, Rainhas rivais é dividida por Catarina de Aragão, Anne boleyn e Jane Seymour. Aqui, com maior ênfase para a batalha entre Catarina de Aragão e Anne Boleyn. E, posteriormente, para a trajetória de Anne Boleyn, que culmina no trono, mas cujo reinado é curto, sendo bruscamente interrompido por sua queda e imediata substituição por Jane Seymour. Para esta última, o historiador dedica um capítulo breve.

Observe o que Starkey afirma sobre a importância das esposas de Henry VIII e como essa importância é expressa através do espaço que cada uma ocupa em sua obra:

Only the two women cover themselves in something like glory: Catherine for her indomitable courage and resourcefulness, and Anne for her driving will and ambition. They, at least, were fairly matched.

Catherine and Anne were the two most important of Henry's wives, in terms both of the duration of their relationship with Henry and of their significance. Catherine was Henry's wife for twenty-four years; that is, for two thirds of his thirty-seven-year-reign. Anne's marriage was much shorter, famously lasting only a thousand days. But her previous love affair with Henry had already endured for at least seven years, during which time she was his real Queen and Catherine only a shadow of a consort. Combining Anne's informal with her formal period of Queen-ship gives her a 'reign' of ten years. And it was the most momentous decade of English history since the Norman Conquest. It is also the best documented and has the Mistress-Queen at its centre. All this is why I devote the whole of Part I to Catherine of Aragon and most of Part II to Anne Boleyn.²⁷⁶

²⁷⁰ STARKEY, 2004, p.1-10.

²⁷¹ Ibid. p.11-179.

²⁷² Ibid. p.197-248.

²⁷³ Ibid. p.257-569.

²⁷⁴ Ibid. P. 584-608.

²⁷⁵ STARKEY, 2004.

²⁷⁶ "Somente as duas mulheres se cobrem de algo que se aproxima da glória: Catarina por sua coragem indômita e habilidade para enfrentar situações difíceis e Anne por sua ambição e

De acordo com o historiador, as duas esposas de Henry VIII de maior importância são Anne Boleyn e Catarina de Aragão. Starkey justifica sua opinião utilizando como critérios o tempo de duração dos relacionamentos de cada uma das duas mulheres com Henry e também a importância que tiveram em eventos políticos e como agentes de poder. Segundo Starkey, Anne Boleyn e Catarina de Aragão foram rivais à altura uma da outra, que levaram a luta pelo homem e pelo poder às últimas consequências.

Catarina tinha a vantagem de pertencer a uma importante casa real e de ocupar o posto de rainha há mais de vinte anos. Essa circunstância dava a ela o apoio da nobreza europeia, do Vaticano e do povo da Inglaterra. No entanto, Anne era dotada de inquebrantável determinação e poder pessoal avassalador, fatores que a mantiveram no poder em torno de dez anos. O casamento durou pouco, os famosos mil dias. Mas, antes disso, por cerca de sete anos, ela exerceu um poder paralelo, que superou, e muito, aquele exercido por Catarina em todo o tempo de reinado. Starkey percebe as duas mulheres como ‘gigantes’, que combateram valorosamente. Cada uma delas defendendo o seu direito, em uma luta que extrapolou imensamente a esfera pessoal e acabou se tornando um processo de desconstrução e reconstrução de um país:

In comparison with these two giantesses, who were worthy opponents in the struggle to remake England, Henry's other Queens are creatures of the moment, with their marriages measured in months rather than years: Jane Seymour's lasted eighteen months, Anne of Cleves's scarcely six, while Catherine Howard was lucky to survive for fifteen. Henry's last Queen, Catherine Parr, is, it is true, a more substantial figure, who was his wife for three and a half years. But even she was a cipher for at least the last ten months of her marriage.²⁷⁷

determinação. Elas, no mínimo, estão à altura uma da outra. Catarina e Anne foram as duas mais importantes esposas de Henry, tanto em termos de duração de seus relacionamentos com Henry quanto em termos de significância. Catarina foi esposa de Henry por vinte e quatro anos; que são a dois terços dos trinta e sete anos do reinado dele. O casamento de Anne foi muito mais curto, durando, famosamente, mil dias. Mas o romance prévio dela com Henry durou pelo menos sete anos, durante os quais ela foi a verdadeira rainha e Catarina apenas a sombra de uma consorte. Combinando o reinado informal com o formal de Anne dá a ela um reinado de dez anos e foi a década mais importante da história inglesa desde a Conquista Normanda. É também a mais bem documentada e tem a senhorita-rainha em seu centro. E é por tudo isso que eu devoto toda a parte I a Catarina de Aragão e a maior parte da parte II a Anne Boleyn.” (STARKEY, 2004, p.XXii – XXIII, trad.no).

²⁷⁷ “Em comparação com essas duas gigantes, que eram oponentes valorosas na luta para refazer a Inglaterra, as outras rainhas de Henry são criaturas do momento, com seus casamentos medidos

Nessa passagem, a exaltação de Anne e Catarina continua através do comentário que o historiador faz sobre as demais esposas: ‘criaturas do momento’; ‘com seus casamentos medidos em meses e não anos’; atribuindo-lhes francamente uma importância menor e justificando tal atitude a partir de argumentos coerentes. Seguindo a mesma linha de raciocínio, o historiador destaca que o material existente sobre as esposas de Henry VIII é por si só revelador da importância de cada uma delas:

And the imbalance of materials is at least as marked. For Catherine of Aragon and Anne Boleyn, the sources are to be numbered in the thousands; for Catherine Parr, in the hundreds; and for the remaining three in the dozens.²⁷⁸

É preciso notar que o material ao qual o autor se refere diz respeito basicamente à vida pública. Os registros no inventário de Henry VIII, nos relatos dos cronistas da época, cartas escritas por Anne²⁷⁹ que sobreviveram, e outras dirigidas ou referindo-se a ela. Muita coisa foi destruída quando Anne foi executada. Os retratos feitos enquanto ela estava viva e as insígnias espalhadas em todas as residências reais, por exemplo. E, ainda, a maior parte dos objetos pessoais, o registro da data de nascimento e documentos que revelassem traços da vida interior da personagem. Pode-se então pensar na dimensão da importância que ela teve, pois considerando o esforço de apagamento da figura e da passagem dela sobre a terra, que consumiu a maior parte das fontes e indícios, ainda restaram milhares de rastros de Anne Boleyn.

Starkey critica duramente o fato de que, a despeito da importância diferenciada que as seis esposas tiveram, elas recebem, por parte da maioria dos historiadores, tratamentos equitativos. Não apenas equiparadas, mas, frequentemente, as duas primeiras e mais importantes esposas são diminuídas e as

mais em meses do que em anos: Jane Seymour durou dezoito meses, Anne of Cleves’s mal chegou a seis, while Catherine Howard teve sorte de sobreviver por quinze meses. É verdade que a última rainha de Henry, Catherine Parr é uma figura mais substancial, que foi esposa dele por três anos e meio. Mas mesmo ela foi uma esfinge, pelo menos, nos dez últimos meses de seu casamento.” (STARKEY, 2004, p. XXIII, trad.no).

²⁷⁸ “O desequilíbrio dos materiais é, no mínimo, tão marcado quanto. Para Catarina de Aragão e Anne Boleyn as fontes podem ser contadas aos milhares, Katherine Parr às centenas, e para as outras três, às dúzias.” (STARKEY, 2004, p. XXII, trad.no).

²⁷⁹ A esmagadora maioria dessas cartas não são correspondências pessoais. Portanto, não propiciam conhecimento íntimo da personagem.

de menor relevância são enaltecidas. Tal procedimento, de acordo com o historiador, constitui uma distorção do registro histórico: “To attempt roughly equal treatment of the six women, therefore, as has been the general practice, is to distort the record: the lesser are inflated and the greater diminished. Here, instead, I have let the weight of materials and importance shape the structure of the book.”²⁸⁰ Starkey deixa claro que em sua obra tal distorção não tem lugar. Cada uma das esposas ocupa no livro espaço condizente com as fontes disponíveis e, ainda, com a importância que teve na época e na corte de Henry VIII.

Starkey menciona que Catherine Parr foi, politicamente, a terceira esposa mais importante de Henry, apesar de ter sido tratada pelo historiador Martin Hume como a menos importante. Afirma, ainda, que valeria a pena continuar a segui-la após a morte de Henry. Entretanto, explica que como o livro é sobre as esposas de Henry, se encerra com a morte dele. Pela mesma razão, tem início com um prólogo que comenta a peculiaridade das experiências matrimoniais de Henry VIII e os motivos que o levavam a contrair novos matrimônios: “These, primarily, were love and an insistent, child-like desire to be happy. It was most unusual for a King to approach marriage in such a fashion. It is why he married so often and it sets the stage for the unfolding tragicomedy of the book.”²⁸¹ Já a partir deste ponto, o historiador deixa claro o quão diferente era o comportamento de Henry em relação ao casamento, se comparado aos demais soberanos de sua época.

O casamento para Henry (pelo menos o dele mesmo) não era apenas uma questão de conveniência política, demandava paixão e desejo. E esse ponto era tão importante para ele, que Cromwell²⁸² perdeu a cabeça por contrariá-lo, casando-o por conveniência com a princesa Anne de Cleves, da qual Henry vira apenas um retrato. Ao se deparar com a mulher escolhida por Cromwell, Henry executou o ministro por alta traição.

²⁸⁰ “Tentar generalizar e dar um tratamento igualitário às seis mulheres, assim, como tem sido a prática comum, é distorcer os registros, as menos importantes são enaltecidas e as de maior importância são diminuídas. Aqui, ao invés disso, eu deixei o peso dos materiais e da importância de cada uma dar forma à estrutura do livro.” (STARKEY, 2004, p. XXIII, trad.no).

²⁸¹ “Estes eram o amor e um insistente, infantil desejo de ser feliz. E era o que havia de mais incomum para um rei abordar o matrimônio desta forma. E foi por essa razão que ele se casou com tanta frequência e é isso que dá o tom para a tragicomédia que se desenrola no livro.” (STARKEY, 2004, XXVI)

²⁸² O ministro que arquitetou tanto o casamento quanto a queda de Anne Boleyn.

No prólogo denominado “Henry’s Weddings”, no qual fala dos casamentos daquele soberano, o autor explica detalhadamente a diferença dos casamentos de Henry em relação aos demais casamentos reais da época e da atualidade:

Royal weddings in the early sixteenth century, like royal weddings now, were an opportunity for lavish public ceremony. And none was more magnificent than the first of the century: the marriage, on 14 November 1501, of the Prince and Princess of Wales in St Paul’s Cathedral.²⁸³

Starkey se refere ao casamento do príncipe Arthur com Catarina de Aragão. Cerimônia grandiosa que o historiador descreve em detalhes, e da qual Henry, então com nove anos de idade, tomou parte escoltando a noiva do irmão até o altar. Oito anos mais tarde, a mesma noiva que ele havia levado ao altar para entregar ao irmão se tornaria sua esposa. Contudo, em uma cerimônia bem mais discreta: “There was no great cathedral. Not even the Chapel Royal was used. Instead, the wedding took place ‘in the Queen’s Closet at Greenwich’ on 11 June 1509.”²⁸⁴. O que o historiador destaca com relação aos dois casamentos de Catarina é a diferença entre uma cerimônia e outra: “when Catherine married Arthur, she did so publicly and splendidly in the heart of the capital; when she married Henry, it was in a private, almost furtive ceremony, in the bowels of a palace five miles from London.”²⁸⁵ O autor relata que os nomes de apenas duas testemunhas do primeiro casamento de Henry são conhecidos (George Talbot e William Thomas), mas que nem sequer se sabe o nome do bispo ou clérigo que oficiou a cerimônia. Este foi o segundo casamento de Catarina de Aragão, mas o primeiro de Henry VIII e estabeleceu um modelo para os cinco que vieram depois: “But, in one respect at least, each of his subsequent marriages followed in the footsteps of the first. They too, all five of them, were private and followed in detail the precedent of 1509.”²⁸⁶ Starkey explica que de

²⁸³ “Os casamentos reais no início do século XVI, assim como os casamentos reais na atualidade, eram uma oportunidade para suntuosas cerimônias públicas. E nenhum foi mais magnífico que o primeiro do século: o casamento, em 14 de novembro de 1501, do príncipe e da princesa de Gales na Catedral de São Paulo.” (STARKEY, 2004, p.3, trad.no)

²⁸⁴ “Não houve grande catedral. Nem mesmo a capela real foi usada. O casamento aconteceu ‘nos aposentos da Rainha, em Greenwich’ em 11 de junho de 1509.” (STARKEY, 2004, p.4, trad.no)

²⁸⁵ “Quando Catarina casou com Arthur, ela o fez esplêndida e publicamente no coração da capital. Quando ela casou com Henry, foi uma cerimônia privada, quase furtiva, nos recônditos de um palácio milhas distante de Londres.” (STARKEY, 2004, p.5, trad.no)

²⁸⁶ “Em um aspecto, pelo menos, cada um dos casamentos subsequentes seguiu os passos do primeiro. Eles também, todos os cinco foram cerimônias privadas e seguiram em todos os detalhes o precedente que ocorreu em 1509. (STARKEY, 2004, p.6, trad.no)

acordo com as regras para cerimônias reais no *The Royal Book*, há dois tipos de cerimônias de casamento, as públicas e as privadas. Entretanto, o historiador explica também que, em geral, as cerimônias privadas só eram utilizadas quando a nova rainha seria coroada logo após o casamento. Isso ocorreu somente com Catarina de Aragão e Anne Boleyn, pois nenhuma das outras esposas de Henry VIII foi coroada:

Henry followed it only in the case of his first two Queens, Catherine of Aragon and Anne Boleyn, who were indeed publicly and gloriously crowned soon after their rather hole-in-the-corner weddings. But Henry's other Queens were never crowned.²⁸⁷

Por que Henry optava por cerimônias privadas, contrariando as práticas de toda nobreza da época? O que Starkey diz sobre o tipo de apresentação pública que as demais esposas tiveram responde parcialmente a questão:

There were acknowledgement ceremonies of sorts. But they were improvised and consisted in showing the Queen off to the Court (which could be controlled) rather than to the people (who were unpredictable).²⁸⁸

Conclui-se, por um lado, que Henry tinha receio da reação popular diante da glorificação pública das novas esposas. Por outro lado, coroar uma rainha em uma cerimônia pública esplendorosa, aumentava-lhe muito o status, a visibilidade e também o poder. Esse aparato tornava bem mais trabalhosa a empresa de livrar-se da esposa quando se tornasse inoportuna.

Starkey²⁸⁹ explicita que todos os casamentos Henry VIII, até mesmo o primeiro, com Catarina de Aragão, uma princesa de sangue real, foram cerimônias fechadas e discretas. Com isso, desconstrói a ideia, que paira no senso comum, de que apenas o casamento de Anne Boleyn teria ocorrido de forma furtiva; e que talvez, por essa razão, nem fosse válido ou nem mesmo tivesse ocorrido. O historiador mostra que Henry seguiu o mesmo padrão com todas as esposas. Quanto ao casamento de Anne Boleyn, Starkey afirma que ela de fato se casou e

²⁸⁷ “Mas Henry o seguiu somente no caso de suas duas primeiras rainhas, Catarina de Aragão e Anne Boleyn, que foram, de fato, pública e gloriosamente coroadas logo após seus casamentos mais do que discretos. Mas as outras rainhas de Henry nunca foram coroadas.” (STARKEY, 2004, p.8, trad.no)

²⁸⁸ “Houve cerimônias de apresentação de variados tipos. Mas elas foram improvisadas e consistiram em mostrar a rainha a corte, que poderia ser controlada, ao contrário do povo, que era imprevisível.” (STARKEY, 2004, p.8, trad.no)

²⁸⁹ STARKEY, 2004.

que, ao invés de uma, teve duas cerimônias matrimoniais. Ao proferir essa afirmativa, desarticula versões que apresentam Anne como concubina e confere a ela a legitimidade de esposa.

O historiador deixa claro que cerimônias matrimoniais privadas na realeza foram um padrão apenas para Henry VIII: “Did Henry view marriage itself as being like that ring, ‘a thing of no force or value’? Certainly his attitude to it was peculiar.”²⁹⁰. Nessa citação, faz referência às palavras de Anne de Cleves ao devolver o anel de casamento. A noiva rejeitada afirmou que, para Henry, a aliança de casamento era um objeto “sem força ou valor”. Starkey questiona se para Henry o casamento seria algo tão desprovido de força e valor como o próprio objeto utilizado para simbolizá-lo. E demonstra a importância política e social dos casamentos de Henry VIII para a história da Inglaterra, embora ele os tenha tratado sempre como fatos que concerniam exclusivamente à vida privada:

The lack of publicity of Henry’s marriages does therefore make a point. Henry’s marriages had more public, political consequences than those of any other sovereign. England threw off her ancient religion and destroyed old values and old, beloved ways of life, all for the sake of women – Henry’s women. But, despite this, Henry refused to see his marriages as other than private acts. They were entered into for his personal satisfaction. And, if they failed to satisfy him, he broke them.²⁹¹

De fato, os casamentos de Henry tiveram mais consequências públicas que os de qualquer outro soberano. Para que ele pudesse desposar Anne Boleyn, a Inglaterra realizou uma reforma religiosa, rompeu com Roma, criou uma igreja nacional e tornou-se um país protestante. Por outro lado, quando o casamento com Anne não mais o satisfez, Henry não hesitou em rompê-lo da forma mais brutal possível, a fim de contrair um novo matrimônio. Mas, não apenas ao casamento com Anne Boleyn ele colocou um fim. Antes dela, Catarina de Aragão foi praticamente expulsa da

²⁹⁰ “Henry via o casamento como aquele anel ‘uma coisa sem força ou valor’? Certamente a atitude dele com relação ao casamento era peculiar.” (STARKEY, 2004, p.8, trad.no)

²⁹¹ “A falta de publicidade dos casamentos de Henry, assim, de fato cria uma questão. Os casamentos de Henry tiveram mais consequências públicas e políticas do que aqueles de qualquer outro soberano. A Inglaterra livrou-se de sua antiga religião, destruiu antigos valores e antigos e amados modos de vida, tudo em nome das mulheres – as mulheres de Henry. Mas, a despeito disso, Henry se recusou a ver seus casamentos como qualquer outra coisa além de atos privados. Ele se casava para satisfação pessoal. E se os casamentos falhavam em satisfazê-lo, ele rompia\terminava com eles.” (STARKEY, 2004, p.8, trad.no)

corte; e depois, Anne de Cleves teve o casamento anulado e Catherine Howard foi executada, assim como sua prima mais velha²⁹².

A abordagem profundamente pessoal que Henry fazia do matrimônio era absolutamente incomum na realeza européia no século XVI. Casamentos de reis eram alianças de poder, que perduravam até a morte de um dos cônjuges. Fantasias românticas eram resolvidas de outras formas. Contudo, Henry era diferente dos demais, ele queria que o casamento o fizesse feliz e por essa razão casou-se tantas vezes:

In this one respect, at least, his attitude was curiously modern. Like us, he expected marriage to make him happy, rather than merely content, which is the most that sensible people hope for. Therefore, like us, when marriage made him unhappy, he wanted out.²⁹³

Mas, como ele não era uma pessoa comum, e sim um soberano; e como os sentimentos e comportamentos dele não estavam de acordo com as regras do tempo em que viveu; as crises da vida pessoal de Henry VIII tinham consequências que iam muito além do fórum familiar. Com isso, as pessoas diretamente envolvidas acabavam sofrendo terrivelmente: “And he did suffer. So did his kingdom, his Church and his children. But those who suffered most of all were the Six Wives who became the Queens of Henry VIII.”²⁹⁴ Nessa passagem, Starkey atribui uma dimensão humana para as figuras históricas daquele período. Henry VIII, as esposas e filhos dele eram, antes de mais nada, seres humanos como quaisquer outros, e assim, sofriam quando a vida pessoal e familiar não ia bem. A diferença é que como ele era um monarca, detentor absoluto do poder no país, problemas na vida pessoal e familiar significavam também relações políticas e de poder. E, em função disso, poderiam ter consequências graves, como mortes, guerra interna e externa, rompimentos com aliados, sanções políticas.

²⁹² Catherine Howard era prima de Anne Boleyn.

²⁹³ “A esse respeito, pelo menos, a atitude dele era moderna, assim como nós, Henry esperava que o casamento o fizesse feliz, mais do que simplesmente conformado, que é o máximo que as pessoas sensatas esperam. Dessa forma, assim como nós, quando os casamentos o faziam infeliz, ele queria ‘cair fora’.” (STARKEY, 2004, p.8, trad.no)

²⁹⁴ “E ele sofria, de fato, e também sofriam o reino, a igreja e os filhos dele. Mas aquelas que sofreram mais do que todos foram as seis esposas que se tornaram as rainhas de Henry VIII.” (STARKEY, 2004, p.8, trad.no)

Ao explicitar os fatores envolvidos na vida matrimonial de Henry VIII, tais como a abordagem peculiar que ele fazia do casamento e as implicações das alianças matrimoniais dos reis; Starkey²⁹⁵ indica que o desfecho da vida de Anne Boleyn foi resultado da posição que ela ocupava e de fatores muito mais complexos do que qualquer ato que ela pudesse ter praticado. Nessa medida, o historiador faz os primeiros movimentos no sentido da clarificação da imagem de Anne nos anais da história.

A partir daqui focalizo o capítulo Anne Boleyn, do livro *Six Wives: The Queens of Henry VIII*²⁹⁶. Para fazer perceber a importância que o historiador atribui à rainha Boleyn, é preciso dizer que das 852 páginas do livro, trezentos e vinte e sete compõem o capítulo dedicado a ela. O restante é dividido entre as demais cinco esposas; um comentário genérico sobre os casamentos de Henry VIII; um capítulo dedicado a questão do divórcio de Catarina de Aragão. Essa desproporção na divisão do espaço dado a cada esposa dentro do livro já é um índice da importância atribuída pelo historiador a cada personagem.

Starkey²⁹⁷ focaliza, por um lado, o processo político envolvido na trajetória de ascensão e queda de Anne Boleyn, procurando explicar detalhadamente esse processo. E por outro lado, focaliza o relacionamento pessoal de Anne e Henry VIII. Em diversos momentos, as questões políticas ocupam o primeiro plano da narrativa. Nesse cenário, Anne aparece como uma articuladora política sagaz, inteligente, ambiciosa, determinada. Em nenhum momento é delineada como uma mocinha levada pelas circunstâncias ou como um objeto sexual comercializado pela própria família. Ela é delineada como a autora do próprio destino e, sobretudo, como uma agente histórica. Uma figura política capaz de tirar todos os obstáculos do caminho para chegar ao objetivo traçado: o topo do poder. De acordo com Starkey²⁹⁸, Anne estaria por trás de quase todas as ações de Henry VIII, da queda do Cardeal Wolsey ao confisco das jóias de Catarina de Aragão. O historiador destaca a inteligência, a perspicácia e a determinação na representação que constrói de Anne Boleyn.

²⁹⁵ STARKEY, 2004.

²⁹⁶ Ibid. p.257-583.

²⁹⁷ STARKEY, 2004.

²⁹⁸ Ibid.

“The King’s Great Matter”²⁹⁹ é explicada de forma minuciosa. A narrativa apresenta todos os movimentos de Henry e Anne para a consecução do divórcio como se estivesse descrevendo movimentos de uma guerra: avanços a partir de estratégias, vitórias e derrotas. Starkey³⁰⁰ elucida a complexidade política do divórcio de Henry VIII e Catarina de Aragão e do processo de criação da Igreja da Inglaterra. Passos como o envio de embaixadores ao Papa com pedidos de dispensa para divorciar-se de Catarina e tomar uma nova esposa, fundamentados em uma série de argumentos, e a solicitação de pareceres favoráveis ao divórcio para estudiosos de diversas Universidades europeias, são expostos detalhadamente. O historiador evidencia o contraponto constituído pela ameaça constante de guerra por parte do imperador Carlos V, sobrinho de Catarina. Explica, ainda, o rompimento com a igreja católica e a fundação de uma nova igreja, como consequência de que os procedimentos para obtenção do divórcio não obtiveram resultado positivo.

“*The Lady*”³⁰¹ é delineada por Starkey³⁰² como um sujeito feminino capaz de investigar tanto o terreno em que circula quanto as movimentações dos inimigos, de calcular com precisão os movimentos, premeditando e manipulando, Henry e outras figuras importantes, como embaixadores estrangeiros. Ainda assim, a representação que o historiador faz de Anne não se constitui de forma negativa. Ela agia como uma mulher muito à frente de seu tempo, capaz de refletir, planejar e executar com exatidão os planos traçados, de estabelecer metas e as alcançar. E a cessação da única falha, aquela que a levou a morte – a inexistência de um filho homem –, estava além do arbítrio de Anne Boleyn.

Starkey³⁰³ inicia o capítulo apresentando as origens familiares da mulher que mudou a face e a história do mundo ocidental. E para aqueles que a chamam de arrivista social, o historiador oferece uma resposta assertiva: “In reality, she was the product of a characteristically English social mix.”³⁰⁴ O autor de *Six wives*³⁰⁵ explica que boa parte da nobreza inglesa da época tinha origens semelhantes as de Anne

²⁹⁹ ‘A grande questão’.

³⁰⁰ STARKEY, 2004.

³⁰¹ Anne era assim referida por diversos cronistas da época.

³⁰² STARKEY, 2004.

³⁰³ Ibid.

³⁰⁴ “Na realidade, ela era produto de uma mistura social caracteristicamente inglesa.” (STARKEY, 2004, p. 257, trad.no)

³⁰⁵ STARKEY, 2004.

Boleyn, ou seja, sangue mercantil misturado a sangue de nobreza mais antiga. Anne, pela ascendência dos Boleyn, tinha sua origem mercantil, mas também tinha suas raízes Butler e Howard, duas das famílias mais nobres da época.

O historiador discorre sobre a educação de primeira linha que Anne recebeu, no mesmo ambiente que os filhos da mais alta nobreza europeia. Colocá-la como dama na corte da arqueduchesa Margarete foi colocá-la a conviver diariamente com os filhos das famílias mais importantes da Europa, o que poderia render valiosos contatos para o futuro. E teria de fato sido assim, se Anne não tivesse se tornado a mulher mais odiada de todos os tempos, em todo mundo cristão.

Her 'Oxford' was a succession of French-speaking continental households which, in everything but Latin, gave her a training at least as good as George's.

Her first placement was in the household of the Archduchess Margaret. Margaret, the daughter of the emperor Maximilian, had become the favourite aunt of the much-intermarried royal families of Europe. (...) She also supervised the education of Charles and his sisters Eleanor, Elizabeth and Mary. ³

It was a task for which Margaret was well suited, both emotionally and intellectually. (...) she was multi-lingual, a competent poet in both Latin and French, an important patron of Flemish painting and the builder of an architecturally progressive palace. Much of the palace still stands, and, with its brightly patterned brick and long galleries supported on stone columns arches in the classical style, it anticipates the buildings Henry and Anne were to throw up together at York Place. Finally, the Archduchess was an able politician and a formidable character, whose formal style of address was (not without reason) *Très Redoutée Dame* ('Most Dread Lady').

The result was that her household became an international finishing school, where the élite of three or four countries vied to put their sons and daughters. There, their parents could be confident, their offspring would not only be well educated and trained but also brought up alongside Charles, who was the future ruler of half Europe, and his sisters, who were the Queens-to-be of Portugal, Denmark and Hungary. For, in the sixteenth century as in the twenty-first, who you knew was at least as important as what you knew.³⁰⁶

³⁰⁶ "A Oxford de Anne foi uma sucessão de casas reais continentais, falantes de francês, as quais em tudo, menos em latim, deram a ela um treinamento no mínimo tão bom quanto o de George. A primeira colocação dela foi na casa real da Arqueduchesa Margarete da Áustria. Margarete, filha do imperador Maximiliano, havia se tornado a tia favorita das muito 'intermarried' famílias reais da Europa. (...) Ela também supervisionava a educação de Charles e suas irmãs, Eleanor, Elizabeth and Mary.³

Era uma tarefa para a qual Margarete era bem talhada, tanto emocionalmente quanto intelectualmente. (...) ela era multilingue, uma poeta competente tanto em latim quanto em francês, uma importante patrona da pintura de Flandres e a construtora de um palácio com arquitetura inovadora. Muito do palácio ainda permanece, e com seus tijolos em padrões de cores vivas e longas galerias sustentadas por arcos em estilo clássico, antecipa os prédios que Henry e Anne construíram juntos no palácio de York. Finalmente, a arqueduchesa era uma política habilidosa e tinha um caráter formidável, cujo estilo formal de se dirigir a tornava conhecida como (não sem razão) *Très redoutée Dame* (a mais temida senhora).

Starkey revela a ampla gama de conhecimentos e interesses artísticos e culturais aos quais Anne teve acesso na corte da arqueduesesa. E sugere que o gosto arquitetônico desta última teria servido de inspiração para prédios construídos anos mais tarde por Henry e Anne. Ao focalizar a educação de formal de Anne Boleyn, o historiador torna visível um aspecto da vida da personagem histórica desconsiderado pelo discurso histórico tradicional e nas representações feitas pelos meios de comunicação de massa, como o cinema e séries de televisão.

A inclusão desse aspecto agrega imenso valor à representação da personagem construída em *Six wives*³⁰⁷. Muitos dos cronistas da época de Anne também omitiram informações sobre a educação e as habilidades que ela teria desenvolvido. Outros relatam que ela sabia cantar, dançar, tocar instrumentos e falar francês com perfeição, além de ter um agudo senso de elegância nas maneiras de comportar-se e no vestir. Contudo, não mencionam onde ela teria adquirido tais habilidades. Em consequência da visão de mundo da atualidade, alguém poderia objetar que cantar, dançar, tocar instrumentos e vestir-se ricamente para divertir-se e divertir a outrem não são exatamente caracteres louváveis. No entanto, naquela época e no meio em que Anne vivia, eram. Na corte, eram muitas as horas de lazer e quem dominasse melhor as técnicas de cada uma das atividades tinha mais chances de agradar aos soberanos. E, assim, de obter maior sucesso. Esse era o trabalho das damas e cavalheiros da corte.

Starkey³⁰⁸ narra o envolvimento de Henry VIII e Anne Boleyn a partir do início do interesse do rei por ela. Embora o exato momento em que isso ocorreu não tenha sido registrado, o historiador busca situar, através de evidências, um ponto na linha do tempo. E sugere que o interesse de Henry por Anne pode ter começado, ainda que secretamente, na primeira festividade em que ela tomou parte na corte, já como

O resultado foi que a casa real dela se tornou uma 'finishing school' internacional, onde a elite de três ou quatro países procuravam colocar seus filhos e filhas. Lá os pais poderiam ter certeza de que os filhos não só seriam bem educados e treinados, mas também cresceriam junto com Charles que era o futuro governante de metade da Europa, e suas irmãs, que eram as futuras rainhas de Portugal, da Dinamarca e da Hungria. No século XVI, assim como no século XXI, quem você conhecia era no mínimo tão importante quanto o que você sabia." (STARKEY, 2004, p.258-259, trad.no).

³⁰⁷ STARKEY, 2004.

³⁰⁸ Ibid.

dama de companhia de Catarina de Aragão. Foi na festividade de *Shrovetide*, em 1522, em que houve um torneio e uma masque³⁰⁹, da qual Anne tomou parte como uma das damas do castelo:

The ladies of the Castle were the crème de la crème of the Tudor Court. They were led by Henry's sister, Mary, Queen Dowager of France and Duchess of Suffolk. Then came Gertrude, daughter of Lord Mountjoy and wife of Henry's cousin, the Earl of Devon. And in third place, immediately after these two royal ladies, was 'Mrs. Anne Boleyn'.³¹⁰

O autor de *Six wives*³¹¹ destaca que as damas do castelo estavam entre as da mais alta nobreza, ele acredita que Anne foi colocada entre elas por ter uma grande habilidade no tipo de atividade que seria desenvolvida. Cada uma das damas recebeu o nome de uma virtude e Anne recebeu o nome de 'perseverança'. O historiador reflete que seria interessante saber por que essa escolha recaiu sobre ela.

Starkey destaca que apenas algumas semanas após o retorno para a Inglaterra, Anne já ocupava uma posição central na corte de Henry VIII: "Anne had arrived indeed. She had been back in England for only a few weeks. But she had taken, as of right, a position at the centre of Henry VIII's Court. She would never leave it."³¹² Aqui fica claro o empoderamento de que o historiador reveste a personagem, apresentando-a como uma figura dominante: de volta, após anos fora do país, *La petit Boleyn* tornou-se o centro das atenções. E, assim, se manteve, em movimento sempre crescente. Ao afirmar que ela nunca deixaria a posição central na corte de Henry VIII, sugere que mesmo após a morte e com todos os esforços para obliterar a memória dela, a presença de Anne continuou forte e marcada. O que ocorreu através da influência duradoura que ela exerceu nos campos político,

³⁰⁹ *Masques* ou *mascarades* eram dramatizações, em geral, parte de alguma festividade, envolviam cantos, danças e simulações de lutas, eram encenadas pelos cortesãos, em muitos casos com a participação dos soberanos.

³¹⁰ "As damas do castelo eram '*the crème de La Crème*' da corte Tudor. Elas eram lideradas pela irmã de Henry, Mary, 'Queen Dowager of France' and Duchess of Suffolk. Então vinha Gertrude, filha de Lord Mountjoy e esposa do primo de Henry, o Conde de Devon. E em terceiro lugar, imediatamente após essas duas senhoras da realeza, estava a 'senhorita Anne Boleyn'." (STARKEY, 2004, p.265)

³¹¹ STARKEY, 2004.

³¹² "Anne havia chegado, de fato. E ela havia estado de volta na Inglaterra por apenas umas poucas semanas. Mas ela havia assumido, como se por direito, uma posição central na corte de Henry VIII. Uma posição que ela nunca deixaria." (STARKEY, 2004, p.266)

religioso, social e cultural. E também pela ausência, pelo silêncio, pela falta da vitalidade que emanava da figura de Anne Boleyn.

Para as festividades do natal de 1524, foi preparada uma nova *masque*, denominada *Chateau Blanc*. Starkey acredita que Anne possa ter sido uma das damas presas no castelo e questiona se Henry seria um dos cavalheiros lutando para tomar posse do castelo e salvar as damas. O historiador insinua que o rei poderia estar se exibindo para a nova beleza da corte: “Was King Henry also fighting in Anne’s presence? And for her? To show that him alone was fit to match with the Brunette, the new toast of the English Court?”³¹³ Quando esse episódio ocorreu, Anne já contava com pelo menos outros dois adoradores, Henry Percy e Thomas Wyatt. Starkey afirma que é impossível ter certeza, mas que o inverno de 1524-1525 é uma época provável para o início dos movimentos de Henry VIII em direção à Anne Boleyn³¹⁴.

Segundo Starkey, Henry VIII foi responsável pelo rompimento do acerto de casamento entre Anne e Hal Percy. De acordo com essa versão, em 1525, depois que Mary Boleyn teve um filho, Henry voltou-se para Anne. Contudo, para chegar até ela, primeiro, era necessário tirar o jovem Percy do caminho:

According to Cavendish, it was Henry’s Discovery of the pre-contract between Anne and Percy which first led him to take Wolsey into his confidence about his feelings for Anne. Wolsey would have been neither surprised not shocked. (...) Naturally, therefore, the minister set about offering his services to the king’s new liaison.³¹⁵

O historiador apoia-se no relato de Cavendish, segundo o qual sabendo do pré-contrato de casamento entre Anne e Percy, Henry teria pedido a ajuda de Wolsey para desfazer o compromisso. O cardeal agiu prontamente para atender aos interesses do rei. Para Wolsey, que tinha Percy como integrante de sua casa, a

³¹³ “O rei Henry estava lutando na presença de Anne? E por ela? Para mostrar que somente ele estava à altura da ‘morena’, a nova sensação da corte Inglesa?” (STARKEY, 2004, p.273, trad.no)

³¹⁴ A fonte de Starkey para essa informação é o relato de Cavendish.

³¹⁵ “De acordo com Cavendish, foi a descoberta por parte de Henry do pré-contrato de casamento entre Anne e Percy que primeiro o levou a tomar Wolsey com confidente a respeito de seus sentimentos com relação a Anne. Wolsey não teria ficado nem surpreso nem chocado. (...) E naturalmente, assim, o ministro colocou-se à disposição para servir à nova ligação do rei.” (STARKEY, 2004, p.275, trad.no)

tarefa era simples. O ministro chamou o rapaz e exigiu que ele pusesse um fim no compromisso que tinha com a jovem Boleyn:

Wolsey's first task was to eliminate Henry's young rival. (...) Immediately on his return to York Place from the Court, Wolsey summoned Percy. Then he set about browbeating him into submission. All the arts of the accomplished bully were used. He interviewed the young man in the Gallery at York Place, which was a semi-public space, and in front of his Chamber servants (who of course included Cavendish). And he employed his customary violence language. (...) Wolsey brutally pointed out the difference in status between Percy – 'like to inherit and possess one of the most worthiest earldoms of this realm' – and his prospective bride. Percy's hank made his marriage a question of State, on which it was his duty to consult the King. By failing to follow proper form, he had offended both king and his father.³¹⁶

Starkey acredita que o interesse de Henry por Anne iniciou muito antes daquela primeira carta em que o rei declara os sentimentos por ela. O historiador revela a brutalidade de Wolsey, ao inquirir o rapaz, humilhando-o diante de inúmeros outros integrantes da casa. E descreve como Wolsey, além de rebaixar Anne afirmando que havia uma grande diferença de status entre os dois, pressionou o rapaz afirmando que o rei já tinha outros planos matrimoniais para ela (referência ao casamento com Piers Butler). Com esse relato, historiador faz perceber que o Cardeal estava longe de ser um santo e que faria qualquer coisa para obter e manter o poder. Nessa medida, indica que a queda do Cardeal, obra de Anne ou não, foi apenas o resultado da vida que ele levou e não o martírio de um piedoso sacerdote. Assim, desconstrói a imagem de Anne como a concubina sanguinária e cruel. Anne, como todos na corte, lutava pelo poder, e isso, muitas vezes, significava eliminar os adversários.

Segundo Starkey, a reação de Percy foi bastante ousada para a situação, rebatendo veementemente os argumentos do primeiro ministro:

³¹⁶ “A primeira tarefa de Wolsey era eliminar o jovem rival de Henry. (...) Imediatamente, em seu retorno da corte ao palácio de York, Wolsey convocou Percy. Então procurou forçá-lo a submeter-se. Todas as artimanhas de coerção foram empregadas. Ele entrevistou o jovem na galeria no palácio de York, que era um espaço semi-público e em frente dos servidores de sua ‘chamber’ de seus criados de quarto (os quais com certeza incluíam Cavendish) e empregou sua costumeira linguagem violenta. (...) Wolsey brutalmente apontou a diferença de status entre Percy – que herdaria e possuiria uma dos mais valiosos condados do reino – e sua prospectiva noiva. A posição social de Percy fazia de seu casamento uma questão de estado, sobre a qual era dever dele consultar o rei. Tendo falhado em seguir o procedimento adequado, ele havia ofendido a ambos, o rei e seu pai.” (STARKEY, 2004, p.275, trad.no).

In the circumstances, Percy's replay was not without courage. He wept (tears were as in fashion in the early sixteenth century as in certain circles today). But he stood his ground. He was an adult, he said, and thought himself fit to chose a wife 'where my fancy served me best'. He defended Anne's descent and cited her Howard and Butler connexions. And he stood by his word to marry her: 'which I cannot deny nor forsake'. Wolsey, unused to such resistance, redoubled his attack and denounced him as 'a wilful boy'. Percy returned once more to the facts: 'I have gone so far before so many worthy witnesses that I know not how to avoid myself nor to discharge my conscience.'

Percy's steadiness is remarkable. He has the reputation, not altogether fairly, of a weakling and wastrel who nearly destroyed his family. But somehow he found the strength to hold out against the King's all-powerful minister. The strength can have come from only one source: his love for Anne Boleyn.³¹⁷

Nessa passagem fica clara a resistência e, mesmo, a audácia de Percy, ao se proclamar capaz de escolher a própria esposa, ao defender a linhagem de Anne, recorrendo aos parentescos com os Howard (por parte de mãe) e os Butler (por parte de pai)³¹⁸. O jovem se manteve firme, afirmou que não voltaria atrás no compromisso assumido e na palavra dada. Nessa passagem, mais uma vez, Starkey³¹⁹ atribui imenso poder a Anne Boleyn. De acordo com o historiador, Percy, que, posteriormente, adquiriu a fama de fraco e perdulário, encontrou forças para enfrentar o temido ministro unicamente no amor que sentia por ela. Com isso, representa Anne como uma mulher de imenso poder pessoal, capaz de despertar paixões avassaladoras. Além de Henry VIII, que rompeu com resto do mundo cristão para tê-la, pelo menos mais dois homens da corte foram apaixonados por ela. O jovem Henry Percy, herdeiro de Northumberland, que pelo amor de Anne enfrentou o Cardeal Wolsey, porta-voz dos desejos do rei. E o poeta cortesão

³¹⁷ "Nas circunstâncias a resposta de Percy não foi desprovida de coragem. Ele chorou (lágrimas estavam tão em moda no início do século XVI quanto estão hoje em alguns círculos). Mas ele continuou a defender sua decisão. Ele era um adulto e se sentia no direito de escolher a esposa que lhe parecesse melhor. Ele defendeu a descendência de Anne, e o parentesco dela com os Howard e os Butler. E ele permaneceu firme com relação a palavra dada de casar-se com ela: 'a qual eu não posso negar nem desertar'. Wolsey, não acostumado a tal resistência, redobrou seu ataque e o criticou duramente por ser um 'garoto cabeça dura'. Percy retornou ainda uma vez aos fatos: 'eu fui longe demais diante diversas testemunhas de valor e agora não sei como evitar o compromisso ou liberar minha consciência.' A constância de Percy é notável. Ele tem a reputação, não totalmente justa, de ter sido um esbanjador doentio que quase destruiu sua família. Mas de alguma forma ele encontrou força para contrariar o todo poderoso ministro do rei. A força só pode ter vindo de uma fonte: o amor que ele tinha por Anne Boleyn." (STARKEY, 2004, p. 276, trad.no)

³¹⁸ Tanto os Howard quanto os Butler eram famílias importantes e de nobreza muito antiga. Elizabeth Boleyn, mãe de Anne, era filha do terceiro duque de Norfolk e nascera Elizabeth Howard. Já a avó paterna de Anne, mãe de Thomas Boleyn, era a filha mais velha do conde de Ormond, sendo, portanto, uma Butler. Dessa descendência Butler é que vinha a disputa de Thomas Boleyn com os Butler pelo direito a herdar o condado de Ormond, na Irlanda. A disputa seria resolvida com o casamento de Anne com seu primo Piers Butler. A união não ocorreu, mas quando Anne subiu no favor do rei, Henry concedeu o título de Conde de Ormond a Thomas Boleyn.

³¹⁹ STARKEY, 2004.

Thomas Wyatt, que teve de se resignar a amá-la à distância, mas que a imortalizou em diversos poemas.

Ainda sobre o episódio Percy, de acordo com Starkey³²⁰, como a pressão não obteve os resultados esperados, Wolsey partiu para uma segunda e infalível estratégia: contactou o pai do jovem. O conde veio de Northumberland, rompeu o noivado do rapaz com Anne Boleyn e encaminhou providências para o casamento do mesmo com Mary Talbot. Percy foi terrivelmente infeliz no casamento. Não teve filhos, tornou-se um homem precocemente envelhecido e doentio, cujos excessos quase levaram a família à ruína. Morreu cerca de um ano após participar do julgamento que condenou Anne à morte.

O rompimento do noivado de Anne com Percy deixou o caminho livre para Henry fazer suas investidas e torná-la sua amante. Ao menos era isso que ele esperava. Mas, segundo David Starkey, as coisas não aconteceram dessa forma: “For Anne made sure that, for the first time in the king’s life, his gratification was delayed. But even she could not have guessed for how many weary years the delay would last.”³²¹ Aqui Starkey mostra a diferença de Anne em relação às outras mulheres por quem Henry sentiu-se atraído antes dela. Anne teve astúcia e a audácia de não satisfazer os desejos do rei. Conseguiu mantê-lo a uma distância segura, não se submeteu fisicamente, mas seguiu alimentando os desejos dele. No relato desse comportamento, já fica marcada uma das principais características de Anne Boleyn conforme a representação de Starkey: a insubmissão. As outras mulheres da corte, quando chamadas à cama do rei, não ousavam negar-se e eram, logo depois, descartadas. Anne, contudo, conseguiu driblá-lo.³²² Starkey³²³ observa que o jogo, em um determinado momento, saiu do controle de Anne, pois a espera pelo casamento – talvez a mais tensa de toda história – estendeu-se por anos a fio, consumindo-lhe os nervos e a juventude.

³²⁰ STARKEY, 2004.

³²¹ “Mas Anne assegurou que, pela primeira vez em sua vida, o rei tivesse sua satisfação retardada. O que nem ela poderia ter adivinhado era por quantos tantos e exaustivos anos a demora iria se prolongar.” (STARKEY, 2004, p. 278)

³²² O que não deve ter sido fácil.

³²³ STARKEY, 2004.

De acordo com o historiador, o suspense em que Anne manteve o rei não foi apenas por não se entregar fisicamente a ele, mas também por não oferecer uma resposta definitiva e afirmativa com relação à aceitação do sentimento amoroso que ele lhe oferecia através de convenções do amor cortês, tais como presentes significativos e cartas apaixonadas:

Anne kept Henry in suspense for over a year. He cajoled and pleaded. He made promises and gave gifts. Above all, he wrote letters. Anne, whether out of sentiment or prudence, kept his letters. But she was betrayed: somehow, seventeen of the letters, belonging to two widely different periods, were purloined and sent to Rome, no doubt to serve as evidence against Henry's divorce from Catherine. And there, in the Vatican library they remain. Henry almost certainly kept Anne's letters to him. But they have vanished – probably because he destroyed them years later, when his love for Anne had turned to hate and he tried to eradicate every memory of her. The result of this asymmetric survival of evidence is that our knowledge of their courtship is one-sided also. Henry's letters document each fluctuation of his feelings. Anne's emotions, on the other hand, can only be glimpsed, refracted and perhaps distorted, in Henry's replies to her letters.

But though her presence is off-stage, as it were, it remains the dominant one: Henry might be King, but he could neither command this woman nor her love.³²⁴

Nessa passagem, faz referência ao fato de que, devido as cartas de Anne terem desaparecido, é possível conhecer apenas os sentimentos de Henry. Os sentimentos e emoções de Anne são reflexos fugazes, apenas intuídos através dos comentários, nas cartas de Henry, a algo que ela teria dito ou feito. E, assim, restam somente pistas, provavelmente distorcidas, do que teriam sido os sentimentos dela. Starkey³²⁵ representa a vida interior de Anne Boleyn (pensamentos, sentimentos e emoções) como um grande ponto de interrogação. Um enigma que só seria

³²⁴ “Anne manteve Henry em suspense por mais de um ano. Ele adou e implorou. Ele fez promessas e deu presentes. Sobretudo, ele escreveu cartas. Anne por sentimento ou prudência, guardou as cartas dele. Mas ela foi traída: de alguma forma, dezessete das cartas, pertencentes a dois períodos largamente diferentes, foram roubadas e enviadas para Roma, certamente para servir como evidência contra Henry no divórcio de Catarina. E lá, na biblioteca do Vaticano elas permanecem. Henry é quase certo guardou as cartas de Anne com ele. Mas elas desapareceram – provavelmente porque ele as destruiu anos mais tarde, quando o amor por Anne se transformou em ódio e ele tentou erradicar cada lembrança dela. O resultado dessa sobrevivência assimétrica das evidências é que o nosso conhecimento do ‘courtship’ deles é unilateral. As cartas de Henry documentam cada flutuação dos sentimentos dele. Quanto as emoções de Anne, por outro lado, nós podemos ter apenas uma ideia, refratada\refletida e talvez distorcida, nas respostas de Henry às cartas dela.

Mas embora a presença dela seja ‘off-stage’ nos bastidores (?), como foi, ela permanece sendo a dominante: Henry podia ser o rei, mas ele não conseguia comandar essa mulher, nem os sentimentos dela.” (STARKEY, 2004, p.278, trad.no)

³²⁵ STARKEY, 2004.

resolvido com a descoberta de documentos perdidos, tais como as cartas dela para Henry ou algum outro tipo de anotação íntima.

O historiador nos leva a refletir sobre as representações da vida interior de Anne feitas pelo cinema e pela literatura. Até que ponto essas representações fazem justiça ao lado puramente humano dessa mulher? Quanto a Henry, o historiador salienta, fica claro pelo teor das cartas, o quanto ele bajulou e implorou, por mais de um ano, até resolver pleitear a palavra de Anne para tornar-se sua esposa. Fazendo referência a essa circunstância, o historiador delineia Anne como a figura hegemônica dessa fase do relacionamento. Ele mostra que apesar do silenciamento da voz dela, devido ao desaparecimento das cartas que escreveu, a presença dela era dominante e que Henry era incapaz de controlá-la.

O historiador descreve o primeiro grupo de cartas enviadas por Henry. Salienta que, pelo estilo literário, pelos torneios da linguagem e pela maneira como Henry se endereça a Anne, as mesmas se enquadram, tipicamente no âmbito das manifestações do amor cortês:

The first batch of Henry's letters are written in his own heavy hand and composed in his best literary French. Henry anatomises his heart and compares his love to the sun which (according to contemporary astronomy) was the hottest when it was farthest away. He addresses Anne as 'my mistress and friend' and he signs himself 'your loyal servant'.¹

These letters, in other words, still belong to the fantastical world of the masques and revels where Henry had first glimpsed Anne. It is the realm of Courtly Love, with its conventions, its artifice and its elaborate games with words. Henry's previous extra-marital relationships, with Elizabeth Blount and with Mary Boleyn, had remained at this level. But, at some point, Anne wrought an alchemy. She turned Henry's stilted sights into real passion. She made him, for the first and last time in his life, to fall properly in love. Like his rival Wyatt, he experienced the vicissitudes of passion: 'now joy, now woe'. He burned for fulfillment – in vain. And, the least patient of men, he had to school himself to wait.³²⁶

³²⁶ "O primeiro grupo das cartas de Henry foram compostas no melhor estilo literário francês e escritas pela pesada mão dele mesmo. Henry examina profundamente seu coração e compara seu amor ao sol que (de acordo com a astronomia da época) estava mais quente quando se encontrava mais distante. Ele se dirige a Anne como 'minha senhora e amiga' e assina como 'seu servo leal'. 1

Estas cartas, em outras palavras, ainda pertencem ao fantástico mundo, das 'masques' e festas onde Henry tinha visto Anne pela primeira vez. Era o território do amor cortês, com suas convenções, artifícios e elaborados jogos de palavras. As relações extraconjugais anteriores de Henry, com Elizabeth Blount e Mary Boleyn, permaneceram nesse nível. Mas em algum momento, Anne realizou a alquimia. Ela converteu o olhar afetado de Henry em paixão verdadeira. Ela fez com que ele pela primeira e única vez em sua vida, se apaixonasse completamente. Como o rival Wyatt, ele experimentou as vicissitudes da paixão: 'ora alegria, ora infortúnio'. Ele ardia por

Starkey apresenta Anne Boleyn como a única mulher por quem Henry VIII foi verdadeiramente apaixonado. A mulher que foi capaz de transformar as convenções do amor cortês, a ela dirigidas, em sentimento real. E por ela, Henry experimentou a angústia de ser apenas um homem apaixonado, tendo que esperar – não mais como rei, mas sim como qualquer outro mortal – pelo momento em que receberia a resposta de aceitação definitiva de seu amor. E esperou ainda por muito mais tempo pelo momento de unir-se fisicamente a Anne.

A união de Henry e Anne a partir do momento em que entraram em um acordo com relação a um casamento futuro é um ponto particularmente destacado por Starkey:

So Pole's account, written after the event in 1536, was to present a unique picture of Anne's activities in 1527. She was working with Henry on the Divorce recruiting expert opinion, introducing him to the arguments based on the 'Divine Law' prohibitions in Leviticus, and stiffening his resolve. And she was astonishingly successful. By late March Henry was ready to act. The basic arguments against his marriage were worked out (and were to change little in the years that followed).³²⁷

O historiador se serve do relato de Pole, no qual Anne aparece como uma figura extremamente ativa nas atividades que diziam respeito ao divórcio de Henry. Absolutamente diferente de uma mulher tradicional da época, Anne é representada como a parceira de Henry em sua grande batalha – conseguir o divórcio. O casal luta lado a lado, em situação de igualdade para atingir o objetivo traçado. Ela é delineada como uma mulher de idéias e iniciativa, que traz conhecimentos novos para o casal e cuja opinião tinha a aceitação e o respeito do parceiro. Ao representá-la dessa forma, revela-a como uma mulher à frente de seu tempo. Além disso, ao mostrar o engajamento do casal nas questões relativas ao divórcio, Starkey³²⁸ desconstrói representações da relação de Anne com o rei como tendo

satisfação – em vão. E o menos paciente dos homens, ele teve que educar a si mesmo para esperar.” (STARKEY, 2004, p. 279, trad.no)

³²⁷ “O relato de Pole, escrito após os eventos de 1536, apresenta uma descrição única das atividades de Anne em 1527. Ela estava trabalhando com Henry no divórcio recrutando a opinião de especialistas, ela levando a ele os argumentos baseados nas proibições da “Lei Divina” do Levítico, e fortalecendo sua resolução. E ela obteve um sucesso surpreendente. No final de março Henry estava pronto para agir. Os argumentos básicos contra o casamento dele haviam sido elaborados (e mudariam pouco nos anos que se seguiram). (STARKEY, p.2004, p.288, trad.no)

³²⁸ STARKEY, 2004.

sido ancorada apenas na sexualidade. Com isso, descompõe representações que a apresentam segundo a imagem tradicional da concubina.

Starkey segue sublinhando o pacto do casal na luta pelo divórcio, a situação de igualdade estabelecida no relacionamento de Anne e Henry e o equilíbrio e a comunhão entre as duas inteligências, que arquitetavam todos os planos juntos:

On 17 May 1527, only twelve days after the Court ball and only four months after Anne's New Year's exchange of pledges with Henry, Wolsey opened the Secret Trial of the king's marriage. 'Our Matter', as Henry called Divorce in his love letters to Anne, had begun.

Henceforward, in the Divorce, Anne and Henry were one. They debated it and discussed it; they exchanged ideas and agents; they devised strategies and stratagems. And they did all this together. Even when they were apart (in absences that were themselves calculated to further Divorce) they communicated almost daily by letter. They were, in short, Macbeth and Lady Macbeth – and Anne, like Lady Macbeth, frequently took the initiative. She was the bolder one of the pair, the more radical and, arguably, the more principled. The girl from Hever, the cocotte of the Court of Queen Claude of France, had metamorphosed into 'one of the makers of history'. It was an astonishing transformation.³²⁹

O historiador compara Henry e Anne, por suas tramas e ardis, com Macbeth e Lady Macbeth. Henry apresentou a ideia do divórcio; Anne foi ousada, radical e não aceitou retroceder. O historiador maravilha-se com a grande transformação da jovem de Hever: Anne se tornara uma 'agente da história'. Ele a compara à personagem de Shakespeare, o que alguns podem considerar nada lisonjeiro. No entanto, Lady Macbeth é uma das grandes personagens de Shakespeare, ninguém jamais a esquece por sua grande intensidade. Ela também foi, ao lado do marido, uma agente da história, pois ambos tomaram para si o trono. Lady Macbeth não deu ideias assassinas a Macbeth, ela entrou em comunhão com ele e forneceu-lhe a determinação necessária para executar aquilo que já havia pensado.

³²⁹ “No dia 17 de maio de 1527, doze dias somente após o baile da corte e somente quatro meses após a troca de votos de casamento com Anne no ano novo, Wolsey abriu o julgamento secreto do casamento do rei. A ‘nossa questão’, como Henry chamava o divórcio em suas cartas de amor para Anne, havia começado. Daí em diante, no divórcio Anne e Henry foram um só. Eles debatiam e discutiam, eles trocavam ideias e agentes; eles elaboravam estratégias e planos. E eles faziam tudo isso juntos. Mesmo quando eles estavam separados (em ausências que eram em si mesmas calculadas para fazer avançar o divórcio) eles se comunicavam quase que diariamente por carta. Eles eram, em resumo, Macbeth e Lady Macbeth – e Anne, like Lady Macbeth, frequentemente tomava a iniciativa. Ela era a mais ousada da dupla, a mais radical e, notadamente, a mais íntegra.

A garota de Hever, a cocotte da corte da rainha Claude da França, havia se metamorfoseado em uma das ‘makers of the history’. Era uma transformação surpreendente.” (STARKEY, 2004, p.285-286, trad.no)

É precisamente o título de agente da história, que Starkey confere a Anna Bolena, que dá a ela uma dimensão imensa e merecida, geralmente negada às mulheres no passado – afinal fazer história era assunto de homens. O contorno grandioso, com que ela se apresentou em vida, foi esmagado e apagado pela condenação à morte, contudo, é reestabelecido na narrativa de Starkey³³⁰.

Considerando a trajetória de mudanças na personalidade da personagem, desvelada pelo historiador, pode-se dizer que ele dá a ela uma dimensão humana, pois a representa nas inúmeras transformações que sofre ao longo da vida. Mostra, assim, a complexidade humana da personalidade histórica capaz de desenvolver-se, expandir-se e recriar-se.

Uma grande virada ocorreu na vida de Anne, no verão de 1527. Apesar disso, Starkey³³¹ destaca que, nos primeiros meses daquele ano, as fontes inglesas ainda não a mencionam. Somente os franceses, de quem ela já era conhecida, registraram a presença dela, no dia 5 de maio, no baile da corte. O historiador acredita que Henry manteve segredo sobre a ligação com Anne justamente devido à importância que ela tinha para ele:

This silence is curious. I suspect that Henry kept Anne out of the limelight because of her importance to him. Not only was she Henry's partner in the Divorce, she was, in fact, the reason he was seeking to annul his marriage in the first place. The chronology alone, established here for the first time, virtually proves the case: Henry had promised to marry Anne on or shortly after 1 January and he launched the first trial of his existing marriage to Catherine on 17 May. It was cause and effect. But, of course, Henry could never publicly admit to the connexion between the two events. To have done so would have been to acknowledge that he was dumping Catherine because he wanted to marry Anne. And that overnight would have destroyed the moral, if not the legal, case for the Divorce.

Instead, both Henry and Anne had to pretend and conceal. Their promise to marry had to be kept secret, as had the very existence of their relationship. Both found the game a strain. Henry was proud of Anne (and perhaps prouder still of his conquest of her) and wanted to show her off. Anne was as bold as brass and wanted to show off too. Hence the extraordinary risk of their appearance together at the Court ball. But they were good enough actors to get away with it.³³²

³³⁰ STARKEY, 2004.

³³¹ Ibid.

³³² “Este silêncio é curioso. Eu suspeito que Henry manteve Anne longe dos holofotes por causa da importância dela para ele. Ela era não somente a parceira dele no divórcio, mas também a razão pela qual ele estava buscando a anulação de seu casamento em primeiro lugar. A cronologia, por

Starkey defende que Anne era, na verdade, o motivo pelo qual Henry queria anular seu casamento. Assim, mais uma vez, confere um contorno grandioso à personagem. Sustenta que Anne foi a causa do fim do casamento, de mais de vinte anos, de Henry com uma princesa de sangue real, filha de reis e tia de um imperador. O historiador toma por base a cronologia para confirmar essa hipótese.

Segundo Starkey³³³, a relação foi mantida em segredo até que o primeiro julgamento do divórcio fosse lançado. O conhecimento de que Henry buscava o divórcio para casar-se com Anne anularia a moralidade do caso. Assim, Henry e Anne esforçaram-se para ocultar aquilo que na verdade queriam anunciar com toda pompa. Starkey define Anne como uma criatura “tão descarada quanto possível” e afirma que ela estava louca para exibir-se como noiva do rei. Henry, igualmente, queria gabar-se de tê-la conquistado. Se refletirmos sobre os padrões de moralidade e de comportamento esperado das mulheres na época, perceberemos que Starkey representa Anne como uma criatura ousada, corajosa e até mesmo temerária. O historiador, divertidamente, compara Anne a um ladrão que, certo da impunidade, fazia questão de mostrar a todos o fruto precioso de seu roubo.

De acordo com o autor de *Six wives*³³⁴, da forte união do casal, derivava o poder crescente de Anne. O verão de 1527 foi um marco na vida da personagem e na história da Inglaterra, a estrela se estabeleceu nas alturas e seu poder aumentou enormemente:

The summer Progress of 1527 was a climacteric – both in Anne's life and in the history of England. When the year began, her relationship with the King of England was the most closely guarded of secrets. When it ended and the rhythms of political life resumed in the autumn, all was out in the open. She

si só, estabelecida aqui pela primeira vez, virtualmente comprova o caso. Henry prometeu casar-se com Anne em ou logo após primeiro de janeiro e ele lançou o primeiro julgamento de seu casamento com Catarina em 17 de maio. Foi causa e efeito. Mas, é claro, Henry nunca poderia admitir publicamente a conexão entre os dois eventos. Ter feito isso seria ter admitido que ele estava chutando Catarina porque queria se casar com Anne. E isso (that overnight) destruiria a base moral, senão a base legal para o divórcio.

Ao invés disso ambos, Henry e Anne, tinham que fingir e ocultar. A promessa que eles tinham de se casar tinha de ser mantida em segredo, assim como a própria existência da relação entre eles. O jogo foi um grande esforço para ambos. Henry estava orgulhoso de Anne (talvez mais orgulhoso ainda de tê-la conquistado) e queria exibi-la. Anne era tão descarada quanto possível e queria exibir-se também. Daí o extraordinário risco da aparição deles juntos no baile da corte. Mas eles eram atores bons o suficiente para fazê-la impunemente.” (STARKEY, 2004, p.286, trad.no)

³³³ STARKEY, 2004.

³³⁴ Ibid.

had become Henry VIII's acknowledged consort-in-waiting and was queening it over a Court where she already exerted more power than the unfortunate Catherine had ever done. Meanwhile, as Anne rose, Wolsey, the great minister, declined. He spent the summer away from England, on Embassy to France. And, during his absence, his grip on policy, in particular the police of the Divorce, weakened alarmingly. Was this Anne's work? Had she engineered his convenient exile? Or did she only exploit it?³³⁵

Mais uma vez a representação de Anne como uma figura poderosa sobressai no texto de Starkey. Ele a descreve como tendo, sete anos antes do casamento, muito mais poder sobre a corte de Henry VIII do que Catarina de Aragão jamais teve em seus vinte e quatro anos de casamento. Apesar disso, o historiador questiona se Anne realmente teria planejado o afastamento de Wolsey, para trabalhar o enfraquecimento do poder do ministro. Na opinião do historiador, Anne apenas aproveitou-se da situação quando ela se ela se apresentou:

Rather, Anne took advantage of events as they unrolled. She had the necessary political skill ('a very good wit, as Cavendish put it'). She also had the strength of character to impose herself as the leader or 'chief mistress' (in Cavendish's phrase again) of Wolsey's opponents, who increased in number and confidence as his power waned. And above all, she had the luck, which also equally deserted Wolsey.³³⁶

Starkey mostra Anne como uma mulher muito inteligente e dotada de força de caráter³³⁷. Essas características fizeram dela a líder de uma facção³³⁸ que, na luta

³³⁵ "A expedição de verão de 1527 foi um período crucial – ambos, na vida de Anne e na história da Inglaterra. Quando o ano começou, a relação dela com o rei da Inglaterra era o mais bem guardado de todos os segredos. Quando ele terminou e as mudanças na vida política haviam recomeçado no outono, tudo havia se tornado público. Ela se tornou a reconhecida 'consort-in waiting' de Henry, e estava reinando sobre uma corte onde já exercia mais poder do que a infeliz Catarina jamais havia feito. Nesse meio tempo, enquanto Anne ascendia, Wolsey, o grande ministro, entrava em decadência. Ele passou o verão fora da Inglaterra, em uma embaixada na França. E durante ausência dele, o controle que ele exercia sobre a política, particularmente sobre a política do divórcio enfraqueceu alarmantemente.

Isso foi obra de Anne? Ela planejou convenientemente o exílio dele? Ou ela apenas explorou as circunstâncias?" (STARKEY, 2004, p.294, trad.no)

³³⁶ "Anne antes tirou vantagem dos acontecimentos na medida em que eles se desenrolaram. Ela tinha a habilidade política necessária ('uma sagacidade muito grande, como Cavendish colocou'). Ela também tinha a força de caráter para se impor como líder, ou 'chief mistress' (na expressão de Cavendish novamente), dos adversários de Wolsey, que aumentavam em número e confiança na medida em que o poder dele enfraquecia. E acima de tudo ela tinha a sorte, que igualmente havia desertado de Wolsey." (STARKEY, 2004, p.294, trad.no)

³³⁷ Observe-se que o historiador constrói uma caracterização positiva da personagem citando dados diretamente de uma fonte hostil a ela, comprovando a máxima de Bakhtin segundo a qual a contextualização que se dá às informações e o tom que se atribui a elas é mais importante que o conteúdo ou a origem dessas informações.

³³⁸ Para compreender a complexidade da questão que envolve a queda do Cardeal Wolsey, é preciso compreender que a corte de Henry VIII era dominada por uma política faccional, em que diversas facções se colocavam em luta pelo poder. Para se ter uma idéia a importância desse fator na história do período, basta saber que o estudo da política faccional é uma importante linha dentro

pelo poder, eventualmente, derrubou o Cardeal Wolsey. Os elementos de destaque na representação da personagem que sobressaem dessa passagem são: inteligência, personalidade forte, determinação e liderança. Esses caracteres definitivamente a colocam fora do padrão esperado da mulher no século XVI: frágil, passiva, dependente, submissa. Uma mulher como Anne jamais seria subalterna. Nessa medida, o historiador indica os fatores que provocaram a ascensão e a queda de Anne Boleyn. Ela era uma mulher completamente diferente do que deveria ser uma mulher na época, por essa razão, conseguiu subir ao trono. Mas, não tendo as poderosas conexões familiares que Catarina de Aragão possuía, a permanência dela no poder dependia de um golpe de sorte: o nascimento de um filho homem.

Diferentemente dos discursos históricos tradicionais, Starkey³³⁹ coloca Anne entre os agentes e construtores da história, embora ela tenha sido uma mulher, sem sangue real e condenada sob diversas acusações. O historiador confere-lhe alta visibilidade ao colocá-la no centro de um discurso que atribui a ela grande valor, especialmente ao desvelar a importância que teve no processo histórico.

Outro aspecto ressaltado por Starkey³⁴⁰ é que Anne viveu em plena época da reforma protestante e a família Boleyn aderiu à nova fé. Esse fato bastaria para levá-la à fogueira. De acordo com o historiador, os Boleyn, agiram deliberadamente com a intenção de provocar o rompimento com a igreja católica, levando o país a uma reforma religiosa. Isso significou uma dupla vitória: chegaram à mais alta esfera do poder e transformaram a Inglaterra em um país protestante.

Starkey³⁴¹ atribui a Anne um importante papel enquanto participante ativa e grande defensora da reforma protestante na Inglaterra. E, segundo ele, todos os indícios levam a crer que a atuação dela era sincera. Antes da reforma, segundo o historiador, Anne já propagandeava sua fé com o maior descaramento. Mantinha

dos estudos sobre o período Tudor, nos círculos acadêmicos da história no Reino Unido. O historiador Eric Ives, em seu estudo sobre Anne boleyn, lançou um dos modelos mais empregados, atualmente, nesses estudos. Na era Tudor, não havia partidos políticos, as disputas se faziam em termos de facções de poder.

³³⁹ STARKEY, 2004.

³⁴⁰ Ibid.

³⁴¹ Ibid.

relações com livreiros clandestinos que vendiam livros religiosos proibidos, chegando a intervir, conseguindo-lhes a liberdade, quando da prisão dos mesmos. George Boleyn agia com a mesma audácia, protegido pela impunidade garantida pela proximidade com o rei. Com o advento da reforma, Anne indicou bispos e cardeais, que permaneceram no posto por muitos anos após a morte dela. Segundo Starkey, foi a atuação extremada de Anne na direção da reforma religiosa e a defesa severa que fazia de seus pontos de vista, somadas ao desejo do rei de contrair um novo casamento, que a precipitaram para a morte.

Ao explicitar o grande poderio político que Anne alcançou, a extensão da participação dela na reforma religiosa e a insatisfação do rei com o casamento, o historiador mostra que existiam fortes motivos para que ela fosse tirada de cena. No entanto, sendo ela uma rainha coroada era preciso fundamentar com argumentos irrefutáveis a morte dela. Daí às acusações de adultério, incesto e bruxaria. Mostrando o contexto completo da vida, da atuação, da importância de Anne Boleyn e os motivos reais para a morte dela, Starkey³⁴² realiza a clarificação da memória da personagem histórica.

Embora destaque a sinceridade, a constância e a dimensão do envolvimento na reforma religiosa, o historiador não omite os aspectos mundanos da vida de Anne. Mesmo porque, naquela época, não havia contradição entre ser devota e ter uma vida de luxo e ostentação, na qual boa parte do tempo era dedicada ao lazer. Particularmente, se a devota fosse uma rainha:

For Anne the religious Reformer was only one side of the Queen. The other is glimpsed in Baynton's description of the goings-on among the Queen's ladies in the weeks after her coronation. (...) For life in the Queen's Chamber was not all Bibles, sermons and politics. There was dancing, singing and poetry. There were word-games and acrostics, gossip and jokes. Above all, there was love. Sometimes it was real. Sometimes it was a game. And often it was difficult to tell the two apart.³⁴³

³⁴² STARKEY, 2004.

³⁴³ "Para Anne, a reformista religiosa era apenas um lado da rainha. O outro é vislumbrado na descrição de Baynton da movimentação das damas de honra da rainha nas semanas que se seguiram à coroação. A vida nos aposentos da rainha não era só Bíblias, sermões e política. Havia danças, cantorias e poesia. Havia jogos de palavras, acrósticos, fofocas e piadas. Acima de tudo, havia amor. Algumas vezes era real. Algumas vezes era um jogo. E frequentemente era difícil diferenciar os dois." (STARKEY, 2004, p.564, trad.no)

A referência às reuniões nos aposentos da rainha menciona danças, música, poesia, jogos com a linguagem e humor. A descrição sinaliza que Anne Boleyn fomentava, em sua corte, um universo cultural rico e diversificado, especialmente musical e literário. Há o registro também do jogo do amor cortês, que era uma prática comum em todas as cortes européias da época. Eventualmente, o jogo podia tornar-se um sentimento real, como no caso de Henry e Anne, mas essa circunstância era muito rara.

Starkey comenta o gerenciamento que Anne fazia da corte, o controle que ela mantinha, ou deveria manter, sobre os súditos que a acompanhavam no dia a dia. Ele refere que características da personalidade dela, como o gênio difícil e a facilidade para entrar em discussões, poderiam criar situações de risco. De fato, deram oportunidade para Cromwell arquitetar o plano que a levou à ruína, a partir de um episódio aparentemente insignificante:

Anne's relationship to all this was ambiguous. She had the character, intelligence and presence to keep control. But she also had a shrewish side, and was tempted to bandy words, which was undignified and could easily escalate. There was a fundamental issue as well. She was most successful poacher of her age or any preceding one. This might make her an equally effective game keeper. On the other hand, her life story was a testament to the fact that, while virtue may be its own reward, vice really pays.³⁴⁴

Uma rainha não devia entrar em querelas com os súditos. Mas, Anne Boleyn entrava. Segundo Starkey, ela tinha dificuldade de manter controle sobre a moralidade em sua corte, pois as damas de companhia sentiam-se tentadas a buscar repetir o sucesso que ela obtivera. Então quando Anne dizia que todos deviam seguir rígidos padrões de virtude, era mais ou menos como dizer 'faça o que eu digo, mas não faça o que eu fiz'. Por essa razão, ficava difícil de obter obediência. O historiador salienta que a mesma circunstância que tornou Anne poderosa a fez vulnerável. Assim como, Henry deixou Catarina por ela, anos mais tarde, deixou-a por outra.

³⁴⁴“A relação de Anne para com tudo isso era ambígua. Ela tinha o caráter, a inteligência e a presença para manter o controle. Mas ela também tinha um lado genioso e era tentada a entrar em discussões, o que era embaraçante e podia facilmente tornar-se mais sério. Havia uma questão fundamental também. Ela era a atacante mais bem sucedida de sua época e de qualquer época precedente. Isso poderia igualmente fazer dela uma 'goleira' de sucesso. Por outro lado, a história de vida dela era o testamento do fato de que, enquanto a virtude pode ser sua própria recompensa, o vício realmente compensa.” (STARKEY, 2004, p.565, trad.no)

Religião, política, arte, amor, são já quatro áreas em que Anne Boleyn estendeu sua atuação, de acordo com a representação configurada no texto de David Starkey³⁴⁵. Partindo dessa representação, Anne aparece como uma figura complexa, de grandes proporções, bem mais do que inquietante.

O historiador aponta como motivos que levaram à queda de Anne Boleyn a insatisfação do rei com o casamento, devido a falta de um filho homem, e o desentendimento da rainha com o ministro. Estando o rei sequioso por contrair um novo matrimônio, quando a rainha se tornou uma ameaça a Cromwell, este decidiu derrubá-la.

De acordo com Starkey³⁴⁶, Anne se desentendeu com o ministro Cromwell devido a diferenças sobre os rumos da reforma religiosa. Anne defendia um curso moderado de reforma, com a manutenção de algumas casas religiosas consideradas exemplares, a transformação de outras em escolas e a destinação de parte da riqueza confiscada dos conventos e mosteiros para universidades:

And the 'better use' was education. Some houses could be turned into Bible-based educational foundations, like Stoke-by-Clare in Suffolk where she appointed her chaplain, Matthew Parker, as Master with a mandate to carry out the reform. And all could be required to direct part of their wealth to fund university bursaries and scholarships to train future clergymen to be more effective preachers of the 'Word of God'. Skip touched on this theme as well when he lamented 'the great decay of the Universities in this realm and how necessary the maintenance of them is for the continuance of Christ's faith and his religion'. And Anne had already made a major contribution to their revival, when she sued to Henry to exempt the universities from the payment of First Fruits and Tenth. If the charge had been levied, as the University of Cambridge explained in its letter of thanks to the Queen, '[it] would [have] greatly diminished the number of scholars in every College.'³⁴⁷

³⁴⁵ STARKEY, 2004.

³⁴⁶ Ibid.

³⁴⁷ "E esse 'uso melhor' era a educação. Algumas casas poderiam ser transformadas em fundações educacionais baseadas na bíblia, como Stoke-by-Clare em Suffolk onde ela havia indicado o capelão, Mathew Parker, como Mestre com um mandato para levar adiante a reforma. E tudo poderia ser solicitado para dirigir parte da riqueza deles para levantar fundos para bolsas nas universidades para treinar os futuros clérigos para se tornarem pregadores mais efetivos da 'Palavra do Senhor'. Skip tocou nesse tema quando ele lamentou 'a grande decadência das universidades neste reino e quão necessária é manutenção delas para a continuidade da fé em Cristo e sua religião'. E Anne já havia feito uma contribuição importante para o renascimento delas quando ela rogou a Henry que isentasse as universidades do pagamento de "first fruits and tenths". Se a taxa tivesse sido paga, como a Universidade de Cambridge explicou em uma carta

Starkey revela que a determinação da rainha em destinar parte dos fundos e patrimônio advindo da reforma religiosa para a educação foi o motivo do desentendimento fatal com Cromwell. O historiador destaca que Anne não aceitava corrupção por parte de integrantes do governo, que queriam se beneficiar da dissolução das casas religiosas. Assim, constrói uma representação de Anne Boleyn, não só como uma política ativa, mas também, empenhada em defender interesses bem mais amplos do que os de cunho pessoal. O historiador desconstrói, dessa forma, a representação, que se tornou senso comum, segundo a qual, Anne agia somente em benefício próprio. Starkey³⁴⁸ configura a personagem histórica como uma governante que lutou por melhorias na educação, hoje considerada direito fundamental do ser humano. Anne, conforme o autor de *Six wives*³⁴⁹, entrou em uma disputa perigosa, que a levou à ruína, não para defender o patrimônio pessoal, mas sim o bem comum.

David Starkey³⁵⁰ narra como Anne Boleyn lutou, com imensa força e obstinação, para chegar ao trono. Enfrentou Catarina de Aragão, a igreja católica, o sacro-império e a opinião do povo e de nobres ingleses. Tomou para si o trono da Inglaterra como quem toma posse de algo que lhe pertence por direito. Expõe, ainda, o uso que Anne fez de sua conquista e a forma como guerreou, bravamente, para protegê-la. De acordo com a visão do historiador, Anne não foi vencida por seus poderosos inimigos, mas por algo cujo controle estava fora de seu alcance. Foi vencida pela natureza, que lhe concedeu apenas uma filha. Somente uma menina, exatamente como Catarina de Aragão. Com a falta do herdeiro ansiado pelo rei, Anne Boleyn descumpriu sua única obrigação como rainha: gerar filhos homens e saudáveis, herdeiros do cetro, da coroa e dos domínios do pai. Assim, tornou-se presa, não do império, do Papa ou da opinião pública; mas do desejo insatisfeito de seu marido e de um inimigo não tão poderoso, mas dotado de grande inteligência: o ministro Thomas Cromwell.

de agradecimento à rainha, isso teria feito diminuir grandemente o número de estudiosos em cada 'College'." (STARKEY, 2004, p.557-558, trad.no)

³⁴⁸ STARKEY, 2004.

³⁴⁹ Ibid.

³⁵⁰ Ibid.

Ao apresentar dessa maneira a trajetória de ascensão e queda de Anne Boleyn, Starkey³⁵¹ a representa como um ser humano dotado de um valor inominável. Lutou e foi vitoriosa enquanto as conquistas se encontravam nos domínios que seu arbítrio, inteligência e obstinação podiam controlar. Ao colocar a história nesses termos, o historiador faz perceber que a grande ironia do destino de Anne é que ela foi derrubada por algo além de seu alcance: a inexorabilidade da natureza e o peso esmagador da visão de mundo da sociedade patriarcal de seu tempo.

A aproximação do discurso histórico Starkey³⁵² da forma narrativa literária sinaliza a consciência de que a história é também uma ficção. Uma ficção que representa o passado com base em evidências. Essa aceitação da natureza ficcional da história indica a compreensão da impossibilidade de se trazer o passado de volta como ele “realmente foi” e da existência de várias versões de um mesmo episódio histórico. Aliás, o próprio Starkey³⁵³ apresenta pelo menos duas versões do divórcio de Henry VIII. Uma no capítulo de Anne Boleyn e outra no capítulo de Catarina de Aragão. Procura revelar a vivência peculiar e o ponto de vista de cada uma das duas mulheres, respectivamente, nos capítulos em que figuram como personagens principais.

O historiador conta a história de Catarina. O sofrimento que passou após a morte de Arthur, negligenciada pela corte inglesa e pela família, que não a recebeu de volta. Sem saber que destino teria, a esperança era o casamento com Henry. Depois, as agruras que passou quando Henry decidiu deixá-la para casar-se com Anne. Por outro lado, relata a imensa força de vontade e perseverança de Anne Boleyn na luta pelo direito de tornar-se esposa de Henry VIII e, assim, de subir ao trono da Inglaterra. A cada uma delas, o historiador atribui méritos e vilanias, as duas são chamadas pelo painelista de “mulheres extraordinárias”³⁵⁴, “gigantes”³⁵⁵ e “oponentes valorosas”³⁵⁶. Emergem da narrativa como criaturas assustadoramente

³⁵¹ STARKEY, 2004.

³⁵² Ibid.

³⁵³ Ibid.

³⁵⁴ Ibid. p. 585.

³⁵⁵ Ibid p. XXIII.

³⁵⁶ Ibid p. XXIII.

humanas, capazes de amar e sofrer até à degradação física e de ir às últimas consequências em defesa daquilo que acreditavam lhes pertencer por direito.

Assim como Le Goff³⁵⁷ manifesta que a história deve apresentar-se e como descreve sua natureza, constitui-se a escrita histórica de David Starkey³⁵⁸. O autor de *Six wives*³⁵⁹ a populariza e faz uma história-arte. Para isso, emprega uma linguagem acessível e uma narrativa instigante, trabalhada no enredo, plena de suspenses e ironias. Aproxima-se, dessa forma, como ele mesmo sugere na introdução do livro, do texto literário. Essas características revelam que Starkey adota uma linha de escrita da história defendida e praticada pelo renomado historiador de Cambridge George Macaulay Trevelyan³⁶⁰, conforme Bárbara Tuchman destaca:

George Macaulay Trevelyan, que foi professor de história moderna na Universidade de Cambridge e grande defensor da história como literatura, em oposição à história como ciência, disse num famoso ensaio sobre sua musa que a idealmente a história devia ser a exposição de fatos sobre o passado, 'em todo seu valor emocional e intelectual, a um amplo público, através da difícil arte da literatura.' Note-se 'amplo público'. Trevelyan sempre deu ênfase à escrita para o leitor comum, em contraposição à escrita apenas para os colegas eruditos, porque sabia que quando escrevemos para o público temos que ser claros e interessantes, e esses são os critérios que determinam um bom texto.³⁶¹

Além de Trevelyan, teóricos da história, como Paul Veyne³⁶² e Le Goff³⁶³ aproximam a história da literatura. Veyne compara a história ao romance e a define como uma narrativa baseada em documentos, a qual pelo fato mesmo de ser uma narrativa não faz reviver os eventos que narra. Apenas tenta reconstruí-los discursivamente. Veyne chama atenção à natureza linguística da história ao enfatizar o papel do narrador-autor na seleção, arranjo e apresentação dos dados. Le Goff afirma que a história é uma arte ao mesmo tempo em que é uma ciência e sublinha sua subjetividade enquanto artefato discursivo. Foucault³⁶⁴ foi o precursor dessa

³⁵⁷ LE GOFF, 1996.

³⁵⁸ STARKEY, 2004.

³⁵⁹ Ibid.

³⁶⁰ George Macaulay Trevelyan (1876-1962) foi um proeminente historiador britânico praticava e advogava a prática da história como arte.

³⁶¹ TUCHMAN, Bárbara W. O historiador como artista. in: *A prática da história*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991, p. 38.

³⁶² VEYNE, 1998.

³⁶³ LE GOFF, 1996.

³⁶⁴ FOUCAULT, 2003.

linhagem de teóricos ao afirmar que a história é um discurso. Assinalou, dessa forma, a natureza linguística da disciplina e a inviabilidade da compreensão da história como verdade. Percebe-se, através das concepções dos teóricos da história, que Starkey não está sozinho em sua prática de uma história artística e popularizada. A vinculação do trabalho do historiador com uma tradição de respeitados historiadores de Cambridge e a consonância com o pensamento de diversos teóricos da história, atesta a legitimidade do tipo de escrita da história adotada por ele.

O texto de Starkey³⁶⁵, apesar da linguagem simples e viva, permanece vinculado à essência da prática historiadora, uma vez que constrói a narrativa toda dentro dos limites dados pelas fontes. O historiador tece hipóteses, faz comentários e reflexões em rápidas pinceladas para não tornar a narrativa pesada. E o mais importante, a narrativa não se afasta das evidências. As informações apresentadas em *Six Wives* têm as fontes mencionadas em longa lista de referências ao final do livro. Assim como Trevelyan e toda uma escola de pensadores da história, não vejo pecado em escrever para ser entendido por multidões.

David Starkey³⁶⁶ quebra o silêncio em torno de diversos aspectos da vida de Anne Boleyn, tais como: educação, importância política, envolvimento na reforma religiosa. Com isso, rompe o manto de invisibilidade que recobria a grandiosidade da personagem histórica. O autor de *Six wives*³⁶⁷ clarifica-lhe a memória, ao esclarecer os motivos reais da morte de Anne e ao inocentá-la das acusações que a levaram à morte. Com a quebra do silêncio e a clarificação da memória, retira-a da periferia e coloca-a no centro do discurso histórico. Dessa forma, faz dela uma personagem privilegiada historicamente. Esse procedimento acarreta o empoderamento da personagem, que deixa de ser a 'outra' marginal, invisível, e passa a ser a 'Outra' cêntrica, portanto, visível e poderosa. A partir do relato de Starkey³⁶⁸, e de outros historiadores que mostram a personagem em sua complexidade e relevância dentro do contexto histórico, Anne Boleyn passa a ter existência efetiva no âmbito da história.

³⁶⁵ STARKEY, 2004.

³⁶⁶ Ibid.

³⁶⁷ Ibid.

³⁶⁸ Ibid.



10. Anne Boleyn, Artista Desconhecido, Hever Castle, Kent, England.

5 Legitimando a “Outra” II: Anne Boleyn, The Most Happy

She had been a remarkable woman. She would remain a remarkable woman even in a century which produced many of great note. There were few others who rose from such beginnings to a crown, and none contributed to a revolution as far-reaching as the English Reformation. To use a description no longer in fashion, Anne Boleyn was one of the makers of history.³⁶⁹

5.1 Eric William Ives

Professor e historiador Eric William Ives nasceu em 12 de julho de 1931, em Romford, Essex, na Inglaterra, e faleceu, em 25 de setembro de 2012. O pai de Eric teve que deixar os estudos aos 13 anos de idade e mesmo tendo conseguido uma boa posição em uma companhia comercial, decidiu que seus dois filhos teriam a educação que ele não teve. Assim, o jovem Ives graduou-se e doutorou-se em História, no Queen Mary College, em Londres, e fez carreira como pesquisador acadêmico.

Contudo, antes de tornar-se um acadêmico, prestou o Serviço Nacional por dois anos, tornando-se, em 1955, piloto da Força Aérea Real. Tornou-se pesquisador assistente no History Parliament Trust, em 1957, e logo depois passou a integrar o Instituto Shakespeare, Stratford-Upon-Avon, da Universidade de Birmingham, onde atuou de 1958 a 1961. Entre os anos de 1962 e 1969, Ives foi Lecturer of History na Universidade de Liverpool, e foi lá que ele desenvolveu a

³⁶⁹ “Ela foi uma mulher notável. Ela continuaria sendo uma mulher notável mesmo em um século que produziu muitas de grande relevo. Poucas outras ascenderam do ponto de onde ela ascendeu para chegar ao trono e nenhuma contribuiu para uma revolução tão importante e abrangente como a reforma religiosa na Inglaterra. Usando uma descrição fora de moda, Anne Boleyn foi uma agente da história (makers of history).”(IVES, 2007, p.359, trad.no).

pesquisa que deu origem à primeira versão de seu mais famoso trabalho, a biografia de Anne Boleyn (1986).

Após o período em Liverpool, Ives retornou para Birmingham, onde permaneceu até o final de sua carreira. Em 1989, tornou-se diretor da Faculdade de Artes, foi vice-reitor da universidade entre os anos de 1989 e 1993 e chefe do departamento de História Moderna entre 1994 e 1997, quando se aposentou formalmente. Não se sentia à vontade diante de holofotes e era comum vê-lo caminhando apressadamente pelo campus. Foi um administrador renovador, entusiasta e determinado, que trabalhou muito para desenvolver as áreas de Artes e Humanidades, da Universidade de Birmingham. E ficou conhecido por sua extrema amabilidade e consideração com todos, especialmente, com os colegas jovens e inexperientes. Mesmo após a aposentadoria, continuou trabalhando ativamente em pesquisas e também como *chair of governors of Warwick School*. Em 2001, recebeu o título de OBE (Officer of British Empire), por seus serviços prestados à história e à Universidade de Birmingham.

Eric Ives foi um dos grandes nomes da história do período Tudor, de sua geração, tratou de temas que abrangiam história política, religiosa e legal, especialmente na corte de Henry VIII. Como professor, foi festejado pelas aulas empolgantes, pela capacidade de simplificar temas complexos e pelo senso de humor peculiar. Uma das máximas divertidas que ele apreciava era: "I always look at both sides of an argument – my side, and the wrong side."³⁷⁰ As obras de Eric Ives, além de *The life and death of Anne Boleyn: The most happy* (2004), incluem: *Letters & accounts of William Brereton* (1976); *God in history* (1979); *Faction in Tudor England* (1979); *The common lawyers of pre-reformation England* (1983); *Anne Boleyn* (1986); *Henry VIII* (2007); *Lady Jane Grey: A Tudor Mystery* (2009); *The Reformation experience* (2012).

Eric foi casado com Ruth Denham por 43 anos, com ela teve dois filhos, Susan e John. Ruth, que era professora em uma escola e conhecedora de línguas, foi uma grande parceira de Ives em seus trabalhos, colaborando com a tradução de

³⁷⁰ CHURCHILL, 2012.

documentos e revisando textos. Após o casamento, Ives tornou-se metodista e, depois de um tempo, batista. Tanto Ruth quanto Ives eram membros ativos e pregadores leigos na igreja batista de Castle Hill, em Warwick. Ives acreditava no diálogo entre as religiões e sua fé deu origem a uma das obras menos conhecidas do historiador, *God in history*. Ruth faleceu em 2004, seu companheiro encerrou as atividades na terra e foi encontrá-la em 2012.

5.2 Life and death of Anne Boleyn: The most happy³⁷¹

O texto de Eric Ives³⁷², *The Life and Death of Anne Boleyn: The most Happy*, de 2004, é uma reescrita do livro *Anne Boleyn*, de 1986. A reescrita foi feita devido às novas evidências sobre a vida de Anne, que vieram à tona com a publicação do *The inventory of King Henry VIII*³⁷³, por David Starkey, e que revolucionaram aquilo que se sabia sobre a vida dela como rainha. Ives justifica o novo livro sobre Anne Boleyn, afirmando que a importância de Anne ultrapassa e muito a das circunstâncias da morte dela. Além disso, relatou que fazia apenas dez anos que havia descoberto os motivos pelos quais ela tinha que morrer. Segundo o historiador, Anne Boleyn deveria ser considerada um ícone feminista, por ter aberto caminho através do caráter e da determinação, em uma época e uma sociedade antes de tudo dominadas pelos homens.

Mesmo em sua primeira versão, a biografia de Anne, escrita por Ives foi fruto de uma longa pesquisa e precedida por, pelo menos, dois outros livros do autor, que deram a ele o incentivo e o respaldo para escrever sobre o assunto. O primeiro livro foi um estudo sobre a vida de William Brereton (um dos alegados amantes de Anne), *Letters & accounts of William Brereton* (1976). O historiador nunca conseguiu acreditar que o homem de meia-idade, sério e sem graça, que era Brereton, pudesse ter sido amante de Anne Boleyn. O segundo livro, *Faction in Tudor England* (1979), no qual o historiador apresenta um estudo do papel político das facções na

³⁷¹ “A vida e a morte de Anna Bolena: a mais feliz de todas.” (Trad.no)

³⁷² IVES, 2007.

³⁷³ STARKEY, 1998.

corte Tudor, analisando, ainda, a organização e o funcionamento desses grupos nas disputas pelo poder, foi uma peça indispensável para a escrita da biografia de Anne. A partir dele o historiador levantou evidências que revelam que a queda de Anne Boleyn foi um golpe faccional, liderado por Cromwell, para tirar Anne e seus aliados do poder. A análise apresentada por Ives, na biografia de Anne, forneceu modelo para estudos proeminentes sobre as facções da corte. Outro diferencial do texto de Ives, com relação a trabalhos anteriores sobre Anne, é o destaque que ele confere à participação dela na reforma da igreja na Inglaterra, sublinhando a fé religiosa e o comprometimento da rainha no processo de reformulação da igreja. Ives regozijou-se com a grande controvérsia gerada por seu texto; que provocou o surgimento de inúmeros outros trabalhos sobre o assunto, muitos dos quais ostensivamente contrários às teses que ele apresentou. Com prazer, o historiador se dedicou a rebatê-los, na medida em que se apresentavam.

*Life and death*³⁷⁴ se enquadra no âmbito da história biográfica, pois focaliza exclusivamente a personagem histórica Anne Boleyn. O historiador procura evidenciar o maior número de aspectos possível, buscando representar o perfil e o percurso da personagem da forma mais complexa e completa que possa ser realizado. Muito embora essa seja uma tarefa difícil, pois grande parte dos rastros da passagem de Anne sobre a terra foram apagados. Ou seja, destruídos. Um aspecto do texto que eleva seu valor enquanto relato histórico é o fato de que o autor contextualiza a narrativa biográfica no processo histórico, aliás, considerando a trajetória de Anne Boleyn, nem poderia ser diferente.

Ives³⁷⁵ escreve uma história transformacional, na medida em que o perfil de Anne que ele apresenta modifica e se opõe a representações da personagem dominantes nos discursos da história até a metade do século XX. A narrativa de Ives revela-se inovadora do ponto de vista contudístico e ideológico. No entanto, ela se mantém altamente convencional no sentido de que o historiador trabalha de acordo com as regras disciplinares da escrita da história, atendo-se a relatar apenas o que pode ser auferido a partir do estudo das fontes, as quais são todas referidas detalhadamente ao final do volume.

³⁷⁴ IVES, 2007.

³⁷⁵ Ibid.

A sujeição da narrativa às evidências confere-lhe credibilidade e, conseqüentemente, maior aceitação. A narrativa obedece aos limites estritos do fazer historiográfico. Isso lhe permite questionar e mesmo desautorizar narrativas anteriores, com base na apresentação de novas evidências, de interpretações renovadas, de um estudo mais cuidadoso das evidências já conhecidas e no alargamento do quadro apresentado. Essa atitude discursiva possibilita que o texto cumpra o objetivo primordial de resgate da personagem histórica e modificação das imagens criadas pelos detratores de Anne, disseminadas e sedimentadas pela tradição.

Ao apresentar a Anne Boleyn sob uma nova ótica, o biógrafo desnuda os processos de exclusão, envilecimento, silenciamento e apagamento, sofridos por ela ao longo de quase quinhentos anos. E, assim, sinaliza a existência de um aparato ideológico subjacente a todo fazer historiográfico que determina as luzes, a perspectiva e os contornos que são dados a cada personagem, circunstância, período ou acontecimento.

*Life and death of Anne Boleyn*³⁷⁶ é constituído de quatro partes e dividido em 24 capítulos. Na primeira parte, o autor focaliza as origens da família de Anne; o período de educação no exterior; e a chegada na corte Inglesa. Na segunda parte, focaliza o período em que Anne e Henry mantiveram votos de casamento futuro (mesmo estando ele ainda casado com Catarina); durante o qual Anne ascendeu passo a passo, tornando-se a figura mais poderosa (e temida?) da Inglaterra depois do rei. Na terceira parte, o historiador focaliza o curto período do reinado de Anne Boleyn. E, finalmente, na quarta parte, o biógrafo se detém nas circunstâncias envolvidas na destruição do casamento de Anne; bem como, àquelas que a levaram à condenação e morte, juntamente com mais cinco homens que participavam do mais alto círculo do poder.

A hipótese de Ives é de que Anne foi morta não por ter cometido incesto, adultério ou por realizar práticas de bruxaria, mas sim por ser politicamente muito

³⁷⁶ IVES, 2007.

poderosa. Ives³⁷⁷, assim como Starkey³⁷⁸, afirma que o casamento de Henry e Anne era baseado em amor e afeição (situação quase única entre soberanos até o século XX); e que os dois viviam em situação de grande intimidade. A proximidade do casal, de acordo com os dois historiadores, era a fonte do poder de Anne. Segundo o biógrafo³⁷⁹, um índice desse poder seria o fato, referido em cartas e crônicas da época, de que embaixadores e nobres estrangeiros, quando em visita à Inglaterra, eram aconselhados homenageá-la e a agradá-la (antes mesmo de se dirigir ao rei), levando-lhe custosos presentes.

No prefácio, Ives³⁸⁰ comenta diversos aspectos da vida da personagem, que são desenvolvidos ao longo do texto. Representações que apresentam Anne como uma vilã desprovida de qualquer atributo positivo são mencionadas e desconstruídas ao longo da narrativa. A desconstrução desses discursos é feita através: a) da apresentação de novas evidências; b) de considerações inovadoras em torno das evidências existentes; c) da ampliação do quadro geral da figura histórica; d) do redimensionamento da trajetória da personagem a partir da exploração de pontos desconsiderados por outros historiadores através dos séculos. Para ilustrar as representações negativas de Anne Boleyn, largamente difundidas e aceitas como ‘verdade’ pelo senso comum, o biógrafo cita a caracterização feita por um historiador britânico em pleno século XX:

A.F. Pollard, who dominated Tudor history in the years before Second World War, wrote that Anne’s ‘place in English history is due solely to the circumstance that she appealed to the less refined part of Henry’s nature; she was pre-eminent neither in beauty nor in intellect, and her virtue was not of a character to command or deserve the respect of her own or subsequent ages.’³⁸¹

Ives rebate vigorosamente a visão de Pollard através de questionamentos que, ao final, se revelam fortes argumentos; e que são respondidos parcialmente no próprio prefácio e pontual e detalhadamente ao longo da narrativa:

³⁷⁷ IVES, 2007.

³⁷⁸ STARKEY, 2004.

³⁷⁹ IVES, 2007.

³⁸⁰ Ibid.

³⁸¹ “A.F. Pollard, que domino a história Tudor, nos anos que antecederam a Segunda Guerra Mundial, escreveu que o lugar de Anne ‘na história inglesa se dee somente à circunstância de que ela apelava para a parte menos refinada da natureza de Henry; ela não era proeminente nem em beleza, nem em intelecto, e a virtude dela não era do tipo para comandar ou merecer respeito de sua própria época ou das subsequentes.” (IVES, 2007, p. XIV, tradução nossa)

Is it credible that the woman Henry VIII pursued single-mindedly for six years should be so worthless? And why did Henry marry one of his own subjects? It was a virtual rule among Western monarchs to marry for political advantage – almost always a foreign princess. If carnal desire was what drove Henry, society had mechanisms other than marriage to deal with that. (...) And was Anne, as Pollard and most of historians have implied, merely Henry's obsession; had she nothing to say for herself? The 'other woman' in the most shattering marriage break-up in history, she ousted an entrenched queen of many years' standing, hugely respected. And what did she make of her victory?³⁸²

Nessa passagem, Ives deixa claro que a maioria dos historiadores compartilhava (e difundia) da mesma visão negativa de Anne Boleyn expressa por A.F.Pollard. O historiador sublinha o imenso poder pessoal de Anne Boleyn. Não tendo nascido em uma casa real, contou apenas com a própria força e obstinação para suplantar Catarina de Aragão e arrancá-la do trono, em uma batalha que tomou proporções políticas e religiosas gigantescas.

Ives³⁸³ constrói a representação de Anne Boleyn, abordando detalhadamente, com base em meticulosa pesquisa de fontes, tópicos específicos referentes à vida da personagem. Esses mesmos tópicos foram muitas vezes omitidos ou distorcidos por outros historiadores, de modo a forjar argumentos empregados para diminuí-la.

5.3 Anna Re-Construída

Ao abordar a questão referente às origens de Anne Boleyn, Ives³⁸⁴ desfaz versões estabelecidas pela tradição com relação ao local de nascimento e à origem

³⁸² “É de crer que a mulher que Henry perseguiu por seis anos possa ter sido tão desprovida de valor? E por que Henry casou com uma de suas súditas? Era uma regra entre os soberanos ocidentais casarem por vantagens políticas – quase sempre uma princesa estrangeira. Se o desejo carnal era o que movia Henry, a sociedade tinha outros mecanismos para resolver a questão, que não o casamento. E, se Anne foi, como Pollard e a maioria dos historiadores têm insinuado, somente uma obseção de Henry; ela não tinha nada a dizer por si mesma? A ‘outra’ mulher no divórcio mais estilhaçante da história desbancou uma rainha entrincheirada por muitos anos, enormemente respeitada. O que ela fez dessa vitória?” (IVES, 2007, p. XIV, trad. no).

³⁸³ Ives, 2007.

³⁸⁴ Ibid.

da personagem. O biógrafo esclarece, por exemplo, que contrariamente ao que conta a tradição, Anne não nasceu no castelo de Hever, mas sim em Norfolk, provavelmente na residência dos Boleyn em Bickling. Outro ponto, estabelecido pela tradição e contraposto por Ives, é a crença de que os Boleyn eram uma família de mercadores de Londres. O historiador traça uma árvore genealógica dos Boleyn e de boa parte da nobreza da era Tudor. Segundo ele, Anne Boleyn nasceu uma grande dama, com origens não muito diferentes daquelas da maioria dos nobres ingleses da época. Nas palavras do historiador:

Her father, Thomas, was the eldest son of Sir William Boleyn of Blickling, and her mother, Elizabeth, was the daughter of Thomas Howard, earl of Surrey, one of the premier nobleman in England. There was mercantile wealth in the family, but to get to that we have to go back to Geoffrey Boleyn, the builder of Hever. He had left Norfolk in 1420s, made his fortune as a mercer in London, served as an alderman and become Lord Mayor in 1457-1458. Fifteenth-century England, however, was a society open to wealth and talent.³⁸⁵

O historiador revela as origens da família de Anne, sem ocultar o passado mercantil. Entretanto, destaca que os Boleyn não eram os únicos e, assim como Starkey³⁸⁶, afirma que a maioria dos nobres ingleses da época tinha a mesma origem: “Anne Boleyn came, in fact, from the same sort of background as the majority of the Tudor upper class. Indeed, she was better born than Henry’s VIII three other English wives.”³⁸⁷ E reforçando a sua afirmativa, cita o exemplo do duque de Suffolk. William de La Pole era um dos homens mais poderosos da Inglaterra, havia se tornado duque em 1448 e era bisneto de um mercador de Hull. O historiador esclarece as origens da personagem, indicando-lhe a descendência nobre, e a contextualiza no quadro da elite da época. Mostra que, na realidade, ela estava no mesmo nível de grande parte da nobreza na corte Tudor. Assim, desconstrói a versão, amplamente difundida, segundo a qual, Anne seria uma arrivista social.

³⁸⁵ “O pai dela, Thomas, era o filho mais velho de Sir William Boleyn, de Blickling, e a mãe dela, Elizabeth, era filha de Thomas Howard, conde de Surrey, um dos nobres mais importantes da Inglaterra. Havia riqueza mercantil na família, mas para chegar até ela, nós temos que retornar a Geoffrey Boleyn, o construtor de Hever. Ele deixou Norfolk em 1420, fez fortuna como mercador em Londres, foi juiz e paz e prefeito de Londres entre 1457-1458. A Inglaterra do século XV era uma sociedade aberta à riqueza e ao talento.” (IVES, 2007, p.4, trad. no).

³⁸⁶ STARKEY, 2004.

³⁸⁷ “Anne boleyne, na verdade, vinha do mesmo tipo de background que a maioria da classe alta inglesa, na Era Tudor.” (IVES, 2007, p.4, trad.no).

Outro tópico relevante na representação de Anne Boleyn, feita na obra de Eric Ives³⁸⁸, diz respeito à questão da educação. Anne foi tratada por muitos historiadores (e por alguns romancistas e cineastas) como uma mulher atraente apenas pela sexualidade, sem qualquer habilidade, atributo moral ou intelectual que explicasse o prolongado interesse do rei. Quanto à educação que ela recebeu, às habilidades e aos atributos intelectuais de Anne Boleyn, a resposta de Ives a todos que a diminuiram através dos tempos é apresentada a seguir.

Ives³⁸⁹ revela que Anne recebeu uma educação elevada. Viveu vários anos fora da Inglaterra, foi dama de companhia na corte da arqueduesesa Margarete da Áustria (1513-1514), em Mechelen, nos Países Baixos. E, posteriormente, da rainha Claude (1515-1521), na França. De acordo com o biógrafo, Anne foi enviada por seu pai à corte de Margarete da Áustria para que tivesse a melhor educação disponível na época. O historiador explica que os membros da elite europeia ansiavam por fazer educar os filhos nas mesmas condições e juntamente com os futuros governantes. Salienta também que Anne foi uma das pioneiras, ou seja, uma das primeiras mulheres a receber esse novo modelo de educação renascentista. E destaca que na corte de Margarete, além de aprender a tocar instrumentos, a compor e a dançar, Anne aprendeu Francês e Latim. E também esteve em estreita convivência com as artes, bem como, com as maneiras adequadas para se portar na corte. Ives ressalta que em um meio onde as distrações eram as atividades principais, aqueles que dominavam bem as suas técnicas acabavam por destacar-se:

There was, as we shall see, far more to entertainment than previous generations of historians have realized; confidence in the work ethic has obscured the fact that once leisure is plentiful, managing it becomes a serious business. The elaborate dances, hunts, tournaments and festivities which fill so many pages in contemporary accounts were not peripheral elements in Renaissance court; they belonged to the core of princely rule – and of the success of a prince's courtiers. Anne Boleyn's later achievements owed a very great deal to what she was now beginning to learn with Margaret of Austria.³⁹⁰

³⁸⁸ IVES, 2007.

³⁸⁹ Ibid.

³⁹⁰ “Havia, como veremos, muito mais entretenimento, do que gerações de historiadores anteriores se deram conta. A confiança no trabalho ético obscureceu o fato de que onde as horas vagas são muitas, saber gerenciá-las se torna um negócio sério. As danças elaboradas, as caçadas, os torneios, as festividades, que preenchem tantas páginas nos relatos contemporâneos, não eram elementos periféricos na corte da Renascença. Elas pertenciam à essência do regime principesco

Ives comenta que os historiadores de épocas precedentes não atribuíram o devido valor às atividades de lazer rotineiras da corte renascentista. No entanto, tais atividades eram centrais nos governos monárquicos do século XVI. E se a diversão ocupava grande parte do tempo, para ser bem sucedido, não bastava ser inteligente e politicamente capaz, era necessário dominar com maestria as técnicas de entretenimento, pois o rei desejava passar o tempo em boa companhia. Todo o poder era centralizado na figura do rei (ou a quem ele o delegasse), então, quanto mais próximo estivesse o cortesão e mais prazer proporcionasse ao soberano, maiores as chances de obter vantagens. Em razão disso, os melhores parceiros nas diversões eram os que obtinham mais poder.

Anne teve a chance desenvolver fabulosamente todas as habilidades requeridas a uma dama da corte, nas cortes de Bruxelas e, posteriormente, na França. O historiador atribui boa parte do sucesso que Anne obteve na corte de Henry de VIII às habilidades que ela adquiriu em suas experiências continentais. A habilidade essencial na corte era saber dançar, pois eram muitas as ocasiões em que se dançavam as elaboradas danças da corte, como a *Almain*³⁹¹, a *Pavane*³⁹² e a *Galliarda*³⁹³. Tomar parte constituía a principal obrigação das damas de honra da rainha:

The essential courtly skill was dance. All courts of Europe danced and being there to take part was a principal obligation on Anne and the other maids of honor. (...) Dancing was also integral to the indoor pageants and formal entertainments in which the Burgundian ducal court set fashion for the rest of polite Europe.³⁹⁴

O historiador apresenta Anne Boleyn como uma exímia dançarina. E, como detentora de uma vantagem virtual sobre as demais damas da corte inglesa, pois aprendera a dançar na corte de Bruxelas, que decretava a moda para as outras das

– e do sucesso dos cortesãos de um príncipe. As conquistas posteriores de Anne Boleyn se deveram em grande medida ao que ela estava começando agora a aprender com Margarete da Áustria.” (IVES, 2007, p. 20, trad.no).

³⁹¹ *Almain* (Faixa 1 CD).

³⁹² *Pavane* (Faixa 6 CD - início).

³⁹³ *Galliarda* (Faixa 6 CD - final).

³⁹⁴ “A habilidade fundamental na corte era a dança. Todas as cortes da Europa dançavam. E tomar parte nas danças era uma das principais atribuições de Anne e das outras damas de honra. Dançar era essencial também nas festividades, cerimônias e entretenimentos formais, para os quais a corte ducal da Burgúndia estabelecia a moda para as demais cortes da Europa.” (IVES, 2007, p.20, trad.no).

cortes da Europa. Em adição a isso, segunda corte mais sofisticada da Europa era a corte francesa e após um ano na corte da arqueduesesa, Anne partiu para a França. Lá permaneceu por sete anos, como dama de companhia da rainha Claude, exercitando as mesmas habilidades que desenvolveu na corte imperial.

Além do domínio das técnicas de lazer, na corte de Margarete da Áustria, Anne aprendeu francês, a língua do mundo sofisticado na época, e esteve em contato estreito com um universo cultural de riqueza sem precedentes em sua terra natal até aquele momento:

As well as French and the ways of the courtly world, the court of Margaret of Austria offered Anne Boleyn experience of a culture of which she could previously have perceived only pale reflections. (...)First, the cities themselves: this was the era of the great cathedrals and civic buildings of the Low Countries (...). Next, as we have seen, there was the magnificent society of the duke and his court, which exploited arts for princely prestige and married culture with chivalry as the *beau idéal* of every gentleman. Finally, there was the international marketing for painting, illumination, books and, of course, music.³⁹⁵

Anne é apresentada como alguém que teve a oportunidade de, em tenra idade, mergulhar nos ambientes mais ricos e sofisticados de sua época. Esses ambientes eram também os locais de grande florescimento da cultura, as cortes do Sacro-império e da França. Assim, o historiador revela, a personalidade de Anne Boleyn foi formada na convivência diária com as mais variadas artes, em ambientes onde se prezavam ao máximo, a cultura e os ideais do cavalheirismo.

As habilidades musicais de Anne Boleyn são mencionadas por inúmeros cronistas de seu tempo, mesmo por aqueles que lhe eram hostis, com relação a isso Ives comenta que: “De Carles particularly emphasized her musical ability – ‘she knew perfectly how to sing and dance... to play the lute and other instruments’ – and

³⁹⁵ “Assim como o Francês e as maneiras do mundo cortês, a corte de Margarete da Áustria ofereceu a Anne a experiência de uma cultura à qual, previamente, ela só teria percebido através de reflexos pálidos. (...) Primeiro, as próprias cidades: aquela foi uma época de grandes catedrais e prédios de governo nos Países Baixos (...). Next, como nós vimos, havia a magnificente sociedade da duquesa e sua corte, que explorava as artes para alcançar prestígio régio, que conjugava cultura e cavalaria como o ideal de beleza de cada cavalheiro da corte. Finalmente, era lá o grande mercado internacional de pinturas, iluminuras, livros e, é claro, música.” (IVES, 2007, p.22, trad.no).

her skill was such as to be remembered even in hostile reminiscences.”³⁹⁶ Então Ives cita o comentário de Nicholas Sanders, em que ele afirma que Anne sabia tocar bandolim e que era uma boa dançarina. Em comentário anterior, o historiador já havia feito referência às habilidades musicais de Anne e à possível habilidade como compositora. Bem como, ao gosto musical que ela adquiriu na corte de Bruxelas. Além de mencionar várias fontes que registram a habilidade musical de Anne, o historiador cita um caderno de canções que pertenceu a ela e que atualmente se encontra no Royal College of Music:

One must assume, too, that this taste was shown in Anne’s own music making, for somewhere in her education she was able to develop considerable music skill; this is evidenced in a number of sources and may well have been an interest in common with Henry VIII, who prided himself on his own musical abilities.³⁹⁷

Ives não apenas destaca as habilidades musicais de Anne, ele sugere que a música possa ter sido um meio de aproximação entre ela e Henry VIII. Assim, o historiador dá início à construção de uma representação da personagem que mostra o interesse do rei por ela ia muito além dos instintos sexuais, conforme afirmado por Pollard³⁹⁸. Todas essas referências às habilidades musicais de Anne Boleyn, controem uma imagem da personagem histórica como uma mulher que se destacou por sua capacidade não apenas de tocar instrumentos, mas também de compor suas próprias canções. Michele Perrot³⁹⁹ salienta que mesmo na atualidade, mulheres compositoras não se encontram com muita frequência. Pode-se imaginar a raridade dessa habilidade para uma mulher no século XVI e o quanto esse fato pode ter contribuído para que Anna Bolena se tornasse o centro das atenções.

Ives⁴⁰⁰ comenta que não há um registro formal da data da chegada de Anne em Paris, em 1514. A carta do pai de Anne à arqueduesesa, solicitando que ela

³⁹⁶ “De Carles enfatizou particularmente as habilidades musicais dela: ‘Ela sabia dançar e cantar perfeitamente... tocar lute e outros instrumentos’ – a habilidade dela era tal, que era lembrada mesmo em reminiscências hostis.” (IVES, 2007, p.28, trad.no).

³⁹⁷ “É preciso admitir, também, que este gosto era exibido também nas composições da própria Anne, porque em algum momento, no período de formação, ela desenvolveu uma habilidade musical considerável; isto é evidenciado em um número considerável de fontes e pode bem ter sido um interesse em comum com Henry VIII, que se orgulhava de suas próprias habilidades musicais.” (IVES, 2007, p.25, trad.no)

³⁹⁸ Ver nota 381.

³⁹⁹ PERROT, 2007.

⁴⁰⁰ IVES, 2007.

fosse liberada para servir como dama de companhia a Mary Tudor, data de 14 de agosto de 1514. Contudo, não se sabe quando ela foi liberada pela corte de Bruxelas e nem quando chegou a Paris. Sabe-se apenas que quando Claude tornou-se rainha, após a morte de Charles XII, Anne ficou na França, como dama de companhia da nova rainha. Não há registros formais sobre as atividades de Anne no período de sua permanência na corte de Claude. Mas, de acordo com Ives, em termos de sofisticação, na época, a única corte européia comparável à corte dos países baixos era a corte francesa.

Segundo o historiador, a corte francesa era bastante semelhante à corte de Bruxelas, a diferença é que Anne já não tinha a orientação da arqueduesesa: “Waiting on the Queen of France could not have been markedly different from waiting on the regent of the Low Countries, and it is clear that Anne continued to soak in the sophisticated atmosphere around her.”⁴⁰¹ Assim, nos anos em que viveu na França, Anne aprofundou e aperfeiçoou os conhecimentos adquiridos em Bruxelas. Ao retornar à Inglaterra, após anos de aprendizado em grandes cortes, destacou-se como o supprassumo da elegância, da cultura e da coqueteria (especialidade francesa).

De acordo com Ives⁴⁰², a personagem histórica provavelmente conheceu o pintor renascentista Leonardo Da Vinci, que, a serviço do rei francês, viveu na França no mesmo período que Anne:

It was, of course, at Cloux, just outside Ambroise, that Leonardo da Vinci came to settle in 1516 as a pensioner of the French king. That Anne saw him seems probable; whether it meant anything to her we cannot know. One area of painting where we can show a response on Anne’s part is book illumination.⁴⁰³

Com a referência ao pintor italiano que, juntamente com Miguel Angelo, representa o que há de mais elevado no Renascimento, o historiador exemplifica

⁴⁰¹ “Acompanhar a Rainha Claude da França não poderia ser marcadamente diferente de acompanhar a regente dos Países Baixos, e é claro que Anne continuou a mergulhar na atmosfera sofisticada em torno dela.” (IVES, 2007, p.29, trad.no).

⁴⁰² IVES, 2007.

⁴⁰³ “Foi, com certeza, em Cloux, nos arredores de Ambroise, que Leonardo da Vinci se instalou em 1516, como pensionista do rei da França. Que Anne encontrou com ele, parece provável, se isso significou alguma coisa para ela, nós não temos como saber. Uma área da pintura, à qual nós temos como mostrar a reação de Anne é a iluminura em livros.” (IVES, 2007, p.30, trad.no).

metonimicamente o ambiente no qual Anne viveu. Bem como, as influências às quais ela esteve exposta, durante os oito anos de sua formação no continente. O biógrafo sugere, dessa forma, que seria quase impossível não desenvolver o intelecto e o sentido estético em tais circunstâncias.

Outra área das atividades cortesãs em que Anne desenvolveu grande habilidade foi a dos divertimentos ao ar livre. De acordo com o historiador, Anne era uma excelente caçadora, possuía cavalos, cães de caça e luxuosos equipamentos utilizados nessas ocupações. Ives⁴⁰⁴ defende ainda que esse foi outro elemento de aproximação do casal, pois Anne tornou-se uma grande companheira para Henry VIII nas expedições de caça, uma das ocupações prediletas do rei.

Ao endereçar detalhadamente à formação de Anne Boleyn, que fez dela uma importante dama da corte, o historiador desautoriza representações da personagem que a apresentam destituída de quaisquer habilidades e sem grandes luzes intelectuais.

Anne Boleyn foi chamada de volta à Inglaterra em 1521 para casar-se com o primo irlandês Piers Butler. O pai de Anne tinha uma disputa com os Butler pelo direito ao título de conde de Ormonde, que Thomas Boleyn teria herdado da mãe. O casamento de Anne com Piers colocaria um fim à disputa, mas a união acabou não acontecendo.

Outro tópico abordado por Ives⁴⁰⁵, diz respeito à fisionomia de Anne Boleyn. Uma incógnita que permanece até os dias de hoje. Nenhum retrato feito em vida sobreviveu para revelar as feições reais da mulher que mudou a geografia da Europa cristã. As conjecturas sobre como seria o rosto da personagem se baseiam em cópias de originais perdidos ou em pinturas simplesmente inspiradas pela imaginação e pela história fascinante de Anna. Outras fontes que suscitam imagens da personagem são os comentários de cronistas contemporâneos a ela. Só se sabe ao certo que tinha uma bela cabeleira escura, olhos expressivos e que exibía uma figura graciosa e elegante. A destruição dos retratos de Anne, que se seguiu à

⁴⁰⁴ IVES, 2007.

⁴⁰⁵ Ibid.

condenação dela à morte, é um dos traços do apagamento da personagem, ordenado por Henry VIII. Ironicamente, o esforço para destruir a memória de Anne Boleyn fez dela um enigma, um dos mais retomados e discutidos de todos os tempos.

Vejamos como Ives⁴⁰⁶ tenta reconstituir a imagem perdida da mulher que foi o “escândalo de toda a cristandade”⁴⁰⁷. O biógrafo discute os comentários de cronistas que escreveram durante a época da vida de Anne ou um pouco depois. Esses registros têm sido decisivos na construção das imagens mais difundidas de Anne Boleyn. O historiador analisa ainda as imagens mais acreditadas da personagem histórica.

Ives cita alguns comentários bastante negativos sobre a aparência de Anne, aos quais atribui a origem da lenda de Anne como ‘mulher monstro’. É o caso da descrição feita pelo ativista católico e recusante de Elizabeth, Nicholas Sanders:

Anne Boleyn was rather tall of stature, with black hair and an oval face of sallow complexion, as if troubled with jaundice. She had a projecting tooth under the upper lip, and on her right hand, six fingers. There was a large wen under her chin, and therefore to hide its ugliness, she wore a high dress covering her throat. In this she was followed by the ladies of the court, who also wore high dresses, having before been in the habit of leaving their necks and the upper portion of their persons uncovered. She was handsome to look at, with a pretty mouth.⁴⁰⁸

Ives, entretanto, refuta essa descrição com base em diversos argumentos. Em primeiro lugar, Sanders, nasceu pouco antes da morte de Anne, logo não testemunhou os acontecimentos da vida dela, nem tão pouco a conheceu para poder descrevê-la. Em segundo lugar, a beldade de um homem, dificilmente é o flagelo de outro. Portanto, Anne, que teve tantos admiradores, não poderia ter uma aparência repugnante. E se tivesse, não teria sido aceita como dama da corte, pois

⁴⁰⁶ IVES, 2007.

⁴⁰⁷ Assim Catarina de Aragão referiu-se a Anne Boleyn no momento em que teve que devolver as jóias da corôa, afirmando que não entregaria suas jóias para adornar a mulher que era o escândalo de toda cristandade.

⁴⁰⁸ “Anne Boleyn era muito alta, tinha cabelos negros e um rosto oval, uma compleição amarelada, como se acometida por icterícia. Ela tinha um dente projetado para frente sob o lábio superior e na mão direita seis dedos. Ela tinha uma verruga grande no queixo e para esconder essa fealdade, ela vestia vestidos com a gola alta, cobrindo o pescoço. Nisso ela foi imitada pelas damas da corte, que também usavam vestidos de gola alta, tendo antes tido o hábito de deixar o pescoço e os ombros à mostra. Era uma figura bonita de se olhar, com uma boca bem feita.” (Sanders apud IVES, 2007, p.39, trad.no)

para ocupar tal posto, a beleza era pré-requisito fundamental. Ao contrapor essa descrição da personagem com argumentos plausíveis e indicar a origem católica de tal relato, o historiador revela o aparato ideológico subjacente ao discurso. Dessa forma, desconstrói a lenda da “mulher-monstro”, criada em torno de Anne Boleyn. Nesse sentido, o biógrafo menciona outros comentários, então de contemporâneos de Anne, que são, em geral, mais generosos:

What make the more horrific stories about Anne implausible undoubted impact that she made – not that she was ever a ravishing beauty. Lancelot de Carles did call her ‘beautiful and with an elegant figure’ (...). Yet John Barlow, one of her favourite clerics, when asked to compare Anne to Elizabeth Blount, the duke of Richmond’s mother, replied that ‘Elizabeth was more beautiful’, although Anne ‘was very eloquent and gracious and reasonably good looking [...]’. (12) Simon Grynée, a professor of Greek at Basle whom Henry employed to canvass Swiss opinion as to the validity of his marriage to Katherine (...): ‘young and good-looking’ was his verdict (13). The Venetian diplomat, Francesco Sanuto (...): ‘Not one of the handsomest women in the world; she is of middling stature, swarthy complexion, long neck, wide mouth, bosom not much raised and eyes which are black and beautiful.’(14) Henry, as we shall see, saw nothing wrong with Anne’s breasts, but the overall evidence of this less prejudiced observers hardly suggests compelling physical attractiveness. All reports agree that Anne was dark.⁴⁰⁹

Ives cita a opinião de diversos contemporâneos de Anne a respeito da aparência física dela. Os comentários deixam claro que ela não era uma grande beldade, mas que tinha uma bela figura, elegante e graciosa. O historiador menciona também a possibilidade de uma pequena malformação na mão, caracterizando um pequeno sexto dedo e uma ou duas manchas seriam possíveis. Essas características são referidas pelo poeta Thomas Wyatt, mas em um tom que não desmerece a figura global de Anne.

⁴⁰⁹ “O que faz as histórias mais horríveis sobre Anne implausíveis é o indubitável impacto que ela causava – não que ela tenha sido uma beleza arrasadora. Lancelot de Carles disse que ‘ela era bonita e tinha uma figura elegante’ (...). John Barlow um dos clérigos favoritos dela, quando convidado a comparar Anne e Elizabeth Blount, a mãe do duque de Richmond, ele replicou dizendo que ‘Elizabeth era mais bonita’ embora Anne fosse mais eloquente e graciosa e tivesse uma aparência razoavelmente boa.[...].(12) Simon Grynée, um professor de grego em Basle, que Henry empregou para apresentar um laudo suiço sobre a validade do casamento dele com Catarina (...): ‘jovem e com boa aparência’, foi o veredicto dele (13). O diplomata veneziano, Francesco Sanuto (...): ‘Not one of the handsomest women in the world, é morena, tem estatura mediana, pescoço longo, boca grande, os seios não muito grandes e olhos que são pretos e bonitos.’ (14) Henry, como veremos, não via nada de errado com os seios de Anne. Mas, globalmente, a evidência desses observadores menos preconceituosos não sugere uma beleza física irresistível. Todos os relatos concordam que ela tinha cabelo escuro.” (IVES, 2007, p.40, trad.no).

Uma característica célebre e explorada sempre que a imagem de Anne vem à tona é o cabelo longo e escuro, solto, caído sobre as costas:

A feature of which Anne herself was clearly proud was her hair. A good deal of comment was caused by her wearing her hair down for the coronation procession through London, but again this was simply in accordance with established etiquette. Anne, however, had also worn her hair down for the entirely unprecedented ceremony where she was created marchioness of Pembroke.⁴¹⁰

Anne aparecer com o cabelo solto na cerimônia de sua coroação era apenas parte do protocolo para todas as rainhas naquele tempo. No entanto, o historiador menciona que ela também usou o cabelo dessa forma em outras cerimônias. O que sugere que ela realmente gostava de explorar esse elemento de sua aparência como uma forma de chamar a atenção. Michele Perrot destaca que o cabelo é um dos grandes símbolos da feminilidade e que ele é referido, principalmente, quando se quer “sugerir a proximidade da natureza, da animalidade, do sexo, do pecado.”⁴¹¹ Nesse sentido, a construção da imagem de Anna, destacando à cabeleira que ela exibia solta, enfatiza a sensualidade e o apelo erótico da personagem.

O historiador reitera que Anne, provavelmente, não era uma mulher estonteantemente bela. Mas que, a despeito disso, tinha um grande poder de atração sobre os homens: “Establishing a reliable image for Anne Boleyn only accentuates the evidence of contemporaries that her attraction was not outstanding natural beauty. What, then explains her power? In the first place she radiated sex.”⁴¹² Ives afirma o *sex appeal* de Anne como uma das fontes da ascendência que ela exercia sobre os homens. Contudo, salienta uma vez mais, que essa era apenas uma parte do poder de atração daquela mulher. Dá continuidade, assim, à desconstrução dos discursos segundo os quais o domínio dela estaria ancorado somente na luxúria que despertava nos homens: “Yet sexuality was only part of

⁴¹⁰ “Uma característica da qual Anne era claramente orgulhosa era o cabelo. Foi muito comentado o fato de que ela o usou solto na procissão de sua coroação através de Londres, mas isso simplesmente estava de acordo com a etiqueta instituída. Entretanto, Anne também o usou solto na cerimônia totalmente sem precedentes que a fez Marquesa de Pembroke.” (IVES, 2007, p.41, trad.no).

⁴¹¹ PERROT, 2007, p.54.

⁴¹² “Estabelecer uma imagem confiável de Anne Boleyn apenas acentua os testemunhos dos contemporâneos de Anne de que o poder de atração dela não residia em uma beleza natural. O que então explica o seu poder? Em primeiro lugar, ela irradiava sexo.” (IVES, 2007, p. 44, trad. no).

Anne Boleyn's attraction. What made her stand out was sophistication, elegance and independence, in fact the continental experience and upbringing which we have explored."⁴¹³ E constrói um discurso no sentido oposto, ao afirmar que o que a fez permanecer no poder por tantos anos foram, na verdade, a educação e o treinamento que ela recebeu no período em que viveu fora da Inglaterra.

O historiador, ao representar a personagem, enfatiza as inúmeras habilidades que ela desenvolveu, como componentes essenciais da figura que catalizava atenções e influenciava fortemente todos à sua volta. Nessa medida, o biógrafo configura Anne como uma figura integral, um ser humano desenvolvido em todas as suas potencialidades, desvinculando-a assim da imagem de mero objeto sexual.

O poder que Anne Boleyn exercia sobre os homens, afirma Ives⁴¹⁴, residia na sensualidade forte e natural, na elegância das maneiras, nas inúmeras habilidades que ostentava e na atitude confiante que exibia. De acordo com Ives, ela tinha plena consciência do poder que exercia sobre os homens: "That Anne was aware of her attractiveness to men seems obvious."⁴¹⁵ Anne envolvia com a força de sua feminilidade para controlar os acontecimentos. E a sensualidade posta a serviço da inteligência tornou-a uma das mulheres mais poderosas da Inglaterra de todos os tempos. O domínio de Anne Boleyn ia muito além da atração que ela exercia sobre os homens. Sensualidade, graça e elegância eram apenas o ponto de partida para que ela colocasse em ação estratégias de obtenção e manutenção do poder. As ponderações do historiador mostram que a personagem explorava os recursos que possuía para triunfar sobre a desvantagem de ser uma mulher em um mundo dominado pelos homens.

Ives⁴¹⁶ não exclui o poder sexual da representação global de Anne Boleyn, porém, confere a esse elemento um peso relativo nos êxitos que ela alcançou. A sexualidade, de acordo com a representação do historiador, era o que despertava o

⁴¹³ "Contudo, a sexualidade, era apenas uma parte do poder de atração de Anne Boleyn. O que a fez se permanecer foi a sofisticação, a elegância e a independência, de fato, a experiência continental e a educação que já exploramos." (IVES, 2007, p.45, trad. no).

⁴¹⁴ IVES, 2007.

⁴¹⁵ "Que Anne tinha consciência de seu poder de atração sobre os homens parece óbvio." (IVES, 2007, p. 44, trad.no).

⁴¹⁶ IVES, 2007.

interesse e fazia com que os homens passassem a gravitar em torno dela. Entretanto, o que os mantinha sob o domínio Anne eram os traços delineados pela educação e a personalidade forte que a distinguia no universo feminino da corte de Henry VIII. Mesmo os opositores de Anne reconhecem que ela exercia grande influência sobre todos ao redor:

Even the recusant tradition remembered her elegance and gave her credit for it, if for nothing else: 'She was the model and the mirror of those who were at court, for she was always well dressed, and every day made some change in the fashion of her garments.'⁴¹⁷

A desenvoltura, o gosto e as aptidões que Anne adquiriu em suas vivências no exterior fizeram dela o modelo de elegância e sofisticação para a sociedade à qual pertencia. A inteligência e a sagacidade com que ela fez uso desses caracteres, somadas à personalidade forte, ousada e independente, fizeram dela uma política poderosa. Em poucas palavras, esse é o entendimento de Eric Ives⁴¹⁸ sobre o conjunto de elementos que compunham a figura global da personagem e que propiciaram o surgimento e a permanência do fenômeno Anne Boleyn, na corte de Henry VIII.

A representação delienada pelo historiador, ao focalizar a aparência de Anne e a ascendência que ela exercia na sociedade da qual participava, detém autoridade baseada em evidências, relatos de contemporâneos que frequentavam os mesmos círculos sociais que a personagem. Os indícios privilegiados pelo biógrafo são mais confiáveis do que aqueles fornecidos por comentaristas cujos registros são posteriores à morte de Anne. E, especialmente, daqueles que não conviveram com ela, cujo discurso é, notoriamente, parte de um projeto de difamação sistemática, não só de Anne, mas, de Elizabeth I⁴¹⁹.

Ainda assim, o biógrafo nem sempre dá muito crédito aos coetâneos de Anne com relação à aparência que ela teria. E refere, não sem uma ponta de ironia, a impressão que ela causou em alguns cronistas, lamentando que não existam

⁴¹⁷ "Mesmo a tradição recusante lembrava a elegância dela e deu a ela crédito por isso, ainda que por nada mais: 'Ela era o modelo e o espelho daqueles que estavam na corte, porque ela estava sempre bem vestida, e todos os dias fazia alguma mudança na aparência das vestimentas.'(IVES, 2007, p.45, tradução nossa).

⁴¹⁸ IVES, 2007.

⁴¹⁹ Estou me referindo a Nicholas Sanders, católico, recusante de Elizabeth.

evidências visuais precisas da aparência de Anna Bolena: “Looks only tolerable, but a splendid head of dark hair and fine eyes – this was the impression that Anne Boleyn made on her contemporaries, but it would be good also to have some pictorial evidence. Here the past has not been kind.”⁴²⁰ Esse comentário do historiador se deve ao fato de que, dentre os diversos retratos que teoricamente seriam de Anne, nenhum foi pintado enquanto ela estava viva. A única imagem do rosto da personagem feita antes da morte dela é a de uma medalha, de 1534, que traz o motto da rainha: “The Moost Happi”⁴²¹. No entanto, parte do rosto foi muito danificado, impedindo uma perfeita identificação: “Unfortunately the nose has been badly damaged, perhaps deliberately, so that it’s value as a likeness is impaired.”⁴²² O historiador adverte que o estrago na imagem talvez tenha sido feito propositalmente para dificultar uma reconstituição da aparência de Anne. Considerando-se a inexistência de retratos feitos na época da vida da personagem, essa é uma hipótese plausível. Até porque o apagamento da imagem e da memória dela era um objetivo do Estado⁴²³.

Anne Boleyn é uma mulher sem rosto. Ives⁴²⁴, busca reconstituir a face apagada e destaca as imagens que mais se aproximam de uma possível semelhança para com a aparência real da rainha. O historiador menciona o rosto de uma mulher, vestida à moda da época de Henry VIII, gravado em um anel usado pela rainha Elizabeth. Uma pintura, feita por artista desconhecido, que está no castelo de Hever⁴²⁵. Outra, também sem registro de autoria, que está exposta na National Portrait Gallery (NPG)⁴²⁶, em Londres. E ainda uma miniatura feita por John Hoskins⁴²⁷, no século XVII, que carrega a escritura “from an ancient original”⁴²⁸, também exposta na NPG. Segundo o autor de *Life and death*⁴²⁹, com a

⁴²⁰ “Aparência apenas tolerável, mas com uma esplêndida cabeleira escura e olhos bonitos.” (IVES, 2007, p.41, tradução nossa)

⁴²¹ “A mais feliz de todas” (IVES, 2007, p.41, tradução nossa).

⁴²² “Infelizmente o nariz foi muito danificado, talvez deliberadamente, de modo que o valor dela enquanto imagem fosse diminuído.” (IVES, 2007, p.42, tradução nossa).

⁴²³ O estado era personificado na figura do rei.

⁴²⁴ IVES, 2007.

⁴²⁵ Ilustração 10.

⁴²⁶ Ilustração 9.

⁴²⁷ Ilustração 22.

⁴²⁸ “A partir de um original antigo” (IVES, 2007, p.43, trad.no.).

⁴²⁹ IVES, 2007.

soma dessas quatro imagens àquela da medalha de 1534, chega-se à figura da 'real' Anne Boleyn.

O apagamento do rosto é uma maneira eficaz de roubar parte significativa da memória de alguém, porque subtrai a identidade em sua manifestação mais imediata. Ao se deter sobre o enigma do rosto de Anne, Ives⁴³⁰ sublinha o processo de apagamento da personagem histórica, do qual a aniquilação da face foi apenas uma parte. A ausência do nome sobre o sepulcro, a destruição de quase tudo que pertenceu a ela e a remoção dos indícios da existência de Anne como rainha nas residências reais⁴³¹, foram outros procedimentos com o mesmo fim.

O historiador explicita uma vez mais o apagamento da memória de Anne, ao focalizar a questão das fontes, no que diz respeito à vida íntima, os detalhes da vida pessoal, o pensamento. Ou seja, o tipo de matéria prima ideal para o trabalho do biógrafo, pois seria esse o conteúdo que daria profundidade psicológica e humana à personagem:

The sources for the life of Anne Boleyn stop short of that level of inner documentation which biography ideally requires. Only at a handful of points in the story do we know anything of what Anne thought. Only in Henry's love letters and in remarks scrawled on that Book of Hours do we know for certain what they said to each other. All the rest is of the order of what somebody said somebody else thought or said (...)⁴³²

Ives salienta a pobreza dos registros pessoais da personagem. Da correspondência privada pouca coisa chegou até nós; somente uma carta enviada ao pai, alguns meses após à chegada na corte de Bruxelas, em 1513, para mostrar os progressos que havia feito com a língua francesa. E duas, das inúmeras cartas que ela enviou para Henry, durante o período em que se relacionaram. Uma, que traz a primeira resposta às atenções do rei. E a derradeira missiva que teria enviado ao marido nas vésperas da morte. Quanto a esta última, existem dúvidas se a autoria seria mesmo de Anne Boleyn. As demais cartas que sobreviveram tratam de negócios, política e

⁴³⁰ IVES, 2007.

⁴³¹ Mottos, brasões, iniciais do nome.

⁴³² "As fontes são escassas quanto à documentação da vida interior de Anne, as quais a biografia idealmente necessita. Os pontos sobre os quais sabemos alguma coisa do que Anne pensava podem ser contados nos dedos de uma mão. Somente nas cartas de amor de Henry e nas anotações rabiscadas naquele livro de orações nós sabemos com certeza o que eles disseram um para o outro. Todo o resto é da ordem do que alguém disse, do que alguém mais disse ou pensava." (IVES, 2007, p.62, Trad. No).

reforma religiosa. O historiador comenta que a escassez de fontes que ajudem a construir uma imagem de Anne Boleyn dotada de toda a complexidade humana é exasperante considerando-se a grande fascinação que a história dela tem exercido através dos tempos:

“The limitations are galling, giving the fascination Anne Boleyn and her story have continued to exercise over the intervening centuries, and many have concluded that only artistic imagination will bring us to the truth. That is a valid position.”⁴³³

Então o autor menciona diversas representações artísticas de Anne Boleyn. Da ópera *Anna Bolenna*, de Donizetti, aos inúmeros romances que tentam atualizar a biografia da personagem. Contudo, frisa que todas essas tentativas retratam, na verdade, a época de suas produções, com seus valores e visão de mundo próprios; e que, na realidade, jamais alcançarão quem foi ou o que pensou e sentiu Anne Boleyn:

(...) provided we recognize them for what they are. Statements about themselves. They explore our values, they tell us how we feel men and women would react, might react, should react in an imagined situation. What they can never quite tell us is how Henry VIII and Anne Boleyn did react.⁴³⁴

O biógrafo chama atenção para a impossibilidade de se construir uma representação que se aproxime da real Anne Boleyn. Inviabilidade que se deve à escassez das fontes e ao imenso vácuo que existe entre diferentes épocas, enformadas por visões de mundo radicalmente distintas. E, além disso, há a questão da representação enquanto artefato do discurso. Mesmo que uma tonelada de fontes fidedignas houvesse sobrevivido, elas seriam apenas indícios de quem foi a criatura humana ali representada. E a figura revelada seria sempre uma sombra, construída a partir da interpretação dos documentos por variados tipos de leitores marcados social e individualmente. Esses leitores inescapavelmente imprimiriam a marca de suas múltiplas identidades na construção dos artefatos textuais de Anne Boleyn.

⁴³³ “As limitações são irritantes, dada a fascinação que Anne Boleyn e a história dela tem continuado a exercer através dos séculos, e muitas concluíram que somente a imaginação artística nos trará a verdade. Essa é uma posição válida” (IVES, 2007, p.62, trad.no).

⁴³⁴ “Dado que nós as reconhecemos pelo que elas são, afirmações sobre si mesmas. Elas exploram os nossos valores, e nos dizem como nós pensamos que homens e mulheres reagiriam, poderiam reagir, deveriam reagir em uma situação imaginada. O que elas nunca poderão nos dizer é como Henry VIII e Anne Boleyn reagiam de fato. (IVES, 2007, p.62, trad.no).

Anna Bolena foi amada ou odiada, mas nunca ignorada. Segundo Ives⁴³⁵, *The Lady* foi a mais polêmica rainha consorte da Inglaterra, até os dias de hoje. O biógrafo acredita que a discordância existente, ainda na atualidade, entre os historiadores, a respeito dela, apenas dá continuidade à controvérsia que teve início quando a ligação dela com Henry VIII tornou-se séria. A partir daquele momento, ela passou a ser homenageada, por aqueles que dependiam de seus favores, e mais tarde, dos favores de Elizabeth. E, por outro lado, passou a ser vituperada pelos inimigos, ou por aqueles de Elizabeth. Além disso, Anne tornou-se uma figura crucial nas disputas entre católicos e protestantes, no alvorecer sangrento das reformas religiosas que se espalhavam pela Europa. Em função desses fatores, o historiador salienta que é muito difícil saber quem foi a verdadeira Anne Bullen. Os comentários a respeito dela trazem a marca da adulação, inerente à clientela; ou da vilanização, própria dos opositores.

Um aspecto, destacado por Ives⁴³⁶, é o “culto à imagem” exercitado por Anne Boleyn e depois por Elizabeth I. O biógrafo faz ver que a criticada ostentação de riqueza, com que Anne se apresentava, na verdade, era parte da estratégia de legitimação de poder empregada por todas as monarquias da Europa no século XVI. A mostra de opulência era uma prova do direito de governar. A sociedade do século XVI era estritamente hierárquica, o estilo de vida ilustrava a posição social. Por essa razão, reis e rainhas se empenhavam para exibir uma existência que estivesse de acordo com a grandiosidade de seu status. A magnificência ostentada era o testemunho do direito de governar.

O historiador enfatiza que, no caso de Anne, o rico aparato era uma forma de afirmar o direito de aceder ao trono e, posteriormente, de estar e permanecer nele. Essa lição foi aprendida por Anne tanto de Margarete, da Áustria, quanto da rainha Claude, da França. Ives demarca uma diferença crucial entre o modo de vida da monarquia do século XXI e aquela do século XVI:

The twenty-first century draws a clear distinction between normal living and

⁴³⁵ IVES, 2007.

⁴³⁶ Ibid.

occasions for spectacle. Royal pomp, ceremony at an installation, or even private display at a wedding is one thing, day-to-day ostentation another. Sixteenth-century Europe believed otherwise. Society was hierarchical and lifestyle exemplified rank and value. The exterior revealed the interior – does not Christ say 'by their fruits you shall know them?' Kings and queens had to live the part hence magnificence was a regal virtue. An external proof of the right to rule. This was the lesson Anne learned from Margaret of Austria and Queen Claude, and she was a prize pupil.⁴³⁷

Ao apontar as diferenças entre o modo de vida das monarquias do século XVI e do século XXI, Ives indica, através de um traço específico, as diferenças fundamentais que podem se estabelecer entre as visões de mundo de épocas distintas. O historiador define o estilo de vida de Anne como estratégia de empoderamento, que ela empregou para ascender e permanecer no poder.

Ainda sobre o culto da imagem, Ives menciona que a principal maneira de demonstrar riqueza era através do uso de utensílios, serviços de mesa (pratos, copos, tigelas, talheres etc.) feitos de ouro e prata. Anne dispunha de uma imensa quantidade desses objetos, a princípio providos por Henry e, posteriormente, de propriedade dela mesma:

Her gold and silver plate provides the first indication. In Tudor society that was always the most visible demonstration of wealth and status. The *pièce de résistance* at 1532 Calais banquet to launch Anne in Europe was a display of seven shelves of gold plate – not a single piece of silver or silver gilt – plate which Henry either took over with him specially or else borrowed from the town. However, as we have seen by February 1533 Henry was bragging about the amount of plate Anne owned personally, and this included a cup-board display of gold that Chapuys described as the best ever seen.⁴³⁸

⁴³⁷ “O século vinte e um traça uma distinção clara entre a vida cotidiana e as ocasiões para espetáculo. Pompa real e protocolo em uma cerimônia, ou mesmo uma exposição privada em um casamento é uma coisa, e ostentação no dia-a-dia é outra. A Europa do século XVI pensava de outra maneira. A sociedade era hierárquica e o estilo de vida exemplificava a posição social e a importância. O exterior revelava o exterior, Cristo não diz que ‘pelos frutos vocês saberão quem eles são.’ Reis e rainhas tinham que viver de acordo com seu status, uma vez que magnificência era uma virtude real. Era uma prova visível do direito de governar. Essa lição Anne aprendeu com Margarete da Áustria e Claude da França, e ela era uma pupila exemplar.” (IVES, 2007, p.231, trad.no).

⁴³⁸ “Os utensílios de ouro e prata que ela possuía dão uma primeira indicação. Na sociedade Tudor aquela era sempre a demonstração mais visível de riqueza e status. O *pièce de résistance* no banquete de 1532, em Calais para lançar Anne na Europa foi uma exibição de sete estantes de utensílios de ouro, nem uma única peça de prata dourada – utensílios que Henry trouxe consigo e outros emprestados da cidade. Entretanto, como veremos, em fevereiro de 1533, Henry estava se gabando da quantidade de utensílios que Anne pessoalmente possuía, e isso incluía um serviço completo de ouro que Chapuys descreveu como o melhor que já havia visto.” (IVES, 2007, p.231, trad.no).

Ao mencionar a quantidade e qualidade dos utensílios em ouro possuídos por Anne, em 1533, Ives sinaliza para a habilidade que ela teve para tornar-se uma mulher rica. Note-se que, naquele meio, a riqueza era uma prerrogativa masculina e as mulheres não tinham direito a gerir seus bens e nem mesmo a direitos sucessórios. Com Anne Boleyn, no entanto, foi diferente. Henry conferiu a ela, juntamente com o título de Marquesa de Pembroke (que fez dela a mais importante par do reino, estando somente abaixo do rei), inúmeras propriedades e outras fontes de renda. Contudo, o mais importante, o título de *'sole damme'*, que fez dela uma mulher totalmente independente, com plenos direitos para gerência dos bens e direitos sucessórios. Ou seja, os descendentes dela, legítimos ou não, estariam garantidos como herdeiros, na ocorrência da morte. Segundo Ives⁴³⁹, Henry tomou essas medidas para proteger Anne e os possíveis filhos que eles viessem a ter, caso não fosse possível realizar o casamento.

Também com relação ao culto da imagem, o biógrafo destaca que a preocupação de Anne com o glamour, em épocas anteriores, foi representada, por muitos, como uma futilidade feminina. Contudo, recentemente, tem sido compreendida como preocupação com a construção de uma imagem e com a veiculação de uma mensagem através dessa imagem. O guarda roupa era uma parte importante dessa estratégia. O historiador menciona semelhanças entre a política de construção de imagem, empregada por Anne Boleyn e, depois, Elizabeth I:

It is clear that in dress sense and wardrobe Anne Boleyn anticipated Elizabeth I's acute awareness of the politics of ostentation. Each had more than a love of mere finery, rather a recognition that in order to play the part one must dress the part.⁴⁴⁰

Ives destaca que vestuário e apresentação pessoal eram para Anne, assim como para Elizabeth I, muito mais do que simples satisfação da vaidade. Eram, antes de tudo, dispositivos de afirmação do poder. Anne queria chegar ao trono, logo ela precisava apresentar-se com a pompa própria a uma rainha. E assim ela fez antes e

⁴³⁹ IVES, 2007.

⁴⁴⁰ "Está claro que na percepção da importância do vestuário, Anne Boleyn antecipou a profunda consciência da política de ostentação de Elizabeth. Ambas tinham mais do que gosto pela elegância, muito mais, era o reconhecimento de que para exercer uma função era necessário estar vestida condignamente." (IVES, 2007, p.218, trad.no).

depois do casamento com Henry VIII. O historiador delinea Anne como uma mulher consciente dos mecanismos de exercício e manutenção do poder, de sua época, e apta a executá-los. Ele a representa como um sujeito pensante, capaz de reconhecer os aparatos de regulação da sociedade e de empregá-los para atingir objetivos.

O culto da imagem está estreitamente relacionado com o culto à monarquia e à afirmação do direito divino de governar. Quanto a esses aspectos, Ives também aponta semelhanças entre as políticas de Anne e Elizabeth:

The mother also anticipated the daughter in another way: the exploitation of the cult of monarchy, which was to reach its height in England in the reign of 'Gloriana'. The bible, chivalry, art and – most original in 1533 – the language of humanism, all were mobilized to present Anne as a divine ruler. It was not, of course, an approach peculiar to England, there was an international technique to image-building. Yet between Anne and Elizabeth there was an uncanny similarity of attitude towards the projection of monarchy, and of themselves as chosen by God to rule.⁴⁴¹

O historiador destaca que a mais extensiva e elaborada afirmação do papel e da posição de Anne como rainha aconteceu na procissão da cerimônia de coroação, em Londres, em 31 de maio de 1533. Descreve detalhadamente o esplendor da procissão de coroação de Anna; menciona todas as imagens que foram exibidas; comenta o significado de cada uma delas; e explica como tais significados eram reforçados através de textos escritos em painéis e estandartes e lidos em voz alta. O biógrafo explicita a construção de uma representação comparativa entre Anne e a virgem Maria. A virgem Maria deu à luz ao Salvador e Anne daria à luz ao esperado herdeiro do trono de Henry VIII.

Com a explicitação dos mecanismos de afirmação do poder configurados pelo culto à imagem e pelo culto à monarquia, Ives⁴⁴² resignifica aspectos da figura global de Anne Boleyn, geralmente, incompreendidos e criticados. O historiador defende que o uso de estratégias de empoderamento revela a competência de Anne para articular-se taticamente na luta pelo poder.

⁴⁴¹ “A mãe também antecipou a filha de outra forma: à exploração do culto à monarquia que alcançou o ponto mais alto na Inglaterra no reinado da ‘Gloriana’. A bíblia, a cavalaria, a arte e, o mais original de tudo, em 1533, a língua do humanismo, tudo isso foi mobilizado para apresentar Anne como uma ‘governante divina’. (IVES, 2007, p.218, trad.no).

⁴⁴² IVES, 2007.

Uma feição de extrema importância na configuração de Anne Boleyn, feita por Ives, diz respeito à fé protestante e à reforma religiosa na Inglaterra. Segundo o historiador, Anne foi um elemento chave da reforma religiosa:

We have seen how Anne played a major part in pushing Henry into asserting his headship of the Church. That headship was not just a constitutional rejection of the primacy of Rome. It was as Thomas More and others at the time were well aware, a change with profound implications, revolutionizing the ethos of Christianity in England. Yet over and beyond this, Anne was a strong supporter of religious reform – defined as we shall see later – and she was the first to demonstrate the potential there was in the royal supremacy for that distinctive element in the English Reformation, the monarch's freedom to take the initiative in religious change.⁴⁴³

O historiador apresenta Anne como uma influência vital na decisão de Henry VIII de tornar-se o chefe da igreja na Inglaterra. Bem como, nas reformas do pensamento e da prática religiosa que se sucederam aquele ato. Segundo Ives, Anne valeu-se da influência que tinha sobre o rei para apresentar a ele, de maneira atraente, ideias reformistas. Em 1529, ela entregou a Henry, sugerindo-lhe veementemente a leitura, com vistas a resolver os problemas que eles enfrentavam com o Vaticano, dois textos protestantes: o “The obedience of the Christian man and how Christian rulers ought govern”⁴⁴⁴, de Tyndale, e “The supplication of beggars”⁴⁴⁵, de Simon Fish. A partir dessas leituras, Henry reconheceu o direito de, enquanto monarca, tornar-se também o chefe da igreja em seu país. E, conseqüentemente, da necessidade da reforma.

Além desses dois títulos, um terceiro é mencionado por Ives⁴⁴⁶, não só como parte da coleção de Anne Boleyn, mas também, como um texto que ela teria ajudado a difundir, o “New testament”⁴⁴⁷, de Tyndale, que trazia prólogos luteranos.

⁴⁴³ “Nós vimos como Anne desempenhou um papel importante ao impulsionar Henry a se declarar supremo chefe da igreja. Essa supremacia não era somente uma rejeição constitucional da primazia de Roma. Era, como Thomas More e outros na época tinham plena consciência, uma mudança com profundas implicações, revolucionando o cerne da Cristianidade na Inglaterra. Ainda mais e além disso, Anne foi uma forte apoiadora da reforma religiosa – definida como veremos mais tarde – e ela foi a primeira a demonstrar o potencial que havia na supremacia real para o elemento distintivo na Reforma Inglesa, a liberdade do monarca de tomar iniciativa na mudança religiosa.” (IVES, 2007, p.260, trad.no).

⁴⁴⁴ IVES, 2007, p. 132.

⁴⁴⁵ Ibid. p. 134.

⁴⁴⁶ IVES, 2007.

⁴⁴⁷ Ibid. p.133.

De acordo com o biógrafo, Anne mantinha aberto, em seus aposentos, o novo testamento traduzido para o inglês, à disposição de quem tivesse interesse pela leitura. Em uma época em que a Europa ainda era dominada pelo Papado, ela foi uma pioneira ao defender que o monarca tinha liberdade para promover mudanças religiosas e definir os rumos da religiosidade no país. Em adição a isso, Ives destaca que Anne, assentada na mais alta esfera do poder, apoiou à reforma através de ações efetivas:

Whatever the chances were of any grass-roots movement for reform on this side of the Channel, it made all the difference when the impetus towards change came from the highest level in the land. Brief though Anne's influence was, it was a thousand days of support for reform from the throne itself. And hindsight can say more. The breach in the dyke of tradition which she encouraged and protected made the flood first of reformed, and later more specifically Protestant Christianity, unstoppable.⁴⁴⁸

Segundo o historiador, o rompimento com a tradição católica, que Anne Boleyn encorajou e protegeu na Inglaterra, fez com que o fluxo da reforma religiosa e do pensamento protestante se tornasse incontrolável. O apoio de Anne à reforma, embora breve, envolveu ações importantes com resultados efetivos e duradouros:

The most striking evidence of Anne Boleyn's influence in the Church is what Alexander Ales described to Elizabeth as 'the evangelical bishops whom your most holy mother had appointed from among those scholars who favoured the purer doctrine of gospel.' William Latymer listed them as Cranmer, Hugh Latimer, Nicholas Shaxton, Thomas Goodrich and her almoner John Skip, although the latter was not elected a bishop until three years after Anne's death.⁴⁴⁹

Ives menciona uma série de arcebispos reformistas indicados por Anne. Demonstra, através de evidências, a participação efetiva da rainha na construção da nova igreja e a importância dela na emolduração da reforma protestante na Inglaterra. O

⁴⁴⁸ "Qualquer que fossem as chances de um movimento popular pela reforma deste lado do Canal, fez toda diferença quando o ímpeto em direção à mudança partiu da mais alta elite da terra. Embora a influência de Anne tenha sido breve, foram mil dias de apoio à reforma que partiram do próprio trono. E uma visão distanciada revela ainda mais. O rompimento no dique da tradição que ela encorajou e protegeu fez com que o fluxo, primeiro de reformados, e mais tarde mais de uma Cristianidade especificamente Protestante se tornasse incontrolável." (IVES, 2007, p.260-261, trad.no).

⁴⁴⁹ "A evidência mais notável da influência de Anne Boleyn na Igreja é o que Alexander Ales descreveu para Elizabeth como os bispos evangélicos, que a sua mais sagrada mãe apontou entre aqueles estudiosos que favoreciam a pura doutrina do evangelho. William Latymer os listou: Crammer, Hugh Latimer, Nicholas Shaxton, Thomas Goodrich e John Skip, almoner da rainha embora este último não tenha sido eleito bispo até três anos depois da morte de Anne." (IVES, 2007, p.261, trad.no).

historiador salienta ainda que ao final do reinado de Henry VIII, os arcebispos reformistas que controlavam a igreja ainda eram aqueles indicados por Anne Boleyn:

William Latymer was more correct to talk of her ‘continual meditations’ with the king ‘for their preferment’ – but the point is clear. And the influence of this spate of appointments was crucial to the future of Reformation. At the end of the reign, the reforming bishops in office were still predominantly those patronized by Anne Boleyn.⁴⁵⁰

O autor de *Life and death*⁴⁵¹ destaca que a indicação dos arcebispos foi crucial para os rumos que a reforma tomou nos anos que se seguiram.

Ives⁴⁵² dá visibilidade à participação de Anne Boleyn na reforma religiosa da Inglaterra. Esse aspecto da vida da personagem foi longamente desconsiderado pela história e por obras literárias. Ainda hoje, continua sendo, especialmente, pelo cinema e pelas séries televisivas. Com seu procedimento, o historiador inclui a Rainha Anna na história das reformas religiosas, na Europa do século XVI. Com isso, Ives dá existência histórica a um aspecto da vida de Anne que, nesse âmbito, não era instituído, uma vez que totalmente desconsiderado. Dessa forma, o discurso do biógrafo, desloca a figura histórica Anne Boleyn da categoria ‘não privilegiada’, porque invisível – logo inexistente, para a categoria ‘privilegiada’, porque passa a ter visibilidade – logo existência. Em história aquilo que ‘não se vê’, ou seja, aquilo de que não se toma conhecimento, simplesmente não existe. O processo de ocultamento da presença feminina como agente histórico foi um dos mais efetivos meios de apagamento da participação das mulheres na decisão dos rumos das sociedades e de sua, consequente, exclusão da história.

Ainda com referência à reforma religiosa, Ives convida a refletir o quão abrangente teria sido influência de Anne Boleyn na modelagem da religiosidade europeia, caso ela tivesse sobrevivido para continuar a dirigir a reforma, ao lado de

⁴⁵⁰“William Latymer foi o mais exato ao falar das ‘contínuas meditações’ dela com o rei para que eles fossem ‘promovidos’. O ponto é claro. E a influência dessa enxurrada de indicações foi crucial para os rumos da Reforma. E no final do reinado, os bispos reformistas que controlavam a Igreja ainda eram predominantemente aqueles que receberam a patronagem de Anne Boleyn” (IVES, 2007, p.261, trad.no).

⁴⁵¹ IVES, 2007.

⁴⁵² Ibid.

Henry VIII: "(...) was there real a possibility that had Anne survived to hold Henry to a course of moderate reform, she could have been a formative influence on the religious shape of Europe, just as her daughter would be?"⁴⁵³ Ao levantar essa questão, o historiador reitera a relevância do papel da rainha no processo da reforma religiosa. Segundo Ives, até mesmo os inimigos de Anne, na época de sua vida, admitiram a importância da participação dela na reforma. Muitos afirmavam que a infecção⁴⁵⁴ havia passado da França para ela e dela para a Inglaterra.

Considerando as evidências mencionadas e a argumentação do discurso de Ives⁴⁵⁵, conclui-se, por um lado, que representações de Anne que ignoram ou omitem a participação dela na reforma, foram construídas com o objetivo de negar a importância que teve no processo histórico daquele país. Por outro lado, verifica-se que o historiador, ao desvelar a extensão da participação de Anne na reforma religiosa, resgata a importância da personagem para a história daquele país. Trazendo-a para o centro do discurso histórico, Ives confere visibilidade a Anne Boleyn, fazendo dela uma figura privilegiada historicamente. Enquanto o envolvimento dela na reforma foi omitido e desconsiderado, essa dimensão da vida da personagem era inexistente no âmbito (do discurso) histórico. Ao recuperar o envolvimento da Rainha Anne na reforma, o biógrafo dá existência histórica a esse aspecto da vida da figura histórica.

Ives⁴⁵⁶ dirige a reflexão também à seguinte pergunta, qual seria a real relação de Anne com a religiosidade? Para compreender esse tópico em toda sua complexidade e extensão é preciso considerar a visão de mundo do século XVI, que era moldada e dominada pelo cristianismo católico, e a relação das pessoas com a religiosidade, que era diferente do que é nos dias de hoje⁴⁵⁷.

O historiador defende que o interesse de Anne na reforma era antigo, profundo e verdadeiro. E tenta identificar o momento em que ela teria aderido à fé

⁴⁵³ "(...) há uma possibilidade real de que se Anne tivesse sobrevivido para manter Henry em um curso moderado de Reforma, ela poderia ter sido uma influência formativa na forma religiosa de Europa, assim como a filha dela se tornaria?" (IVES, 2007, p.276, trad.no).

⁴⁵⁴ Os inquisidores empregavam o termo 'infecção' para se referir ao luteranismo e 'infectados' para se referir aqueles que se convertiam à nova fé evangélica.

⁴⁵⁵ IVES, 2007.

⁴⁵⁶ Ibid.

⁴⁵⁷ Pelo menos para a maioria das pessoas.

protestante, apontando como possibilidade mais provável o período em que viveu na França. Naquele país, a corte era bastante liberal com relação à nova religiosidade, acolhia clérigos cujos sermões disseminavam ideias protestantes, as quais eram largamente aceitas pela elite. Alguns membros da alta nobreza haviam aderido abertamente à nova fé, tais como a princesas Marguerite d'Angoulême, irmã de Francis I, e Reneé, irmã da rainha Claude⁴⁵⁸.

De acordo com Ives, a reforma religiosa serviu aos interesses pessoais e à ambição de Anne Boleyn. No entanto, isso não exclui a possibilidade de que ela fosse imbuída de profunda fé e sentimento religioso genuínos, como a maioria das pessoas da época:

Self-interest and ambition – which Anne had in plenty – each pointed to reform as the cause that would serve her Best after the Pope revoked Henry's annulment suit to Rome. Yet Anne's evident interest in French reform cannot be dismissed as a posture taken up for the occasion. She had had no direct contact with France since 1521. Her only visit hereafter would be the month she spent with Henry in Calais in October 1532. Her brother George is, of course, a possible link. He made regular diplomatic visits to France, but his first was late in 1529, months after du Brun Had seen Anne already deep in Saint Paul. By then Anne's reformist allegiance was well established and the certainty is, therefore, that she was 'infected' during her years in France.⁴⁵⁹

Ives insiste na dedicação genuína de Anne à reforma e atribui a ela fé verdadeira. Assim, desconstrói a imagem puramente oportunista de Anne Boleyn, que habita o senso comum. De acordo com o biógrafo, Anne tinha antigas afinidades protestantes, que vinham do tempo em que vivera na França, ou talvez, até mesmo na corte da arqueduesesa Margarete.

O historiador pondera que durante o período em que esteve na França, Anne viveu em um meio em que muitas pessoas buscavam realização espiritual e que,

⁴⁵⁸ Quanto a Claude, Ives salienta que ela certamente não era hostil às novas ideias religiosas.

⁴⁵⁹ "Interesse próprio e ambição – que Anne tinha em abundância – cada uma dessas características apontava para a reforma como a causa que servia melhor a ela depois que o Papa encerrou o caso de anulação do casamento de Henry em Roma. Ainda assim o interesse evidente de Anne na reforma francesa não pode ser descartado como se fosse uma postura de ocasião. Ela não tinha contato direto com a França desde 1521. A única visita depois disso foi durante o mês que ela passou com Henry em Calais em outubro de 1532. O irmão dela, George, claro, é um elo possível. Ele fazia visitas diplomáticas regulares à França, mas a primeira foi no final de 1529, e meses depois de Du Brun ter visto Anne estudando com seriedade São Paulo. Por esta época, o comprometimento reformista de Anne já estava bem estabelecido e, a certeza é, então, que ela tenha sido 'infectada' nos anos que passou na França. (IVES, 2007, p.277, trad.no).

certamente, teria ouvido sermões reformistas:

Thus in the ordinary course of Anne's duties around the queen, she would have worked with and become familiar with many aristocratic women seeking spiritual fulfillment. Almost certainly, too, she would have listened to court sermons from reformist clerics. She could hardly have missed, for example the evangelistic preaching of Michel d'Arande in the autumn of 1521 about which Marguerite wrote: 'The spirit which Our Lord caused to speak through his mouth will have struck the souls of those open to receive his word and to hear the truth.'⁴⁶⁰

As palavras de Marguerite d'Angoulême⁴⁶¹ destacam a eloquência do clérigo Michel d'Arande, característica que, segundo a duquesa, o tornava apto para pescar almas e fazê-las engajar no exército reformista. Ao fazer essas considerações, Ives sugere que Anne também pode ter passado por um despertar espiritual e por uma conversão legítima:

Perhaps, indeed, we should go further and speculate that, while in France, Anne was one of those who did go through a spiritual awakening. She had a good brain; the burning issue of the day was the nature of religious experience; later she would respond to the most winning of spiritual directors, such as Latimer and Parker; she was close to her brother, who 'spoke the language of Zion' on the scaffold; only her two oldest religious books were traditional Latin works of devotion. Why should we not allow her genuine religious experience?⁴⁶²

O historiador salienta que o tópico intelectual da época era a natureza da experiência religiosa e que Anne era uma mulher inteligente e culta. Anos depois, na Inglaterra, ela teve como interlocutores clérigos que eram grandes estudiosos da palavra de Deus. Alguns dos quais, sob a indicação dela, se tornaram arcebispos da igreja anglicana. O historiador destaca ainda a proximidade de Anne com o irmão, George Boleyn, um protestante que falou segundo sua fé até mesmo na hora da

⁴⁶⁰ "Assim que no curso normal dos deveres de Anne para com a rainha, ela deve ter trabalhado e se tornado familiar para com muitas mulheres da aristocracia que procuravam realização espiritual. É quase certo também, que ela tenha ouvido na corte os sermões dos clérigos reformistas. Ela dificilmente teria perdido, por exemplo, a pregação evangelística de Michel d'Arande no outono de 1521 sobre o qual Marguerite escreveu: 'O espírito segundo o qual nosso Senhor falou através da boca dele deve ter penetrado as almas daqueles abertos para receber a palavra e ouvir a verdade.'" (IVES, 2007, p.278, trad.no).

⁴⁶¹ Marguerite d'Angoulême (França, 1492-1549).

⁴⁶² "Talvez na verdade nós devêssemos ir ainda mais longe e especular que enquanto viveu na França, Anne foi uma daquelas pessoas que realmente passou por um despertar espiritual. Ela era inteligente e o grande assunto do momento era a natureza da experiência religiosa; mais tarde ela teria como interlocutores os mais avançados mentores espirituais, tais como Latimer e Parker; ela era próxima do irmão, que falou 'a língua de Zion' no cadafalso; somente os dois mais antigos livros religiosos que ela possuía eram trabalhos tradicionais de devoção em latim. Por que nós não deveríamos conceder a ela tenha uma genuína experiência religiosa?" (IVES, 2007, p.278, trad.no).

morte. Bem como, à coleção de livros religiosos que ela detinha (que incluía os proibidíssimos escritos de Tyndale e Simon Fish, que ela emprestou a Henry VIII), a qual, naqueles tempos, bastaria para levar alguém à fogueira por heresia:

It is, indeed, hard to deny Anne a personal faith. Apart from the Bible in which, significantly, we know she had an interest in Paul's epistles, the works she read and collected are certainly redolent of a Christianity of commitment and not of routine observance.⁴⁶³

Ives defende a tese de que Anne era verdadeiramente comprometida com a fé cristã e com a causa reformista. Tal defesa não é feita em um comentário raso e apressado. Mas sim cuidadosa e detalhadamente ao longo de dois capítulos de *Life and death*⁴⁶⁴, nos quais ele apresenta evidências e constrói argumentos consistentes para comprovar suas hipóteses. O historiador dedica o capítulo The advent of reform à participação de Anne Boleyn na reforma. E Personal religion é o capítulo cuja exposição afirma a religiosidade e a fé genuínas da figura histórica.

O biógrafo atribui dedicação espiritual e metafísica a Anna e revela que ela adotou um curso de ação comprometido com a reforma que transformou os contornos da Europa Cristã, da época. Com isso, eleva a personagem à categoria de grande heroína histórica. E, até mesmo, de mártir religiosa.

Ives⁴⁶⁵ acredita que Anne se tornou alvo do golpe que a condenou à morte por combater, no âmbito da reforma, ações abusivas e corrompidas. Por defender planos de ação que beneficiavam o interesse comum e que, de certa forma, protegiam a igreja da total espoliação do patrimônio em benefício dos cofres reais. Mostra Anne Boleyn sob uma luz nova: uma mulher de religiosidade profunda, engajada na luta pela grande transformação religiosa em andamento na Europa, naquele momento. Conforme a representação do historiador, Anne lutou para chegar ao poder; e usou o poder para promover a reforma religiosa na Inglaterra.

O biógrafo rebate a frequente objeção à sinceridade do envolvimento

⁴⁶³ “De fato, é difícil negar a fé de Anne. Além da bíblia, em que, significativamente, nós sabemos que ela tinha interesse nas cartas de Paulo, os livros que ela lia e colecionava certamente traziam o perfume de um cristianismo comprometido e não de cumprimento de rotina.” (IVES, 2007, p.279, trad.no).

⁴⁶⁴ IVES, 2007.

⁴⁶⁵ Ibid.

religioso da heroína, baseada na vida luxuosa e repleta de prazeres que ela levava e na arrogância que ela desfilava audaciosamente:

One objection which is raised to a genuinely devout Anne Boleyn is her life as a great court lady. Bourbon saw her as ‘a divine helper’ whom God used to feed the afflicted, but how does that Anne relate to Anne the cynosure of the court, or the ‘haughty’ Anne of the 1520s, described by Cavendish?⁴⁶⁶

O historiador explica que não havia contradição entre ostentação e o ideal de virtude da época. Anne era uma dama da corte e, posteriormente, tornou-se rainha. Ela vivia de acordo com o estatuto da posição social que ocupava, assim como todos os nobres e soberanos da época. De acordo com Ives, a manutenção do status régio era considerada uma maneira de glorificar a Deus, uma vez que, segundo a crença, os soberanos eram escolhidos por Deus: “The monarch who upheld his status glorified God, and never more than when he of all people bowed in worship.”⁴⁶⁷ Os monarcas em toda sua magnificência eram os modelos de dedicação religiosa que deviam inspirar os súditos.

A contradição entre o estilo de vida de Anne e a existência de fé verdadeira não corresponde à visão de mundo do século XVI. Portanto, se esvazia. Negar a fé de Anne Boleyn, em função da riqueza em que ela vivia, equivale a negar a fé de toda nobreza europeia. O historiador cita uma passagem do Eclesiastes, segundo a qual os bens mundanos, a alegria, a honra, a voluptuosidade e a saúde são boas e presentes de Deus. E explica que, segundo o pensamento da época, o abandono a todo e qualquer excesso de voluptuosidade não era aceito, mas que uma vida de renúncia ascética estava longe do ideal de virtude.

Finalmente, a análise da representação da queda de Anne Boleyn, que se revela como um tópico de grande relevância na construção global da figura histórica na narrativa desse historiador.

⁴⁶⁶ “Uma objeção levantada à uma genuína devoção de Anne Boleyn é a vida dela como grande dama da corte. Bourbon a via como uma ‘ajudante divina’, que Deus usava para alimentar os aflitos, mas como essa Anne se relaciona com a estrela, a Anne arrogante dos anos 20, descrita por Cavendish?” (IVES, 2007, p.278-279, trad.no)

⁴⁶⁷ “O monarca que mantém o seu status, glorifica a Deus. E, nunca mais do que quando ele, dentre todas as pessoas, se curva em oração.” (IVES, 2007, p.279, trad.no).

Em primeiro lugar, Ives⁴⁶⁸ desconstrói a versão de que o interesse de Henry VIII por Jane Seymour teria começado no verão de 1535 e que devido a isso ela teria sido aceita como dama de companhia da rainha. O historiador afirma que a família de Jane tinha boas relações com a corte, o suficiente para assegurar uma colocação para ela entre as damas da rainha. Jane foi dama de companhia de Catarina de Aragão e foi dispensada em 1532, quando o número de atendentes da antiga rainha foi reduzido: “Far from Henry and Jane having their first romantic meeting at Woolf Hall, it is a reasonable certainty that the king’s interest in her became marked only in January 1536.”⁴⁶⁹ Ives posterga o início do interesse de Henry VIII em Jane Seymour para 1536. Com isso, desfaz a versão tradicional de que Henry e Anne estariam estremecidos após a estadia do casal na propriedade dos Seymour, durante a viagem do verão de 1535. Para fazer essa afirmativa, se baseia em que, ao final da expedição, a rainha estava grávida novamente. Além disso, Henry continuava tentando conseguir aprovação internacional para o segundo casamento.

O historiador refere ainda que com a morte de Catarina de Aragão, no dia 7 de janeiro de 1536, houve grandes demonstrações de apoio ao casamento Boleyn: “(...) and her death was greeted at court by an outburst of relief and enthusiasm for the Boleyn marriage, which gives the lie to later historians who suggest that Anne was already living on borrowed time.”⁴⁷⁰ De acordo com o biógrafo, essas demonstrações de apoio põem por terra a hipótese de que no momento da morte de Catarina, Anne já estaria vivendo em tempo emprestado.

Ives menciona ainda as palavras do rei ao saber da morte de Catarina: ““God be praised that we are free from all suspicion of war!””⁴⁷¹ Esse comentário torna nítidas a natureza e a complexidade das questões envolvidas no casamento com Anne Boleyn. Repudiar Catarina para casar-se com Anne era uma ameaça de guerra tanto interna quanto externa. Além de todas as sanções advindas do

⁴⁶⁸ IVES, 2007.

⁴⁶⁹ “É improvável que Henry e Jane tenham tido o primeiro encontro romântico em Woolf Hall, é razoavelmente certo de que o interesse do rei nela somente tenha se tornado pronunciado em janeiro de 1536.” (IVES, 2007, p. 292-293, trad.no).

⁴⁷⁰ “E a morte dela foi celebrada na corte com uma explosão de alívio e entusiasmo pelo casamento Boleyn, o que desmente historiadores posteriores, segundo os quais Anne já estaria vivendo em tempo emprestado.” (IVES, 2007, p.295, trad.no).

⁴⁷¹ “Deus seja louvado, nós estamos livres de toda suspeita de guerra.” (IVES, 2007, p.295, tra.no).

rompimento com o resto da Europa católica. O historiador refere que o dia seguinte à morte de Catarina era um domingo e que Henry e Anne se vestiram de amarelo e que Elizabeth foi levada triunfalmente à igreja. O rei segurava a menina nos braços mostrando-a para todos muito orgulhoso. Depois disso, realizaram um torneio, no qual aconteceu a famosa queda do cavalo que deixou Henry VIII desacordado por algumas horas, à qual se seguiu o último e fatídico aborto de Anne Boleyn.

Ives⁴⁷² refere também que em meados de Abril de 1536, Atos do Parlamento ainda transferiram propriedades para o nome de Anne, o que indica que ela se manteve influente até o final. O historiador destaca que, no dia 18 de abril, Chapuys esteve na corte e o rei enviou-lhe uma mensagem convidando-o a encontrar a rainha (Anne) e beijar-lhe a mão, o que seria um sinal de aceitação e respeito. Isso significa que até aquela data Henry ainda estava tentando obter o reconhecimento do casamento pelo imperador Carlos V. E por que estaria se já estivesse decidido a livrar-se de Anne? Com relação à visita de Chapuys à corte, Ives comenta: “Chapuys’ visit to court on 18 April was clearly stage-managed to compel the ambassador to recognize Anne, and his bow to her did cause great annoyance and apprehension among Mary’s supporters.”⁴⁷³ Ainda que não tenha falado diretamente a Anne, a discreta reverência que Chapuys fez a ela na igreja era um índice de que o enviado do império estava finalmente disposto a aceitar a legitimidade da rainha e iniciar uma aproximação. De acordo com o biógrafo, até o final do mês de abril Henry ainda passava orientações aos embaixadores para aumentar a pressão sobre o imperador com relação à aceitação do casamento com Anne Boleyn:

(...) Far from the issue of April 1536 being ‘When will Anne go and how?’, Henry was exploiting his second marriage to force Europe to accept that he had been right all along. As late as 30 April he was briefing his ambassadors in France in order to increase the pressure on the emperor.⁴⁷⁴

O historiador traz evidências de que 20 dias antes da morte de Anna, o rei ainda

⁴⁷² IVES, 2007.

⁴⁷³ “A visita de Chapuys à corte, no dia 18 de abril, foi claramente dirigida a compelir o historiador a reconhecê-la, e a deferência que ele fez a ela causou grande incomodo e apreensão entre os apoiadores de Mary.” (IVES, 2007, p.314, trad.no).

⁴⁷⁴ “A questão de abril de 1536 estava longe de ser ‘Quando Anne irá embora e como?’ Henry estava explorando seu segundo casamento para forçar a Europa a aceitar que ele sempre esteve certo. Até 30 de abril ele ainda estava instruindo seus embaixadores na França para aumentarem as pressões sobre o imperador.” (IVES, 2007, p.315, trad.no).

buscava reconhecimento internacional para o casamento. Com isso, desconstrói a versão difundida pela tradição de que o casamento de Henry e Anne começou a ruir com o nascimento de Elizabeth e que ela já estava condenada muito antes do golpe que culminou com sua execução. A narrativa mostra que trinta e um dias após o sutil reconhecimento de Chapuys, embaixador do Sacro Império, Anne Boleyn estava morta. E, assim leva a refletir que se Anne fosse reconhecida como rainha da Inglaterra pelo resto da Europa, tornaria-se ainda mais poderosa e seria mais difícil eliminá-la. Por essa razão, retirá-la do poder era uma questão que precisava ser resolvida rapidamente.

De acordo com o autor de *Life and death*⁴⁷⁵, o acontecimento decisivo para a queda de Anne foi o desentendimento com Thomas Cromwell: “One development in the early spring of 1536 was full of ill omen. Anne and Thomas Cromwell quarrelled.”⁴⁷⁶ O motivo do desentendimento teria sido uma discordância com relação aos rumos da reforma religiosa. Anne defendia uma reforma moderada, com a manutenção de algumas casas religiosas, e contrária ao confisco de todos os bens da igreja:

The Skip's diatribe, and the cause of the breach between Anne and Cromwell, was the legislation to confiscate the wealth of the smaller monasteries, which at the moment was awaiting the royal assent. Indeed, the sermon bitter attack on laymen exploiting tales about clerical vices in order to justify the pillage of Church wealth gave the lie direct to the minister.⁴⁷⁷

Essa passagem faz referência ao sermão encomendado por Anne a John Skip, para o domingo de Páscoa de 1536. O clérigo, através das passagens bíblicas escolhidas, atacou ministro e censurou o comportamento de Henry e Jane Seymour. Ives explica que Anne não era a favor da manutenção das casas religiosas da forma como se encontravam antes da reforma. Contudo, defendia que os lucros advindos das dissoluções deveriam servir para fins como educação e caridade:

⁴⁷⁵ IVES, 2007.

⁴⁷⁶ “Um acontecimento no início da primavera de 1536, foi carregado de maus presságios. Anne e Thomas Cromwell tiveram um desentendimento.” (IVES, 2007, p. 307, trad.no).

⁴⁷⁷ “A causa da ruptura entre Anne e Cromwell e da ofensiva de Skip era a legislação para confiscar a riqueza dos mosteiros menores, que naquele momento estava aguardando consentimento real. De fato, o ataque mais azedo do sermão, aos leigos explorando contos sobre vícios clericais para justificar a pilhagem das igrejas, era dirigido diretamente ao ministro.” (IVES, 2007, p.308, trad.no).

Indeed, at court, in government, in parliament and among the higher clergy many felt that reform of the monasteries was needed and some redirection of Church assets 'to better uses'. However, what were better uses? Anne – along with most other prominent reformers – had counted on endowments being allocated to education and other charitable causes; after all, they represented the charitable donations of past generations. The refounded college at Stoke by Nayland was the model of what she wanted to achieve. (...) Skip urged a similar course, emphasizing 'the great decay of the universities in the realm and how necessary the maintenance of them is for the continuance of Christ's faith and his religion.'²² Cromwell thought otherwise. For some years the government had been toying with the possibility of confiscating ecclesiastical land and thereby solving the king's deep-rooted financial problem. Here was the minister's opportunity to make Henry 'the richest prince in Christendom' and provide funds to modernize the country's antiquated defenses.(...) The policy had Henry's enthusiastic concurrence (...)⁴⁷⁸

A narrativa mostra que Anne foi ousada e temerária ao encomendar uma série de sermões atacando a política do primeiro ministro. Revela ainda que a oposição feita por ela não se reduzia ao púlpito: "Latymer also tells of a delegation of abbots and priors calling on the queen once her opposition to secularization was known and asking for her protection."⁴⁷⁹. Segundo o historiador, Anne defendia que mosteiros e conventos exemplares fossem mantidos e que alguns fossem transformados em escolas e casas de caridade. E sabedoras de que pelo menos uma casa religiosa havia obtido sucesso em suas petições junto à rainha, delegações de religiosos a procuravam e pediam a intersecção dela junto ao rei. A referência ao resultado positivo obtido junto ao rei, por uma das agremiações religiosas, através do apelo à rainha, sinaliza a força que ela tinha no governo, bem como, o posicionamento que assumiu com relação a reforma religiosa.

Anne e Cromwell tinham ideias opostas com relação ao destino que deveria

⁴⁷⁸ "De fato, na corte, no governo, no parlamento e entre os mais altos postos do clero, muitos sentiam que a reforma dos mosteiros era necessária e algum direcionamento dos bens da igreja para 'melhores usos'. Entretanto o que eram 'melhores usos'? Anne – juntamente com a maioria dos demais reformistas proeminentes – contavam que donativos fossem destinados à educação e outras causas de caridade; afinal eles representavam as doações de caridade de gerações anteriores. A faculdade reestabelecida em Stoke, em Nayland era o modelo do que ela queria atingir. (...) Skip pressionava para um curso semelhante, enfatizando a 'grande decadência das universidades no reino e o quanto era necessária a manutenção delas para a continuidade a fé em Cristo e de sua religião'.²² Cromwell pensava de outra forma. Há alguns anos o governo vinha flertando com a possibilidade de confiscar propriedades eclesiásticas e, com isso, resolver o profundamente enraizado problema financeiro do rei. Ali estava a oportunidade do ministro tornar o rei o 'príncipe mais rico da Cristandade' e prover fundos para modernizar as antiquadas defesas do país. (...) Essa política tinha concordância entusiástica de Henry (...)" (IVES, 2007, p.309, trad.no).

⁴⁷⁹ "Latymer também fala sobre uma delegação de monges e madres superiores rogando à rainha, por proteção, uma vez que a posição dela com relação à secularização era conhecida." (IVES, 2007, p. 311, trad.no).

ser dado aos lucros do confisco dos bens da igreja. Como a rainha Anna tinha forte influência sobre o rei, poderia convencê-lo a seguir por um curso diferente daquele sugerido pelo ministro:

The minister could never count on being in a position always to block the queen's persuasions, and the horrendous possibility threatened that Anne would urge Henry to make substantial exemptions for educational purposes. What was worse, Cromwell's relationship with Anne had been fatally damaged⁴⁸⁰.

O desentendimento rompeu o pacto de confiança e colaboração existente entre rainha e ministro. E Cromwell passou a temer que Anne desse a ele o mesmo destino que deu Wolsey: "By the middle of April, therefore, Anne Boleyn had become a major threat to Thomas Cromwell."⁴⁸¹ Por essa razão, decidiu eliminá-la. Ao empregar a palavra 'ameaça'⁴⁸², e mencionar os temores de Cromwell, o historiador indica, mais uma vez, o poderio político de Anne e o quanto ela inspirava temor nos opositores.

Segundo Ives⁴⁸³, Cromwell tinha conhecimento dos assuntos do governo, mas para Henry Norris, George Boleyn e outros membros da 'privy chamber'⁴⁸⁴, ele era apenas um funcionário e teria que acatar qualquer ordem que eles conseguissem persuadir o rei a dar. E Cromwell tinha plena consciência de sua posição, então:

Ambition as well as self-preservation therefore argued that he might be better off if the queen was out of the way, and that opinion, in the person of Jane Seymour, now appeared a realistic possibility for the first time since Anne's marriage.⁴⁸⁵

Ao empregar as palavras ambição e autopreservação para definir os sentimentos

⁴⁸⁰ "O ministro nunca poderia fiar-se de estar em uma posição que pudesse sempre bloquear as persuasões da rainha, e a horrenda possibilidade que ameaçava era que Anne insistisse para Henry fazer substanciais isenções para fins educacionais. E o que era pior, a relação de Cromwell com Anne havia sido arruinada." (IVES, 2007, p.311, trad.no).

⁴⁸¹ "Assim, pela metade de abril, Anne Boleyn tinha se tornado uma ameaça séria a Thomas Cromwell." (IVES, 2007, p.315, trad.no).

⁴⁸² Threat.

⁴⁸³ IVES, 2007.

⁴⁸⁴ Os membros da Privy Chamber formavam um grupo pequeno de nobres cortesãos que serviam e acompanhavam Henry nos aposentos pessoais e que, portanto, tinham mais influência sobre ele. Além disso, de acordo com a visão de mundo do século XVI, o que tornava um trabalho honorável era a posição social da pessoa servida e não a tarefa em si. (IVES, 2007)

⁴⁸⁵ "Ambição, assim como, autopreservação argüiram que ele estaria melhor se a rainha estivesse fora do caminho, e essa ideia, na pessoa de Jane Seymour, agora aparecia como uma possibilidade real, pela primeira vez, desde o casamento de Anne." (IVES, 2007, p.316, trad.no).

que levaram o ministro a agir contra a rainha, a narrativa reforça a ideia da eficácia política da personagem histórica. Ela poderia, não só interditar ambições, mas também arruinar opositores. Porquanto, Cromwell decidiu que Anne Boleyn perderia o favor do rei. Oportunamente, Jane Seymour apresentava-se como uma opção para substituí-la prontamente. E, assim, o ministro começou a planejar o golpe para eliminar Anne do governo:

Thomas Cromwell set out to plan the removal of Anne Boleyn with the caution the exercise demanded; the risk involved was a measure of his desperation. Simply to remove the queen would be to invite his own ruin. He had to come to terms with conservatives first.⁴⁸⁶

O ministro precisava garantir que estaria em segurança. Não haveria vantagem com a troca de senhores. Pelo contrário, as políticas que o primeiro ministro implantara nos últimos anos estariam em risco com a queda de Anne e a conseqüente promoção dos conservadores partidários de Jane e dos aliados de Mary. Então, Cromwell fez um esforço enorme, para um duplo movimento. Primeiro, livrar-se de Anne. E depois, dos apoiadores de Mary. O historiador enfatiza a origem estritamente política, e não sexual, dos motivos que levaram Anne Boleyn à morte. Assim, o autor de *Life and death*⁴⁸⁷ desconstrói as acusações do processo que condenou Anne à morte. Com isso, da mesma forma que Starkey⁴⁸⁸, clarifica a memória da heroína histórica.

De acordo com Ives, o ministro teria tomado a decisão de tirar Anne do trono no mesmo dia em que Chapuys fez um cumprimento respeitoso a ela na capela real. Doze dias depois, começaram as prisões:

If we are to believe Thomas Cromwell – and there is no good reason not to so – he moved against Anne Boleyn only when the king’s behavior on Easter Tuesday 1536 had finally convinced him that so long as she was queen, Henry would obstruct what was safest both for his kingdom and for his secretary. From that point twelve days turned decision into action, and on Sunday, 30 April, the first suspect was under arrest. Less than three weeks later Anne was dead. A month and a day – from Chapuys’ acknowledging her in the Chapel Royal at Greenwich on Tuesday, 18 April, to her burial in

⁴⁸⁶ “Thomas Cromwell começou a planejar a remoção de Anne com a cautela que o exercício exigia; o risco envolvido era a medida do desespero dele. Simplesmente remover a rainha seria convidar a própria ruína. Primeiro, ele precisava entrar em acordo com os conservadores.” (IVES, 2007, p.317, trad.no)

⁴⁸⁷ IVES, 2007.

⁴⁸⁸ STARKEY, 2004.

the Tower on Friday, 19 may – this is all the time it took for the most romantic, the most scandalous tragedy in English history. It was a tragedy which took the life of a queen, her brother George, Henry Norris – the closest to a friend Henry VIII had – Francis Weston, William Brereton and Mark Smeton (all of the privy chamber), and left yet another of the privy chamber staff, Sir Richard Page, in prison in the Tower, along with Sir Thomas Wyatt.⁴⁸⁹

Ao atribuir a Cromwell a responsabilidade pelo golpe que culminou com a morte de Anne, Ives a inocenta das acusações que lhe foram imputadas. O historiador menciona que Henry, a menos de 30 dias da morte da esposa, fazia esforços obter aceitação internacional para o casamento e transferia propriedades para o nome dela. Com isso, isenta do rei da responsabilidade pela morte da rainha e de cinco homens da 'privy chamber'. A versão da queda de Anne Boleyn, apresentada pelo biógrafo, mostra o casal real como vítima das disputas cortesãs pelo poder. Delineia um Henry VIII irascível, altamente influenciável e impulsivo, presa de sua própria personalidade.

Isentar ambas as partes de culpa teria sido a resolução perfeita para que Elizabeth I pudesse apoiar a difusão das defesas de Anne, escritas por clérigos que a conheceram; pois, naquele momento, discriminar a mãe implicava demonizar o pai. *Em Life and Death*⁴⁹⁰, o personagem demonizado é o ministro.

Ives⁴⁹¹ detalha como foram feitas as prisões dos suspeitos e problematiza algumas questões. Explora especialmente a forma como foi elaborado o mecanismo judicial que condenou Anne e os homens que foram executados com ela. Explica em pormenores como a comissão de julgamento foi estabelecida, antecipadamente à existência formal de suspeitos, procedimento contrário à prática Tudor, adotado para

⁴⁸⁹“Se nós acreditarmos em Thomas Cromwell – e não há nenhuma boa razão para não fazer isso – ele se moveu contra Anne Boleyn somente quando o comportamento do rei, na terça feira de Páscoa, de 1536, finalmente o convenceu que enquanto ela fosse rainha, Henry obstruiria o que fosse mais seguro para o reino e para o secretário. Daquele ponto, foram doze dias para transformar pensamento em ação. E no domingo, 30 de abril, o primeiro suspeito estava preso. Menos de três semanas depois, Anne estava morta. Um mês e um dia após o reconhecimento que Chapuys fez a ela na Capela Real, em Greenwich, on Tuesday, 18 April, to her burial in the Tower, on Friday, 19 May – esse foi todo o tempo que levou a mais romântica e escandalosa tragédia da história Inglesa. Foi uma tragédia que tirou a vida de uma rainha, o irmão dela, George, Henry Norris – o mais próximo que Henry VIII teve de um amigo, Francis Weston, William Brereton e Marc Smeaton (Todos da Privy Chamber), colocou ainda outro membro da Privy Chamber, Sir Richard Page, preso na Torre, junto com Sir Thomas Wyatt.” (IVES, 2007, p.319, trad.no).

⁴⁹⁰ IVES, 2007.

⁴⁹¹ Ibid.

impedir que Henry tivesse tempo de mudar de ideia antes da execução dos acusados:

During Henry's reign there were seventeen politically sensitive treason trials where the crown's procedural material was deposited in the *Baga de Secretis*, the Tudor equivalent of the top-secret file. In fifteen of these, formal legal moves were begun against the accused only after arrest and interrogation.¹⁶ The two exceptions are the trials of Anne and her lovers, where the commission was issued six days before the first arrest.⁴⁹²

Após o interrogatório, os acusados foram imediatamente julgados (e executados), não foi necessário aguardar o prazo de formação da comissão. Ives destaca que Cromwell precisava cumprir o plano o mais rapidamente possível, de modo a impedir qualquer tentativa de recuperação por parte de Anne e seus aliados. O historiador descarta a hipótese⁴⁹³ de que Anne já estaria sob investigação há algum tempo, com o conhecimento de Henry, que durante esse período teria continuado a tratá-la com naturalidade e mesmo com grande deferência. E a contrapõe com a afirmativa de que Henry não tinha necessidade de agir assim e que não era prática Tudor protelar a situação quando havia suspeitos. Ao desnudar a característica de exceção dos julgamentos de Anne e dos homens acusados com ela, o historiador evidencia a estranheza do caso. Dessa forma, motiva o leitor a questionar a lisura do procedimento judicial e a aceitar a versão de que a queda de Anne Boleyn foi resultado de um golpe.

Ives⁴⁹⁴ destaca que a trama eliminou, de uma só vez, poderosos integrantes do governo. A rainha e o *Groom of the stool*⁴⁹⁵, as duas pessoas que tinham mais influência sobre Henry VIII. E George Boleyn, um dos membros da facção Boleyn mais fortes e leais à Anna. Enquanto encaminhava as prisões de Anne e Norris, e após ferir o orgulho e inflar a ira de Henry com detalhes sobre as supostas traições da esposa, Cromwell deixou-o aos cuidados da facção pró Jane:

⁴⁹² “Durante o reinado de Henry houve dezessete julgamentos por traição politicamente importantes em que o material referente aos procedimentos da Corôa foram depositados na Baga Secrets, o equivalente Tudor para o top-secret file. Em quinze desses julgamentos, os procedimentos legais formais contra os acusados começaram somente após a prisão e a interrogação. As duas exceções foram os julgamentos de Anne e seus amantes em que a comissão foi estabelecida 6 dias antes da primeira prisão.” (IVES, 2007, p.322, trad.no).

⁴⁹³ Hipótese levada por um emissário ao embaixador francês De Carles.

⁴⁹⁴ IVES, 2007.

⁴⁹⁵ Henry Norris. O Groom of the stool era quem auxiliava o rei quando ele necessitava aliviar-se das funções naturais do corpo. E era também, junto com a rainha, o membro mais influente da corte.

On the very night of Anne's arrest, when the duke of Richmond had come to say good night to his father, Henry had begun 'to weep and say that he and his sister [Mary] owed God a great debt for having escaped the hands of that cursed and poisoning whore who had planned to poison them.' This exchange with Richmond also allows us to see how quickly the Seymour alliance had got to work. (...) As for Jane, she was removed to Sir Nicholas Carewe's house at Beddington, near Croydon, Ostensibly for propriety but actually to inflame royal ardour. The result was a series of romantic night-time assignations and river trips which actually began to win popular sympathy for Anne. No man, Chapuys reported, ever paraded with such regularity the fact that his wife had cuckolded him, and with so little sign that he minded!⁴⁹⁶

A relação que Ives faz entre o desabafo de Henry com o duque de Richmond e a ação da facção Seymour diz respeito a divisão de tarefas entre Cromwell e seus aliados. O ministro cuidava das prisões e julgamentos. Os Seymour (incluindo Jane) instilavam o ódio de Henry contra a rainha. Acusavam-na da morte de Catarina; de planejar envenenar Mary e o duque de Richmond; de arquitetar a morte de Henry para casar-se com Norris. Apontavam, por um lado, o quanto era desagradável ter uma esposa insubmissa e com gênio tão forte. Por outro lado, lembravam que o casamento com Anne não trouxera o filho homem desejado por Henry. Por fim, apresentavam a modesta e obediente Jane como a possibilidade real de realização daquele sonho.

Ives⁴⁹⁷ refere o relato de Chapuys sobre o episódio. O embaixador, em tom de sarcástica surpresa, ironizou o comportamento de Henry, que desprovido de qualquer pudor, fazia questão de 'desfilarem os chifres', repetindo continuamente que a esposa era uma 'feiticeira' e que tinha tido 'mais de mil amantes'. O comportamento do rei parecia tolo, mas justificava o que viria a seguir: o assassinato (judicial) da esposa.

⁴⁹⁶ "Na mesma noite em que Anne foi presa, quando o duque de Richmond foi dizer boa noite a seu pai, Henry começou 'a chorar e disse que ele e sua irmã [Mary] tinham uma grande dívida com Deus por terem escapado das mãos daquela amaldiçoada e envenenadora prostituta que tinha planejado envenená-los.' Esse desabafo com Richmond também nos permite ver o quão rapidamente a facção Seymour tinha começado a agir. (...) Quanto a Jane, ela foi transferida para a casa de Sir Nicholas Carewe, em Beddington, perto de Croydon, oficialmente, em nome da decência, mas na realidade para inflamar o fervor real. O resultado foi uma série de românticos encontros amorosos noturnos e excursões pelo rio, as quais na realidade começaram a conquistar simpatia popular para Anne. Nenhum homem, Chapuys relata, jamais desfilou com tanta regularidade o fato de que sua esposa o havia traído, e com tão pouco sinal de que se importava. (IVES, 2007, p.327, trad.no).

⁴⁹⁷ IVES, 2007.

O historiador explica que o incidente entre Anne e Norris⁴⁹⁸, que provocou um grave desentendimento com Henry, não foi o fato determinante do caso judicial contra ela. O estopim do golpe foi Marc Smeaton, o único dos acusados que confessou ter cometido adultério com a rainha:

Although the dispute between Anne and Norris will explain Sunday, 30 April – the involvement of Anne’s almoner, Henry’s anger and Anne’s desperate defense even to the point of appealing to him through Elizabeth – it was clearly insufficient to provide the jolt Cromwell was looking for. (...) [ver] The fatal catalyst would be Mark Smeaton.⁴⁹⁹

Smeaton era um dos principais músicos a serviço do rei, tinha pouco mais de vinte anos. Diferentemente dos outros homens presos sob a acusação de adultério com a rainha Anna, não era nobre, sendo por essa razão altamente vulnerável. Ives relata que naquele sábado fatídico, o músico teve uma crise temperamental nos aposentos da rainha e que o episódio chegou ao conhecimento de Cromwell. No dia seguinte, foi levado à casa do ministro e torturado. O jovem resistiu por cerca de vinte e quatro horas. Então, confessou ter conhecimento carnal da rainha e foi mandado para a Torre.

O historiador descreve o júri que atuou nos julgamentos dos acusados, nomeando e explicando quem era cada um dos integrantes. Lá estavam: opositores da facção Boleyn e inimigos dos acusados. Além de pessoas que tinham bons motivos para emitir uma sentença condenatória: partidários da princesa Mary; opositores do rompimento com Roma; apoiadores de Jane Seymour; um homem que devia dinheiro a Brereton; outros que necessitavam dos favores de Cromwell; o conde de Northumberland⁵⁰⁰, que temia cair em desgraça por conta do antigo envolvimento com Anne. Os acusados ao reconhecerem o júri souberam de antemão que a sentença já estava dada antes mesmo do julgamento começar: “As the jury men were called into the court, Norris and the others knew their fate was

⁴⁹⁸ Anne e Norris discutiram porque ele vinha protelando o casamento com a prima de Anne, Madge Sheldon. Por infelicidade, a rainha insinuou que Norris não queria se casar porque estava apaixonado por ela e tinha esperanças de que, com a morte de Henry VIII, poderiam casar-se.

⁴⁹⁹ “Embora a disputa entre Anne e Norris explique o 30 de abril – o envolvimento do Almoner de Anne, a fúria de Henry e a defesa desesperada de Anne ao ponto de apelar a ele através de Elizabeth – isso era claramente insuficiente para promover o choque que Cromwell estava procurando. (...) O catalizador fatal seria Marc Smeaton.” (IVES, 2007, p.325, trad.no).

⁵⁰⁰ Leia-se Hal Percy.

sealed. Cromwell had pre-selected as hostile a panel as could be imagined.”⁵⁰¹ Ao explicitar a natureza parcial do júri nomeado por Cromwell, o Ives reforça a tese de que Anne e seus apoiadores foram vítimas de um golpe para retirá-los do poder.

O historiador desconstrói as acusações de adultério constantes no processo contra Anne apresentando evidências de que a maior parte delas é incongruente e pode ser completamente invalidada. Para tanto, toma por base registros que comprovam a impossibilidade da situação. Em doze das datas referidas, a rainha se encontrava em um determinado local e o cavalheiro acusado em outro diferente. Em uma das ocasiões, Anne estava com Henry e em outra estava de resguardo pelo nascimento de Elizabeth.

Investigation, furthermore, shows that even after nearly 500 hundred years, three-quarters of these specific allegations can be disproved. In twelve cases Anne was elsewhere or else the man was. Accusing Anne of soliciting Norris, at Westminster on 6 October, with intercourse following on 12 October, was particularly careless and medically improbable; she was at Greenwich recovering after childbirth, indeed possibly still in purdah pending being churched.⁵⁰²

O fragmento acima é apenas uma amostra dos registros, citados detalhadamente na narrativa de Ives, os quais revelam que as imputações de adultério foram infundadas. O historiador discute longamente as acusações:

Under analysis, the case presented by the crown in May 1536 collapses. But one decisive argument for innocence remains – the evidence the Crown was unable to produce. In the Tudor court, privacy was a rare commodity. The queen would normally be attended, day and night. In no way could she pursue a liaison unaided. Any alteration in routine (for example insisting in sleeping alone or travelling away from court) would raise immediate comment. Even with Lady’s Rochford’s help, Henry’s fourth wife, Katherine Howard, had to entertain her suitor, Thomas Culpeper in a privy! When Katherine did admit Thomas to her bedchamber, Jane Rochford had to be present, though she feigned sleep, and this conniving took her to the block along with the queen. But where was Anne Boleyn’s accomplice? How could a queen live a nymphomaniac life without help? (...) Indeed, far from being accused or even smeared by association with their disgraced mistress, Anne’s attendant’s switched their service to Jane Seymour. Anne could

⁵⁰¹ “Quando o júri foi chamado à corte, Norris e os outros sabiam que o destino deles estava selado. Cromwell selecionou uma lista de jurados tão hostil quanto pudesse ser imaginado.” (IVES, 2007, p.339, trad.no).

⁵⁰² “Mais do que isso, a investigação revela que, mesmo quase 500 anos depois, pode-se comprovar a falsidade de três quartos das alegações. Em doze casos, Anne estava em algum outro lugar ou em outro lugar estava o homem. Acusar Anne de oferecer sexo a Norris, em Westminster, em 6 de outubro, com a relação acontecida em 12 de outubro, seria particularmente arriscado e medicamente improvável; ela estava em Greenwich se recuperando do parto de Elizabeth, na realidade, possivelmente ainda de quarentena.” (IVES, 2007, p. 344, trad.no).

simply not have behaved as alleged.⁵⁰³

O biógrafo salienta que o processo contra Anne não foi capaz de produzir provas da infidelidade dela e lembra que, na corte Tudor, privacidade era algo muito raro. A rainha estava permanentemente acompanhada⁵⁰⁴, seria impossível cometer adultério sem a ajuda de uma cúmplice entre as damas de companhia. O autor de *Life and death*⁵⁰⁵ questiona quem teria sido a ajudante de Anne, uma vez que participação no caso acarretaria condenação junto com a rainha. Nenhuma das damas de companhia de Anne foi acusada de conivência com ela. Todas passaram diretamente para o serviço de Jane Seymour.

Ives⁵⁰⁶ mostra que algumas acusações foram construídas a partir de distorções deliberadas. É o caso da acusação de incesto contra Anne e George Boleyn. A imputação foi construída com informações como: Anne mandou uma carta para George dizendo que estava grávida; os dois se abraçaram; eles passavam muito tempo conversando; Anne beijou George⁵⁰⁷. O historiador mostra que os fatos citados no processo eram corriqueiros. Fatos habituais do dia-dia da vida social e familiar, que foram deturpados para montar o quadro necessário à condenação dos irmãos à morte. A ficção formulada foi tão eficaz e tão largamente difundida, que ainda hoje é preponderante no senso comum.

⁵⁰³ “Sob análise o caso apresentado pela Corôa em maio de 1536 vem a baixo. E um argumento decisivo para inocência é a evidência que a Corôa não foi capaz de produzir. Na corte Tudor privacidade era um artigo raro. A rainha era assistida dia e noite, de modo algum ela conseguiria manter uma ligação sem auxílio. Qualquer alteração na rotina (por exemplo, insistir em dormir sozinha ou viajar para fora da corte) provocaria comentários imediatos. Mesmo com a ajuda de Lady Rochford, a quarta esposa de Henry, Catherine Howard, precisou se relacionar com seu amante, Thomas Culpeper, em um banheiro! Quando Catherine recebeu Thomas em seu quarto, Lady Rochford estava presente, embora tenha fingido estar dormindo e essa conivência levou-a para o cadafalso junto com a rainha. Mas onde estava a cúmplice de Anne? Como a rainha conseguiria viver uma vida de ninfomaníaca sem ajuda? Na realidade, longe de serem acusadas ou pelo menos difamadas por associação com sua desgraçada senhora, mas as atendentes de Anne passaram diretamente para o serviço de Jane Seymour. Anne simplesmente não tinha como se comportar conforme foi alegado.” (IVES, 2007, p.348, trad.no).

⁵⁰⁴ Até para dormir, os soberanos tinham acompanhantes no quarto.

⁵⁰⁵ IVES, 2007.

⁵⁰⁶ Ibid.

⁵⁰⁷ Quanto a essa acusação Ives relata que beijos eram comuns na corte Tudor e que as mulheres inglesas eram famosas no exterior por esse costume. Entretanto, refere o historiador, o júri argumentou que o beijo entre Anne e George havia sido “deep kissing”, que a rainha havia colocado a língua na boca de George.

O biógrafo narra que, logo após ser presa, Anne começou a falar descontroladamente, revendo fatos, tentando estabelecer sua inocência. No entanto, os comentários indiscretos apenas pioraram a situação. Tudo que ela disse foi registrado e levado a Cromwell. O ministro soube manipular as informações de modo a transformar o desabafo da rainha sobre acontecimentos triviais em evidências de traição.

No julgamento, Anne Boleyn fez sua própria defesa. Foi um momento de retomada da firmeza e da lucidez após a experiência traumatizante da torre:

The queen was once more in command of herself and clearly of the situation. Her sparing and effective answers quietly dominated the court. From the moment of her arrest, Anne had realized the difficulty of establishing her innocence. She had said to Kingston: 'I can say no more but "nay", (...); and 'If any man accuse me, I can say but "nay", and they can bring no witnesses.' Yet when the time came, her manner did carry conviction. No, she had not been unfaithful; no, she had not promised marry Norris; no, she had not hoped for the king's death; no, she had not given secret tokens to Norris; no, she had neither poisoned Katherine nor planned to poison Mary; Yes, she had given money to Francis Weston, but she had done the same to many of the always penurious young courtiers; and so it went on.⁵⁰⁸

Segundo Ives, a autodefesa de Anne foi brilhante. De tal forma clara, firme e consistente, que a opinião comum⁵⁰⁹ foi de que ela era inocente de todas as acusações que lhe foram imputadas. Ainda assim o veredicto do júri foi 'culpada'. E Anne Boleyn foi condenada à morte na fogueira ou por decapitação, de acordo com a vontade do rei. O duque de Norfolk, tio da rainha, leu a sentença chorando. O historiador ironiza tal comportamento, afirmando que é impossível saber se o duque chorou de tristeza ou por alívio de ver-se livre da sobrinha.

Antes de morrer, Anne ainda teve que tragar outro cálice amargo: a anulação

⁵⁰⁸ "A rainha estava mais uma vez no comando de si mesma e claramente no comando da situação. As respostas sucintas e efetivas tranquilamente dominaram a corte. Desde o momento de sua prisão, Anne se deu conta da dificuldade de estabelecer sua inocência. Ela disse a Kingston: 'Eu não posso dizer nada além de negar; e se qualquer homem me acusar, eu só posso negar. Eles não tem como trazer testemunhas.' Ainda assim quando chegou o momento os modos dela mostravam convicção. Não, ela não tinha sido infiel. Não, ela não prometeu casar-se com Norris. Não, ela não tinha desejado a morte do rei. Não, ela não tinha dado presentes secretos a Norris; não, ela não tinha nem envenenado Catarina, nem planejado envenenar Mary. Sim, ela tinha dado dinheiro a Francis Weston, mas ela tinha feito o mesmo para muitos dos sempre penuriosos jovens cortesãos. E, assim, continuou." (IVES, 2007, p. 340, trad.no).

⁵⁰⁹ Exemplificada até mesmo nos relatos de cronistas sabidamente partidários de Mary e Catarina de Aragão, como Charles Wriothesley.

do casamento com Henry, cujo objetivo era ilegitimar Elizabeth. Henry não queria nem Mary, nem Elizabeth como herdeiras legítimas. Mas sim, o caminho livre para um possível herdeiro homem, vindo de Jane Seymour ou qualquer esposa que a sucedesse. Caso o herdeiro não viesse por vias legítimas, a ideia era passar o trono para o duque de Richmond. Daí a preparação do novo ato de sucessão de julho de 1536:

Of course Henry hoped for a son by Jane Seymour, but he would not bank on it as he had with Anne. This line of thinking explains the provisions of the Succession Act of July 1536. This switched the legitimate line from Elizabeth to the offspring of Henry and Jane or any future wives, but it also provided that if Henry had no legitimate heirs, then he could by letters patent or his last will declare who the next ruler would be. Richmond, therefore, could be held in reserve should Jane fail to produce the heir, *sans reproche*.⁷¹ In the end, however, all this went for nothing. Disease took its grip on the young duke, and four days after the Succession Act became law, he was dead.⁵¹⁰

Ao relatar esse episódio, Ives desvela a visão de mundo radicalmente patriarcal que predominava na época. Apenas um herdeiro homem era considerado apto para assumir o trono do país. Além disso, o historiador retrata Henry VIII como um homem obcecado, capaz de tudo para concretizar seus intentos. Através dessa representação do marido, aparece em negativo a figura da mulher. De figura dominante, enquanto objeto da perseguição amorosa, tornou-se vulnerável, e mesmo indefesa, ao tornar-se esposa e rainha da Inglaterra. O biógrafo sublinha a crueldade irônica à qual Anne foi submetida com a anulação do casamento. Tendo lutado por anos para não se tornar mais uma amante de Henry VIII, passaria para história como concubina.

Ives⁵¹¹ comenta que todos os esforços para que o duque de Richmond pudesse assumir o trono, na falta de um herdeiro legítimo, foram vãos. O menino morreu devido a uma doença misteriosa, quatro dias após a aprovação do novo ato

⁵¹⁰ “É claro que Henry esperava ter um filho com Jane Seymour, mas ele não iria se fiar nessa possibilidade como havia feito com Anne. Essa linha de pensamento explica as medidas do Ato de Sucessão de julho de 1536. Esse ato transferia os direitos sucessórios de Elizabeth para os filhos que Henry tivesse com Jane Seymour ou qualquer futura esposa, mas também estabelecia que se Henry não tivesse herdeiros legítimos, então ele poderia através de cartas de patente e como seu último desejo declarar quem seria o próximo soberano. Assim, Richmond ficaria a reserva, *sans reproche*, caso Jane falhasse em produzir um herdeiro. No final, entretanto, isso não deu em nada. Uma doença apoderou-se do jovem duque, e quatro dias depois que o Ato de Sucessão se tornou lei ele estava morto.” (IVES, 2007, p. 356, trad.no).

⁵¹¹ IVES, 2007.

sucessório. Anne estava morta e seus apoiadores mortos ou fora de cena. A questão que não quer calar é: quem então teria interesse na morte de Richmond?

O historiador relata que, após ser levada para a torre, Anne perdeu a razão. Ela foi acometida de crises de choro, seguidas de explosões de riso. Teve momentos de grande espirituosidade, como quando disse ao carcereiro que não haveria dificuldade em dar-lhe um apelido e que certamente seria chamada “Queen Anne the Headless”⁵¹². Ou quando, ao saber que a execução seria rápida e indolor, replicou que ouvira que o espadachim francês que a decapitaria era muito habilidoso, e acrescentou: “and I have a little neck.”⁵¹³. E momentos de melancolia, como quando mostrou-se ressentida com a postergação da execução: “Master Kingson, I hear say I shall not die afore noon, and I’m very sorry there for, for I thought to be dead by this time and past my pain.”⁵¹⁴.

A descrição da última jornada empreendida por Anne Boleyn é feita com solenidade. O historiador menciona cada site percorrido por ela no interior da torre de Londres até chegar ao local da execução. E chama atenção para o contraste cruel entre o momento da caminhada ao encontro da morte e aquele não muito distante da véspera da coroação:

It was a short journey. Out of the Queen’s Lodging’s, past the Great Hall, where she had dined on the night before her coronation, through the Cole Harbour Gate, along the west side of the White Tower and then the first sight of the scaffold. It stood three or four feet high, draped in black, surrounded by perhaps a thousand spectators, the lord mayor and the aldermen come to see the king’s justice done, and behind them ‘certain of the best crafts of London’ – no foreigners – Englishmen and women come to see the first English queen executed.⁵¹⁵

Percebe-se o imenso respeito e tristeza com que o historiador relata os últimos

⁵¹² “Anne, a rainha sem cabeça.” (BOLEYN, 1536 apud IVES, 2007, p. 353. trad. no.)

⁵¹³ “E o meu pescoço é pequeno.” (BOLEYN, 1536 apud IVES, 2007, p. 356. trad. no.)

⁵¹⁴ “Mestre Kingson, ouvi dizer que não vou morrer antes do meio-dia, e sinto muito por isso, pois pensei que estaria morta a essa hora e passada a minha dor.” (BOLEYN, 1536 apud IVES, 2007 p. 356. tra. no.)

⁵¹⁵ “Foi um trajeto curto. Saindo dos apartamentos da rainha, passando pelo grande Hall, onde ela jantou na véspera de sua coroação, através do portão Cole Harbour, ao largo pelo lado oeste da White Tower e então a primeira vista do cadafalso. Ele se erguia a três ou quatro pés de altura, revestido de negro, circundado por talvez mil espectadores, o prefeito e os membros do conselho vieram para ver ser feita a justiça do rei, e atrás deles, alguns dos melhores artesãos de Londres – nenhum estrangeiro. Homens e mulheres ingleses vieram ver a primeira rainha a ser executada.” (IVES, 2007, p.357, trad.no).

momentos daquela que parece ser ainda sua soberana. E, assim, soberanamente, com respeito crescente e o mesmo zelo com que construiu a representação de Anne ao longo de toda a narrativa, ele a descreve até o final:

Over a grey damask gown lined with fur she wore an ermine mantle with an English gable hood.⁵ The constable saw her safely up the steps (...), and following the etiquette of estate executions, Anne moved to the edge of the scaffold to address the crowd.⁶⁵¹⁶

A descrição da figura majestosa, sóbria e digna de Anne constrói uma representação que alça a personagem à categoria dos heróis trágicos, à maneira grega clássica⁵¹⁷, em sua grande dignidade frente à aproximação da morte. Instantes antes da execução, ela subiu ao cadafalso e revestida de altiva serenidade se dirigiu ao povo ali reunido para testemunhar sua morte:

‘Good Christian people, I have not come here to preach a sermon; I have come here to die.
For according to the law and by the law I’m judged to die, and therefore I’ll speak nothing against it. I’m come hither to accuse no man, nor to speak of that whereof I’m accused and condemned to die, but I pray God save the king and send him long to reign over you, for a gentler nor a merciful prince was there never, and to me he was ever a good, gentle and sovereign lord. And if any person will meddle my cause, I require them to judge the best. And thus I take my leave of the world and of you all, and I heartily desire you all to pray for me.’⁵¹⁸

O biógrafo cita as palavras finais de Anne Boleyn e comenta que ecoam a última fala de George Boleyn. Explica, ainda, que a resignação que a fala expressa, sem nem um esboço de protesto contra a injustiça sofrida, era padrão na época. Típica de

⁵¹⁶ “Sobre o vestido de damasco cinza guarnecido com peles, ela usava uma capa de arminho com um capuz inglês. O depositário da Torre a auxiliou a subir os degraus em segurança (...), e seguindo a etiqueta das execuções de Estado, Anne se moveu em direção à borda do cadafalso para se falar à multidão.” (IVES, 2007, p.357, trad.no).

⁵¹⁷ Se fossêmos pensar em Anne como uma heroína trágica, ela seria pelas ações e trajetória uma heroína da tragédia moderna. Contudo, a maneira como ela se portou diante da morte, evoca os heróis gregos, lembremos da própria Ifigênia em Aulis. E, se pensarmos que a questão que realmente decidiu o destino de Anne, a falta de um filho homem, era algo que ela não tinha como modificar pela vontade, uma situação que se colocava inexorável diante dela, nessa medida, ela também se aproxima de uma heroína da tragédia grega.

⁵¹⁸ “Bom povo cristão, eu não vim aqui para fazer um sermão, eu vim aqui para morrer. Porque de acordo com a lei e pela lei, eu fui condenada a morrer, e assim, nada direi contra isso. Eu não vim aqui para acusar qualquer homem, nem para falar daquilo pelo qual eu fui julgada e condenada a morrer. Mas sim para dizer: Deus salve o rei e conceda a ele vida longa para reinar sobre vocês, porque príncipe mais gentil e piedoso nunca houve, e para mim ele sempre foi um lorde gentil, bom e soberano. E se alguém se ocupar da minha causa, eu rogo que julgue pelo melhor. E assim eu deixo esse mundo e todos vocês e desejo ardentemente que todos vocês rezem por mim.” (IVES, 2007, p.258, trad.no).

prisioneiros na hora da morte, que não queriam despertar a ira do rei contra os familiares. No caso de Anne era uma medida para proteger Elizabeth. Por outro lado, o historiador destaca que Anne, tendo recuperado a lucidez em suas horas finais, falou com firmeza e serenidade e que não pronunciou nenhuma confissão das acusações que lhe foram imputadas e menos ainda proferiu arrependimento pelos supostos erros. Segundo Ives⁵¹⁹, esse foi um ato de grande audácia (o derradeiro da vida de Anne). A multidão esperava ouvir o discurso auto-humilhante da pecadora arrependida na iminência da morte. Anne Boleyn, que teve dias e noites de delírio na torre, recobrou a lucidez e manteve-se digna, impassível e firme no momento de defrontar-se com a morte.

O historiador relata que o que se seguiu foi muito rápido. Uma prece, um segundo depois já não estava mais. Então as atendentes correram para enrolar o corpo e a cabeça em lençóis, e a levaram para ser enterrada no interior da capela de Saint Peter, a poucos metros do cadafalso.

Anne Boleyn, na opinião de Ives, foi uma mulher notável, que seria notável mesmo em nosso tempo. Ela foi, embora, vilanizada e desmerecida por mais de quatro séculos, uma das agentes da história:

She had been a remarkable woman. She would remain a remarkable woman even in a century which produced many of great note. There were few others who rose from such beginnings to a crown, and none contributed to a revolution as far-reaching as the English Reformation. To use a description no longer in fashion, Anne Boleyn was one of the makers of history.⁵²⁰

Esse comentário do autor de *Life and death*⁵²¹ reafirma e sintetiza o primoroso resgate de Anne perseguido e elaborado ao longo de todo livro.

Ainda uma vez volta à questão da controversa e cheia de contrastes personalidade de Anne. E admite que a imagem construída pela história é apenas

⁵¹⁹ IVES, 2007.

⁵²⁰ “Ela foi uma mulher notável. Ela continuaria sendo uma mulher notável mesmo em um século que produziu muitas de grande relevo. Poucas outras ascenderam do ponto de onde ela ascendeu para chegar ao trono e nenhuma contribuiu para uma revolução tão importante e abrangente como a reforma religiosa na Inglaterra. Usando uma descrição fora de moda, Anne Boleyn foi uma agente da história (makers of history).” (IVES, 2007, p.359, trad.no).

⁵²¹ IVES, 2007.

um espectro, erguido dos rastros que ficaram. Sinaliza, assim, à impossibilidade de chegarmos a quem ela realmente foi:

To us she appears inconsistent – religious yet aggressive, calculating yet emotional, with the light touch of the courtier yet the strong grip of the politician – but is this what she was, or merely what we strain to see through the opacity of the evidence? As for her inner life, short of a miraculous cache of new material, we shall never really know.⁵²²

O biógrafo lamenta à incógnita da vida interior de Anne. Um caleidoscópio obscuro que só receberia algumas luzes com a descoberta de novas fontes (cartas, anotações pessoais), até então esquecidas em algum canto escuro, guardião de segredos do tempo. Admite que a literatura pode tentar reconstruir o universo interior de Anne. Contudo, lucidamente, enfatiza que qualquer construção discursiva fala, sobretudo, de seu próprio tempo. E nós jamais saberemos o que Anne pensou ou sentiu durante os anos da existência fabulosa que teve.

O historiador relata também os desdobramentos políticos que se sucederam à morte da rainha. Após eliminar Anne e seus aliados mais poderosos, Cromwell arquitetou uma nova trama para neutralizar os apoiadores de Mary, que com a morte de Anne, esperavam ser reintegrados ao poder. A própria Mary acreditava que com o fim da “concubina”, o rei a reconheceria novamente como filha legítima e herdeira do trono e que voltaria também para a antiga religião. Ela se negou a assinar o ato sucessório criado por Henry em 1536. Cromwell aproveitou a resistência da princesa para convencer o Henry de que o comportamento dela se devia à influência dos apoiadores. E, assim, a filha de Catarina de Aragão foi novamente isolada dos amigos, que passaram a ser interrogados e mandados para a Torre. Ao final, sob à ameaça de ser mandada para a Torre, Mary sucumbiu e assinou tudo que o que Henry VIII exigia. Admitiu que o casamento da mãe fora inválido e que, portanto, não tinha direito ao trono. E, amargamente, renegou a religião católica⁵²³. A ação de Cromwell resultou que até 1540, a maioria dos opositores católicos de Anne Boleyn, integrantes da facção pró Mary, foram mandados para o cadafalso. Alguns

⁵²² “Para nós ela parece contraditória – religiosa e empreendedora, calculista e passional, com o toque leve do cortesão e o domínio impetuoso do político – mas é isso que ela era, ou simplesmente o que a nossa visão filtra através da opacidade da evidência? E quanto à vida interior dela, a menos que se descubra novos materiais em algum milagroso esconderijo, na realidade, nós nunca saberemos.” (IVES, 2007, p.359, trad.no).

⁵²³ Mary assinou o documento renegando o catolicismo, mas secretamente rogou ao Papa para ser perdoada, explicando que fora ameaçada.

continuavam presos na Torre. A referência ao destino de Mary e seus apoiadores (após a morte de Anne Boleyn) desconstrói a versão da tradição-senso comum, segundo a qual, a “concupina” era a responsável pela desdita da princesa e por todas as truculências do rei. Henry VIII tornou-se mais tirânico e sanguinário após a morte da segunda esposa.

Ives⁵²⁴ quebra o silêncio em torno de aspectos da vida de Anne Boleyn, como a fé, o envolvimento na reforma religiosa e o grande desenvolvimento artístico e intelectual que ela alcançou. Assim, torna visíveis dimensões da vida da personagem histórica, desconsiderados na maior parte de suas representações. Mais do que isso, dá existência histórica para esses aspectos. Com isso, desautoriza representações difundidas pela tradição e reforçadas pelos meios de comunicação de massa (cinema, televisão). Em tais representações, Anne é uma figura bidimensional. Uma mulher jovem e desejável, sem nada que a notabilize (além da sensualidade) e cujos únicos interesses são a riqueza e do poder proporcionados por Henry VIII.

O historiador traz ao discurso descrições físicas, feitas por contemporâneos de Anne, que a apresentam como uma mulher “apenas razoavelmente bela”, mas de grande elegância, graça e espírito. Dessa forma, desafia representações da personagem como uma mulher que teria nos atrativos físicos e no apelo sexual a única fonte de atração sobre o rei. O biógrafo afirma que a preocupação de Anne com a aparência e as demonstrações de riqueza não eram vaidade feminina ou simples gosto pela ostentação. Mas sim a estratégia de legitimação de poder empregada por todas as monarquias da Europa. Dessa forma, mostra que Anne seguia o padrão comportamental do grupo social ao qual pertencia e pertinente à função que ela queria aceder.

O autor de *Life and death*⁵²⁵ reafirma que o poder de Anne não derivava apenas do charme e do apelo sexual. E destaca que a afinidade entre o casal advinha do elevado desenvolvimento intelectual que ela atingiu e das inúmeras

⁵²⁴ IVES, 2007.

⁵²⁵ Ibid.

habilidades que desenvolveu. Longe de pintá-la como uma santa, Ives⁵²⁶, assim como Starkey⁵²⁷, a responsabiliza pela destruição do Cardeal Wolsey⁵²⁸. Embora, diferentemente de Starkey, Ives afirma que a rixa entre os Boleyn e Wolsey era muito anterior ao romance de Anne e Percy. Segundo o autor de *Life and death*⁵²⁹, desde que Wolsey percebeu a crescente influência de Thomas Boleyn junto a Henry VIII, passou a fazer movimentos no sentido de excluí-lo do favor real. As primeiras investidas do cardeal contra Thomas Boleyn datam de 1515. Além do pai de Anne, outros membros da 'Privy Chamber' e do 'Privy circle' eram constantemente atacados pelo ministro, o que fazia dele uma figura temida e odiada. Ao fazer referência à inimizade entre Wolsey e Thomas Boleyn, o historiador mostra que a questão era muito mais ampla do que o rompimento do idílio juvenil entre Anne e Percy. Wolsey tinha muitos inimigos. Anne Boleyn era a mais poderosa dentre eles.

A extensão atribuída por Ives⁵³⁰ à participação de Anne no processo da reforma religiosa na Inglaterra a coloca na categoria dos agentes da história, indivíduos responsáveis por grandes transformações nas sociedades humanas. A própria história da reforma ganha novos contornos a partir do conhecimento da participação de Anne desde sua fase germinal, sendo ela mesma a promotora das ideias reformistas junto ao rei e depois de boa parte das ações realizadas no sentido de reorganizar a instituição religiosa em âmbito nacional.

Conforme delineada pelo historiador, Anne surge como uma articuladora política sagaz, capaz de coordenar-se com as estratégias políticas⁵³¹ de seu momento histórico e de explorar ao máximo as vantagens obtidas. Uma líder que atuou com firmeza em prol das transformações religiosas do país, em uma época em que as mulheres eram relegadas à servidão. Inúmeros aspectos são explorados, dando complexidade à personagem; mas, o fio condutor da narrativa é a questão do poder. Anne, do início ao fim, é associada ao poder. Filha de uma nobreza

⁵²⁶ IVES, 2007.

⁵²⁷ STARKEY, 2004.

⁵²⁸ Wolsey foi por muitos anos o homem mais poderoso da Inglaterra, depois de Henry VIII.

⁵²⁹ IVES, 2007.

⁵³⁰ Ibid.

⁵³¹ Notadamente, estratégia de legitimação do poder, política faccional e, acima de tudo, exercício de influência sobre o rei, pois o poder era exercido por ele ou por aqueles a quem ele o delegasse.

híbrida⁵³², ela foi um produto dos círculos do poder. Primeiro, teve como modelo a regente dos Países Baixos e dividiu lições com o futuro Imperador Carlos V⁵³³. Depois, na França, teve modelos, não apenas de sofisticação, mas da arte da intriga cortesã⁵³⁴. Ainda na corte francesa, teve outros modelos de mulheres poderosas: a rainha Claude e a duquesa Marguerite d'Angoulême. Sendo que, esta última, era militante das reformas religiosas. Ao chegar à corte inglesa, Anne aplicou os conhecimentos adquiridos no exterior e tornou-se um fenômeno sem precedentes, pois, sem antecedentes reais, chegou ao trono. E exerceu o poder em todas as formas enquanto se manteve no topo. Enriqueceu. Tornou-se independente, concedeu benefícios, depôs inimigos. Atuou na política e na religião com ações efetivas e defendeu seus pontos de vista com obstinação. Por fim, foi destruída em uma disputa pelo poder.

O discurso de Ives⁵³⁵ quebra o silêncio em torno de diversos aspectos da vida de Anne Boleyn, tais como a educação, as origens familiares e a religiosidade. Assim, torna-os visíveis, portanto, existentes historicamente. A narrativa legitima Anne Boleyn, conferindo a ela a importância merecida no processo histórico e clarificando as injustiças que ela sofreu. No entanto, não a santifica, nem romanticiza. A figura que emerge do texto de Ives não é constituída a partir de um louvor de virtudes. Mas sim de uma exploração descritiva e analítica das informações constantes nas fontes que versam sobre ela, conhecidas até então. O resultado é uma personagem multifacetada (embora a psicologia continue um mistério), religiosa e agressiva, passional e calculista, ambiciosa e generosa. Amada ou odiada, a rainha consorte mais controversa que a Inglaterra já teve.

⁵³² Na família de Anne se misturavam sangue de nobres e sangue de mercadores enriquecidos. Para chegar às origens mercantis é preciso remontar ao bisavô de Anne, o construtor de Hever, Geoffrey Boleyn. Mas mesmo ele foi feito cavaleiro, por Henrique VII, em 1563; se tornou juiz de paz e também prefeito da cidade de Londres. Os Boleyn tinham uma tradição de avançar cada vez mais em termos de riqueza e posição social, através de uniões matrimoniais. O avô de Anne casou-se com filha do conde de Ormonde, e o pai dela, Thomas Boleyn, casou-se com a filha do duque de Norfolk. Anne, como se sabe, casou-se com o próprio rei.

⁵³³ Que, ironicamente, tornou-se um dos mais poderosos inimigos de Anne.

⁵³⁴ Prática básica da política faccional. Por isso, quando Anne é chamada de intrigante, com um tom pejorativo, isso é injusto com relação a ela, pois essa era a prática política da época. A diferença é que não havia muitas outras mulheres envolvidas em política naquele tempo. Ela era tão intrigante quanto os homens que dominavam o cenário político de seu tempo.

⁵³⁵ IVES, 2004.

O historiador desconstrói, através de evidências, mitos criados em torno da figura de Anne: a aparência monstruosa e repugnante⁵³⁶ e a ideia de que ela seria uma feiticeira, apregoada pelos recusantes católicos; a responsabilidade pelos despotismos e pelo sanguinarismo de Henry; a ninfomania, derivado das acusações de incesto e de adultérios múltiplos. E, ainda, a classificação de concubina, ou ainda pior, 'whore'. Nessa medida, o historiador retrata a imagem da personagem, resgatando-a da vilanização e da demonização, clarificando a memória dela e conferindo-lhe legitimidade e visibilidade como agente histórica.

O biógrafo torna visível uma parcela da trajetória de Anne, por séculos, omitida pela história e desconstrói mitos negativos criados em torno da figura dela. Ao fazer dela o centro de um discurso que reconstrói a existência que ela teve em dimensões justas, confere visibilidade e legitimidade à personagem, retirando-a da categoria desprivilegiada (historicamente marginal ou inexistente) e a integrando-a na categoria privilegiada.

Analisando-se a questão do gênero enquanto construção discursiva, percebe-se que a representação que Ives⁵³⁷ faz de Anne Boleyn desconstrói o par opositivo estereotípico das representações femininas 'mulher anjo' versus 'mulher demônio'. Considerando-se esse par opositivo tradicional, Anne sempre foi apresentada como uma mulher demônio, ou 'evil woman', como era chamada pelo vaticano. O historiador mostra que ela foi demonizada por ter sido a 'outra mulher' em uma separação que mudou a geografia da Europa católica; pelas vinculações reformistas; e por ter sido uma mulher no poder, em um tempo em que o mundo era dominado pelos homens.

A imagem feminina que surge da representação construída em *Life and death*⁵³⁸ é altamente transgressora com relação aos padrões do sexo feminino, no século XVI. Anne Boleyn é conhecedora dos aparatos de poder e é capaz de fazer uso deles. Ela fala, em um tempo em que as mulheres deveriam permanecer

⁵³⁶ Seis dedos, um papo enorme, várias verrugas grandes, várias manchas e dois dentes superiores pontiagudos, projetados para frente; e na coroação teria usado um vestido todo bordado com línguas.

⁵³⁷ IVES, 2007.

⁵³⁸ Ibid.

caladas. E, ousadia maior, ela tem como interlocutor o rei: responde, discute, discorda, reclama, aconselha, sugere leituras (como uma tutora). Ela indica nomes para ocupar altos cargos (na igreja e na política) e receber benefícios⁵³⁹.

Anne emerge da narrativa como uma mulher de personalidade forte, que se destacava pelas inúmeras habilidades que possuía, dotada de uma fé genuína e capaz de se dedicar a uma causa e defendê-la, ainda, que com a própria vida. O historiador a apresenta como uma mulher inteligente e independente. Pertencente a uma família nobre, educada entre os filhos das mais importantes monarquias européias, politicamente poderosa, patronesse das artes e da reforma religiosa, preocupada com a educação e com a situação dos menos favorecidos. Anne, pela educação, independência e prática de difundir a Palavra de Deus, antecipa o perfil da mulher protestante, que, conforme Michele Perrot⁵⁴⁰ explica, surge nos países reformados.

Os reformados entendiam que a leitura da bíblia era uma obrigação dos cristãos, homens e mulheres⁵⁴¹. Como a bíblia passou a ser editada nas línguas nacionais, compreendeu-se que as meninas também precisavam aprender a ler. Assim: “Na Europa protestante do Norte e do Leste espalharam-se escolas para os dois sexos.”⁵⁴² Também nos países reformados, as mulheres passaram a estar mais presentes nos espaços públicos. Na Inglaterra e na Nova Inglaterra, números crescentes de mulheres se tornaram pregadoras da Palavra⁵⁴³. Lembremos que, conforme Starkey⁵⁴⁴, Anne, em torno de 1528, pelo menos três anos antes de Henry se declarar chefe da igreja, já propagandeava abertamente sua fé; que o historiador denomina de “heterodox at least”⁵⁴⁵. Com as reformas em diversos países da Europa, foram criadas, escolas e universidades femininas:

⁵³⁹ Com tudo isso, para a sociedade da época, Nan Bullen, realmente, só poderia ser o diabo de saias.

⁵⁴⁰ PERROT, 2007.

⁵⁴¹ A própria Anne mantinha, em seus aposentos, o Novo Testamento, em inglês, de Tyndale, para que todos os integrantes de seu staff, na grande maioria mulheres, tivessem acesso à leitura.

⁵⁴² PERROT, 2007, p.91.

⁵⁴³ Um dado interessante de se notar é que a Igreja Anglicana é a única que aceita mulheres como bispos.

⁵⁴⁴ STARKEY, 2004.

⁵⁴⁵ “no mínimo, heterodoxa” (STARKEY, 2004, p.372. tra no.)

A instrução protestante das meninas teria consequências de longa duração sobre a condição das mulheres, seu acesso ao trabalho e à profissão, as relações entre os sexos e até sobre as formas do feminismo contemporâneo. O feminismo anglo-saxão é um feminismo do saber, muito diferente do feminismo da maternidade da Europa do Sul.⁵⁴⁶

Considerando as vivências de Anne e analisando como a história das mulheres se desdobrou nos países reformados, ela aparece como uma verdadeira precursora das conquistas do sexo feminino. Concordo com Susan Bordo⁵⁴⁷, na afirmativa de que Anne foi a primeira feminista, antes mesmo da existência do termo, antes de qualquer teoria, somente pela ação inovadora, desafiante e de resistência ao domínio patriarcal.

A narrativa desarticula imagens da personagem, ainda repetidas pelo senso comum, que a apresentam como: ‘megera’, ‘feiticeira’, ‘ninfomaníaca’, ‘incestuosa’, ‘objeto sexual’, ‘prostituta’, ‘concupina’. A desconstrução ocorre na medida em que a origem dos discursos que construíram essas imagens é explicitada: o vaticano, o Sacro Império, os recusantes católicos, os apoiadores de Mary e Catarina de Aragão, discípulos de Wolsey, os autos do processo que a condenou à morte. Enfim, a sociedade patriarcal do século XVI afrontada pela insubmissão de Anne. O historiador mostra que os emissores desses discursos eram inimigos de Anne, que tudo fariam para arruiná-la. E que mesmo depois da morte dela, continuaram a persegui-la, conspurcando-lhe a memória, fazendo dela uma das mulheres mais odiadas e desprezadas da história.

Por outro lado, Eric Ives⁵⁴⁸ não cai na armadilha da santificação, que seria delinear Anne Boleyn através da outra face do estereótipo, “a mulher anjo”, “a santa”. O historiador não esconde a ambição, a arrogância, o perfil calculista de Anne⁵⁴⁹. E deixa claro que, ao ingressar na corte, levada pelo pai, ela tomou o

⁵⁴⁶ PERROT, 2007, p.91.

⁵⁴⁷ BORDO, 2013.

⁵⁴⁸ IVES, 2007.

⁵⁴⁹ Na realidade, na corte de Henry VIII, Anne só tinha duas escolhas, ou seria mais uma sombra frágil, indefesa, explorada sexualmente com o consentimento da família e logo após abandonada; ou tornava-se exatamente aquilo que se tornou: uma mulher forte, poderosa e, por isso mesmo, demonizada. Anne defendeu-se do assédio sexual do rei, construiu um patrimônio, manteve-se no poder por cerca de dez anos, desafiando o Papa, o Imperador Carlos V, a Europa católica e o povo da Inglaterra. Para conseguir essas façanhas em um ambiente tão hostil, ela não poderia ser uma ‘boa menina’. Sobreviver no meio de leões requeria deixar para trás o espírito de ovelhinha e tornar-se uma raposa.

caminho do prestígio, da riqueza e do poder. Contudo, não necessariamente o da honra, pois o preço da glória era a integridade e o respeito próprio. Segundo Ives, para um cortesão ter sucesso, era preciso ser orgulhoso, falso, feroz, bajulador e servil. Anne, para o bem e para o mal, foi um produto do meio em que viveu.

O texto de Ives⁵⁵⁰ presta um grande serviço à história das mulheres ao resgatar, o quanto possível, a trajetória e o perfil de uma mulher, cuja participação nos processos históricos de seu tempo foi, por muito tempo, suprimida dos relatos históricos. O biógrafo dá visibilidade à Anne Boleyn. Ilumina inúmeros aspectos, que por séculos foram ignorados, desconstrói concepções e informações largamente difundidas, que criaram toda uma mitologia negativa em torno da personagem. O historiador faz uma obra transformacional na medida em que modifica sensivelmente representações da personagem difundidas pela tradição histórica e popular, pela literatura e pela mídia. Além disso, modifica radicalmente a extensão da participação de Anne na história e credita a ela boa parte da responsabilidade pela reforma religiosa na Inglaterra.

⁵⁵⁰ IVES, 2007.

6 Um paralelo possível entre a “Segunda Esposa” e “The Most Happy”

Tanto Ives⁵⁵¹ quanto Starkey⁵⁵² são *experts* no período Tudor, com teses de doutorado versando sobre o assunto e com diversas obras publicadas sobre a política e a corte inglesa naquele período. Nessa medida, os trabalhos que ambos os historiadores realizaram sobre Anne Boleyn não são peças soltas e díspares na produção acadêmica que desenvolveram. Contrariamente, são elementos harmônicos que pertencem a quadros mais amplos. Cada um dos dois guarda particularidades ideológicas, discursivas e crenças diferenciadas sobre fatos da história. O que, conseqüentemente, resultou em obras bastante diferentes na forma, no tom, no conteúdo e na linguagem. Acredito que dentro daquilo que cada um deles se propôs a fazer, ambos são excelentes.

Ives⁵⁵³ e Starkey⁵⁵⁴ são escritores com estilos muito diferentes, mas ambos apresentam trabalhos baseados em rigorosa pesquisa histórica, ancoradas em largas listas de referências. Os dois textos apresentam, em grande medida, informações coincidentes.

Tanto Ives⁵⁵⁵ quanto Starkey⁵⁵⁶ expõem as origens familiares de Anne e concordam que ela vinha de um mistura social característica da Inglaterra, na época. Destacam a educação elevada que recebeu, primeiro, na corte imperial em Bruxelas, e depois, na corte francesa. Ambos alegam que Anne não foi amante do rei e que resistiu anos a fio para não se tornar apenas uma concubina. Estão de acordo que o arquiteto das circunstâncias tanto do casamento quanto da morte Anne

⁵⁵¹ IVES, 2007.

⁵⁵² STARKEY, 2004.

⁵⁵³ IVES, 2007.

⁵⁵⁴ STARKEY, 2004.

⁵⁵⁵ IVES, 2007.

⁵⁵⁶ STARKEY, 2004.

Boleyn foi Thomas Cromwell. Declaram que Cromwell planejou e executou o golpe para derrubá-la, de modo a obter mais poder e por temer que ela fizesse com ele o que fez com Wolsey. Os dois historiadores advogam com firmeza que Anne era inocente de todas as acusações que lhe foram imputadas em maio de 1536. Acreditam que Anne Boleyn tinha uma fé genuína e ressaltam o grande envolvimento dela na reforma religiosa. Os dois estudiosos afirmam que foi Anne que deu a Henry VIII os livros proibidos, que insuflaram ideias reformistas no monarca. E, finalmente, tanto Ives⁵⁵⁷ quanto Starkey⁵⁵⁸ salientam que a morte dela serviria a muita gente: o ministro Cromwell, a facção Seymour, e, ainda, a facção de nobres católicos apoiadores de Catarina de Aragão e Mary.

Em alguns pontos os estudiosos discordam. Starkey⁵⁵⁹ acredita que Henry VIII interessou-se por Anne desde o momento em que ela chegou na corte inglesa e que, por essa razão, deu ordem a Wolsey para romper o noivado da jovem com Hal Percy. Ives⁵⁶⁰, por sua vez, crê que o interesse de Henry por Anne começou em 1525, quando o próprio rei declara isso a ela em uma carta; e que o romance de Anne e Percy foi desfeito porque o rapaz estava prometido a Mary Talbot. Starkey afirma que o envolvimento de Anne na queda de Wolsey teve por motivo a vingança pelo rompimento com Hal Percy. Ives mostra que a rixa entre a família Boleyn e Wolsey era bem mais ampla e antiga. Tendo iniciado em torno de 1515, enquanto Anne estava na França e era pouco mais que uma criança. Ives defende o comprometimento de Henry com Anne até vinte dias antes da morte dela e que o ministro decidiu derrubá-la pela grande influência que ela tinha sobre o rei. Starkey declara que, em janeiro de 1536, quando teve o último aborto, o destino de Anne foi selado e que Cromwell só teve coragem de agir contra a rainha porque tinha certeza que Henry queria se livrar dela para abrir caminho para um novo casamento.

Ambos mostram-se admirados diante de Anne Boleyn. Ives⁵⁶¹, encantado pela coragem com que ela abriu caminho, em um mundo masculino, através da educação e da personalidade. E pelo tanto que ela trabalhou para estabelecer a

⁵⁵⁷ IVES, 2007.

⁵⁵⁸ STARKEY, 2004.

⁵⁵⁹ Ibid.

⁵⁶⁰ IVES, 2007.

⁵⁶¹ Ibid.

reforma religiosa. Inconformado, não só pelo destino que ela teve, mas também pela forma cruel como ela passou para a história, buscou mostrar todas as faces visíveis da Anne. E trabalhou para clarificar a memória dela, o máximo que pode. Starkey⁵⁶², que ascendeu de uma vida difícil para se tornar uma estrela, provavelmente, se identifique com ela na trajetória em direção ao trono. E, também, na personalidade controversa e na 'língua ruim', pelas quais ambos se tornaram conhecidos. Quando Starkey pinta Anne como uma criatura insolente, ambiciosa e determinada, ele enfatiza características que, de certa forma, refletem sua própria personalidade. O discurso e a personalidade de Starkey⁵⁶³ são tão estrepituosos quanto foram a personalidade e a vida de Anne Boleyn.

A diferença maior entre os dois discursos está na linguagem, na estruturação da narrativa, em algumas interpretações e crenças pessoais de cada historiador. Ives⁵⁶⁴ é meticoloso, solene, devotado; Starkey⁵⁶⁵ é fluente, irônico e escandaloso. O primeiro escreve para um público de cultura média ou elevada. O segundo, para qualquer pessoa rudimentarmente alfabetizada em língua inglesa e disposta a passar algumas horas diante de um livro. Ives tem como leitores pessoas interessadas no assunto, o Starkey tem como leitor qualquer pessoa com um pouco de curiosidade sobre o passado. O trabalho de ambos é necessário.

O texto de Starkey⁵⁶⁶ é mais facilmente legível que o de Ives. Contudo, o deste último mostra-se mais profundo, por se deter mais demoradamente nos detalhes da vida da personagem, por fazer análises mais criteriosas, por questionar constantemente as fontes, desconstruindo muitas das informações que constam em relatos de contemporâneos de Anne. O texto de Ives⁵⁶⁷, pelo detalhamento, apresenta o maior número de informações possível sobre Anne Boleyn. O texto de Starkey, pela leitura fácil, pela carga dramática de uma trama cheia de reviravoltas, pelos ditos espirituosos e sarcásticos, atinge facilmente as multidões.

⁵⁶² STARKEY, 2004.

⁵⁶³ Ibid.

⁵⁶⁴ IVES, 2007.

⁵⁶⁵ STARKEY, 2004.

⁵⁶⁶ Ibid.

⁵⁶⁷ IVES, 2007.

Cada um, de sua maneira peculiar, faz justiça a Anne Boleyn. Ambos dão visibilidade a aspectos da vida dela desconsiderados por muitos historiadores e pouco ou não focalizados pelos meios midiáticos e artísticos e: as origens familiares, a educação, a fé e o envolvimento na reforma religiosa. Dessa forma, esses aspectos que eram inexistentes historicamente, na medida em que não elaborados discursivamente, passam a ter existência histórica. Ambos retratam a memória de Anne, desconstruindo a versão da história baseada na condenação à morte que ela sofreu, mostrando que as acusações a ela imputadas foram forjadas com o objetivo de retirá-la do poder. Com isso, desconstroem também diversos mitos criados em torno da figura dela: adultério, incesto, ninfomania, bruxaria. Os dois historiadores colocam Anne no centro de discursos privilegiados, pois emanam de instâncias e entidades discursivas acreditadas. Ao retirá-la da marginalidade, fazem dela uma figura privilegiada, conferindo-lhe visibilidade e legitimidade enquanto agente histórica.

O texto de Starkey⁵⁶⁸ traça um grande painel histórico, em que coloca cada uma das seis esposas como protagonista a seu tempo. O capítulo dedicado a Anne Boleyn foi o estudado aqui⁵⁶⁹. O texto de Ives⁵⁷⁰ é um relato monográfico, biográfico, trata exclusivamente da vida de Anne e tenta ir o mais fundo possível na investigação de pormenores, acontecimentos, situações que possam revelar algo mais sobre a personagem. O texto de Ives explora a situação política, a grande questão, o divórcio de Catarina de Aragão, a reforma religiosa, mas Anne aparece sempre indubitavelmente em primeiríssimo plano. Ela é a razão da narrativa em todos os momentos, o motivo da exploração de todos os tópicos. Diferentemente, no texto de Starkey, o argumento histórico em si mesmo é a razão da narrativa e a personagem é a peça central peça nesse argumento. Até então, tudo está no devido lugar, pois Ives foi reconhecidamente o grande biógrafo de Anne Boleyn, e David Starkey é um grande painelista histórico.

⁵⁶⁸ STARKEY, 2004.

⁵⁶⁹ Com incursões breves pelos capítulos de Catarina de Aragão e Jane Seymour, na medida em que ajudam a iluminar a representação de Anne feita pelo historiador.

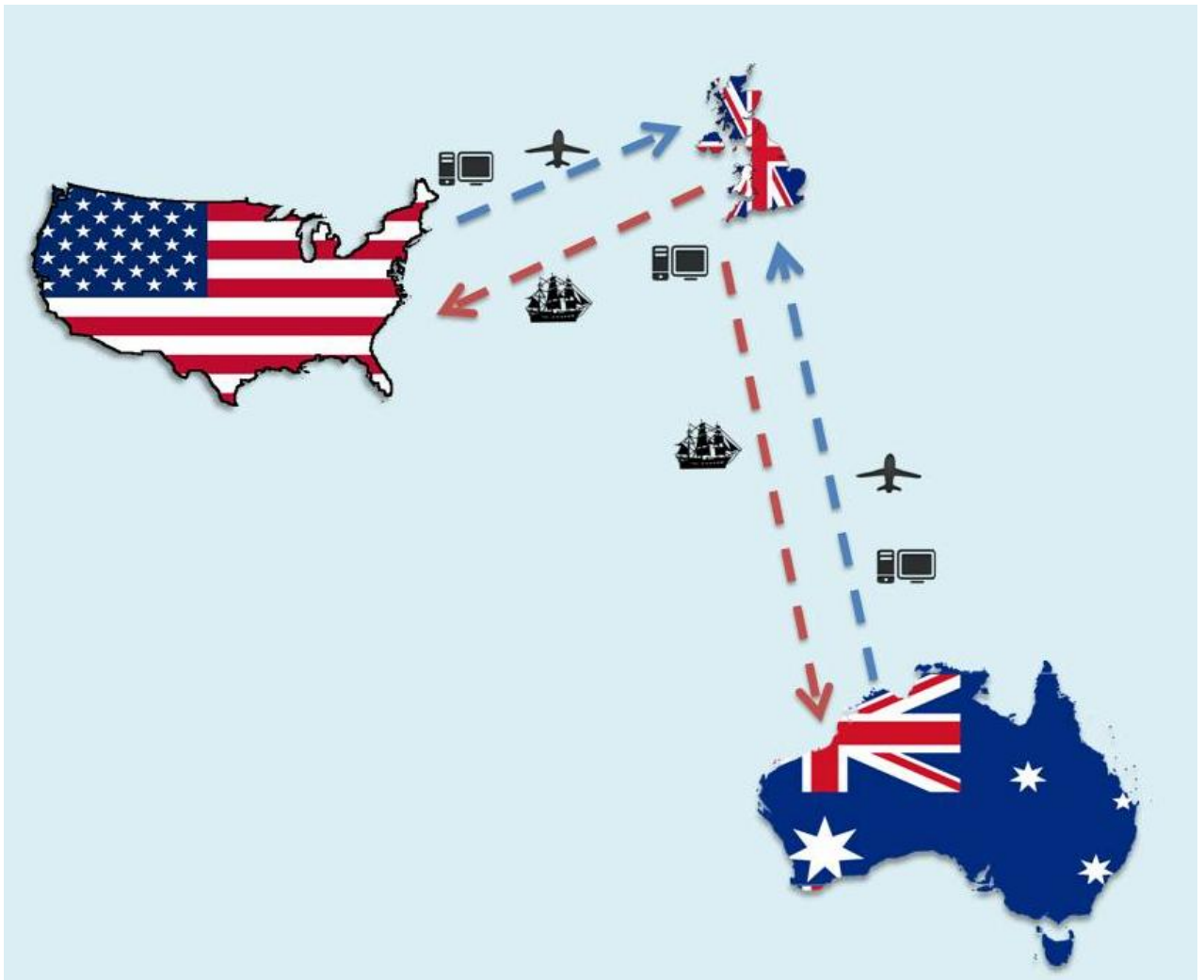
⁵⁷⁰ IVES, 2007.

Os dois historiadores são excelentes ficcionistas não literários⁵⁷¹. Através da pesquisa de fontes, e dentro dos limites estabelecidos pelas fontes, selecionam e organizam informações sobre o passado, e as elaboram discursivamente, fornecem explicações e interpretações, tornando-o acessível para o leitor. Os ficcionistas históricos disponibilizam artefatos textuais que fazem uma mediação entre o passado vivido e a nossa percepção desse passado no presente. O passado 'tal como foi' é impossível fazer reviver; e a 'verdade histórica' é uma utopia tão fantasiosa quanto a 'objetividade histórica'. No lugar da 'verdade' uníssona e autoritária, cuja imposição caracterizou as práticas da história no passado, surgem as verdades de cada grupo ou indivíduo ao contar a sua versão dos fatos. As ficções, e a história enquanto textualidade está entre elas, não constituem a própria realidade, como bem coloca Wolfgang Iser⁵⁷², as ficções são vias de acesso à realidade.

⁵⁷¹ ISER, 1989.

⁵⁷² ISER, 1989.

Ainsi sera, groigne qui groigne



Semper Eadem



12. Merle Oberon, *The private Life of Henry VIII* (1933)



13. Genevieve Bujold, *Anne of the thousand days* (1969)



14. Natalie Dormer, *The Tudors* (2007-2008)



15. Helena Bonham Carter, *Henry VIII* (2003)



16. Natalie Portman, *The other Boleyn Girl* (2008)

Semper Eadem



17. Anne Boleyn, Frans Porbus (Século. XVII)



18. Anne Boleyn, Wenzel Hollar (1649)



19. Anne Boleyn, Lucas Horenbolte (Século XVI)



Anne Boleyn, Huntley (1967)



Anne Boleyn, Vermeulen (1707)

PARTE II – DESLOCANDO A ‘OUTRA’ – O OLHAR DA COLÔNIA SOBRE A METRÓPOLE

7 As mil faces de Anna

“In cutting her life so short and then ruthlessly disposing of the body of evidence of her ‘real’ existence, Henry made it possible for her to live a hundred different lives, forever.”⁵⁷³

A primeira representação literária de Anne Boleyn, rainha consorte da Inglaterra entre 1533 e 1536, foi feita por Shakespeare, no drama histórico King Henry VIII⁵⁷⁴, escrito no início do século XVII. Essa peça encena a história do nascimento de Elizabeth I, exaltando as origens da soberana. Desde então, Anne Boleyn, tem sido tema de diversas formas de manifestação expressiva, da literatura à pintura e, também, no cinema.

As representações de Anne feitas desde Shakespeare formam uma imensa rede de intertextualidade temática. Anne Boleyn é certamente uma das figuras mais recriadas e recontadas da história. Há tantas e tão diversificadas representações e alusões a ela, que seria impossível mencionar todas aqui, são: documentos originais, pinturas, desenhos, biografias, romances, poemas, peças de teatro, filmes, séries de televisão, sites na internet, bonecas, músicas, revistas em quadrinhos, tirinhas, livros-texto e folclóricos. Enfim, uma lista que parece se seguir ad infinitum.

⁵⁷³ “Ceifando a vida dela tão cedo e então destruindo cruelmente o corpo de evidências da existência real que ela teve, Henry tornou possível para ela viver uma centena de vidas diferentes, eternamente.” (BORDO, 2013, xvii, trad.no).

⁵⁷⁴ SHAKESPEARE, William. King Henry VIII. In: *The complete works of William Shakespeare*. Hertfordshire: Wordsworth Editions, 1999, p.1160-1194.

O enigma em torno da aparência e de inúmeros detalhes da vida de Anne, o escandaloso envolvimento dela com Henry VIII, bem como as circunstâncias de sua morte são, provavelmente, os principais motivos para o grande interesse que ela suscita. À incógnita com relação ao rosto de Nan Bullen se somam outras, tais como a idade, o caráter e a psicologia. Os mistérios e controvérsias que envolvem a figura de Anna se refletem nas centenas de representações dela existentes, pois cada criador a representa a partir de seu lócus de enunciação e com estilo próprio de produção artística ou literária.

A lenda em torno do romance de Anne Boleyn e Henry VIII é tão grande que “Greensleeves”⁵⁷⁵, uma canção tradicional das Ilhas Britânicas, algumas vezes referida como obra de autor desconhecido, frequentemente, é atribuída aquele soberano, que costumava gavar-se de seus dotes como compositor. Segundo a tradição, o rei teria feito a música para mostrar a Nan Bullen⁵⁷⁶, the Lady Greensleeves, todo fervor de sua paixão. Anne também tinha fama de poeta e musicista e reza a lenda que o poema “Oh death, rock me asleep”⁵⁷⁷, foi escrito por ela, na prisão, na véspera da morte. Eric Ives⁵⁷⁸ não acredita que Nan seja a autora do poema porque o carcereiro da Torre de Londres estava incumbido de relatar todos os movimentos e palavras dela e ele não fez nenhuma referência a essa escrita no documento enviado a Cromwell. Ives⁵⁷⁹ acredita que o poema pode ter sido escrito à época da morte de Anne, por alguém que assumiu poeticamente o ponto de vista dela.

Ao longo da história do cinema, diversos filmes têm retratado Anne Boleyn (AB)⁵⁸⁰. Uma das primeiras obras cinematográficas a representá-la foi *The private life of Henry VIII* (1933). O filme, que tem Merle Oberon no papel de Anne, de certa forma, ilustra o comentário de Starkey⁵⁸¹ de que, em muitos casos, as esposas que tiveram menor participação no contexto histórico e na vida de Henry são as que

⁵⁷⁵ Faixas 2 e 3 do Cd em anexo.

⁵⁷⁶ Apelido carinhoso de Anne Boleyn, usado por Henry e familiares. O povo também a chamava assim, mas com um tom completamente diferente.

⁵⁷⁷ Faixas 4 e 5 do Cd em anexo.

⁵⁷⁸ IVES, 2005.

⁵⁷⁹ Ibid.

⁵⁸⁰ As ilustrações 12, 13, 14, 15 e 16 mostram algumas das atrizes que a representaram.

⁵⁸¹ STARKEY, 2004.

recebem maior importância. Catarina de Aragão é apenas mencionada em uma única frase que diz que ela era uma mulher honesta e por isso Henry separou-se dela. A história de Anne não é contada. Merle Oberon aparece no filme por poucos minutos, representando Anne momentos antes da morte e a subida dela ao cadafalso. Jane Seymour também aparece pouco. É mostrada como uma tola que pergunta a Henry até que adereços usar. Curiosamente, Anna de Cleves é quem recebe mais atenção. Aparece como uma figura astuciosa, que usa de artimanhas para causar a repulsa de Henry e evitar a consumação do casamento, induzindo, assim, a uma vantajosa anulação do mesmo. É também Anna de Cleves que escolhe a sexta esposa para Henry: Catherine Parr, que é retratada como uma matrona que o vigia constantemente, não permitindo nenhum tipo de excesso. Catherine Howard não é nem mesmo mencionada. Por fim, Henry é retratado caricaturalmente como um glutão irascível, lascivo e chauvinista.

Em *Anne of the thousand days* (1969), AB é representada como uma figura insolente e caprichosa, que decide se vingar de Wolsey e Henry VIII pelo rompimento com Hal Percy. A personagem faz incríveis exigências e é atendida em tudo, até o momento em que se apaixona por Henry e decide se entregar a ele. Seguindo a versão da tradição, o casal vive em idílio até o nascimento de Elizabeth, quando se inicia o declínio da trajetória de Anne Boleyn, que se encerra com a execução, em 1536. A personagem mantém-se desafiante até o final e paga com a vida por isso.

The other Boleyn girl (2008) apresenta uma simplificação histórica descuidada e representa AB conforme delineada pela tradição católica, uma vilã desprovida de qualquer atributo e que apenas por algum acaso inexplicável tornou-se rainha. O filme endossa a versão da história segundo a qual Anne teria cometido todos os crimes imputados a ela no processo que a condenou à morte.

Na ópera *Anna Bolena*, de Donizetti, o canto é unido à representação para encenar a história da segunda esposa de Henry VIII. Na montagem feita em 2011, Anna Netrebko representa Anna Bolena e Elina Garanca, está no papel de Jane Seymour. A ópera mostra uma Anne que intui sua desgraça e confia suas inquietações para a rival.

No campo das artes visuais, diversas pinturas tematizam o envolvimento de Anne com o rei, tais como “King Henry VIII and Anne Boleyn deer shooting in Windsor Forest”⁵⁸² e “Henry VIII and Anne Boleyn”, que retratam os primórdios felizes; “Anne Boleyn says a final goodbye to her daughter, Princess Elizabeth”⁵⁸³ e “Anne Boleyn in the tower”⁵⁸⁴, que retratam a ruína final. E outras tantas, ao longo dos séculos, têm construído faces para a rainha⁵⁸⁵, cujo verdadeiro rosto é de todos desconhecido.

Os dois capítulos que se seguem são dedicados ao estudo de representações literárias de Anna Bolena.

⁵⁸² Ilustração 2.

⁵⁸³ Ilustração 8.

⁵⁸⁴ Ilustração 23.

⁵⁸⁵ Ver alguns exemplos nas ilustrações: 9, 10, 17, 18, 19, 20, 21, 22.



22. Anne Boleyn, John Hoskins, NPG, Londres.

8 O diário de Anna Bolena: A ‘Outra’ por ela mesma

“Tomorrow I die because I lusted not for flesh, but to command my own destiny.”⁵⁸⁶

8.1 Robin Maxwell

Robin Maxwell⁵⁸⁷, autora de *Secret Diary of Anne Boleyn*⁵⁸⁸, é uma romancista norte-americana nascida em Plainfield (New Jersey), a 26 de fevereiro. Robin é escritora e roteirista e colabora com artigos no blog Huffington Post. Graduiu-se em terapia ocupacional pela Universidade de Tufts, área em que trabalhou por vários anos. Então, foi viver em Hollywood, onde se tornou amestradora de papagaios, diretora de elenco e depois roteirista. Atualmente vive na cidade de Pioneertown, em meio a uma reserva ecológica, no deserto da Califórnia, em companhia de seu marido e companheiro há mais de trinta anos, o yogui Max Thomas.

A autora tem oito livros publicados até o momento. Ela mesma gosta de defini-los como romances históricos, mas dois deles são releituras de obras literárias anteriores, *O, Juliet*, que retoma *Romeu e Julieta* (1595-96), de William Shakespeare; e *Jane: the woman who loved Tarzan*, que retoma *Tarzan das Selvas* (1914), de Edgar Rice Burroughs. Robin sempre coloca as mulheres como

⁵⁸⁶ “Amanhã eu morro, por ter tido um desejo ardente, não da carne, mas de comandar o meu próprio destino.”(MAXWELL, 2004, p.248, trad.no).

⁵⁸⁷ Todas as informações biográficas e bibliográficas de Robin Maxwell foram retiradas do blog da autora, referido na seção final dedicada às referências, ou foram recebidas diretamente da autora, em mensagens trocadas pelo Facebook.

⁵⁸⁸ MAXWELL, 2004.

protagonistas de suas narrativas e, de acordo com o comentário biográfico em seu blog, é “especialista em mulheres à frente de seu tempo”. Além de *The Secret Diary of Anne Boleyn* (1997), as demais obras de Robin Maxwell publicadas até o momento são: *The Queen’s Bastard* (1999); *Virgin, Prelude to the Throne* (2001); *The Wild Irish* (2003); *Tower Born* (2005); *Mademoiselle Boleyn* (2007); *O, Juliet* (2010); *Signora Da Vinci* (2009); *Jane: The Woman who Loved Tarzan* (2012).

O romance *The Secret Diary of Anne Boleyn*, publicado em 1997, foi o livro de estréia de Robin e tornou-se um *best-seller* que está atualmente na vigésima-quarta reimpressão. O texto foi traduzido em doze idiomas e publicado nos seguintes países: Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Irlanda, Austrália, Nova Zelândia, França, Alemanha, Espanha, Grécia, Japão, Portugal, Brasil, Itália, Polônia, Rússia, Hungria, Croácia e República Tcheca. *Secret diary* foi traduzido para o português de Portugal e distribuído também no Brasil, no entanto, não consegui obter o livro, pois está esgotado.

8.2. *Secret diary of Anne Boleyn*

De acordo com a autora, *Secret diary*⁵⁸⁹ é fruto de vinte e cinco anos de pesquisa sobre o assunto. O texto intercala capítulos compostos por trechos de um diário ficcional de Anne Boleyn, com capítulos narrados em terceira pessoa, por um narrador que focaliza o ponto de vista de Elizabeth lendo o diário da mãe. A participação de Anne na narrativa termina com uma carta para Elizabeth, escrita na prisão, na véspera de sua execução. São os pontos de vista de duas mulheres, uma que revela pela escrita, a outra que descobre pela leitura. Dessa forma sutil e metonímica, são representadas questões de produção e recepção textual e da intrincada relação entre autor e leitor. Essa circunstância expressa o caráter metaliterário da narrativa.

⁵⁸⁹ MAXWELL, 2004.

Ao escrever um romance que incorpora um diário ficcional, Maxwell⁵⁹⁰ expressa o desejo ardente de todas as gerações de conhecer o passado em todos os detalhes e com a maior precisão possível. Ao mesmo tempo, sublinha a parcialidade da história, que sempre é contada de um determinado ponto de vista. Sendo o diário a mais confessional de todas as formas de escrita, a personagem é revelada no mais alto grau de subjetividade. Exprime, assim, o desejo coletivo de saber quem foi, de fato, Anne Boleyn. O que pensava e sentia? Como percebia as situações pelas quais passava? Grande mistério para o público e os historiadores de todas as épocas que se sucederam ao período em que ela viveu.

*Secret diary*⁵⁹¹ apresenta uma versão de como Elizabeth teria entrado em contato com a história de sua mãe e oferece uma explicação para o motivo pelo qual ela teria optado por não se casar. E ainda, para sua determinação de tornar-se uma grande monarca, “the Tudor Sun”, conforme foi previsto pela freira de Kent, para Anne Boleyn⁵⁹². A visita à vidente, relatada no diário⁵⁹³, foi crucial para a decisão de Anne de aceitar a proposta de casamento de Henry VIII. Mas, a resolução da heroína baseou-se no equívoco provocado pela homofonia dos vocábulos ‘son’⁵⁹⁴ e ‘sun’⁵⁹⁵. Anne compreendeu que a freira previa o nascimento de um filho homem, contudo, o vaticínio era o surgimento de uma grande monarca. O texto sinaliza, em última análise, para a expansão ultramarina e a futura colonização⁵⁹⁶ do território hoje conhecido como Estados Unidos da América do Norte.

O diário, na narrativa de Maxwell⁵⁹⁷, é um elemento estrutural básico, que define a forma de boa parte do romance. Contudo, o texto é uma construção textual híbrida⁵⁹⁸, na medida em que reúne diferentes gêneros discursivos. Trechos do diário ficcional são intercalados com passagens de narrativa em terceira pessoa e uma epístola compõe uma das passagens finais. Ao incorporar diferentes gêneros

⁵⁹⁰ MAXWELL, 2004.

⁵⁹¹ Ibid.

⁵⁹² Ibid. p.78.

⁵⁹³ Registro do dia 09 de abril de 1527 no diário de Anne. (MAXWELL, 2004, p. 76-78.)

⁵⁹⁴ Filho.

⁵⁹⁵ Sol.

⁵⁹⁶ Refiro apenas a colonização e não à descoberta, porque o primeiro contato dos ingleses com a América do Norte foi em 1498, durante o reinado do avô de Elizabeth, Henry VII, com as navegações de um italiano chamado John Cabot.

⁵⁹⁷ MAXWELL, 2004.

⁵⁹⁸ BAKHTIN, 1988.

discursivos à composição, o texto de Robin se apresenta através de um princípio plurilinguista⁵⁹⁹.

Ao adotar o diário como forma de transmissão da voz⁶⁰⁰ de Anne Boleyn, a narrativa borra as fronteiras entre o discurso da autora e o discurso da personagem. Disfarça, assim, a voz autoral, mas, ao mesmo tempo, faz com que duas vozes, a da autora e a da personagem, expressem seus pontos de vista e se coloquem em diálogo no interior de um mesmo discurso. A voz de Robin Maxwell aparece refletida nas palavras de Anne no diário. Ao abrigar diversas vozes e colocá-las em diálogo, o texto se apresenta, segundo os termos de Bakhtin⁶⁰¹, como uma estrutura polifônica e dialógica.

O confessionalismo, presente em *Secret diary*⁶⁰², o coloca em diálogo com a história da literatura. Reporta, primeiramente, a textos fundadores do romance de língua inglesa: *Robinson Crusoe* (1719), de Daniel Defoe; *Pamela* (1740) e *Clarissa* (7vol. 1748), de Samuel Richardson. Ambos os romancistas foram precursores do gênero epistolar, que guarda parentesco próximo com romance-diário. O texto remete ainda à forma narrativa dos romances de terror, *Drácula* (1897), do irlandês Bram Stoker, construído através de epístolas e registros em diários; e *Frankenstein* (1818), da inglesa Mary Shelley, também narrado através de cartas. Na contemporaneidade, pode-se mencionar o romance epistolar *A cor púrpura* (1982), da americana Alice Walker. A lista de títulos citados, à qual poderia se acrescentar outros, revela a vinculação de *Secret diary* com a tradição literária romanesca de Língua Inglesa. O texto lembra, através de todos esses antecedentes, que nenhuma obra literária se constrói no vácuo e que todas estão, de uma forma ou de outra, ligadas à tradição. Embora a maioria dos romances mencionados tenha a forma epistolar, e não de diário, todos eles tem o cunho de registro íntimo de vivências das personagens.

⁵⁹⁹ BAKHTIN, 1988.

⁶⁰⁰ Ibid.

⁶⁰¹ Ibid.

⁶⁰² MAXWELL, 2004.

Outro elo de ligação de *Secret diary*⁶⁰³ com a tradição romanesca de língua inglesa é a vinculação ao gênero romance histórico. Modalidade de romance definida por sua estreita ligação com a história, peculiar em suas características e transformações desde seu surgimento com a obra de Sir Walter Scott⁶⁰⁴. A configuração de *Secret diary*⁶⁰⁵, o enquadra no paradigma do romance histórico contemporâneo (RHC), conforme apresentado na subseção teórica 2.3.5. As protagonistas, mãe e filha, são personagens históricas e a matéria histórica é entretida à vida pessoal das heroínas, ocupando o primeiro plano da narrativa. Em adição a isso, a ideia da falácia da verdade histórica uníssona e indiscutível, subjaz à narrativa. Anne Boleyn, uma das figuras mais vilanizadas de todos os tempos, pela história tradicional, recebe voz, para contar, afinal, a sua versão da história. A forte metaficcionalidade do texto, que dialoga e questiona a história; que entremeia um pseudodiário à narrativa; e que traz as reflexões de Anne sobre sua relação com o diário e com a própria escrita; constitui-se também como marca do RHC.

Pensando-se ainda na aproximação entre literatura e história realizada pelo romance, é impossível não considerar que cartas e diários são parte da matéria prima do historiador e são também as formas mais imediatas de se acessar uma personalidade. Nessa medida, o romance de Maxwell⁶⁰⁶, joga com os instrumentos de trabalho do historiador. Através do jogo de 'como se' da literatura, o texto se apresenta ao leitor como uma fonte histórica, dando a conhecer o misterioso universo interior da personagem.

Ao apresentar um diário ficcional representando a voz de Anne, a narrativa de Maxwell⁶⁰⁷ aponta para a grande dificuldade na reconstituição dessa figura histórica: a quase inexistência de registros pessoais. Sinaliza, assim, para o caráter inconcluso das narrativas históricas, mutiladas na fronteira da psicologia da personagem. Desvela, dessa forma, o silenciamento a que Anne Boleyn foi submetida com a destruição de seus registros pessoais. A denúncia da obliteração da memória da personagem é reforçada pela representação metonímica do

⁶⁰³ MAXWELL, 2004.

⁶⁰⁴ Sir Walter Scott (1771-1832), segundo Lukács (1955), foi o fundador do romance histórico clássico.

⁶⁰⁵ MAXWELL, 2004.

⁶⁰⁶ Ibid.

⁶⁰⁷ Ibid.

processo de apagamento sofrido por Anne. A figuração ocorre na passagem que retrata Elizabeth I tentando, sem sucesso, recuperar a lembrança do rosto da mãe. Tudo que a soberana consegue é, em um lampejo fugaz da memória, ouvir uma voz, risos longínquos e vislumbrar um par de olhos muito vivos e brilhantes. Em contraponto às narrativas históricas, *Secret diary*⁶⁰⁸ se oferece como uma versão para aspectos da vida e da personalidade de Anne que a história não tem como alcançar: sentimentos e emoções, o pensamento e as impressões pessoais diante dos acontecimentos.

Ao criar um romance em forma de diário a autora traz à tona, ainda, uma reflexão sobre a relação das mulheres para com os diários e a escrita de diários, tipicamente feminina. O texto oferece uma explicação para o hábito, agora fora de moda, das mulheres escreverem diários:

You have been a true and patient sister, Diary. I have writ the whole of my life onto your empty pages. Thro these many years I came to see you as a kind-eyed, highborn Lady of a certain age, rich with wit and great intelligence. There you sat, or so I oft imagined, in a sunny window seat poring o'er each new passage, as one friend will read with eagerness a missive from another.⁶⁰⁹

O comentário da personagem revela o papel do diário: uma confidente em quem depositava absoluta confiança. Na realidade, uma válvula de escape. O diário era o depositário de todos os sentimentos e emoções, a testemunha de todos os sobressaltos, em um mundo em que as mulheres eram reprimidas, exploradas e viviam condenadas ao silêncio. Um mundo em que qualquer pequena falta ou alegria poderia ser considerada crime ou pecado. A passagem explicita a relação de Anne com o diário e revela a imensa solidão em que a personagem vivia. Anne, conforme representada em *Secret diary*, vivia em grande solidão, apesar de estar constantemente rodeada de pessoas. O único amigo era o irmão, George. Mas, nem com ele podia compartilhar a totalidade de seus sentimentos, pois George era um homem, e como qualquer outro, não iria entendê-la.

⁶⁰⁸ MAXWELL, 2004.

⁶⁰⁹ “Você tem sido uma irmã paciente e verdadeira, Diário. Eu escrevi toda a minha vida nas suas páginas vazias. Através desses anos todos, eu passei a ver você como uma dama de alto nascimento, de certa idade, com olhar generoso, rica em perspicácia e com uma grande inteligência. E lá você se sentava, ou assim eu frequentemente imaginava, sentada sob uma janela ensolarada, examinando cada nova passagem, como uma amiga leria com ansiedade a carta de outra.” (MAXWEL, 2004, p. 246, tra.no).

A representação da solidão de Anne Boleyn remete a, pelo menos, dois aspectos. O primeiro diz respeito à existência histórica da personagem, fazendo referência ao fato de que vivendo em uma sociedade extremamente competitiva e devido à posição que ocupava e às circunstâncias de sua vida, Anne não podia confiar em ninguém. O segundo aspecto é de ordem mais ampla, pois se apresenta como uma referência metonímica à crescente solidão do ser humano na sociedade contemporânea. Vivemos cercados de pessoas em um mundo cada vez mais populoso, no entanto, dominado por um individualismo e uma competitividade sempre crescentes. Em razão disso, vivemos cada vez mais isolados, temendo o contato, o envolvimento, a formação de laços.

O diário ficcional de Anne Boleyn⁶¹⁰ representa um registro das impressões da personagem sobre acontecimentos, sentimentos e emoções que ela teria vivenciado. O emprego do gênero diário na configuração do romance ancora a narrativa na datação, procedimento básico do historiador. Essa estratégia acentua a impressão de realidade criada pelo texto, que apresenta, e localiza temporalmente, diversas informações constantes nos registros históricos. Assim, o texto se oferece ao leitor como uma conveção lúdica, que assume a forma de um diário, documento que teria chegado às mãos de Elizabeth e dado a ela o conhecimento da intimidade de sua mãe. Conhecimento, que não sabemos até que ponto foi negado a Elizabeth, mas que para nós é um enigma que não cessa de despertar interesse.

⁶¹⁰ O diário ficcional de Anne apresenta registros nas seguintes datas: 4 de janeiro de 1522; 15 de janeiro de 1522; 4 de abril de 1522; 22 de novembro de 1522; 25 de março de 1523; 6 junho de 1524; 4 de julho de 1524; 6 novembro 1525; 20 abril 1526; 2 maio de 1526; 17 juho 1526; 24 de agosto 1526; 13 outubro 1526; 12 novembro de 1526; 25 março de 1527; 9 de abril de 1527; 25 abril de 1527; 6 de maio de 1527; 20 de maio de 1527; 1º de junho de 1527; 21 junho de 1527; 6 de agosto de 1527; 22 de novembro de 1527; 16 de janeiro de 1528; 29 de março de 1528; 3 de maio de 1528; 15 de junho de 1528; 23 junho de 1528; 2 de julho de 1528; 5 de agosto de 1528; 19 de outubro de 1528; 2 de março de 1529; 31 de maio de 1529; 21 de junho de 1529; 25 de julho de 1529; 31 de agosto de 1529; 27 de outubro de 1529; 2 de dezembro de 1529; 25 de dezembro de 1529; 9 de junho de 1530; 7 de fevereiro de 1531; 15 de agosto de 1531; 29 de setembro de 1531; 14 de maio de 1532; 20 de agosto de 1532; 2 de setembro de 1532; 6 de outubro de 1532; 7 de outubro de 1532; 18 de outubro de 1532; 22 de outubro de 1532; 23 de outubro de 1532; 28 de outubro de 1532; 3 de janeiro de 1533; 16 de janeiro de 1533; 27 de janeiro de 1533; 24 de maio de 1533; 30 de maio de 1533; 4 de junho de 1533; 12 de julho de 1533; 5 de agosto de 1533; 29 de agosto de 1533; 8 de setembro de 1533; 12 de outubro de 1533; 2 de dezembro de 1533; 7 de abril de 1534; 4 de julho de 1534; 22 de setembro de 1534; 12 de dezembro de 1534; 24 de fevereiro de 1535; 2 de março de 1535; 14 de abril de 1535; 20 de maio de 1535; 7 de junho de 1535; 20 de julho de 1535; 10 de agosto de 1535; 5 de dezembro de 1535; 9 de janeiro de 1536; 29 de janeiro de 1536; 6 de fevereiro de 1536; 9 de abril de 1536;(sem data); 13 de maio de 1536; 15 de maio de 1536; 16 de maio de 1536; 17 de maio de 1536; 18 de maio de 1536; carta à Elizabeth. (MAXWELL, 2004.trad.no)

Ainda que o texto esteja ancorado em registros históricos, esse fato não o limita a tais registros. Eles fazem parte do texto, mas o texto não se resume a eles, pois a autora utiliza sua liberdade imaginativa para criar, modificar, suprimir e acrescentar. Enfim, para proceder – empregando os termos de Paul Ricoeur⁶¹¹ – inúmeras variações imaginativas, pois a liberdade do artista refigurando a história é total e só se restringe diante da necessidade de atribuir coerência interna ao universo textual.

O conhecimento de Anne Boleyn dado a Elizabeth, no romance, é mais amplo do que qualquer narrativa histórica possa ambicionar alcançar. Vindo de relatos da própria Anne, preenche lacunas que ainda hoje fazem a frustração dos historiadores. Essas lacunas é que alimentam o mistério em torno da figura de Nan Bullen, envolvendo fãs e detratores que, diante da impossibilidade de acessar a mulher como ela realmente foi, têm criado centenas de diferentes representações dela.

*Secret diary*⁶¹², assim como *Dear Heart*, incorpora diversas informações encontradas em fontes hostis a Anne. E, tanto quanto o romance australiano, agrega novos significados a essas informações, em geral, desmistificando-as.

Um episódio famoso, muito explorado pelos inimigos de Anne Boleyn, e desconstruído pelo romance de Maxwell⁶¹³, é a queda do Cardeal Wolsey. Segundo Cavendish, Anne teria provocado a ruína do Cardeal como vingança pela participação dele no rompimento do romance que ela mantinha com Hal Percy. Essa versão da queda de Wolsey difundiu-se largamente e tornou-se parte do senso comum.

*Secret diary*⁶¹⁴ apresenta o incidente segundo a percepção da heroína. A paixão juvenil por Percy, o coração cheio de sonhos diante da possibilidade de um

⁶¹¹ RICOEUR, 1997.

⁶¹² MAXWELL, 2004.

⁶¹³ Ibid.

⁶¹⁴ Ibid.

casamento por amor. E a desilusão decorrente do rompimento do noivado provocado por Wolsey. No entanto, a deposição do ministro não é mostrada como decorrência direta desse fato. A narrativa constrói uma versão segundo a qual Anne se sentiu suficientemente vingada quando ficou claro para o cardeal o quanto ela havia tornado-se poderosa. E foram tantas as provas de amizade e as honrarias feitas pelo ministro que, Anne, seguindo o conselho de seu pai, enviou uma carta a ele dando grandes mostras de simpatia e confiança. Wolsey, no entanto, pouco tempo depois disso, teria investido contra Anne fazendo chegar às mãos de Henry um dos livros proibidos que pertenciam a ela. A partir desse evento, a confiança de Anne no cardeal foi quebrada e ela começou a refletir sobre os motivos pelos quais a questão do divórcio, que estava sob responsabilidade dele, não fazia nenhum progresso. O relato dos fatos, em *Secret diary*⁶¹⁵, leva o leitor a ponderar que a ruína de Wolsey pode ter sido desencadeada por uma circunstância bem mais ampla do que a vingança pessoal, qual seja, a disputa pelo poder.

Através das impressões e reminiscências de Anne registradas no diário, a narrativa endereça diversos temas, dentre eles: a vida familiar, a maternidade, o papel e o tratamento dado às mulheres das classes abastadas na Inglaterra daqueles tempos. A passagem a seguir assinala a indignação da personagem diante da situação das mulheres, servilizadas e coisificadas por suas famílias:

My father's fortunes risen over Mary's debauchery was natural to George. To all men. And should have been to me. But I was sickened. I thought, but did not say to him, 'A woman is a castle or a piece of land, most valued, oft admired, improved upon. Then she's sold or bought for fortune's sake, for heirs, a bribe, a prize, a debt repaid. Her flesh, mind, aching heart forgot, nay, considered not at all!'⁶¹⁶

No discurso da personagem fica clara a revolta contra os destinos das mulheres de seu tempo e classe social e, principalmente, a inconformidade e a incapacidade de aceitar e se adequar ao padrão estabelecido para a mulher naqueles tempos. Para

⁶¹⁵ MAXWELL, 2004.

⁶¹⁶ "Que a fortuna de meu pai aumentasse com a licenciosidade de Mary era natural para George. Para todos os homens. E deveria ter sido para mim. Mas eu ficava nauseada. Eu pensei, mas eu não disse a ele, 'Uma mulher é um castelo ou um pedaço de terra, frequentemente admirado, altamente avaliado, através do qual se prospera. Então ela é vendida ou comprada em nome da fortuna, por herdeiros, suborno, prêmio, pagamento de dívida. A carne, a mente, o coração dolorido dela, esquecidos, não, completamente desconsiderados afinal!' (MAXWELL, 2004, p.38, trad.no).

Anne, em sua grande dignidade e desobediência, era intolerável a ideia de comercializar o corpo em prol dos interesses de seu pai. De acordo com o relato da heroína, as mulheres eram reduzidas a um estado subumano, em que suas necessidades, pensamentos e sentimentos eram absolutamente desconsiderados, era como se elas não tivessem alma⁶¹⁷.

A exploração sexual das mulheres por suas próprias famílias, referida no romance, é também mencionada pelos historiadores estudados. O corpo da mulher era considerado um objeto de poder, muitas vezes, como no caso de Anne, dotado de valor político e, geralmente, tomado como ponto de honra⁶¹⁸. As mulheres eram consideradas propriedade das famílias e eram dadas em casamentos vantajosos para o clã e muitas vezes seus favores sexuais eram cedidos a pessoas de posição social mais alta em troca de benefícios. O exemplo mais frequente ocorria na relação estabelecida com o rei. As famílias não só aceitavam, mas, na maioria das vezes, incentivavam as investidas sexuais do monarca sobre suas filhas, pois isso poderia representar acréscimo de títulos, benefícios e propriedades. Ao abordar esse tema, o romance, por um lado, denuncia a coisificação da mulher naqueles tempos, sinaliza para as conquistas femininas, e chama atenção a um estado de coisas que jamais deve voltar a existir. Por outro lado, convida à reflexão sobre o tratamento da mulher como objeto, pela sociedade como um todo, que permanece até os dias de hoje.

Outro tema endereçado pela narrativa é a maternidade. As convenções sociais, especialmente na realeza, exigiam a separação de mãe e filhos desde muito cedo. Nas classes altas, em geral, a mãe não amamentava os próprios filhos:

These breasts of mine cry for you and in this dim warm moment I long for nothing more but to lay you down upon my heart and let you feed upon my mother Love. But now she comes, your wet nurse, large and soft and comforting, and she wrests you from my aching arms. It is with a humble

⁶¹⁷ Refletindo sobre o tratamento que os europeus davam às suas filhas e esposas, se torna mais fácil entender como foram capazes de fazer tantas e tão grandes monstruosidades nos territórios colonizados.

⁶¹⁸ Mas o entendimento da questão referente à honra e desonra dependia exclusivamente das determinações familiares, por exemplo, não representava desonra manter relações sexuais com quem quer que fosse, desde que isso representasse vantagens para a família. Por outro lado, qualquer aproximação afetiva que não estivesse de acordo com os interesses da família era considerada fator de desonra.

smile she takes you from me, but she nows with proud certainty that she will feel your mouth suckling, she will count your fingers, toes, comb the flaxen silk upon your head, dry the tears I'll never see. No, they'll not let me near you child for you will be a Princess reared. There'll be curtsies, not kisses. Embraces through yards of stiff satin. Courtly speech, no tender words of love.⁶¹⁹

Essa passagem transfere o sentimento maternal típico da contemporaneidade para a personagem histórica. Dessa forma, suscita o questionamento de como as mulheres se sentiriam, naqueles tempos, na relação com os filhos, a separação imposta e restrições, como a da amamentação. Elas viveram tudo isso com naturalidade ou sofreram caladas com as regras a que eram submetidas pelos homens? O texto apresenta a possibilidade de uma resposta na voz de Anne, que veicula ressentimento com relação aos costumes e o desejo de estar mais próxima da filha.

A relação de Anne Boleyn com Sir Thomas Wyatt é outro tema focalizado pela narrativa. Com uma abordagem bastante diferente daquela verificada em *Dear heart*⁶²⁰, em *Secret diary*⁶²¹, o poeta é um amigo e admirador de Anne. É ele quem dá o diário à heroína, como um presente, para que possa registrar as impressões mais marcadas do cotidiano. O poeta a encoraja na escrita, elogiando a habilidade que ela tem para escrever cartas e a espirotuosidade de sua conversação. Wyatt, na percepção de Anne, é um homem notável, um grande poeta e, também, muito atraente:

Wyatt is a great man among man. A writer, indeed the finest poet in Henry's English Court, handsome in the extreme, very tall and vital. (...) Since my cold and miserable homecoming from the French King's Court this gentleman has singled me out from other ladies, showering me with more favours even than my fair Sister Mary. He flatters me boldly in his poems which are the cause of much admiration and some jealousy.⁶²²

⁶¹⁹ "Os meus seios choram por você, e nesse momento confuso e morno, eu não desejo nada mais além de deitar você sobre o meu coração e deixar você se alimentar do meu amor de mãe. Mas agora ela chega, a sua ama de leite, grande e macia e reconfortante, ela arranca você dos meus braços doloridos. É com um sorriso humilde que ela tira você de mim, mas ela sabe com uma certeza orgulhosa que é ela que vai sentir a sua boca sugando, vai contar seus dedinhos, pentear a seda macia sobre a sua cabeça, secar as lágrimas que eu nunca verei. Não, eles não me deixarão perto de você criança, porque você será uma princesa tutelada. Haverá cortesias, não beijos. Abraços através de metros de cetim engomado. Fala cortês, não carinhosas palavras de amor." (MAXWELL, 2004, p. 181-182, tra.no)

⁶²⁰ DUNN, 2002.

⁶²¹ MAXWELL, 2004.

⁶²² "Wyatt é um grande homem entre os homens. Um escritor, de fato o melhor poeta da Corte Inglesa de Henry, elegante ao extremo, muito alto e vivaz.(...) Desde a minha fria e infeliz volta para casa

Anne se sente grata e surpresa pelas atenções recebidas e menciona as referências a ela, feitas por Wyatt, em seus poemas. Ao focalizar a amizade entre os dois, a admiração mútua entre eles e o ciúme que essa relação despertou na corte, a narrativa oferece uma explicação para a origem dos boatos de que Anne Boleyn e Thomas Wyatt teriam sido amantes. Concomitantemente, desconstrói essa hipótese, pois, se fosse o caso, Anne teria confidenciado ao diário algum episódio romântico ou picante envolvendo o poeta. Contrariamente, os registros revelam apenas amizade, dedicação, admiração, amor platônico, talvez. Ou seja, *Secret diary*⁶²³ sugere que Thomas Wyatt servia Anne Boleyn dentro das fórmulas do amor cortês, em voga na corte Tudor.

8.3 Anne Boleyn conta sua versão da história

Ao apresentar Anne como autora de um diário, o romance de Maxwell⁶²⁴ a representa como uma escritora. Embora a escrita do diário seja íntima e, teoricamente, destinada apenas aos olhos do autor, trata-se de um exercício de escrita, um registro de acontecimentos relevantes, feito à luz da subjetividade. Mesmo os diários podem, eventualmente, tornarem-se documentos públicos, lembre-se o diário de Anne Frank. E, em alguns casos, recebem a classificação de literários.

A narrativa confere a Anne Boleyn (AB) a função de narradora nas passagens constituídas pelo diário. Ela é uma narradora-personagem, que relata os sucessos, revelando, ao leitor, seu ponto de vista. Desvela, assim, os sentimentos mais íntimos experimentados pela personagem, suas reações diante dos acontecimentos. Ao narrar sua vida através do diário, a personagem de *Secret*

da corte do Rei Francês, esse cavalheiro tem me distinguido dentre as damas, fazendo-me mais obséquios até mesmo do que à minha bela irmã Mary. Ele me faz elogios audaciosos em seus poemas, o que causa muita admiração e um pouco de ciúme.” (MAXWELL, 2004, p.24, trad.no).

⁶²³ MAXWELL, 2004.

⁶²⁴ Ibid.

*diary*⁶²⁵, apresenta imaginativamente a personagem histórica (PH) que teve existência real. E, assim, delinea a psicologia de AB, aspecto que representa uma incógnita para a história e o público em geral. Apresenta, também, a versão de Anne para as circunstâncias que acarretaram sua ascensão e queda. Ao permitir que a própria Anne conte sua história, o texto devolve à PH, a voz que lhe foi tirada com a destruição da maior parte dos documentos produzidos por ela.

Ao colocar AB como narradora-protagonista, *Secret diary*⁶²⁶ a coloca no centro do discurso, faz dela uma personagem privilegiada⁶²⁷, uma vez que passa a contar sua versão dos fatos. O relato é construído com fragmentos de discursos hostis, os quais são desconstruídos no processo de descontextualização e recontextualização. No diário, os seis dedos, a queda de Wolsey e o confisco das joias de Catarina adquirem significados novos.

No diário, Anne surge como uma mulher insubmissa, independente, que se recusou a viver como uma serva dos homens, que se fez dona do próprio destino e que pagou com a vida por isso:

So, daughter, tho I have suffered and shall soon die for this selfish need to rule my fate, I beg of you to do the same. Let no man be your master. Love, lust, marry if you will, but hold apart from all men a piece of your spirit. 'Tis thus that I shall grasp the headsman's block with no regrets and never be afraid of death. And tho therefore receiving sacrament I shall swear on damnation of my soul that I am innocent of all crimes charged on me, for your sake I shall yield my self humbly to the King's will and ask his forgiveness.⁶²⁸

⁶²⁵ MAXWELL, 2004.

⁶²⁶ Ibid.

⁶²⁷ Pode-se questionar minha classificação de Anne como personagem desprivilegiada, afinal ela pertenceu a mais alta elite inglesa, exerceu grande poder e chegou até o trono e, além disso, é uma das figuras mais focalizadas e tematizadas, pela literatura, cinema, mídia e outras artes desde sua morte até os dias de hoje. No entanto, Anne foi uma mulher que tanto em vida como após a morte foi estigmatizada como 'the other woman', 'The concubine', 'The whore', epítetos que Chapuys endereçou a ela pelo envolvimento com Henry VIII, que foram reforçados pelo papado, para quem Anne era "that heretic whore", que fez com que o rei inglês desertasse do seio da santa mãe igreja, para se tornar um dos maiores hereges da cristandade. E essas alcunhas nada gentis se tornaram refrão cantado por toda Europa, foram aceitas como verdade e são repetidas por muita gente, dos níveis culturais mais diversos, até os dias de hoje. Além desse, outros estigmas recaíram sobre ela a partir das circunstâncias de sua morte, quais sejam: adúltera, ninfomaníaca, incestuosa, assassina e feiticeira. E uma vez que emprego os termos privilegiada e desprivilegiada segundo a Acepção de Johan Scott (ver bibliografia, e seção teórica dedicada ao pós-colonial), esses termos se aplicam perfeitamente a Anne Boleyn.

⁶²⁸ "Então, filha, embora eu tenha sofrido e vá morrer em breve por essa necessidade egoísta de governar o meu destino, eu imploro que você faça o mesmo. Não permita que nenhum homem seja o seu senhor. Ame, dê vazão aos seus desejos, se case se você quiser, mas guarde uma

Não apenas como uma criatura insolente, Anne aparece também como uma mulher capaz de incitar e conchamar outras mulheres a seguir seu exemplo de rebeldia. E, por essa razão, ainda mais perigosa. A passagem mostra uma mulher cheia de bravura e destemor diante da morte, que a enfrentou com grande dignidade. Dotada de grandeza e de um imenso amor por sua filha, por cuja segurança aceitou sem protestos o destino que lhe fora reservado. Não clamou inocência, nem a injustiça da sentença a que foi condenada e, mesmo, desculpando-se pelas ofensas que possa ter feito ao mais (im) piedoso dos príncipes.

O romance de Maxwell⁶²⁹ retrata a personagem como uma verdadeira precursora do feminismo. Anne denuncia a situação de injustiça na qual as mulheres já nasciam inseridas, tidas como seres subalternos que deveriam apenas servir e obedecer. Denuncia ainda o destino que a sociedade patriarcal reservava às mulheres insubmissas e inoportunas como ela:

Tomorrow I die because I lusted not for flesh, but to command my own destiny. This is not a womanly act, I know, but I have oft thought that in this way my spirit is much the same as a man's. In this world a woman is born with one master who is her father. He rules her life until he hands her to a husband, who rules it till death. Some preachers preach that women have no souls. But some perverse twisting in my self has always kept me from obedience to men. I was but a girl when first I counted my self their worthy opponent. I defied them all – Father, Cardinal Wolsey, Henry. Held my ground like some knighted soldier on a battle ground. Mustered my forces, advanced, retreated, fought many skirmishes, practised diplomacy, won some great battles. And lost the war.⁶³⁰

parte do seu espírito só para você, livre de qualquer homem. É por isso que eu vou enfrentar o carrasco sem arrependimentos e nunca senti medo da morte. E embora ao receber o sacramento eu vá jurar pela danação da minha alma que sou inocente de todos crimes dos quais fui acusada, para o seu bem, vou me sujeitar humildemente ao desejo do rei e vou pedir perdão a ele.” (MAXWELL, 2004, p.248-249, trad.no).

⁶²⁹ MAXWELL, 2004.

⁶³⁰“Amanhã eu morro não por ter tido desejo ardente pela carne, mas por comandar meu próprio destino. Este não é um ato digno de uma mulher, eu sei, mas eu tenho frequentemente pensado que nesse sentido o meu espírito é muito similar ao de um homem. Neste mundo, a mulher nasce com um senhor que é o pai. Ele comanda a vida dela até entregá-la a um marido, que a comanda até a morte. Alguns pregadores pregam que as mulheres não têm alma. Mas algum desvirtuamento perverso do meu ser tem sempre impedido que eu obedeça aos homens. Eu era apenas uma garota quando pela primeira vez eu me coloquei contra eles como uma oponente valorosa. Eu desafiei todos eles: Pai, Cardeal Wolsey, Henry. Defendi meu terreno como guerreiro no campo de batalha. Reuni minhas forças, avancei, recuei, lutei muitos combates, pratiquei diplomacia, venci algumas grandes batalhas. E perdi a guerra. (MAXWELL, 2004, p.248, trad.no).

Anne expressa desgosto diante da situação da mulher em sua época. Relata a submissão absoluta à qual as mulheres eram reduzidas e sua incapacidade de adequar-se aquela situação, circunstância que a levou à glória, mas também à morte. A personagem registra sua trajetória de transgressões, marcada pelos desafios a todas as instâncias do poder masculino. Ela se apresenta como uma guerreira valorosa e uma política articulada. E, ironicamente, credita sua inadequação ao padrão ideal da mulher da época, à sua perversidade. Faz, assim, um eco distorcido aos discursos misóginos que foram o lastro ao patriarcado desde a época de Aristóteles, segundo os quais, as mulheres seriam seres, não apenas inferiores, mas perversos⁶³¹.

Anne Boleyn (AB) é representada como uma mulher desafiante, que pleiteava seus direitos, expressava suas opiniões e desagradados, recusando-se a permanecer em silêncio, como os homens esperavam que permanecesse:

‘Hold your wicked tongue, Madame. Hold or have it silenced for you.’
 ‘And how would you have me silenced, Henry? Divorce me? Send me to a nunnery?’
 ‘Do not try my patience, Anne. ‘Tis worn dangerous thin.’
 But I found courage and faced him, held his mad glittering eyes with mine.
 ‘I never loved you, Henry. Never in those ten years’ His mouth quivered but his jaw held firm as I goaded his pride with a coy smile.⁶³²

Essa passagem mostra Anne como uma mulher que não se cala e que, por essa razão, desperta a fúria masculina. Dessa forma, sugere ao leitor que o real motivo da morte de Anne não teria sido adultério ou qualquer outro crime, mas desafiar o marido. No diálogo entre o casal fica clara a ameaça feita por Henry – ao menos para os leitores, que já sabem o destino da personagem. Anne, no entanto, naquele momento, não concebeu de que forma o rei iria silenciá-la. Por autoconfiança ou boa-fé, ela não imaginou que o marido seria capaz de matá-la. Na fala de Henry, referindo-se à língua de Anne, “wicked tongue”, surge a vinculação com o discurso

⁶³¹ PERROT, 2007.

⁶³² “Segure a sua lingual ruim, Madame. Segure-a ou a tenha silenciada.’
 ‘E como você me silenciaria, Henry? Divorciando-se de mim? Mandando-me para um convento?’
 ‘Não experimente a minha paciência, Anne. É muito perigoso me aborrecer.’
 Mas eu encontrei coragem e o encarei face a face, fixei meus olhos nos olhos loucos e brilhantes dele.
 ‘Eu nunca ameie você, Henry. Nunca nesses dez anos.’ A boca dele tremeu, mas a expressão se manteve firme enquanto eu feria o orgulho dele com um sorriso coquete.” (MAXWELL, 2004, p. 223-224, trad.no).

misógino que associava as mulheres à perversidade, ao mal e, portanto, ao demônio⁶³³.

Um aspecto da vida de AB, muitas vezes desconsiderado, mas tornado visível pela narrativa é a cultura ampla que ela desenvolveu, exemplificada pelo conhecimento de várias línguas e pela desenvoltura na conversação:

Thomas Wyatt, giver of this gift, insists that I'm able, offering as proof that I've acquired, he says, the habit of writing in several languages, that I'm adept at conversation, full of witty anecdotes, delightful stories of the French court.⁶³⁴

Ao dar esse contorno à personalidade de Anne, a narrativa desfaz o mito, criado e alimentado pelos detratores da personagem, de que as únicas possíveis fontes da atração que ela exercia sobre Henry VIII eram a sexualidade ou a feitiçaria. A cultura e a educação elevadas de AB são aspectos frequentemente desconsiderados nas representações da personagem⁶³⁵, com a inclusão dessas características, ela ganha uma nova dimensão. Uma nova faceta é acrescida à figura, que se torna cada vez maior e multifacetada. A exaltação da personagem é registrada no diário, mas é creditada ao poeta Thomas Wyatt, é ele que celebra as qualidades de Anna ao encorajá-la a escrever. Dessa forma, o texto constrói uma reserva de modéstia à personagem.

Ainda abordando a educação de Anne Boleyn (AB), a narrativa faz referência ao longo período que ela viveu na França. Anna lamenta ter retornado à Inglaterra e, saudosa, refere os tempos na corte francesa, onde viveu desde a mais tenra

⁶³³ O demônio, como se sabe, precisa ser extirpado dos corpos e isso se faz pelo fogo. Mas, Henry foi misericordioso, e Anne teve apenas a cabeça cortada.

⁶³⁴ “Thomas Wyatt, que me deu esse presente, insiste que eu sou capaz, oferecendo como prova que eu tenha adquirido, ele diz, o hábito de escrever em diversas línguas, que eu seja uma adepta da conversação, cheia de anedotas espirituosas e histórias deliciosas da corte francesa.”(MAXWELL, 2004, p.24, trad.no)

⁶³⁵ Pense-se no filme *The other Boleyn girl* (2008), em que nenhuma habilidade ou talento, articulação política ou participação na reforma religiosa aparece na representação da personagem, que nas palavras de Susan Bordo (2013), é delineada como uma garota mesquinha. Embora a representação da série *The Tudors* (2007-2008), seja bem melhor, pois mostra Anne como uma mulher audaciosa, autoconfiante e inteligente, ainda deixa muito a desejar, pois não enfatiza nenhuma dos aspectos que acabei de mencionar. O filme *Anne of the thousand days* (1969), embora não enfatize os aspectos que destaquei, representa Anne como uma mulher insubmissa, decidida, desafiante, que morre para não abrir mão dos direitos de sua filha.

juventude, em meio à beleza e a sofisticação, tendo como companheira a princesa Renee e convivendo com artistas e suas obras:

Twas in France I spent my youth and education from early nursery days, close companion to the little lame Princess Renee. High arched windows of the royal palace welcomed in a kind of cristal light that made blaze each colour to most extreme brightness. Every wall was hung, every nook was stuffed, every floor inlaid with priceless treasures – tapestries, paintings, statues and metalwork to tease and please the senses. Great philosophers, writers, scholars flocked there from every port. We would dine in the company of the great poet Marot, gaze for hours at da Vinci's Mona Lisa brought by that fine Italian gentleman to grace the king's own hall.⁶³⁶

A passagem menciona o ambiente de riqueza e efervescência culturais, no qual Anne foi educada e que certamente influenciou a formação de sua personalidade. Faz referência direta ao gênio renascentista Leonardo da Vinci, que viveu por um período na corte francesa e com quem, segundo os historiadores estudados, possivelmente, Anne teria tido algum tipo de contato. Incluindo essas informações, a narrativa dá visibilidade ao alto desenvolvimento intelectual atingido pela personagem, desconstruindo representações como a do historiador A.F. Pollard⁶³⁷, segundo as quais Anne não era dotada de um intelecto superior.

Outro aspecto da vida da personagem abordado em *Secret diary* é a face reformista de Anne e, também, de seu irmão George. Em uma furtiva conversa, durante o exílio da jovem em Hever após o rompimento com Percy, Anne declara sua conversão à fé protestante, mas promete a George que não os colocará em risco:

‘Have you no love for these protestant ideas? That god and man can speak together without authority of priests? I tell you now it suits me well, this new religion.’
His hands in mine were trembling with my words. ‘They still burn heretics’, said George.

⁶³⁶“Foi na França que eu passei a minha juventude e onde fui educada desde muito cedo, companheira da pequena e estropiada Princesa Renee. As janelas de altas arcadas do palácio real davam boas vindas a uma espécie de luz cristalina que fazia reluzir cada cor com o brilho mais extremo. Todas as paredes eram decoradas, cada canto preenchido, todos os andares incrustados com tesouros sem preço – tapeçarias, pinturas, esculturas e utensílios de metal para provocar e agradar os sentidos. Grandes filósofos, escritores, estudiosos chegavam de todos os portos. Nós jantávamos na companhia do grande poeta Marot, admirávamos por horas a Monalisa, de Da Vinci, trazida por esse agradável cavalheiro italiano para embelezar o Hall do rei.” (MAXWELL, 2004, p.25-26, trad.no).

⁶³⁷ Ver capítulo 4, dedicado ao texto de Eric Ives, a passagem em que ele menciona o juízo de Pollard.

'I will be cautious, say nothing aloud to bring us harm. I promise you.' His trembling ceased, his posture eased. 'But get that Tyndale Bible when you can.'
 He laughed and said, Nan you are a vixen, You'll be the death of me, I swear.⁶³⁸

Assim, a narrativa revela Anne como a herege protestante, subversiva desde a juventude. O comentário de George de que Anne será a causa de sua morte, soa como se a personagem tivesse uma leve e inconsciente intuição de seu destino. É uma pista do desfecho, embora, este esteja já selado pelos anais da história. Contudo, o mais importante nesse comentário é que ele liga a morte vindoura de George e, conseqüentemente, a de Anne, com a fé protestante professada pelos dois irmãos. Nessa medida, a narrativa desloca para um plano de fundo a acusação de incesto que levou à execução Nan e George Boleyn e coloca em primeiro plano motivos religiosos concretos para a condenação que os levou à morte. E não só a eles, milhares de pessoas na Europa reformista do século XVI. O ódio fermentado pelo esfacelamento da Europa católica, o aviltamento do papa e da santa madre igreja, precisava ser purgado pelo sangue de um bode expiatório. Quem melhor para esse papel do que Nan Bullen, a concubina odiada por nobres e plebeus em toda cristandade?

A narrativa situa a conversão de Anne, ou pelo menos sua introdução às ideias protestantes, no período em que ela viveu na França, sob a orientação da princesa Marguerite Valois: "In France I read the Christian Gospels translated into French. No ban there exists. In deed 'twas encouraged by the King's own sister and my tutor in such things, the Duchess Alençon."⁶³⁹ Essa conversa entre os irmãos é referida no registro de 4 de julho de 1524, quase três anos após o retorno de Anne da França, indicando que o comprometimento protestante da personagem era já bastante antigo em 1532, quando teve início a reforma religiosa na Inglaterra. Dessa

⁶³⁸ "Você não tem simpatia por essas idéias protestantes? De que o homem e Deus podem se comunicar sem a mediação de pregadores? Eu digo a você que agora que ela me assenta bem, essa nova religião.'

As mãos dele sobre as minhas tremeram com as minhas palavras. 'Eles ainda queimam hereges', George disse.

'Eu serei cautelosa. Não vou falar nada que possa nos prejudicar. Eu prometo a você.' Ele parou de tremer e relaxou a postura. 'Mas consiga-me a Bíblia de Tyndale quando você puder.'

Ele riu e disse, 'Nan, você é uma raposa, juro que vou morrer por sua causa.'" (MAXWELL, 204, p. 40, trad.no).

⁶³⁹ "Na França, eu lia o evangelho cristão traduzido para o francês. Lá não existe proibição. Na verdade, eu fui encorajada e tive como tutora nessa matéria a própria irmã do Rei, a Duquesa de Alençon."(MAXWELL, 2004, p.40, trad.no).

forma, o texto de Robin Maxwell⁶⁴⁰ desconstrói a versão difundida pela tradição de que a reforma, para Anne, teria sido apenas um meio de alcançar benefícios pessoais.

E em alguns momentos, Anne faz referências diretas a Lutero, como na passagem em que relata a resistência de Thomas More de aceitar Henry VIII como supremo chefe da igreja na Inglaterra. Na compreensão de More, o papa era o escolhido de Deus para representá-lo na terra e, assim, tinha o direito de comandar os reis em suas terras: “Surely, He is wrong, as Luther’s growing army knows. This Pope is a man born of woman, and has no more of God’s ear than any other man or woman does.”⁶⁴¹ No registro datado como 12 de julho de 1533, em que Anne refere a excomunhão de Henry, novamente as vinculações luteranas são trazidas à pauta: “Henry smiled a strange smile and touched my cheek gently. ‘My lutheran wife. She has stolen me from my mother, lured me away with many promises greater than are in Heaven.’”⁶⁴² Anne é explicitamente nomeada luterana por Henry e responsabilizada pela deserção dele da igreja católica, em função das promessas de muitos filhos, homens, para perpetuar a dinastia Tudor. Esta passagem sugere que Henry guardava ressentimento, com relação a Anne, devido ao rompimento com a igreja católica.

Ainda sublinhando a vinculação religiosa de Anne, uma passagem do diário registra um presente recebido de George, um livro proibido, entregue com a grande solenidade que reveste um ato clandestino:

Last night as I prepared to lay me down to bed I heard a quiet footstep near. I found it was my brother George with candle torch who crept the circular stair to my chamber clandestinely, a gift in hand. Unwrapt, I saw the reason for his secrecy. He’d brought to me a most heretical tract, Erasmus’ ‘Praise of folly’ which savaged Pope and Church and Clergy for corruption, priestly greed and lechery.⁶⁴³

⁶⁴⁰ MAXWELL, 2004.

⁶⁴¹ “Certamente que ele está errado. O Papa é um homem nascido de mulher e não é mais ouvido por Deus do que qualquer outro homem ou mulher. (MAXWELL, 2004, p.197-198, trad.no).

⁶⁴² “Henry sorriu um sorriso estranho e tocou a minha face gentilmente. ‘Minha esposa luterana. Ela me roubou de minha mãe, me seduziu com muitas promessas maiores do que o Céu.’”(MAXWELL, 2004, p.198, trad.no).

⁶⁴³ “Noite passada enquanto eu me preparava para deitar, ouvi passos leves se aproximando. Descobri que era meu irmão George que, carregando uma tocha, subia clandestinamente a escada espiral para o meu quarto, trazendo um presente nas mãos. Desembrulhei e vi a razão para tanto segredo. Ele tinha me trazido um dos tratados mais hereges, ‘Praise of folly’, de

A narrativa mostra a cumplicidade dos irmãos, que dividiam as mesmas crenças religiosas. Mais uma vez, Anne é representada como uma leitora de livros religiosos proibidos, que eram apreendidos e queimados em praça pública, destino que muitas vezes também se reservava a seus possuidores:

‘The books are burned at St Paul’s Cross’, he said, ‘the author persecuted, running from our own King. The volumes that miss the fire, I’m told, are passed from hand to hand. The Church, in deed your good friend Wolsey, tracks these copies down searching house to house.’ He spoke in even lower tones. ‘All known literates are suspect, and rewards offered to informers.’⁶⁴⁴

O relato que George faz a Anne, e que ela registra no diário, explicita a perseguição dos protestantes na Inglaterra durante o período que antecedeu a reforma religiosa. Ao referir esses episódios e as circunstâncias vividas pelas personagens, a narrativa chama a atenção do leitor para o fato de que Anne e George Boleyn viveram e morreram em plena época das reformas religiosas na Europa. E destaca que ambos tiveram profundo envolvimento com a reforma religiosa na Inglaterra. Naqueles tempos, o fato de saber ler já tornava as pessoas suspeitas e candidatas à prisão. O que restaria a uma mulher – que diferentemente de Marguerite de Valois, não nasceu em uma casa real –, que promoveu e apoiou a reforma na Inglaterra durante o período em que esteve no poder? Considerando a perspectiva sobre a vida de Anne apresentada na narrativa, e lembrando que naquele período milhares morreram por suas crenças religiosas, percebe-se que muitos eram motivos que podem ter levado Anne à morte: política, religião, insubmissão, sucessão real. Esses motivos não tinham relação com excessos sexuais. Assim, a narrativa dá as diretrizes para uma linha de pensamento que leva a concluir que Anne Boleyn era inocente de todas as acusações que lhe foram imputadas.

A narrativa faz diversas referências a conversas entre Anne e seu irmão, George Boleyn, em geral eles estão a sós, em várias ocasiões no quarto de Anne,

Erasmus, que atacava furiosamente o Papa, a Igreja, o clero, por corrupção, ganância e devassidão.” (MAXWELL, 2004, p.39, trad.no)

⁶⁴⁴“Os livros são queimados na cruz de São Paulo’, ele disse, ‘o autor perseguido, fugindo do próprio rei. Os volumes que escapam do fogo, me disseram, são passados de mão em mão. A igreja, na verdade o seu bom amigo Wolsey, apreende essas cópias procurando de casa em casa’. E ele falou num tom ainda mais baixo. ‘Todos os que sabem ler são suspeitos e recompensas são oferecidas aos informantes.’ (MAXWELL, 2004, p.40, trad.no)

contam novidades, falam sobre religião e sobre a situação de ambos na corte Tudor. A relação deles é retratada em *Secret diary*⁶⁴⁵ como de grande amizade e afetuosidade, enfatiza que além dos laços de sangue, eles tinham afinidades e confiança um no outro. Dessa forma, a narrativa de Maxwell⁶⁴⁶ apresenta a proximidade entre os dois como uma relação natural entre irmãos, fortalecida por afinidades, objetivos em comum e a necessidade de apoio e proteção mútua. Os episódios que mostram a amizade entre Anne e George fazem o leitor questionar ou, mesmo, refutar a versão do processo que os condenou à morte sob a acusação de incesto.

Os mitos da lenda negra de Anne Boleyn⁶⁴⁷ segundo qual ela teria marcas do demônio também aparecem em *Secret diary*: “More probably they looked to see my six finger as I waved to them, or the wen upon my neck they think is some witch’s Mark.”⁶⁴⁸ A referência é à procissão de coroação de Anne, ela acredita que o povo está lá para ver o famoso sexto dedo. As marcas que indicavam que ela era uma bruxa são referidas em diversas outras passagens da narrativa. É o que ocorre no relato da visita que ela faz a uma velha feiticeira para consultar sobre o futuro. No momento em que a mulher percebe o sexto dedo na mão da cliente, tem certeza que se trata de ‘Mistress Anne Boleyn’. Outra passagem em que o sexto dedo é referido é em um episódio em que Anne está jogando cartas com Catarina de Aragão. Ao perceber que a rainha está olhando para sua mão, passa a fazer floreios de modo a exibir melhor o dedo que era a marca de sua malignidade. Em algumas ocasiões, logo que Henry passou a perseguí-la, a personagem usou de alguns truques para disfarçar a pequena anomalia. Ao colocar todas essas referências às ditas marcas do demônio na voz de Anne, a narrativa coloca o seguinte questionamento ao leitor:

⁶⁴⁵ MAXWELL, 2004.

⁶⁴⁶ Ibid.

⁶⁴⁷ A lenda negra de Anne Boleyn deriva da representação feita por Nicholas Sanders, recusante católico do governo de Elizabeth, nascido em torno de 1530, e que faz uma das descrições mais repugnantes de Anne, é ele também que cria a história de que na última e malfadada gravidez de Anne, o feto seria um menino todo deformado. As descrições feitas por Sanders são desconsideradas pelos historiadores do corpus, que alegam que ele nasceu pouco antes da morte de Anne e que não conviveu com ela e, ainda, duvidam que Henry VIII fosse se interessar por uma mulher com tal aparência. Ela sequer seria aceita como dama da rainha se tivesse uma aparência repulsiva. Por outro lado, Ives (2004) considera que uma pequena má formação em uma das mãos, que fosse percebida como um sexto dedo, é possível, pois o poeta Thomas Wyatt faz referência a isso em um de seus poemas.

⁶⁴⁸ “É mais provável que eles tenham olhado para ver o meu sexto dedo, enquanto eu abanava para eles ou a mancha no meu pescoço que eles pensam que é uma marca de bruxa.” (MAXWELL, 2004, p. 167, trad.no).

e se ela tivesse realmente uma mancha no pescoço e seis dedos, isso significaria que ela era uma bruxa e que tinha ligações com o demônio? O leitor dos séculos XX e XXI, certamente, daria uma resposta negativa a essa pergunta. No entanto, no século XVI, qualquer má formação era creditada à existência de pacto com o demônio.

Em resumo, a narrativa representa Anne Boleyn a partir de quatro traços principais: a insubmissão, a religiosidade, a cultura e a maternidade. O primeiro mostra uma mulher insubmissa, desafiante, consciente e inconformada com a situação da mulher na sociedade de seu tempo. Uma mulher lutou para manter a dignidade, defendeu seus direitos e pontos de vista, desafiou os homens e morreu por isso. O segundo revela a reformista, legitimamente convertida à fé luterana, dotada de verdadeira e forte religiosidade, que usou da posição que ocupava na corte de Henry VIII para promover a reforma religiosa na Inglaterra. O terceiro traço expõe a mulher de cultura elevada, educada ao lado de príncipes da Europa. Desde cedo, incentivada a desenvolver todas as suas potencialidades, habituada aos ambientes mais elevados e a conviver com gênios, como Leonardo da Vinci. Finalmente, o quarto delinea a mãe amorosa, que sofre com o afastamento da filha, que anseia por uma convivência livre de convenções, repleta de amor e intimidade. A mulher que luta ferozmente para defender os direitos de sua descendência e que aceita todas as imposições que lhe são feitas à iminência da morte para proteger a única filha.

Anne Boleyn emerge da narrativa de Maxwell como uma figura dotada de complexidade humana, com defeitos, mas também com inúmeras qualidades e, mais importante, com sentimentos. A representação de AB observada em *Secret diary*⁶⁴⁹ desconstrói a imagem difundida pela tradição. Resgata e retrata a memória da personagem ao elaborar dimensões da vida de Anne que, até bem pouco tempo, foram desconsideradas pela história, pelas artes e pelas mídias. Dessa forma, a narrativa de Maxwell⁶⁵⁰ se apresenta em consonância com os discursos históricos contemporâneos estudados e com a tendência estabelecida pela história das

⁶⁴⁹ MAXWELL, 2004.

⁶⁵⁰ Ibid.

mulheres de resgate de figuras femininas historicamente silenciadas, apagadas vilanizadas e demonizadas.

*The Secret diary of Anne Boleyn*⁶⁵¹ é um romance construído sob o signo metonímico. Essa característica pode ser observada a partir de pelo menos três subdivisões temáticas abordadas ao longo da narrativa: A solidão, a maternidade e a opressão da mulher na sociedade patriarcal. A solidão de Anne Boleyn constitui-se como uma referência metonímica da grande solidão vivenciada pela humanidade na contemporaneidade. Os sentimentos expressos por Anne com relação à maternidade traduzem os sentimentos e anseios maternos de uma significativa parcela da população feminina. E, finalmente, todas as questões referentes à opressão da mulher abordadas no romance, da exploração sexual e da coisificação das mulheres, à violência que se desenvolve em um crescendo e culmina com o assassinato judicial da esposa, exemplificam realidades do passado e do presente, vivenciadas em maior ou menor grau pela população feminina. As vivências pessoais de Anna Bolena, em *Secret diary*⁶⁵², representam metonimicamente aspectos punjentes da realidade contemporânea.

⁶⁵¹ MAXWELL, 2004.

⁶⁵² Ibid.



23. Anne Boleyn in the tower, Edouard Cibot, 1835.

9 “Oh, Anna! My burning light. Dearest of hearts”⁶⁵³: A “Outra” na voz do poeta

The death then of a beautiful woman is unquestionably, the most poetical topic in the world, and equally it is beyond doubt that the lips best suited for such topic are those of a bereaved lover. (Edgar Allan Poe – The philosophy of the composition)⁶⁵⁴

9.1 Wendy Jean Dunn

Wendy Jean Dunn⁶⁵⁵ nasceu em Melbourne, no dia 28 de setembro de 1958, filha do marujo Henry (nome que recusava, pois era um orgulhoso *working class man*) Charles Nash e Marjorie Jean Nash, que serviu na WAAF⁶⁵⁶ durante segunda guerra mundial, tendo sido treinada para atuar como enfermeira. O pai de Wendy era inglês e teve uma infância difícil, vivendo nas áreas mais pobres de Londres e lutando contra as privações. Wendy tem duas irmãs, Karen (17 meses mais velha do que ela) e Sandra (6 anos mais nova) e um irmão, Shane David (2 anos mais novo). Em junho de 1977, casou-se com Peter Dunn, com quem tem quatro filhos, três meninos, James (35), Timothy (32), David (17), e uma menina, Elizabeth (30), que recebeu o nome da filha de Anne Boleyn. Wendy revelou que o parto de seu segundo filho, Timothy foi muito traumático, configurando um verdadeiro marco, a partir do qual voltou a escrever após um período de inatividade.

⁶⁵³ “Oh Anna, minha luz incandescente, a mais amada”(DUNN, 2002, p.3. tra. no.)

⁶⁵⁴ “A morte de uma bela mulher é inquestionavelmente o tópico mais poético que há, e igualmente, além de qualquer dúvida, os lábios mais bem dotados para tratar de tal tópico são aqueles de um amante recentemente enlutado.” (Edgar Allan Poe – The philosophy of the composition, trad.no)

⁶⁵⁵ Boa parte das informações biográficas e bibliográficas de Wendy, apresentadas aqui, são inéditas, pois foram colhidas diretamente da autora, através de mensagens trocadas pelo facebook e especialmente de um questionário que enviei e que autora gentilmente respondeu com toda presteza. Outras informações foram retiradas do blog da autora, referido na seção final dedicada às referências.

⁶⁵⁶ Women’s Auxiliary Air Force.

A autora estudou no Instituto Real de Tecnologia de Melbourne, diplomando-se em Educação, com ênfase em Artes Visuais e Atuação. Posteriormente, graduou-se em Arte (1987) e em Educação (1988) pela Universidade La Trobe (Melbourne), fez Mestrado em Escrita Criativa (2009) pela Universidade de Swinburne e atualmente está em fase de conclusão de seu doutoramento em Escrita Criativa pela mesma universidade. Wendy vive com a família em Melbourne, trabalha para o governo do estado de Victória e à Universidade de Swinburne, dedicando o restante do tempo a seus estudos e ao trabalho como escritora.

No artigo *Writing the rainbow – musing about what I write*⁶⁵⁷, Wendy fala do significado que atribui ao processo criativo, de circunstâncias que despertaram seu interesse pela escrita e pelos temas que desenvolve com mais frequência, bem como, dos anseios e angústias que habitam a mente de um escritor. A autora é uma aficionada pela história dos Tudors e de Castella Medieval, talvez por sua origem inglesa e, certamente, devido às vivências de sua infância, que a marcaram profundamente. Seu pai, Henry Dash passou por sofrimentos e privações que lhe embruteceram o caráter, circunstância que mais tarde afetou o trato com a família. O homem dotado de uma aparência física e de um temperamento colérico, que lembravam Henry VIII, era também um contador de histórias nato. Muitas vezes aterrorizou a família com seus modos bruscos, mas os momentos em que, à hora de dormir, contava histórias, marcaram Wendy como os mais felizes de sua infância. E, assim, nasceu a artista, que desde criança acalentou o sonho de ser escritora e que com 10 anos de idade, venceu o primeiro concurso de poesia.

Além de *Dear heart*, escreveu a peça *Before dawn breaks*, que focaliza a última noite de Anne Boleyn na torre; o romance ainda inédito *The light in the labyrinth*, que é parte de sua tese de doutorado; o conto *Boomerang*, cuja escrita a ajudou a superar acontecimentos difíceis de sua vida; e o roteiro fílmico (ainda inacabado) *Stranger to this land*, sobre Caroline Chisholm, uma mulher notável por sua atuação nos primeiros anos da colonização europeia na Austrália.

⁶⁵⁷ Consultar seção de referências.

Além das produções literárias, escreveu diversos artigos sobre a Era Tudor, que podem ser encontrados no website da autora e que a revelam como alguém dedicada também à pesquisa histórica. Dentre as produções bibliográficas de Wendy, estão ainda, diversas entrevistas com outras romancistas, todas publicadas em no Website.

Ao ler o artigo “The age of Anne Boleyn”, que discute e controversa questão da idade de Anne, se compreende as escolhas da autora ao delinear certos aspectos da trajetória e da personalidade da personagem Anna (como é chamada na maior parte do romance). Com a leitura do artigo, ficou claro, por exemplo, porque ela apresenta Anne, no momento de seu retorno à corte inglesa após vários anos na França, como uma jovem de quinze anos. E no momento de sua morte, como uma mulher de 29 anos. A autora engaja-se à facção histórica que acredita que Anne nasceu em 1506 ou 1507, e não em 1501, como acreditam os historiadores cujas obras compõem o corpus. No artigo, ela apresenta argumentos plausíveis para sua escolha (os quais quase me convenceram). Com a leitura do artigo, fica claro também porque a autora coloca a vingança como o objetivo que move as ações de Anne Boleyn. A partir dessa leitura, percebe-se o forte entrelaçamento das produções acadêmicas e artísticas de Wendy.

O romance de estréia de Wendy J. Dunn, *Dear Heart, How Like You This?*, publicado em 2002, em sua primeira edição teve uma tiragem de 4000 cópias. Segundo a escritora, tratativas foram feitas para uma segunda edição. A autora chegou a retrabalhá-lo, fazendo modificações, mas, devido a desacordos contratuais, a publicação não saiu e a versão retrabalhada de *Dear Heart* tornou-se uma *Kindle Edition*. A narrativa de Dunn⁶⁵⁸ foi pouco estudada até o momento. A romancista tem conhecimento de apenas um artigo sobre o livro, “Living history through fiction”, de autoria da Dra. Gillian Polack⁶⁵⁹, professora da Australian National University, e que está disponível no blog da autora. Wendy menciona que *Dear heart*⁶⁶⁰ recebeu ainda uma referência como romance sobre Anne Boleyn, no

⁶⁵⁸ DUNN, 2002.

⁶⁵⁹ Consultar seção de referências.

⁶⁶⁰ DUNN, 2002.

site Google Historical Novel⁶⁶¹, que apresenta inúmeras obras, muitas das quais com resenhas.

Dedicada à escrita criativa e aos estudos medievais, a ensaísta e romancista, Gilliam Polack comenta que Wendy, e outras escritoras⁶⁶² de romances históricos, apresentam visões peculiares da história em narrativas que falam de amor, ousadia, política e guerra. O artigo de Pollack traça um comparativo entre *Dear Heart*⁶⁶³ e o romance *Within the fetterlock*⁶⁶⁴, do escritor britânico Brian Wainwright.

Segundo a ensaísta, a fascinação de Wendy por Anne Boleyn, o uso que ela faz da poesia de Wyatt, bem como da própria linguagem do poeta para engendrar a narrativa constroem uma ponte que leva o leitor moderno diretamente à corte Tudor. Pollack destaca ainda o foco da narrativa no pessoal e no individual, bem como, o fato de que a escritora apresenta uma versão nova para a trágica história de Anne Boleyn. Segundo a ensaísta, o que mais cativa o leitor no texto de Wendy, é a representação da impotência de Anne para definir a cartada decisiva de seu destino⁶⁶⁵, vivendo, assim, no fio da navalha, entre a glória e a ruína.

Analisando a produção ensaística de Wendy e considerando a procedência do artigo sobre *Dear Heart*⁶⁶⁶, percebe-se uma rede de apoio mútuo entre as romancistas e ensaístas de língua inglesa contemporâneas. Essas mulheres já perceberam que para levar adiante suas produções, torná-las conhecidas e parte do sistema literário precisam apoiar-se reciprocamente.

⁶⁶¹ Consultar seção de referências.

⁶⁶² As demais escritoras mencionadas por Pollack são: Elizabeth Chadwick, Sharon Key Penman e Sharan Newman, menciona ainda o escritor Brian Wainwright.

⁶⁶³ DUNN, 2002.

⁶⁶⁴ Romance histórico publicado em 2004, que focaliza o início da Guerra das Rosas e tem como protagonista a princesa Constance de York.

⁶⁶⁵ Ter um filho homem ou não, a primeira opção significaria a glória, a segunda a ruína.

⁶⁶⁶ DUNN, 2002.

9.2 *Dear heart...*

A narrativa começa com um prólogo e termina com um epílogo. O texto tem 325 páginas, incluindo uma seção de referências e notas ao final. O uso de referências no final é sintomático. Por que motivo a autora de um romance agrega uma lista de referências bibliográficas ao final do texto se a literatura não tem compromisso com a ‘verdade’ dos fatos? Será essa uma artimanha da narradora oculta, a parca que tece o discurso, doando voz e movimentos aos personagens? Estará ela tentando envolver o leitor no jogo ficcional de literatura e conferir uma (pseudo) credibilidade à narrativa, atribuindo ao texto a autoridade de pesquisa histórica? Se houve intencionalidade consciente nesse procedimento, não é possível assegurar, no entanto, este é o efeito mais provável que o anexo final causa no “leitor natural”⁶⁶⁷, em geral, inconsciente dos mecanismos lúdicos da arte literária. Essa hipótese da artimanha narrativa é reforçada pelo grande número de infrações à história que o texto apresenta: omissões, distorções, modificações deliberadas de informações encontradas nos textos do registro histórico.

Boa parte da narrativa é construída em discurso indireto livre, alternando discurso direto e indireto, apresentando mudanças abruptas na pessoa do discurso e incluindo as vozes de diversas personagens na narração, através da citação de algo que a personagem teria dito ou, ainda, de um diálogo completo. O narrador intercala falas em primeira pessoa (quando fala de si mesmo), terceira pessoa (quando se refere à Anne ou a outras personagens, parecendo estar se dirigindo ao leitor) e em segunda pessoa (quando se refere a Anne parecendo estar se dirigindo a ela, apesar da personagem não estar presente).

O narrador não é onisciente⁶⁶⁸, sabe apenas aquilo que testemunhou, vivenciou ou o que lhe contaram, e narra de acordo com suas impressões sobre as personagens e acontecimentos, revelando dessa forma sua marcada parcialidade.

⁶⁶⁷ Termo de Mieke Bal (2009), utilizado para referir-se ao leitor não especializado ao leitor leigo.

⁶⁶⁸ Narrador onisciente, segundo a terminologia de Norman Friedman (1955), equivale a um demiurgo, tem conhecimento de todos os detalhes envolvidos na história. Quando o conhecimento é irrestrito apenas com relação a uma das personagens, trata-se de um narrador onisciente seletivo.

O destaque à parcialidade do poeta-narrador, personagem histórico que seleciona, organiza e apresenta fatos registrados na história, chama atenção ao fato de que a história também é uma narrativa. Por essa razão, as informações que veicula são selecionadas, organizadas e tingidas pelas impressões e simpatias pessoais de um autor-narrador. E essa entidade discursiva as apresenta a partir de um determinado local geográfico-temporal, político, social, pessoal e ideológico, trazendo, para dentro do texto, as marcas de cada um desses lóci. Dessa circunstância é que advém a impossibilidade da ciência histórica atingir os ideais de neutralidade e objetividade. Ninguém se despe da própria história e personalidade ao escrever um texto. Explicitamente ou oculto sob máscaras textuais, o autor está presente no texto, costurando e modelando, com seu ponto de vista, as informações que compõem a malha discursiva.

A narrativa foi organizada em seis partes, artisticamente denominadas livros (Books), sendo que cada uma dessas partes é dividida em um número variado de capítulos. No início de cada livro, são colocados poemas de Wyatt, fragmentos ou na íntegra. Ao início de cada capítulo, a autora colocou como epígrafe um verso de Wyatt e fragmentos de poemas do poeta intercalados ao texto. Os versos das canções Greensleeves⁶⁶⁹ e Oh death! Rock me asleep⁶⁷⁰, a primeira creditada Henry VIII, e a segunda, a Anne Boleyn, também aparecem intercalados a passagens do texto. O próprio título do romance, *Dear heart, how like you this?*, é um verso do poema “They flee from me”⁶⁷¹, de Thomas Wyatt, um dos textos cujo teor alimentou os boatos de que Anne teria sido amante do poeta. A escolha do título demarca desde o primeiro momento a estreita relação da obra da romancista contemporânea, Wendy Dunn⁶⁷², com a produção poética quinhentista de Thomas Wyatt.

Essa colagem de poesia sobre a narrativa, bem como a linguagem poética empregada ao longo de todo texto aponta, por um lado, para a dissolução dos gêneros literários rígidos. E, por outro lado, para o diálogo do texto com a história da literatura inglesa. Quanto a este último aspecto, fica clara a desconstrução dos pares opostos centro\margem, metrópole\colônia. O que ocorre na medida em que a

⁶⁶⁹ Faixas 2 e 4 do CD, e Anexo 1.

⁶⁷⁰ Faixas 3 e 5 do CD, e Anexo 2.

⁶⁷¹ WYATT, 2013.

⁶⁷² DUNN, 2002.

literatura da ex-colônia⁶⁷³ revisa e reescreve, a partir de um ponto de vista deslocado, a história da literatura da antiga metrópole. Assim, ao apropriar-se desses discursos, a margem passa a ocupar o papel de centro, o centro de onde emanam a voz e a fala. Dessa forma, a narrativa investe de poder um lócus nacional, cultural e geográfico, antes desprivilegiado, transformando-o em sujeito na relação com a metrópole. Relação na qual tradicionalmente exercia o papel de objeto.

O romance da australiana Wendy J. Dunn revisita a história e a história da literatura da Inglaterra e reescreve essas histórias sob um viés literário. A narrativa estabelece um jogo entre diferentes textualidades ao apropriar-se de falas pertencentes à história do país e à história literária, distorcendo-as e modificando-as deliberadamente, quebrando, assim, as hierarquias entre os campos discursivos histórico e literário. Na realidade, há uma tripla quebra das hierarquias tradicionalmente estabelecidas em termos políticos e discursivos: a ex-colônia reconta a história e a história da literatura da ex-metrópole; a literatura, por sua vez, reescreve a história e a história da literatura. E a escritora da colônia se apropria da linguagem⁶⁷⁴ e de passagens da poesia de Wyatt, o escritor cortesão da metrópole, reescrevendo-a e inscrevendo-a em sua narrativa, conferindo-lhe significações novas.

É a própria voz de Wyatt que Wendy toma para si, e fala através dela, ocultando-se atrás de um manto que mostra outra face, bem mais poderosa, como se estivesse em uma dança ritual, com a pele de um lobo sobre os ombros. Wendy é a mulher xamã-escritora das terras distantes e inóspitas, que se faz poderosa ao vestir a pele do ancestral tornado imortal pela história da literatura. Ela promove uma diáspora cultural, navegando em direção à metrópole, fazendo o movimento inverso daquele que fizeram seus antepassados, primeiro, os colonizadores, e posteriormente, os imigrantes. Ela navega factícia e ficticiamente, através das viagens exploratórias que faz ao Reino Unido e das incursões pelos diversos campos discursivos. E, assim, invade outros territórios e apropria-se da história e da história da literatura da Inglaterra, bem como, dos primórdios da literatura de língua

⁶⁷³ Contudo, embora, independente, ainda integrante do Commonwealth e aceitando como Chefe de Estado os soberanos ingleses e no caso da Austrália, a participação da monarquia inglesa no governo ainda é bastante forte.

⁶⁷⁴ Como referiu a Dra. Gillian Pollack no artigo mencionado anteriormente.

inglesa. Através desses movimentos, processa informações, sentimentos e emoções, passando, a compreender a história, os sistemas literários, o processo de escrita e a si mesma.

Nessa medida, pode-se dizer que *Dear heart*⁶⁷⁵ se debruça sobre a tradição literária de língua inglesa em um misto de provocação crítica e busca da identidade, da compreensão das origens da tradição literária na qual está inserido. O narrador fictício é o poeta inglês Thomas Wyatt, mas a voz que fala ao fundo, sob todos os palimpsestos, é da escritora australiana. Wendy Dunn é a voz da ex-colônia que retoma a história e a história da literatura da ex-metrópole, em uma paradoxal mistura de desafio e reverência.

Vazado em linguagem extremamente poética e mesclando trechos de poesia à narrativa, o romance dialoga com a tradição literária e artística ocidental⁶⁷⁶, especialmente com o renascimento e com o romantismo. O diálogo com o Renascimento se faz através da figura do narrador, Thomas Wyatt, e da contínua e onipresente interlocução da narrativa com a obra literária do poeta. O diálogo com o romantismo é expresso desde a capa do livro, em que aparece a pintura *Anne Boleyn in the tower* (1835), do pintor romântico Edouard Cibot⁶⁷⁷. A própria autora analisa essa pintura estabelecendo uma relação entre a obra pictórica e o romance, no artigo “Anne Boleyn in the tower, by Edouard Cibot”⁶⁷⁸, publicado em seu website⁶⁷⁹. Segundo Wendy, a pintura de Cibot, que mostra Anne na Torre, na véspera da morte, foi uma importante inspiração para a escrita de *Dear Heart* e também para a escrita da peça *Before dawn breaks*⁶⁸⁰, que focaliza a última noite de Anne na torre antes da execução.

⁶⁷⁵ DUNN, 2002.

⁶⁷⁶ Ilustração n.23. A imagem da capa de *Dear Heart* é uma reprodução da pintura *Anne Boleyn in the tower* (1835), feita durante o romantismo, atualmente no museu Rolin, e que representa Anne prisioneira na Torre, na véspera da execução.

⁶⁷⁷ François-Edouard Cibot (1799-1877) foi um pintor francês, que se especializou em pintura histórica, fez várias pinturas para o Palácio de Versailles, dentre os românticos seguiu a linha *troubadour*, buscava inspiração nos romances de Sir Walter Scott e na história medieval inglesa.

⁶⁷⁸ Consultar seção de referências.

⁶⁷⁹ <http://wendyjdunn.wordpress>.

⁶⁸⁰ Consultar seção de referências.

O diálogo com o romantismo não se resume à capa do livro, mas se estende por todas as páginas. Surge no sentimentalismo, na nostalgia do passado e da infância, expressas constantemente pelo narrador. No sentimento idealizado que devota a Anne; no esforço de idealização que o narrador faz ao delinear a figura da amada. E, ainda, através da relação que estabelece com ela ao longo da narrativa, que remete ao ideal do amor cortês⁶⁸¹. Em adição a isso, ressaem as características sonora e imagética da linguagem, carregada de poesia.

Tomas⁶⁸² apresenta sua amada como uma musa quase-romântica porque quase-inalcansável e quase-idealizada, de quem ele é um vassalo de fiel. O poeta nutre por ela um amor platônico, alimentado desde a infância e que perdura pela vida inteira. A diferença com relação à estética Romântica é que o amor de Tomas, em um dado momento, é consumado fisicamente, em uma única e fugaz ocasião. Para o poeta, é uma recordação tingida em nuances de sonho, uma entrega ocorrida em um instante de fragilidade física e emocional de Anna.

Com relação ao caráter irreal do acontecido, o próprio poeta admite a sensação de que tudo não passara de um delírio: “I awoke in a strange bed – alone. If it was not for Anne’s night attire flung untidily on the bed, I could have easily persuaded myself that the strange happenings of the night before were some illusion of my senses.”⁶⁸³ Aqui é preciso recordar que o domínio do Romantismo é o domínio do sonho e da imaginação. Nessa medida, a narrativa instaura um questionamento à idoneidade do narrador, que talvez ao narrar o incidente estivesse dando asas a uma fantasia inflamada pelo desejo. Dessa forma, estabelece metonimicamente o problema inerente a todo e qualquer agente narrativo. Poeta ou historiador, todos e cada um narram, selecionando e organizando elementos a partir da experiência pessoal da subjetividade. A despeito da natureza imaginativa ou factual do episódio

⁶⁸¹ O ideal do amor cortês e suas convenções faziam parte de uma prática muito em voga na corte de Henry VIII, em que cada cavaleiro escolhia uma dama para cultuar, mas essa relação era apenas um jogo ficcional. O amor cortês era uma prática já na Idade Média, tendo dado origem a trovas de amor e devoção, tradição que foi retomada pelos poetas românticos.

⁶⁸² O nome do poeta é grafado com Th, Thomas, mas no romance a grafia do nome aparece com o h. A significação dessa modificação é analisada posteriormente.

⁶⁸³ “Eu acordei em uma cama estranha – sozinho. Se não fosse pela camisola de Anna jogada displicentemente sobre a cama, eu poderia facilmente ter me convencido que os estranhos acontecimentos da noite anterior foram alguma ilusão dos meus sentidos.” (DUNN, 2002 p.159, Trad.no).

narrativo, e apesar do destino da heroína já estar previamente traçado pelos anais da história; assim como toda personagem romântica, Anna, no final, é castigada com a morte pelo transgressivo ato de entrega sexual fora do casamento.

No que concerne ao diálogo de *Dear Heart*⁶⁸⁴ com a estética romântica, é preciso considerar que o Romantismo aqui em questão é um romantismo revisitado, ou seja, é engendrado pela repetição – com diferença – de padrões artísticos e estéticos do passado.

Observando-se atentamente, percebe-se que o texto rompe com o par opositivo estereotípico da mulher, anjo ou demônio, presente na estética romântica e estabelecido e regulamentado pela sociedade patriarcal. As mulheres da narrativa são relativizadas, a começar por Anne, cuja personalidade é construída com aspectos positivos e negativos. Sintomaticamente, o desenvolvimento dos aspectos negativos é creditado à truculência da sociedade patriarcal:

It struck me with each visit that Anne's spirit became Wilder, and more tormented. It was as if this exile had not allowed her the opportunity for the healing she so badly needed. Indeed, even more, it struck me she had to much time to brood, thus her deep wound remained wide open, and now wept with malignancy.⁶⁸⁵

Os episódios que, na narrativa, desencadeiam essa mudança na personagem são o rompimento do noivado com Hal Percy e a tentativa de estupro por Suffolk. Além da relativização do caráter, para os padrões patriarcais, Anne é revelada como uma jovem altamente transgressiva com relação à sexualidade, pois entrega-se sem amor a um homem, com quem tem apenas uma relação de amizade.

O tema romântico do desterro é também retomado pela narrativa, que é toda construída em torno de deslocamentos, de exílios e retornos à pátria. Sendo que esses dois termos, exílio e pátria são aqui entendidos em sentido amplo, como afastamento, temporário ou definitivo, de locais e pessoas amadas, ou ainda, a

⁶⁸⁴ DUNN, 2002.

⁶⁸⁵ “O que me chocava a cada visita é que o espírito de Anna havia se tornado mais selvagem e mais atormentado. Era como se o exílio não tivesse permitido a ela a oportunidade de cura que ela precisava tão terrivelmente. Na verdade, me chocava, ainda mais, ela tinha tido muito tempo para remoer, assim a profunda ferida que ela tinha, permanecia aberta, e agora vertia malignidade.”(DUNN, 2002, p.73, trad.no)

introdução compulsória em situações infelizes. As personagens principais, Anna e o poeta-narrador, têm as personalidades moldadas por deslocamentos e expatriações. E são seres permanentemente exilados na profunda solidão em que vivem. Anna é enviada à França, para receber uma educação sofisticada, que lhe molda a personalidade. Quando volta à terra natal, a vida da heroína continua sendo marcada por deslocamentos e exílios, até o exílio definitivo configurado pela condenação à morte. Tomas também vivencia diversos exílios. O primeiro acontece quando ainda menino tem que deixar a casa paterna para ser educado na casa do tio, Tomas Boleyn, onde acaba encontrando uma nova família na companhia dos primos, George e Anna. O segundo exílio de Tomas acontece quando Anna é enviada para a França; sendo seguido por um terceiro exílio quando é enviado para estudar em Oxford. O quarto exílio da personagem acontece quando é forçado a casar-se com Elizabeth, é quando ele se torna um desterrado dentro da própria casa, então distancia-se da situação matrimonial em constantes e prolongadas ausências, passadas na corte ou no estrangeiro. As diversas viagens ao estrangeiro como diplomata também configuram formas de expatriação, embora, não traumáticas. Todos os exílios e deslocamentos diversos, que aparecem na narrativa, configuram situações diaspóricas.

9.3 O narrador

9.3.1 Sir Thomas Wyatt⁶⁸⁶

O romance tem como narrador o poeta cortesão Sir Thomas Wyatt, que é também um dos personagens principais na trama. Mas de acordo com os registros da história e da história da literatura, quem foi o personagem histórico Thomas Wyatt?

⁶⁸⁶ As informações sobre Sir Thomas Wyatt apresentadas aqui foram retiradas do artigo "Life of sir Thomas Wyatt", de George Gilfillan. (WYATT, sd., p.V-XVII)

Sir Thomas Wyatt⁶⁸⁷, poeta renascentista que viveu na corte de Henry VIII, juntamente com Henry Howard, Conde de Surrey, é considerado um dos fundadores da lírica de língua inglesa⁶⁸⁸. Atuou como diplomata, e nas viagens que fez à Itália, Wyatt impregnou-se da influência de Petrarca. Essa ascendência se fez presente em sua poesia, transformando as feições da lírica existente na Inglaterra até aquele momento⁶⁸⁹. Wyatt adaptou o modo poético entusiasta e comprometido de Petrarca à sonoridade e à metrificacão inglesas, sua poesia inspirava-se na tradição popular, apresentava vocabulário e estilo de fácil compreensão.

Thomas Wyatt pertenceu a uma antiga e nobre família, estabelecida em Southange, no condado de York. O pai de Thomas, Sir Henry foi um dos fiéis defensores da dinastia Lancaster, durante a guerra das Rosas⁶⁹⁰, tendo sido até mesmo aprisionado na Torre de Londres, por Richard III. Quando o sol voltou a brilhar para a casa de Lancaster, Henry VII não se esqueceu da lealdade de Henry Wyatt e fez dele um de seus conselheiros na corte. Em 1493, Sir Henry Wyatt comprou a propriedade de Allington, em Kent, e em 1502, casou-se com Anne Skinner, com quem teve três filhos. Um deles foi o poeta Thomas Wyatt (1503-1542). Sir Henry Wyatt foi feito cavaleiro em 23 de julho de 1509, na coroação de Henrique VIII, em cujo reinado continuou desfrutando dos favores da Coroa.

Sobre os doze primeiros anos de Thomas Wyatt nada se sabe, mas, em 1515, ele foi admitido no St. John's College, in Cambridge. Graduou-se como B.A, em 1518, e como M.A, em 1520. Naquele mesmo ano, com apenas 17 anos, casou-se com Elizabeth, filha de Thomas Brooke, Lord Cobham, com quem teve o primeiro

⁶⁸⁷ Sir Thomas Wyatt (1503-1542), poeta, cortesão e diplomata, tendo atuado na França e na Espanha e feito algumas viagens à Itália. Traduziu sonetos de Petrarca e Alamanni. Esteve na prisão duas vezes, uma delas como suspeito de envolvimento com Anne Boleyn.

⁶⁸⁸ SANDERS, 2000.

⁶⁸⁹ De acordo com Sanders (2000), a lírica existente na Inglaterra até aquele momento mesclava poesias em Latin e poesias com estilo derivado daquelas escritas em Latin. Ainda de acordo com mesmo historiador da literatura, o estilo italiano de Petrarca fazia oposiçãõ do estilo poético vertido em Latin.

⁶⁹⁰ A Guerra das Rosas (1453-1485) foi um conflito civil devido à disputa pelo trono entre as dinastias de de York (rosa branca) e Lancaster (rosa vermelha) e teve fim com o casamento de Henry VII e Elizabeth de York, pais de Henry VIII. Assim foi fundada a dinastia Tudor, que tem como símbolo a rosa vermelha e branca (figura 1), representando a união das duas dinastias rivais.

filho em 1521. A primeira referência fidedigna de Wyatt, após o nascimento de seu primeiro filho, é de sua participação no casamento de Anne Boleyn⁶⁹¹, em 1533.

Sir Thomas Wyatt, tinha todas as características necessárias ao cortesão de sucesso: dignidade, aparência nobre e viril, educação elevada e inúmeras habilidades. Além do inglês, falava francês, espanhol e italiano, e também as línguas clássicas, grego e latim. Alcançou excelência nas artes da conversação, cantava e tocava instrumentos (lute) com habilidade e ainda em seu tempo foi reconhecido como um grande poeta. Ou seja, era a quintessência do cavalheiro bem nascido da época, uma mistura de erudição e força bélica, genialidade e fidalguia.

De acordo com George Gilfillan⁶⁹², teria sido na corte francesa, onde serviu como diplomata, que Wyatt entreteu os primeiros contatos com Anne Boleyn e ficou encantado por ela. Conforme Gilfillan⁶⁹³ destaca, que os dois se conheciam, era certo, que se atraíam mutuamente, é provável. O fato é que Wyatt foi um dos acusados no processo que condenou Anne Boleyn e outros cinco homens à morte, em maio de 1536. Curiosamente, o poeta foi o único dos suspeitos que não foi a julgamento e que foi libertado. Ainda de acordo com Gilfillan⁶⁹⁴, algumas passagens da poesia de Wyatt sugerem um envolvimento do poeta com Anne. Pessoalmente, e com base no protocolo social da corte inglesa na época, acredito que os sentimentos e circunstâncias expressas nos poemas (cuja referência pode ser Anne Boleyn ou não) constituem parte do ritual do amor cortês, que em raríssimos casos ultrapassava o âmbito das convenções sociais.

Vejamos agora como Tomas, o personagem-narrador de *Dear Heart* é delineado e articulado.

⁶⁹¹ “where Wyatt officiated as ewerer, in room of his father.” (WYATT, p.vii)

⁶⁹² WYATT, s.d.

⁶⁹³ Ibid.

⁶⁹⁴ Ibid.

9.3.2 O poeta-narrador

O personagem-narrador é o poeta inglês Thomas Wyatt, contudo, na narrativa, o nome desse personagem é grafado sem o h, ou seja, Tomas. Esse procedimento, que pode parecer um detalhe insignificante, na verdade, descola a personagem literária da figura histórica que teve existência real e indica a natureza puramente ficcional dessa entidade. Ao adotar esse procedimento, a entidade que tece a narrativa, estabelece, ainda que sutilmente, seu descompromisso com a 'verdade dos fatos' e com a precisão das informações veiculadas, se exime da responsabilidade pela exatidão das informações apresentadas no texto.

O narrador de *Dear Heart*⁶⁹⁵ configura-se como uma personagem que suscita questões complexas e até paradoxais. Primeiramente, pode ser pensado como uma figura desautorizada e pouco confiável, pois trata-se de um poeta, categoria sem prestígio para narrar a história, domínio do historiador e não do artista. Quem confiaria na história contada por romancistas e poetas, indivíduos conhecidos pela liberdade imaginativa e pelo descompromisso com a verdade dos fatos?

Outros agravantes podem ser mencionados, tais como a irrefutável parcialidade do narrador, que tinha vínculos familiares e paixão pela personagem narrada. Wyatt conta a versão de um poeta e de um apaixonado. Não estaria ele narrando os sucessos como gostaria que tivessem ocorrido ao invés de como foram? Não estaria ele modelando seres e situações de modo a satisfazer pela ficção seus anseios interiores? Em função desses fatores, a confiabilidade do narrador é relativizada. Assim como o ativista católico Sanders foi um detrator feroz de Anne e a representou nos moldes de um monstro; Wyatt, que foi amigo devotado, trataria de delineá-la, no mínimo, com generosidade. Em sentido estrito, a parcialidade desse narrador remete ao fato de que a maioria das referências a Anne, nos registros de seus contemporâneos, é marcada pela adulação ou pela detração, dificultando, assim, o trabalho dos historiadores. Em sentido amplo, remete ao fato de que toda história é organizada e contada por um indivíduo impregnado de

⁶⁹⁵ DUNN, 2002.

motivações pessoais. Traz à tona, ainda, um dos pressupostos fundamentais subjacentes à configuração do novo romance histórico (NRH), conforme mencionado por Seymour Menton⁶⁹⁶, a impossibilidade de se conhecer a verdade histórica, bem como a existência de várias versões da história.

É preciso, também, lembrar que Tomas é um ex-prisioneiro acusado de alta traição, que por pouco escapou da morte. Empregando o termo de Linda Hutcheon⁶⁹⁷, o narrador, assim como a personagem principal, Anna, é um “ex-cêntrico”, ou seja, uma figura deslocada do centro de poder. Alguém que fala da margem, contando a versão dos silenciados: os perdedores, os excluídos, os desautorizados. Versões tradicionalmente excluídas da história oficial.

Com tudo isso, a figura do narrador sinaliza, por um lado, para a diferença entre o historiador e o romancista. O primeiro comprometido com a idoneidade da narrativa, o segundo não. Por outro lado, a profunda subjetividade desse narrador, marcado pelos dramas de sua vida pessoal, leva a refletir que todo narrador é moldado por sua experiência pessoal, da qual não tem como se desvincular no momento de engendrar a narrativa. Assim, conclui-se que toda narrativa, histórica ou literária, guarda um certo grau de subjetividade; sendo, portanto, parcial; e, logo, pouco confiável ou, pelo menos, passível de questionamento. E ainda, o caráter ex-cêntrico do narrador o revela como um ícone do novo historicismo, em voga na atualidade, cujas práticas inclusivas acolhem a multiplicidade de versões da história, dando voz aos desprestigiados do discurso tradicional.

O narrador se esforça ao longo de toda a narrativa para convencer o leitor de que é apaixonado por Anne Boleyn. Essa paixão seria simulada, fantasiosa ou real? Impossível saber. O mesmo ocorre com relação aos poemas de Wyatt, devido aos quais é creditada a paixão dele por Anne. Mas, e se todo o sentimento expresso na narrativa e nos poemas for apenas fingimento artístico, exercício imaginativo do momento da criação? Não é essa a circunstância para qual o delineamento do narrador aponta insistentemente? A função do narrador, em *Dear Heart*⁶⁹⁸, não seria

⁶⁹⁶ MENTON, 1993.

⁶⁹⁷ HUTCHEON, 1991.

⁶⁹⁸ DUNN, 2002.

levar o leitor a refletir que Thomas Wyatt era um poeta e que os sentimentos e circunstâncias referidos nos poemas não têm necessariamente correspondência com a realidade?

Sob a perspectiva de gênero, há que se considerar que o poeta-narrador é um homem, e os homens tem narrado as mulheres por séculos de acordo com padrões falocêntricos de representação da mulher. Wendy⁶⁹⁹, ao criar um narrador homem que fala de uma mulher, apresenta um discurso paródico em relação ao discurso das narrativas canônicas tradicionais e da sociedade patriarcal. Isso se faz na medida em que repete tais discursos com diferença. Essa diferença é revelada através das constantes ironias apresentadas no texto pela contraposição do discurso do narrador às atitudes dele e de Anna. Esse contraponto faz do poeta uma personagem contraditória, cuja idoneidade pode ser questionada. É como se ele quisesse narrar-se como um bom moço, mas a fachada de virtude não resiste a uma análise, que coloque em paralelo o discurso que ele enuncia e os fatos que refere.

Quanto a Anne, Tomas se esforça por narrá-la a partir de um padrão de representação tradicional da figura feminina. Contudo, alguns caracteres, sentimentos e atitudes da heroína, mencionadas pelo narrador, tais como, a indomabilidade, a independência, os desejos de vingança e a entrega sexual sem amor, revelam a falácia dessa representação. A repetição com diferença do discurso literário patriarcal, observada no texto de Dunn⁷⁰⁰, revela um distanciamento crítico em relação a esses discursos. E constitui um questionamento das práticas discursivas-representacionais da figura feminina dentro do cânone literário tradicional, do qual o poeta faz parte, sendo um dos fundadores da literatura de língua inglesa. Através das ironias apresentadas no texto, a autora desnuda a lógica patriarcal subjacente à representação tradicional das personagens femininas. Uma das grandes ironias do texto está relacionada à noite em que Tomas realiza o desejo de consumir fisicamente a paixão que sente por Anna. Antes de ir a Hever, o poeta esteve em sua própria casa, onde encontrou a esposa na cama com um empregado. Enfurecido, Wyatt dá uma grande surra na mulher e sai em direção à propriedade dos Boleyn. Lá chegando, encontra Anna e trata-a com muito o carinho e doçura. E

⁶⁹⁹ DUNN, 2002.

⁷⁰⁰ Ibid.

mistura o suor resultante do espancamento da esposa com o suor do amor que faz com Anne. Esse episódio suscita um questionamento: será possível ser extremamente amoroso com uma e violento ao extremo com outra? Em qual dos dois comportamentos está a verdade humana da personagem Wyatt?

O narrador é engendrado como a própria voz do patriarcado. Uma circunstância que revela essa conexão é a irritação que ele sente devido à mudança no comportamento e na personalidade de Anne; bem como, com os rumos que ela estava dando a sua vida: “It so maddened me to watch this drama being enacted before my eyes. To see what Anne was doing and was determined to do.”⁷⁰¹ Na realidade, o que o enfurecia é que o comportamento de Anne fugia de seu controle, ela definitivamente não agia conforme ele esperava. O comportamento e os sentimentos que Anne passou a apresentar não condizem com o padrão estabelecido para a mulher, que deveria ser boa, doce, resignada e obediente.

Em outra passagem, o narrador menciona que Anne está cada vez mais selvagem, quando a mulher ideal deveria ser dócil e bem domesticada. Em dado momento, ele se queixa das mudanças no comportamento dela:

Anna... Anna... I do not know what's happening to you. And I do not believe that you know what's happening to yourself. This is so unlike the girl I grew up with! Anna, how can you be so untrue to yourself? (...) I stared at her. Surely Anna could not have changed so completely from the carefree and compassionate spirit I had come to love so early in our lives.⁷⁰²

Percebe-se, no discurso do narrador, que ele não se conforma com as mudanças na personalidade e atitudes de Anna e tenta convencê-la de que ela não sabe o que está fazendo, trata-a como se ela fosse incapaz de avaliar os próprios atos. Esse é o discurso e o tratamento típico dado às mulheres pelo patriarcado: as mulheres são consideradas incapazes de gerir seus bens, tomar iniciativas e decisões. Elas têm que ser criaturas despreocupadas e boazinhas, devem deixar os assuntos sérios para quem tem condições de resolvê-los, ou seja, os homens. Anne, porém, era uma

⁷⁰¹ “Me enfurecia muito assistir esse drama ser encenado diante dos meus olhos. Ver o que Anne estava fazendo e o que estava determinada a fazer.” (DUNN, 2002, p.83)

⁷⁰² “Anna... Anna... Eu não sei o que está acontecendo com você. E eu não acredito que você saiba o que está acontecendo com você mesma. Você está tão diferente da garota que cresceu junto comigo. Anna, como você consegue mentir para você mesma? (...) Eu olhei para ela, certamente, Anna não poderia ter mudado tão completamente o espírito compassivo e descuidado, que eu comecei a amar tão cedo em nossas vidas.” (DUNN, 2002, p.85, trad.no).

menina má. Ela não seguia a cartilha das moças bem comportadas, gerenciava sua vida e agia de acordo com a própria vontade e isso era inaceitável. Os sentimentos e pensamentos do poeta com relação a heroína refletem a ideologia da sociedade patriarcal. E sinalizam que Anna não se enquadrava no padrão dentro do qual a mulher deveria se adequar, naqueles tempos. Anne Boleyn, em vida, se revelou como uma transgressora das regras para o seu gênero; também a autora, Wendy Dunn⁷⁰³, se revela como uma transgressora dos modelos patriarcais ao criar uma personagem que desafia constantemente as normas estabelecidas.

O caráter essencialmente patriarcal do narrador não se revela apenas em sua relação com Anne, seu relacionamento e opiniões sobre sua esposa, Elizabeth, revelam como ele se colocava com relação ao sexo feminino:

I had not expected Elizabeth to be unfaithful to her marriage vows! Verily, I thought, Bess was a mother twice over, surely that should have been enough to occupy her without having to indulge herself with any man – as Bess claimed she did – who took her fancy.⁷⁰⁴

Esse comentário do narrador deriva do pressuposto machista de que as mulheres não têm direito a sentir desejo ou prazer, são apenas máquinas de gerar filhos. Se ela já os tinha, por que afinal precisaria fazer sexo com alguém? Todos sabem que a maternidade provisiona tudo que uma mulher precisa.

O discurso do narrador intenta maquiagem a voz do patriarcado sob a flâmula do homem sensível, preocupado com o destino da amada. Em adição a isso, a forma como ele se apresenta, em alguns momentos, se aproxima (do tradicionalmente esperado) do universo feminino, como quando refere o fato de não gostar de fazer sexo sem amor. Nesse ponto, a narrativa joga com os padrões comportamentais esperados do homem e da mulher e inverte a norma corrente. Tomas não tem vontade de fazer sexo sem amor, em contrapartida, Anne (como veremos a seguir) e Elizabeth, esposa do poeta, procuram por isso.

⁷⁰³ DUNN, 2002.

⁷⁰⁴ “Eu não esperava que Elizabeth fosse infiel aos votos de casamento. Realmente, eu pensava, que Bess, tendo sido mãe já duas vezes, deveria ter o suficiente para ocupá-la, sem que precisasse permitir-se estar com qualquer homem que lhe despertasse desejo – assim ela me disse que fazia.” (DUNN, 2002, p.74, trad.no).

Apesar dos esforços para se mostrar como um homem sensível, liberal e generoso, como na noite que passa com a cortesã Ângela, quando gentilmente dispensa os serviços dela; o comportamento que apresenta em inúmeros momentos denuncia a ideologia falocêntrica que molda sua personalidade. É o que acontece, por exemplo, quando espanca a esposa – que sempre desprezara e de quem sexualmente se acercava de forma quase brutal – por encontrá-la com outro homem. O comportamento egoísta da personagem fica claro, também, em seu encontro com a ex-cortesã Lucrécia, quando se encontra prisioneiro do exército do imperador. Naquele momento, se utiliza de palavras e gestos amorosos para convencê-la a auxiliá-lo em uma tentativa de fuga, mesmo sabendo que tal atitude colocaria em risco a integridade física da mulher, podendo levá-la a ser morta ou espancada e abandonada.

O comportamento egocêntrico do narrador é perceptível, mais uma vez, nas expectativas dele com relação à Anne, e na maneira como se relaciona com ela. Mesmo sendo casado, apela para chantagens emocionais, fazendo-a sentir-se culpada por não corresponder completamente ao amor e aos anseios que tem por um relacionamento duradouro com ela:

I looked up at Anne to find that she had drawn up her knees to her chest, bowing her dark head over them, and was crying silently. My dark lady seemed to me so broken that I regretted instantly my 'essay' in sincerity. (...)
 "Forgive me, Anna." I said to her, my chin upon her dark hair. (...)
 Anna then turned around, saying: Why ask for forgiveness when you speak only the truth? I am cruel. Yesterday showed me how cruel I have grown... I used you. Yea, I used you like I have used, in recent times, so many for my own selfish ends...⁷⁰⁵

De acordo com o desejo de Tomas, Anna deveria abandonar os planos de casamento com o rei e tornar-se sua amante – sendo ele casado, esse seria o papel da mulher que não aceitou ser concubina de Henry VIII. Ela deveria sacrificar-se e tornar-se concubina do poeta. Tomas se sente no mais legítimo direito de esperar

⁷⁰⁵ “Eu olhei para Anne e descobri que que ela havia trazido os joelhos de encontro ao peito e deitado a cabeça morena sobre eles, e estava chorando silenciosamente. Minha morena dama parecia tão destroçada que me arrependi instantaneamente do meu ‘ensaio’ pela sinceridade. (...) ‘Perdoe-me Anna’ Eu disse apoiando meu queixo sobre nos cabelos negros dela. (...) Então, Anna virou-se, dizendo: Por que pedir desculpas se você falou somente a verdade. Eu sou cruel. O ontem mostrou-me o quão cruel eu me tornei... I usei você. Sim, eu usei você, assim como tenho usado, recentemente, muitos para os meus próprios e egoísticos fins...” (DUNN, 2002, p. 176-177. Trad.no).

essa enorme renúncia por parte de Anna, que então seria execrada pela família (isso se não fosse morta) e por toda a sociedade. O narrador revela-se profundamente ególatra e machista em sua crença de que as mulheres estão apenas cumprindo um sagrado e honroso dever sacrificando-se pelos homens. A maneira como o poeta age com Anne e com Lucrecia revela, na personalidade dele, o tom manipulador de quem exerce poder e controle através de mostras de afetividade, chantagens emocionais e indução a sentimentos de culpa.

A visão de mundo patriarcal se faz presente também quando o narrador repetidamente coloca na voz de Anne um *mea culpa* insistente e choroso por ter atraído para si a desgraça de tornar-se noiva do poderoso Henry VIII, com o reconhecimento incontestado de que Tomas sempre esteve certo quando a avisava do grande perigo que corria:

Oh, Tommy! Please do not scold! I know now you were right... and I was so wrong. I was such a young, stupid fool. If only I could have known then what I know today. And now I am trapped! Trapped, Tom! And it is all a trap of my own making. Oh, Tommy! I can not help but think that the evil I planned so long ago has now caught me in its clutches.⁷⁰⁶

Sim, ela agora admitia, havia cometido um erro terrível, ao desejar atrair para si a afeição do rei e vingar-se pelo rompimento do romance com Hal Percy⁷⁰⁷, e estava colhendo os nefastos frutos de tal empreendimento.⁷⁰⁸ Esse discurso, colocado pelo poeta na voz de Anne, indica a elaboração, na narrativa, da questão da opressão da mulher na sociedade patriarcal do século XVI⁷⁰⁹. Uma vez que educadas a partir dos pressupostos do patriarcado, internalizavam os discursos e sentimentos advindos dos julgamentos masculinos sobre os papéis e os deveres da mulher. Passando a compreendê-los como verdadeiros e mesmo naturais e sentindo-se, por essa razão, constantemente culpadas por seus atos transgressivos e por não escutar os sábios conselhos masculinos. O mesmo tipo de discurso de reconhecimento do erro é

⁷⁰⁶ “Oh Tommy! Por favor, não se zangue! Eu sei que você estava certo... e eu estava muito errada. Eu era uma jovem tão estúpida e tola. Se ao menos eu soubesse na época o que eu sei hoje. E agora estou presa em uma armadilha. Presa, Tom. E foi uma armadilha que eu mesma preparei. Oh Tommy, consigo evitar o pensamento de que o mal que planejei tanto tempo atrás agora me prendeu em suas malhas.” (DUNN, 2002, p.148. tra. no.)

⁷⁰⁷ Hal Percy é o apelido afetuoso do jovem e delicado Henry Percy, penso que até para diferenciá-lo do brutal Henry VIII.

⁷⁰⁸ Absolutamente nefastos – muita riqueza e a perspectiva de tornar-se rainha da Inglaterra –, uma mulher jamais deveria almejar o poder.

⁷⁰⁹ E por que não dizer, também, nos dias de hoje?

colocado na voz da cortesã Ângela, que também se lamenta e reconhece que toda sua desgraça é merecida, pois é apenas o castigo por ter desonrado sua família.

Por outro lado, ponderando-se a pouca confiabilidade desse narrador, é possível questionar se Anne teria, de fato, enunciado esse discurso de admissão de culpa. Talvez o episódio seja apenas fruto de um exercício imaginativo do poeta, dando forma ao modo como ele gostaria que ela se comportasse.

Observando-se cuidadosamente, percebe-se que o narrador de *Dear heart* apresenta comportamentos tão egoísticos e machistas quanto Henry VIII. A diferença entre eles é que o poeta foi obcecado por uma única mulher por toda vida. Uma mulher que, na realidade, só existia na imaginação saudosista que ele nutria em torno da infância. Em nome desse amor, ele fez da vida de outra mulher uma prisão de solidão e desamor, à qual, ele julgava que ela deveria se conformar. Henry, por outro lado, apaixonou-se e desapaixou-se diversas vezes. E assim, com grande displicência, foi edificando e destruindo, cada uma de suas escolhidas.

A expectativa masculina com relação à mulher é expressa na representação que o poeta se esforça por conferir⁷¹⁰ a Anna em grande parte da narrativa: frágil, delicada, chorosa, doentia, doce, enfraquecida, mortificada pelo arrependimento dos erros cometidos, admitindo que fora “uma tola” e que Tomas sempre estivera com a razão. Essa representação está de acordo com descrição tradicional da figura feminina pelos moldes patriarcais. Por outro lado, algumas situações e comportamentos referidos na narrativa revelam o caráter transgressivo de Anne, que a voz masculina que narra tenta maquiagem. Um desses comportamentos é a decisão da heroína de ter uma experiência sexual antes do casamento e com um homem que não é seu futuro marido. Ainda mais, trata-se de uma experiência cuja mola propulsora não foi o amor ou o desejo despertado por uma paixão avassaladora. Contrariamente, para ela, é quase um procedimento clínico, realizado, exclusivamente, para remover o hímen.

⁷¹⁰ Embora todos os esforços do narrador para descrevê-la a partir de um padrão de fragilidade física e emocional, comportamentos de heroína, referidos pelo narrador em tom de queixa indicam que ela não se adequava exatamente na descrição que ele tecia.

A relação de Tomas com as mulheres é um aspecto muito forte na construção dessa personagem. Anne Boleyn representa o primeiro amor, que nasce ainda na infância para tornar-se uma frondosa árvore durante a juventude. Trata-se de um amor idealizado, platônico, que, eventualmente, se realiza, uma única vez, em um momento em que Anne está convalescente da peste bubônica. Ainda assim, o sentimento continua tendo o cunho idealizado para o poeta e, embora a personagem Anne seja relativizada, ele a chama de 'my angel'.

Com a esposa, Elizabeth, Wyatt tem uma relação conturbada, fora um casamento forçado, absolutamente sem amor e sem o desejo de fazer surgir amor. O resultado foi desastroso. Ambos virgens na noite de núpcias, Elizabeth, que só tinha treze anos, muito assustada e Tomas com muito ódio por ter sido obrigado a desposá-la. Essa união começou muito mal, e continuou mal, pois Wyatt sempre abordava a esposa sem nenhum amor ou carinho, com uma estupidez que beirava a violência. O resultado, previsível, foi que com as longas estadias do marido na corte ou no exterior, Elizabeth passou a traí-lo com os próprios empregados.

Na segunda vez que Wyatt encontrou um empregado em sua cama, espancou a mulher até quase matá-la, só parando quando a filha pequena entrou no quarto: "I felt horrified to see what my anger had done. And I also knew only the lucky arrival of our daughter (is she my daughter – how am I truly to ever know?) prevented me slipping into a more murderous rage when I confronted Bess."⁷¹¹ Elizabeth, apesar de muito machucada, esbravejou que faria da vida do marido um inferno ainda pior. Nessa passagem, fica claro o caráter ambíguo do narrador e o atrelamento dele à ideologia e às regras estabelecidas pela sociedade patriarcal. Compadeceu-se de Ângela, a jovem e inexperiente prostituta, enviada pelo Vaticano para tornar a estadia dele em Roma 'agradável', que sofria diante da perspectiva de entregar-se a um estranho. Tratou-a com gentileza, garantindo-lhe que não precisaria relacionar-se com ele. No entanto, atacou violentamente a esposa, por quem nada sentia, a quem deixava por longos períodos na solidão e de quem só se aproximava bruscamente, porque ela o traiu.

⁷¹¹ "Eu fiquei horrorizado ao ver o que minha tinha feito. E eu sabia também que somente a sorte da chegada de nossa filha – Ela é minha filha? Como algum dia eu poderei ter certeza? – impediu que eu me deixasse levar por uma raiva ainda mais assassina no confronto com Bess (DUNN, 2002, p.143, trad.no)

É possível estabelecer uma oposição a partir desses dois episódios ligados à sexualidade feminina. No caso de Elizabeth, a mulher dá vazão à sexualidade, numa ânsia de encontrar amor e prazer e de evadir-se de um relacionamento infeliz com o marido, quebrando, dessa forma, as regras da sociedade patriarcal. Elizabeth é duplamente transgressora, ao trair o marido e ao enfrentá-lo. Na primeira vez que o marido a encontrou com outro homem, ela lhe disse que preferia deitar-se com os empregados do que com ele. E, na segunda vez, mesmo depois da surra, jurou que tornaria a vida dele ainda pior. Elizabeth representa a resistência feminina no seio da sociedade patriarcal e ela é duramente castigada pelo comportamento transgressivo.

No caso de Ângela, ocorre o movimento inverso. A moça, arrependida por ter 'dado um mau passo', conta sua triste história e chora (como a pedir misericórdia), para não ter que relacionar-se sexualmente com o poeta. Compadece-se diante do desespero da jovem, que levada pelo amor decidiu seguir um homem que agora queria fazer dela uma prostituta; e que, por essa razão perdera tudo de uma vez: honra, amor, família, o lar, o respeito da sociedade. É gentil para com ela, garante-lhe que não deseja seus favores sexuais, cede-lhe a cama e permanece acordado por toda noite escrevendo canções. Ângela é uma pecadora, quebrou as regras da sociedade patriarcal. Contudo, reconheceu o erro, está arrependida e admite que tudo que padecerá dali em diante será seu merecido castigo: "Si, Signor, this is the punishment for my stupidity. I cannot hide my face from the truth – all the blame for my misfortunes lies with me."⁷¹² Ao perceber o arrependimento da moça e o reconhecimento de que cometera um grave erro, Wyatt, que não gosta de relacionar-se sexualmente sem amor (afinal, como se sabe, é um homem sensível) se compadece dela e tratando-a mesmo com delicadeza.

Temos aqui dois exemplos de mulheres que deram vazão à sexualidade e que estão sofrendo os castigos da sociedade patriarcal. Elizabeth, que resolveu assumir sua escolha pelo prazer, é brutalmente espancada pelo marido. E Ângela, que optou por seguir o coração e, assim, perdeu a honra e depois o amor; mas a seguir reconheceu o erro e se arrependeu. Então recebe um momento de

⁷¹² "Sim, Senhor, está é a punição para minha estupidez. Eu não posso me esconder da verdade – a culpa de minha desgraça é toda minha." (DUNN, 2002, p. 120, trad.no).

misericórdia e lenitivo para seus sofrimentos, representado pela noite que passa com o poeta. Entretanto, ela tem consciência de que sua punição será longa e penosa. Ângela teve um momento de transgressão quando decidiu seguir o homem que amava sabendo que ele não a desposaria e tornando-se amante dele. Contudo, retorna ao estado de submissão, não só ao reconhecer o erro, mas, principalmente, ao afirmar que é merecedora do castigo que sofrerá, expresso no destino que está reservado a ela: servir sexualmente a todos os amigos do antigo amante e a qualquer um a quem ele queira dá-la em troca de pagamento.

As prostitutas referidas por Wyatt, todas (as que estiveram com ele), curiosamente, se parecem com Anne (cabelo escuro, adoráveis criaturas) ou fazem-no lembrar dela. Será esse detalhe uma forma de referir o epíteto dado a Anne (whore), pelo papa e todos os católicos, por boa parte do povo da Inglaterra e a nobreza europeia? As três prostitutas a que Wyatt se refere, Lucrecia, Ângela e Beatriz, são italianas e trabalham para o vaticano. Essa circunstância configura-se de modo irônico, considerando-se que o santo papado referia-se a Anne como 'whore', 'putana' e 'concubine'.

Ângela e Lucrecia são personagens relativizadas na medida em que não são apresentadas no tradicional estilo mulher demônio-perdida. Ambas são descritas pelo poeta como criaturas adoráveis e, ironicamente, são chamadas de 'Madonas', termo tradicionalmente usado para fazer referência à mãe de Jesus, modelo máximo de santidade feminina. O poeta conta, ainda, que Lucrecia afirmava sentir muito prazer em servir a um homem jovem e sem as terríveis depravações dos velhos cardeais. Então o narrador refere às cicatrizes que a mulher apresentava nas partes íntimas, resultantes do sadismo dos homens de deus. Já, Ângela aparece como a jovem que não se sente bem no papel de cortesã. A outra prostituta (curiosamente uma mulher de cabelos vermelhos), Beatriz, a que acompanha o companheiro Wyatt, segundo o narrador, sente-se bem mais à vontade no papel.

As reflexões em torno do narrador de *Dear Heart*⁷¹³ trazem à tona a seguinte questão: por que a autora colocou um narrador homem para contar a história de

⁷¹³ DUNN, 2002.

uma mulher? Por que não deu voz à própria personagem já tão silenciada por inúmeros discursos através dos séculos? Em sentido estrito, essa escolha representa o silenciamento a que Anne Boleyn foi condenada, tanto com sua morte quanto com a destruição da maioria dos documentos que veiculavam sua voz. Em sentido amplo, essa escolha simboliza o silenciamento a que as mulheres eram submetidas no passado, quando não tinham direito a voz e não podiam falar por si mesmas, portanto, jamais poderiam contar a sua versão da história.

Em adição a isso, Tomas, ao apresentar sua versão dos fatos e relatar os diversos relacionamentos que teve com mulheres (Anne, Elizabeth, Lucrecia, Ângela), explicita a opressão da mulher no sistema patriarcal. O poeta é um homem que narra o pensamento e o comportamento dos homens com relação às mulheres. E, assim, o texto torna visíveis diversas situações de violência vividas pelas mulheres no passado e no presente: estupros, espancamentos, exploração sexual, assassinatos.

Em última análise, pode-se dizer que *Dear heart* tem dois narradores, o personagem histórico poeta-narrador, que atua ao nível da superfície e que age no sentido de ocultar sob uma máscara textual a entidade da narradora-autora, subjacente ao texto, que organiza e tece a malha discursiva, assim como as parcas teciam o destino dos homens. Ao repetir o discurso da tradição, mas com diferença, ou seja, invertendo o significado original, Dunn⁷¹⁴ constrói uma ironia sutil, parodiando questionadoramente os discursos que vilanizaram Anne.

9.4 Anne, Anna...

Mesmo uma leitura elementar do texto, revela uma representação de Anne que se opõe àquelas dominantes no imaginário popular e nos trabalhos de toda uma linha de historiadores. Ao invés de representá-la como a concubina usurpadora e ninfomaníaca, encontrada em tantas narrativas históricas e na tradição popular, a

⁷¹⁴ DUNN, 2002.

voz do poeta a apresenta como uma mulher doce, terna, em alguns momentos, fragilizada, arrependida e até mesmo tomada de piedade por Catarina de Aragão. Contudo, apesar dessa aparente aura de feminilidade tradicional cantada pelo poeta, a narrativa compõe a figura global de Anne a partir de um eixo de relatividade ao pintá-la, também, como uma mulher indomável, independente e decidida, características, cujas manifestações irritam o narrador.

Assim como os historiadores estudados no capítulo anterior, a autora emprega informações encontradas em fontes hostis a Anne e, da mesma forma que Ives⁷¹⁵ e Starkey⁷¹⁶, as dissocia do viés negativo. Apresenta-as a partir de uma perspectiva ora positiva, ora relativizada ou questionadora, ou ainda, impregnada de ceticismo. Dessa forma, explicita o quanto as informações podem ser manipuladas pelo agente que tece o discurso. Sinalizando para o fato de que os dados colhidos em um mesmo registro podem ser manipulados de modo a testemunhar a favor ou contra as personagens históricas, dependendo da forma como o discurso é construído, dos aspectos que são enfatizados, da maneira como a informação é interpretada e apresentada.

Esse aspecto do romance chama à consciência que todo texto é discurso e todo discurso é construção de um sujeito. Aponta ainda para a impossibilidade de se conhecer a 'verdade histórica' ou o 'passado tal como foi' e, ainda, para as diversas versões que compõem a história. O discurso de Dunn⁷¹⁷ se apresenta como uma paródia do discurso da sociedade patriarcal que condenou Anne a séculos de vilanização, pois repete esse discurso com diferença, questionadoramente. Nessa medida, *Dear Heart*⁷¹⁸ é duplamente paródico, parodiando, por um lado, o discurso da história, ao inverter versões largamente difundidas da personagem; e por outro, o discurso literário canônico tradicional, ao se apropriar da voz, do estilo, de textos de Wyatt e, ainda, ao flertar com a estética romântica.

⁷¹⁵ IVES, 2005.

⁷¹⁶ STARKEY, 2004.

⁷¹⁷ DUNN, 2002.

⁷¹⁸ Ibid.

Assim como Starkey⁷¹⁹, ao endereçar os primórdios do interesse de Henry por Anne, incorpora a versão encontrada no relato de Cavendish, segundo a qual, o rei teria se interessado por Anna desde a chegada dela na corte. E, por essa razão, teria empregado todos os meios para romper o contrato de casamento entre Anne e Percy, contando com Wolsey como intermediário. A narrativa repete a história difundida pela tradição de que Anne teria jurado vingança ao ministro, indo, ainda além, deformando o dado registrado, estendendo a promessa de vingança também a Henry VIII.

Outro dado que *Dear heart*⁷²⁰ acrescenta ao registro histórico é a tentativa de estupro que Anne sofre por parte do duque de Suffolk. Esse episódio explicaria a inimizade irreconciliável entre os dois. Esses dois incidentes, o rompimento forçado com Percy e a tentativa de estupro que sofre, são, na narrativa de Dunn, os elementos que desencadeiam uma mudança radical e fundamental na personagem, a qual move a ação no sentido do desenvolvimento e do desfecho da trama.

Anne é apresentada como uma personagem complexa⁷²¹ que vai passando por diversas transformações através das diferentes fases da vida. Primeiro é representada como uma criança, desde os primeiros passos, alegre, cheia de vitalidade, travessa, curiosa e, desde sempre, amante da música e da dança:

As a child you were a slight and tiny girl who loved to run and ride, but especially you loved to dance. Even when there was no music but what you alone could hear – music vibrating with every beat of your heart. I close my eyes and still see you, my Anna. A fairy child with long, loose ebony hair, wearing a heavy golden dress, spinning this way, spinning that way, always, always spinning.⁷²²

Essa descrição de Anne dá conta de aspectos não cobertos pela história, ao endereçar a infância da personagem, da qual não existem registros.

⁷¹⁹ STARKEY, 2004.

⁷²⁰ DUNN, 2002.

⁷²¹ Segundo a terminologia de Antônio Candido na obra *A personagem de Ficção* (1976).

⁷²² “Quando criança você era uma menina magra e miúda que amava correr e se esconder, mas especialmente você amava dançar. Mesmo quando não havia música, exceto aquela que só você conseguia ouvir – música vibrando com cada batida de seu coração. Eu fecho os olhos e ainda vejo você, minha Anna. Uma criança encantadora, com o cabelo longo, cor de ébano, solto, usando um vestido pesado, cor de ouro, rodopiando para um lado, rodopiando para o outro, sempre, sempre rodopiando.” (DUNN, 2002, p.5, trad.no).

Em um segundo momento, no retorno para Inglaterra após passar anos na França, Anne é apresentada como uma adolescente de quinze anos, sem grandes atrativos físicos, pois é extremamente magra, mas com incríveis habilidades com a música e a dança. Ela está muito apaixonada (e correspondida) por Hal Percy⁷²³, futuro conde de Northumberland. A jovem faz muitos planos, está cheia de sonhos, acredita que será feliz casando-se com o homem que ama. Contudo, por um golpe do patriarcado, ela se vê, no mesmo dia, afastada para sempre do amado e vítima da violência sexual masculina⁷²⁴, sendo, logo depois, enviada de volta para Hever.

O terceiro momento da personagem é quando ela retorna à corte, então com dezoito anos, uma jovem mais bonita, elegante e graciosa do que antes. Contudo, contrariando o que se esperava das donzelas na época, dura, fria e calculista, com uma única obsessão: vingar-se de seus algozes. É essa Anne que parte para a conquista do rei, empregando para isso a estratégia de ignorá-lo, dando, até mesmo, a entender que não percebe as atenções do monarca. O quarto momento da personagem revela uma figura paradoxal e multifacetada, por um lado, fragilizada e resignada ao que lhe reserva o destino, e por outro lado, decidida a abraçar esse destino e tirar dele o melhor proveito possível.

A narrativa valoriza diversos aspectos positivos de Anne mencionados por Ives⁷²⁵ e Starkey⁷²⁶, tais como as habilidades como cantora, instrumentista e até mesmo compositora. Apresenta-a também como uma exímia dançarina e como uma mulher de grande graça e elegância que teria influenciado toda a corte de sua época, sendo larga e inutilmente imitada pelas outras mulheres.

Além disso, a narrativa de Dunn enfatiza a habilidade de Anne como amazona, mostrando-a desde criança cavalgando com grande temeridade e deixando seus companheiros apreensivos por sua segurança devido a velocidade que imprimia às cavalgadas. Sinaliza, dessa forma, o caráter impetuoso da personagem. A seguir, quando a jovem Anne é exilada em Hever após o

⁷²³ Hal é o apelido carinhoso de Henry Percy.

⁷²⁴ Como Anne se nega a tornar-se amante de Henry VIII afirmando que é virgem e que não quer perder sua honra, o duque de Suffolk decide violentá-la para facilitar a empresa do rei. Mas antes que ele consiga consumir o ato, Anne é salva por Wyatt.

⁷²⁵ IVES, 2005.

⁷²⁶ STARKEY, 2004.

rompimento com Hal Percy, ela é delineada como uma amazona, não apenas exímia, mas realmente temerária ao escolher como montaria Pegasus, um cavalo negro de proporções imensas, deixado de lado por George devido a indomabilidade. E é esse cavalo que Anne monta, quase que se fundindo a ele, cavalgando com grande ferocidade, sem nenhum medo de encontrar a morte. Nesse ponto, se percebe a identificação dessas duas criaturas selvagens, Anne é mostrada como uma mulher tão indomável como o cavalo que escolheu para si. Aliás, a própria metáfora da amazona como uma mulher indomável, destemida, independente e insubmissa traduz perfeitamente a personagem. A indomabilidade de Anne é metaforizada na relação dela com o cavalo, na maneira como ela monta. Essa característica é apresentada como presente na personalidade de Anna desde a infância e acentuada na medida em que ela perde a inocência diante da vida.

A narrativa de Wendy representa Anne como alguém realmente engajada na reforma religiosa. Mais do que isso, como uma personalidade verdadeiramente política, ou seja, alguém que acreditava que o mundo e as relações de poder poderiam mudar. E, acima de tudo, alguém que lutou para chegar ao topo para trabalhar por essas mudanças:

‘At great cost, I know. But then all great enterprises are won only at great cost... England has been too long under the thumbs of Rome ‘Tis time to see our country come into its own. By his efforts to make me Queen, the King begins to cut the ties to a corrupt power. Surely you realize what a mockery the papacy is?’
 ‘Surely you realise that *all* power is corrupt, and a mockery of what it should be.’
 (...)
 ‘Perhaps when I’m Queen I can change that.’
 ‘Anne, Anna... ‘Tis very unlikely a single person can change how the world is.’
 ‘But the world is changing, Tom. Martin Luther has taken the papal bull by the horns and turned it up side down...’⁷²⁷

⁷²⁷ “ ‘A um grande custo, eu sei. Mas todas as grandes empresas são realizadas somente a um grande custo. A Inglaterra tem estado há muito tempo sob a direção de Roma, é tempo de ver nosso país andar por ele mesmo. Em seus esforços para me fazer rainha, o rei começou a cortar os laços com um poder corrupto. Certamente você se dá conta do simulacro que é o papado.’
 ‘Certamente você se dá conta que todo poder é corrupto e um simulacro daquilo que deveria ser.’
 (...)
 ‘Quando eu for a rainha, talvez possa mudar isso.’
 ‘Anne... Anna... é muito improvável que uma única pessoa possa mudar como é o mundo.’
 ‘Mas o mundo está mudando, Tom. Martin Luther enfrentou o poder do papado e mudou tudo....’
 (DUNN, 2002, p. 162., trad.no)

Essa representação da personagem como uma personalidade política, atuante e preocupada em promover mudanças sérias no país e como uma verdadeira reformista, já tem sido resgatada e iluminada pelo discurso da história, especialmente por historiadores como Eric Ives⁷²⁸ e David Starkey⁷²⁹. No entanto, quando se trata da literatura e outros meios de produção artística, como o cinema e, mesmo, os seriados de televisão, essa representação é ainda nova, embora, a face reformista de Anne, já apareça marcadamente em *Secret diary*⁷³⁰. Nesse sentido, *Dear heart*⁷³¹ artisticamente lança uma nova luz sobre a figura de Anne, iluminando um aspecto da vida e da personalidade da personagem que tem sido relegado à obscuridade nas artes tanto da palavra quanto da imagem.

Dessa forma, a narrativa valoriza e dá visibilidade a essa importante parcela da vida de Anne, conferindo a ela o papel de heroína histórica que lhe foi negado por séculos. Assim, desconstrói a imagem da personagem cristalizada no senso comum, ou seja, a vilã que na sentença de morte recebera o merecido castigo. E ao expressar esse aspecto através da fala da personagem, Wendy Ihe devolve a voz que foi negada por tanto tempo. Esse procedimento discursivo se torna ainda mais relevante na medida em que, provavelmente, foi o uso impertinente da voz para proferir questionamentos, expressar e reivindicar pontos de vista, que fez com que a vida de Anne fosse ceifada. E, assim, ela tenha sido relegada ao silêncio, não apenas pela morte, mas pelo processo de apagamento a que foi submetida.

Ainda focalizando o envolvimento de Anne na reforma religiosa, a narrativa menciona o episódio dos livros reformistas que, segundo os historiadores estudados no capítulo anterior, Anne entregou ao rei, sugerindo-lhe a leitura. Embora o episódio, no romance, seja referido em um tom bastante diferente daquele dado pelos historiadores, revestindo a questão de um manto de casualidade irônica, como se Anne apenas tivesse a intenção de fazer Henry ler os livros de modo a interceder por um cortesão que havia sido surpreendido de posse dos textos proibidos:

⁷²⁸ IVES, 2004.

⁷²⁹ STARKEY, 2005.

⁷³⁰ MAXWELL, 2004. A edição utilizada na pesquisa é a de 2004, no entanto, o romance foi publicado pela primeira vez em 1998.

⁷³¹ DUNN, 2002.

George restarted the conversation by saying: 'I must tell you, Anne, the King grows more fond of those manuscripts of mine. You made the right decision to give them to him, so he could study them well.'

'What manuscripts are those?' I asked.

(...)

'(...) Anne was able, by her quick thinking, to save two of the Queen's attendants from the threat of certain destruction. And she even risked herself in so doing.'

(...)

'My cousin Tom, 'tis like this.' Anne turned to face me. 'I have in my company a certain lady who has recently been betrothed. This lady is secretly of the Lutheran persuasion; thus, she often has in her possessions books which can only be described as illicit reading. Her beloved, in jest, took away from her one of these books; no doubt thinking it was some romantic fable he could tease her with. But when he read it, he became so taken with this book that he took it everywhere with him. (...). My friend came to me in tears. It seems that she had somehow become aware that Wolsey had taken notice of her lover's great idiocy, and was making moves to tighten a net around him. George had recently given to me his copy to read, and, as I read it, I could not help thinking that it contained certain sentiments that would easily gain the sympathy of the King.'⁷³²

O relato desse episódio representa Anne como alguém de inteligência aguda, capaz de perceber que o rei simpatizaria com as idéias veiculadas pelos textos ilícitos. E, nessa medida, como a verdadeira responsável pela reforma, uma vez que ela teria introduzido Henry ao protestantismo, fazendo-o ler textos proibidos pelo Vaticano, que despertaram nele a consciência de que poderia, legitimamente, realizar uma transformação religiosa no país. Além disso, o texto a apresenta como uma personalidade capaz de auto-sacrifício, na medida em que se colocou em risco para auxiliar um casal de cortesãos.

Nesta outra passagem, situada temporalmente já no período do reinado de Anne, a referência à participação de Anne na reforma religiosa torna a aparecer:

⁷³² "George recomeçou a conversação dizendo: 'Eu preciso lhe contar, Anne, o rei está gostando cada vez mais daqueles meus manuscritos que você entregou a ele. Você tomou a decisão certa ao entregá-los para ele. Assim ele pode estudá-los bem.'

'Que manuscritos são esses? Eu perguntei.'(...)

'(...) Anne foi capaz, por seu pensamento rápido, de salvar dois atendentes da rainha da ameaça de destruição certa. E ela colocou a si mesma em risco ao fazer isso.' (...)

'Meu primo Tom, isso aconteceu assim.' Anne voltou-se para olhar para mim. 'Eu tenho em minha companhia uma certa dama que recentemente contratou casamento. Essa dama secretamente converteu-se ao luteranismo. Assim, ela frequentemente tem em seu poder livros que só podem ser descritos como leituras ilícitas. O namorado, por brincadeira tomou das mãos dela um desses livros, sem dúvida pensando que se tratava de alguma fábula romântica e que ele poderia caçoar dela por isso. Mas quando ele leu ficou tão comovido com o livro que passou a carregá-lo consigo para todo lado. (...) Minha amiga veio até mim em lágrimas. Parece que de alguma forma ela ficou sabendo que Wolsey havia se apercebido da grande tolice de seu bem amado e estava fazendo movimentos para apanhá-lo\ jogar uma rede sobre ele. George recentemente tinha me dado a cópia dele para ler, e como eu já tinha lido, não pude evitar de considerar que ele continha certos sentimentos que facilmente ganhariam a simpatia do rei.' "(DUNN, 2002, p. 186, trad.no).

In September though, we stopped for a while at Winchester, where Anne watched with much delight the consecration of not only Hugh Latimer, but two other of her favourite clerics as Bishops. Anne had told me, so long ago, that she saw the king's passion for her as a way for the new religion to take deeper roots in England. Much of her time as Queen she spent ensuring that this would indeed be the case.⁷³³

A narrativa menciona os arcebispos da igreja anglicana indicados por Anne, destacando a face reformista de Anne e sua atuação como promotora dedicada da nova religião na Inglaterra durante o tempo em que esteve no trono. As referências à atuação de Anne Boleyn na reforma religiosa são participações diretas do registro histórico no texto literário, a despeito das modificações que fazem parte da liberdade imaginativa do criador literário.

Ao dar visibilidade e voz à personagem, a narrativa a desloca da margem (mulher acusada de vários crimes, condenada e executada), para o centro. Transforma a figura desprivilegiada (vilanizada, silenciada e apagada⁷³⁴) em uma figura privilegiada, uma vez que resgata sua integridade e complexidade como ser humano e agente política. Dessa forma, a personagem passa a ter voz, visibilidade e legitimidade como agente histórica.

Ao endereçar a célebre e polêmica questão da sexualidade de Nan Bullen, a narrativa de Dunn⁷³⁵ apresenta-a como uma infratora das normas sexuais de sua época. Embora não sob os rótulos de incesto e ninfomania que fazem parte do discurso histórico tradicional e da mitologia em torno da personagem. A narrativa apresenta uma Anne que transgressoramente decide se entregar sexualmente antes do casamento, sem amor e a outro homem que não aquele com quem vai se casar.

⁷³³ “Em setembro, nós estivemos por um tempo em Winchester, onde Anna assistiu com grande prazer a consagração, não somente de Hugh Latymer, mas também de dois outros dos clérigos favoritos dela como bispos. Anna me disse, muito tempo atrás, que ela via a paixão do rei por ela como uma forma da nova religião aprofundar as raízes na Inglaterra. A maior parte do tempo dela como rainha, ela passou se certificando que esse seria, de fato, o caso.” (DUNN, 2002, p.259).

⁷³⁴ Anne foi silenciada na medida em que, além de ter sido executada, poucos documentos restaram que veiculam a voz da personagem, em geral, ela foi narrada e delineada por outros e não por si mesma, e esses outros, na maioria dos casos, foram os inúmeros inimigos que ela angariou durante a vida. Ela foi apagada na medida em que seus retratos originais desapareceram, seu túmulo não recebeu identificação e, principalmente, na medida em que boa parte de sua atuação, especialmente, nos âmbitos político e religioso foi relegado à mais profunda obscuridade, sendo quase que absolutamente desconhecido das grandes massas, consumidoras, difusoras e perpetuadoras do discurso do senso comum.

⁷³⁵ DUNN, 2002.

O escolhido é um homem que a ama, que a amou desde a infância, o narrador, o poeta Tomas Wyatt:

heard her softly laugh – that lovely laugh that always seemed to ripple out of her.
 ‘Oh, Tom! Dearest Tom.’ She raised her hands to the drawstrings of her shift, undid them, and allowed the garment to fall to the floor.
 My Anna stood all naked before me, her skin so white that the darkness of her body hair struck an extreme and bold contrast. She smiled shyly, but her eyes brimmed with invitations as she walked gracefully those few steps towards me. She put her arms around my neck, pressing her naked body ever so gently to mine.
 “Tom,” she said softly. “Oh, sweet, sweet Tom. My own loyal and darling Tom. My lovely boy; dearest of hearts, how like you this?”
 In answer, I lifted her in my arms, (how light did she feel to me), and took Anna to the nearby bed.
 And that was the only time that I ever made love to my beloved.
 I remember feeling astonished to find her yet a *virgo intacta*, but after the first gasp of pain, her body joined with mine to complete what she had begun.
 She was not completely innocent. Her hands betrayed to me that they had, sometime and somewhere, learnt certain games of love. Indeed, her fingers caressed and touched as if they knew instinctively how to stir and excite me.(...) ⁷³⁶

Após entregar sua virgindade ao poeta, Anne pergunta a ele se a odeia muito e ele responde questionando por que deveria odiá-la. Anne responde com a transgressão das transgressões, invertendo relação tradicional entre homens e mulheres no que concerne à sexualidade: “Because I used you to rid me of a virginity which has burdened me over long. I am so sorry, Tom. I would not blame you if you hated me.

⁷³⁶ “Ouvi ela rir um riso agradável. Aquele riso adorável que sempre parecia vir em ondas através dela.’

‘Oh Tom, meu tão querido Tom.’ E ela levou as mãos aos laços que prendiam a camisola e os desfez, deixando-a cair ao chão. Minha Anna ficou completamente nua diante de mim, a pele dela tão branca que fazia um contraste extremo e audacioso com a escuridão do cabelo. Ela sorriu timidamente, mas os olhos dela faziam um convite enquanto ela graciosamente andou aqueles poucos passos em direção a mim. Ela colocou os braços em volta do meu pescoço, pressionando gentilmente o corpo nu contra o meu.

‘Tom.’ Ela disse mansamente. ‘Oh Tom, meu doce, doce Tom. Meu leal e querido Tom. Meu adorável menino, mais querido de todos corações, o que você acha disso?’ Em resposta eu a tomei nos braços, (tão leve eu a senti), e levei Anna para cama próxima.

E aquela foi a única vez que eu fiz amor com a minha amada. E lembro que fiquei espantado de encontrá-la ainda uma virgem intacta, depois do primeiro gemido de dor o corpo dela se juntou ao meu para completar o que havia começado.

Ela não era completamente inocente. As mãos dela a traíram que em algum momento em algum lugar ela havia aprendido certos jogos de amor. Realmente os dedos dela tocavam e acariciavam como se ela soubesse instintivamente como me excitar e provocar sensações.”(DUNN, 2002, p.152, trad.no).

But rather it was you, if it could not be my sweet Hal, to be the first with me.’⁷³⁷ A infração da personagem é ainda maior na medida em que ela se entrega sexualmente só para ‘se livrar’ da condição de virgem. A entrega sexual fora uma decisão deliberada, com um objetivo determinado e sem a menor intenção de estabelecer um relacionamento amoroso. Ou seja, apenas sexo, sem nenhuma intenção de compromisso. Essa representação delinea uma personagem que burla as regras de moralidade da sociedade patricarcal, segundo as quais a mulher só poderia manter relações sexuais, por dever, após o casamento, com o marido.

Anne admite que ama o poeta, mas apenas como amigo: “Dear Tommy, I know that you have always loved me. More deeply than was ever good for you. I have always loved you too – as my dearest friend and cousin.”⁷³⁸ Tomas foi o instrumento de que ela se serviu para remover o hímen e tendo sido a operação completada, a relação entre eles deve voltar a ser como antes: “I told you, Tom. We go back to the way it was before. We make believe that last night was a fantasy that never really happened.”⁷³⁹ Chamam atenção nessas falas da personagem a objetividade e a determinação com que ela é delineada. Apesar de falar com delicadeza e afetividade, Anna deixa claro porque as coisas aconteceram e como deverão ser dali em diante. Nessa medida, a personagem toma para si comportamentos e formas de pensar tipicamente masculinas, invertendo os padrões tradicionais de representação da figura feminina. Ela vê a virgindade como um peso, decide como e com quem será sua primeira noite; desvincula o sexo do amor e, acima de tudo, executa seu desejo sem se preocupar com os sentimentos do parceiro, explicando-lhe somente depois do fato consumado a natureza de tudo que aconteceu.

Observemos como o poeta apresenta Anna na passagem de abertura da narrativa:

⁷³⁷ “Porque eu usei você para me livrar de uma virgindade que tem sido um peso para mim por tempo demais. Eu sinto muito, Tom. Eu não vou culpá-lo se você me odiar. Mas antes que tenha sido você, se não pode ser o meu amado Hal, o primeiro a estar comigo.(DUNN, 2002, p. 154, trad.no).

⁷³⁸ “Querido Tom, eu sei que você me ama desde sempre, muito mais profundamente do que seria bom para você. Eu também amo você – como meu primo e mais querido amigo.”(DUNN, 2002, p.151, trad.no).

⁷³⁹ “Eu disse a você, Tom. Tudo voltará a ser como era antes. Faremos de conta que a noite passada foi apenas uma fantasia que nunca aconteceu realmente.” (DUNN, 2002, p.163, trad.no).

My Anna was dark and lovely – full of life’s burning light. Too strong, yea, too strong for this world. For her bright, burning light has forever been put out; aye, put out, and my life is eternally dark. (...) Gentle and sweet my Anna was in those early days, overflowing with laughter and the joy of living life. (...) Oh, Anna! My burning light. My lovely girl. Dearest of hearts. My only beloved.⁷⁴⁰

O poeta fala de Anna tomado de sentimentalismo romântico. A narrativa, entretanto, desconstrói a possibilidade de um caráter romântico para a personagem ao delineá-la como uma mulher que opta pelo sexo sem amor e sem compromisso. O narrador-poeta divaga saudosamente sobre a tarde de amor que teve com Anne: “Only once were we true lovers. (...) the memory of that one wet, summer’s Day, those short few hours of bliss when my burning desires were at last led by her to a brief fulfillment will be all which remain of joy.”⁷⁴¹ A tensão criada entre o tom romântico da fala do poeta e os comportamentos de Anna chama a atenção do leitor para o caráter de construção discursiva de toda narrativa, literária ou histórica; que pode apresentar os mesmos fatos de acordo com o viés que melhor convém ao emissor do texto. Marca ainda o tom de releitura, ou seja, repetição com diferença, da estética romântica, no corpo do romance.

O texto joga com informações disseminadas pelos opositores católicos de Anne, com o objetivo de criar e difundir a lenda da mulher monstro, invertendo o sentido originalmente dado a elas. Dessa forma, se opõe ao discurso da tradição anti-Anne, que construiu uma ficção de Anne Boleyn como a mulher-demônio de aparência repugnante, que apresentava diversas marcas do demônio⁷⁴²: seis dedos, um papo enorme, dois dentes projetados para frente sob o lábio inferior, várias verrugas e manchas pelo corpo. A fala do narrador se opõe a esses discursos, baseados em preconceitos medievais, segundo os quais, qualquer malformação ou deficiência configurava sinal de pacto com o demônio. O narrador

⁷⁴⁰ “Minha Anna era adorável e tinha cabelos negros – cheia da luz ardente da vida. Forte demais, sim, forte demais para esse mundo. Porque sua luz ardente, resplandecente foi para sempre apagada deste mundo; sim, apagada, e minha vida estrá eternamente na escridão. (...) Doce e gentil era minha Anna naqueles primeiros tempos\ naqueles dias dos primeiros tempos, transbordante de risos e alegria de uma vida feliz. (...) Oh, Anna! My burning light. Minha garota adorável. A mais amada de todas as madas\ O mais amado te todos os corações. Minha única amada.\O único amor da minha vida.” (DUNN, 2002, p.3, trad.no).

⁷⁴¹“Somente uma vez nós fomos amantes de verdade. (...) a lembrança daquele dia molhado de verão, daquelas poucas e efêmeras horas de felicidade quando os meus desejos ardentes foram, por fim, levados por ela a um breve momento de satisfação, é tudo que resta da alegria.” (DUNN, 2002, p.3, trad.no).

⁷⁴² BORDO, 2013.

não nega a presença de tais elementos na figura de Anne, mas atribui um sentido de normalidade a eles, deixando entrever, dessa forma, a interferência do presente na elaboração de discursos sobre o passado. E sugerindo o quanto o destino de Anne Boleyn poderia ter sido diferente, se ela tivesse vivido em outro tempo.

Observe-se o tom do discurso do narrador, nos momentos em que em suas falas são colocadas as informações maliciosas: “Many also called you witch, takin as proof a slight deformity on your right hand, a hand that even so was beautiful.”⁷⁴³ A referência à beleza da mão da personagem, à insignificância da deformidade, bem como, o distanciamento que o narrador toma com relação aos discursos que configuram a personagem como uma bruxa, “Many called you witch”, constituem o sentido de inversão discursiva do texto. O narrador menciona, em tom amoroso e algo ressentido, o conteúdo das falas contra Anne. E, vai além, nega a acusação de bruxaria, e com isso, desautoriza o processo que a condenou à morte: “You were no witch. Rather you had the gift of living deeply, touching people’s lives in one way or another.”⁷⁴⁴ O poeta atribui a estranheza que ela causava nas pessoas, a uma personalidade distinta da superficialidade mediana, e que, por essa razão, tocava todos ao redor.

Uma vez mais, o narrador inverte o significado de elementos da lenda de Anne, a mulher-monstro: “(...) so slight and graceful, with a swan-like neck, made even more bewitching and sensual by an upraised, brownish mole placed where one could feel the echo of your heartbeat.”⁷⁴⁵ Aqui Wyatt faz referência às famosas manchas que, de acordo com descrições da tradição, Anne teria pelo corpo e que, segundo a mesma tradição, faziam dela uma criatura repulsiva. Contrariamente aos relatos tradicionais, o narrador de *Dear heart*⁷⁴⁶ afirma que a mancha no pescoço é o que tornava Anne ainda mais atraente e sensual. E provocadoramente ele emprega a palavra “bewitching”, enfeitiçante, desafiando mais uma vez a sentença que a condenou como bruxa e os discursos que com base nesse veredicto a difamaram. O

⁷⁴³ “Muitos também chamavam você de bruxa, tomando como prova uma leve deformidade em sua mão direita, uma mão que ainda assim era tão bonita.” (DUNN, 2002, p.6, trad.no)

⁷⁴⁴ “Você não era uma bruxa. Ao invés disso, você recebeu a graça de existir em profundidade, tocando as vidas das pessoas de uma maneira ou de outra.” (DUNN, 2002, p.6, trad.no)

⁷⁴⁵ “(...) tão leve e graciosa, com um pescoço de cisne, tornada ainda mais enfeitiçante e sensual por uma pinta marrom colocada no ponto onde se poderia sentir o eco das batidas de seu coração.” (DUNN, 2002, p.5, trad.no)

⁷⁴⁶ DUNN, 2002.

narrador, ao mencionar, sob um viés positivo, as mesmas marcas físicas até então demonizadas, problematiza as versões da história e da tradição popular, que por longo tempo foram, não só dominantes, mas quase que uníssonas a respeito de Anne Boleyn. A inversão do sentido tradicionalmente dado às informações sinaliza para o caráter de contrução textual da história, para o fato de que as informações adquirem significado a partir do contexto e para o fato de que nenhuma versão da história existe anteriormente à existência do texto.

A narrativa de Wendy⁷⁴⁷ se apropria de informações dadas por fontes hostis à personagem⁷⁴⁸, geralmente, usadas nas construções de representações negativas da mesma, incorpora-as, repetindo tais discursos 'com diferença'. Ou seja, relativizando ou substituindo o tom negativo dado por aqueles registros por uma visão positiva do traço em questão e da própria personagem. Repete parcialmente os discursos que se tornaram parte da lenda da mulher monstro. No entanto, estabelece a diferença com relação a esses discursos, criando assim um diálogo crítico com essas vozes eivadas de agressividade, levantando questionamentos e desafiando a sua credibilidade.

Ao inverter o sentido negativo de informações constantes em diversos relatos sobre Anne Boleyn, a autora sinaliza para a inevitável manipulação das informações contidas nos registros históricos pela entidade que constrói o texto, mostrando que a mesma informação pode ser apresentada sob uma ótica positiva ou negativa, de acordo com a disposição do autor. Ives⁷⁴⁹ e Starkey⁷⁵⁰ sinalizam para essa questão, ao incluir dentre as fontes da pesquisa histórica sobre Anne, relatos de opositores da personagem. Os historiadores filtram as informações, desconsiderando dados demasiadamente marcados pelos preconceitos do emissor e selecionam alguns elementos úteis e razoavelmente confiáveis. E procedem, sobre esses elementos, interpretações que, ao final, permitem formular vistas mais positivas do que

⁷⁴⁷ DUNN, 2002.

⁷⁴⁸ Descrições encontradas em relatos de recusantes católicos, como Nicholas Sanders, por exemplo, e em relatos anônimos, e ainda as descrições de cunho moral e comportamental encontradas nos relatos do homem que foi detrator feroz de Anne do dia em que chegou à corte até os últimos dias de vida dela: Eustace Chapuys.

⁷⁴⁹ IVES, 2005.

⁷⁵⁰ STARKEY, 2004.

negativas da personagem, especialmente, se comparadas a representações tradicionais baseadas nos mesmos registros.

Não apenas as lendas negativas relacionadas a Anne são incorporadas ao texto, as que se referem às canções também. Tanto “Greensleeves” quanto “Oh death, rock me asleep” são mencionadas e tem seus versos intercalados à narrativa. Na abertura do segundo capítulo, do sexto livro, aparecem trechos do poema “oh death, rock me asleep”⁷⁵¹, que conta-se foi encontrado no local onde Anne passou a última noite. Segundo a crença popular, o poema seria de autoria dela⁷⁵².

A incorporação no romance de todas essas lendas que fazem parte do imaginário popular em torno da figura de Anne Boleyn marca o diálogo da narrativa com uma tradição textual oral, popular e anônima. A voz da tradição é incorporada ao texto, contudo, através da distorção e da inversão, que configuram marcas da voz autoral que subjaz ao texto. *Dear heart*⁷⁵³ faz uma costura de diversas textualidades, literatura, história, tradição popular (católica) e dá a elas novas figurações e significados, re-criando o que já foi dito sobre Anne Boleyn.

A complexidade da personagem Anne Boleyn, no texto de Wendy⁷⁵⁴, em suas diversas transformações, sinaliza para a identidade aberta observada e vivenciada na contemporaneidade, com seus caracteres contraditórios e suas identificações constantemente deslocadas. A figuração da personagem faz, dessa forma, uma ponte entre passado e presente em que a configuração de um elemento do passado se constitui, em sua estrutura mais profunda, sobre um traço do momento presente, revelando a presença da vivência e da visão de mundo contemporâneas. Essa presença do momento da escrita, que todo texto veicula, ainda que tente mascará-la sob o assunto, a linguagem e a forma do texto, constitui-se como uma das inescapáveis marcas dos *lóci* de enunciação. Essas marcas se apresentam das mais variadas formas, ora como grandes correntes alegóricas, ora

⁷⁵¹ Faixas 3 e 5 do CD; e anexo 2.

⁷⁵² O historiador Eric Ives não acreditava que o texto fosse de autoria de Anne, uma vez que, o responsável pela torre deveria relatar todos os movimentos dela e não relatou a escrita do poema. Segundo o historiador, o poema deve ter sido escrito logo após à morte de Anne, por alguém que assumiu o ponto de vista dela.

⁷⁵³ DUNN, 2002.

⁷⁵⁴ Ibid.

através de simbolismos pontuais revelados através de detalhes. Alguém poderia perguntar, 'mas e a autora quis colocar isso dessa forma no texto, quis realmente criar tais significações?' Não importa se a autora quis ou não colocar tais imagens e significações no texto, o que importa é que elas estão ali. Conscientemente ou não, escritores e outros artistas representam seu momento histórico, político, social, geográfico, cultural e individual, de uma forma ou de outra, em suas criações. E essa circunstância nada tem haver com biografismo, mas com a contingência de que ninguém foge de seu próprio lócus de enunciação. E esse lócus forçosamente está presente em todas as suas ações, produções, bem como nas omissões.

Dear heart é um romance configurado sob o signo da diáspora. A narrativa é toda construída em torno de movimentos diaspóricos: deslocamentos, exílios e retornos à pátria. Os movimentos diaspóricos das personagens, Anna e o narrador apontam para a diáspora fundacional da Austrália, peculiarmente traumática pelo nascimento do país como Estado-prisão, destinado a recolher condenados ingleses que, ao receber a sentença, sabiam que jamais tornariam à terra natal. Com as transformações (superações?) das relações coloniais, os movimentos diaspóricos se invertem. Então, são os habitantes das ex-colônias que se dirigem às ex-metrópoles em busca de experiências, respostas e, em muitos casos, de melhores condições de vida. Em última análise, o texto sinaliza para o movimento diaspórico cultural da australiana Wendy que, pela apropriação romanesca de acreditados discursos da metrópole inglesa, engendra uma diáspora cultural, pela desconstrução e reconstrução desses discursos, de um ponto de vista deslocado que transforma a velha margem em um o novo centro.

O romance realiza uma diáspora cultural na medida em que estabelece um jogo entre diferentes paradigmas discursivos e entrecruza diferentes localizações geo-histórico-culturais. Promove um retorno ao passado, visita diferentes momentos da história da literatura, incorpora e questiona todos esses elementos. Os entrecruzamentos discursivos e geo-histórico-culturais demarcam a desconstrução dos pares opositivos centro\margem, metrópole\colônia. A desarticulação desses

pares hierárquicos se faz na medida em que a literatura da ex-colônia⁷⁵⁵ revisa e reescreve, a partir de um ponto de vista deslocado, a história da literatura da antiga metrópole. Ao apropriar-se desses discursos, a margem empodera-se e resvala para o centro, o centro de onde emanam a voz e a fala.

⁷⁵⁵ Contudo, embora, independente, ainda integrante do Commonwealth e aceitando como Chefe de Estado os soberanos ingleses e no caso da Austrália, a participação da monarquia inglesa no governo ainda é bastante forte.

10 Um paralelo possível entre a voz do “Self” e a voz do “Outro”

Ambas as narrativas romanescas apresentam-se em relação paródica com os discursos da história, da literatura e da tradição popular, repetindo esses discursos com diferença, omitindo, deformando e modificando dados, invertendo significados antigos, criando novos significados e veiculando mensagens novas. Um exemplo marcante é o tratamento dado pelas narrativas a traços da aparência física, atribuídos a Anne pela tradição católica, em discursos que sugerem a vinculação demoníaca da personagem em função desses traços. Os romances incorporam alguns desses caracteres à aparência da personagem, tais como os seis dedos e a mancha no pescoço. Contudo, desconstroem a associação demoníaca encontrada em discursos hostis à Anne, referindo-se a eles em tom de normalidade e, muitas vezes, mostrando o ressentimento de Anne diante do preconceito sofrido.

Os romances incorporam diversas informações registradas pelos opositores de Anne, aceitos por muitos historiadores e disseminados pela tradição popular: a) a paixão de Henry VIII pela moça teria sido o motivo do final romance entre Anne e Hal Percy; b) o rompimento entre o casal apaixonado como obra de Wolsey e o desejo de Anne de vingar-se do ministro. c) o romance de Henry e Jane Seymour tendo iniciado em meados de 1535; d) o último aborto de Anne, como sendo de um menino de aparência monstruosa, configurando-se como o ponto final do casamento da heroína com Henry VIII.

Ambas as narrativas incorporam também, na representação de Anne, diversos aspectos da vida e da personalidade dela, frequentemente, desconsiderados nas representações mais populares da personagem, tais como: a

face reformista, especialmente enfatizada em *Secret Diary*⁷⁵⁶, como algo consciente, forte, verdadeira e profundamente definido no caráter da personagem. Os anos passados na França, a educação elevada recebida na corte francesa, elegância, as habilidades com a música e a dança, estas últimas, especialmente enfatizadas em *Dear Heart*. A habilidade com o uso da linguagem, marcadamente com línguas estrangeiras, e particularmente, com o Francês, é também destacada nas duas narrativas.

Considerando os lóci geográficos de onde emergem os dois romances, percebe-se que ambos são construídos a partir de imagens que extrapolam o espaço-nação em direção a uma dimensão transnacional da expressão cultural. Esse movimento corta também o tempo em direção ao passado e mergulha nas origens da relação entre as duas ex-colônias, Estados Unidos e Austrália, com a ex-metrópole inglesa. Desse encontro, oriundo do movimento diáspórico-cultural das escritoras, emergem expressões literárias híbridas, situadas entre passado e presente; entre continentes, entrecruzando realidades históricas, sociais, culturais e geográficas muito diversas. Esse movimento se faz entre a crítica e a celebração e configura uma nova forma de busca da identidade. A partir das posições narrativas estabelecidas entre culturas e nações, teorias e textos, do político, do poético e do pictórico, do passado e do presente, se faz o movimento que vai da unidade problemática da nação rumo à articulação da diferença cultural no processo de construção identitária a partir de uma perspectiva transnacional.

Um significativo contraponto pode ser estabelecido entre *Dear Heart*⁷⁵⁷ e *Secret diary*⁷⁵⁸. A narrativa de Wendy Dunn é marcada pela relação de Wyatt com as mulheres. A narrativa de Robin Maxwell é marcada pela relação de Anne Boleyn com os homens.

No caso de *Dear heart*⁷⁵⁹, a narrativa é feita sob o ponto de vista do opressor. É o senhor dos domínios patriarcais, continuamente exigindo e fazendo valer os direitos que julga ter. Nessa medida, o poeta aparece como um reflexo da figura do

⁷⁵⁶ MAXWELL, 2004.

⁷⁵⁷ DUNN, 2002.

⁷⁵⁸ MAXWELL, 2004.

⁷⁵⁹ DUNN, 2002.

rei, que permanece ao fundo na narrativa, pois, apesar de revestir-se com uma aura de sensibilidade, tem um comportamento semelhante ao do soberano com as mulheres. Henry VIII demonstrou, por seis anos, um amor tão apaixonado por Anne Boleyn quanto é o amor que o poeta demonstra por Anna, na narrativa. No entanto, quando se cansou da esposa, livrou-se dela através de um assassinato judicial. Tomas, casou-se contra a vontade e tem um péssimo relacionamento com a esposa, ainda assim, exige-lhe fidelidade, não sendo atendido, agride-a brutalmente. Os dois comportamentos são moldados pela mesma visão de mundo, segundo a qual as mulheres são seres subalternos, que existem apenas para servir aos homens e de quem eles podem dispor como melhor lhes parecer. Tomas acaba revelando a si mesmo, e a visão de mundo que molda seu tempo, ao relatar a relação que estabelece com as mulheres e o que pensa com relação a elas.

No caso de *Secret diary*⁷⁶⁰, é o ponto de vista da mulher, consciente da opressão do seu sexo e indesejosa de deixar-se explorar e dominar como as demais. Anne transgredir o sistema patriarcal quando se nega a submeter-se às regras e situações estabelecidas. Ela desafia os homens: o pai, o rei, o cardeal, o imperador, o Papa. As insubordinações de Anne custam caro, mas ela não se curva. Por ocasião do fim do namoro com Percy, a heroína leva uma grande surra do pai, pois não tinha o direito de decidir com quem iria se casar. Anne não geme e não chora, mantém uma expressão fria e desafiante o tempo todo, o que aumenta ainda mais a fúria paterna. Depois disso, é mandada para Hever, onde permanece quase três anos. Ao voltar para a corte, se nega a seguir o destino das moças que atraíam ao rei – satisfazer os impulsos sexuais do soberano em troca de alguns presentes e benefícios para a família. Através da esperteza, ela consegue esquivar-se do assédio sexual do monarca, cujo desejo insatisfeito acaba por transformar-se na paixão que o levará ao casamento. Mas Anne se apaixona. Uma vez casada, não consegue ter o filho homem que Henry deseja, motivo real do casamento, e nem suportar calada as traições do marido. Em razão disso, insatisfeito e cansado da impertinência da mulher, Henry VIII decide tomar uma nova esposa. O caminho mais fácil é a morte de Anna. Ao relatar sua trajetória no diário, a personagem vai desnudando o destino e as vivências das mulheres e a profunda opressão em que

⁷⁶⁰ MAXWELL, 2004.

viviam. A heroína encontra a glória e a morte por não aceitar viver de acordo com o padrão esperado da mulher em seu tempo.

As narrativas estudadas não são panfletárias, ainda assim, tornam visível, através das falas do narrador, em *Dear heart*⁷⁶¹, e da heroína, em *Secret diary*⁷⁶², a repressão feminina nas práticas sociais. Dessa forma, tecem críticas enérgicas ao sistema patriarcal.

O texto de Dunn foi publicado em 2002 e o de Robin em 1998, de lá pra cá, já se passou mais de uma década, e este é o primeiro estudo crítico aprofundado sobre as narrativas. O silêncio da crítica acadêmica levanta questionamentos e acaba por ser revelador. As questões que mais rapidamente vêm à mente são: a ausência de estudos críticos se deve ao fato da autoria dos textos ser feminina? Continua mesmo no século XXI o preconceito da crítica com relação às escritoras? Nesse caso, reforça-se a necessidade de estudar e divulgar tais textos, pois é fundamental para a inclusão das mulheres na história da literatura, que cada vez mais vozes quebrem o silêncio em torno da autoria feminina. É preciso valorizar as mensagens veiculadas pelas mulheres, as expressões peculiares, a estética tantas vezes diferenciada e desmerecida pela crítica. Por que não aceitar novos padrões e valores estéticos no cânone? As escritoras terão que continuar a escrever como os escritores aclamados por uma crítica moldada segundo os padrões estético-ideológicos do patriarcado para conseguir espaço?

Daí o imperativo de valorizar as vozes femininas que emergem textualmente, legitimando essas expressões literárias, tornando-as conhecidas e incluindo-as no conjunto das obras que são lidas, estudadas e divulgadas. Incorporando-as, assim, no sistema e na tradição literárias. Deslocando-se produção literária feminina das margens do sistema literário para o centro das atenções do público e da crítica, ela ganha visibilidade, passa a ter existência na história literária, tornando-se, nessa medida, privilegiada. O papel da crítica feminista é justamente 'privilegiar' a produção literária das mulheres. Essa produção tem sido largamente ignorada porque proveniente de um grupo que – embora não sendo homogêneo, nem unificado –, enquanto categoria ampla, tem sido historicamente 'desprivilegiado' nas

⁷⁶¹ DUNN, 2002.

⁷⁶² MAXWELL, 2004.

sociedades humanas. A partir desse movimento é que se abrem novas possibilidades para a crítica, as autoras e os leitores, tornando o espaço literário mais rico, diversificado e igualitário.

11 Conclusão: Quando a literatura da (ex)colônia encontra a história da (ex)metrópole II

Os discursos históricos e literários, estudados aqui, se apropriam da figura de Anne Boleyn em um movimento de resgate e reabilitação da memória apagada, fragmentada, vilanizada e demonizada da personagem histórica. O apagamento, o silenciamento e a fragmentação da memória de Anne, se fizeram pela destruição de grande parte das fontes referentes a ela e pela omissão sistemática de inúmeras informações relevantes referentes à vida da personagem, nos discursos históricos por cerca de quatrocentos e cinquenta anos.

O procedimento de resgate se fez a partir da inclusão, nos discursos históricos e literários, de informações referentes a aspectos normalmente excluídos nas representações dessa figura histórica. Tais como, as origens familiares; a educação recebida nas maiores cortes do continente; a fé religiosa; a participação na reforma da igreja na Inglaterra. A focalização desses aspectos, tanto pela história quanto pela literatura, confere uma nova dimensão à figura de Anne Boleyn e desconstrói discursos que a desvalorizam apresentando-a como um mero objeto sexual, como uma figura indigna de apreço ou respeito e historicamente irrelevante. No âmbito da história, Anne Boleyn ganhou visibilidade e legitimidade históricas, na medida em que aspectos da vida dela, antes desconsiderados, passaram a ser representados em discursos de prestigiados historiadores britânicos. Ao se tornar o centro de discursos acreditados, a personagem é legitimada e se torna visível no quadro histórico. No âmbito da literatura, a inclusão desses aspectos na representação de Anna promove o questionamento dos discursos que os omitiram por centenas de anos.

Em adição a isso, a memória da personagem é clarificada, em todos os discursos, através da desconstrução das acusações imputadas a ela no processo que a levou à morte. Assim, parte do processo de envilecimento a que a personagem foi submetida é desarticulado. A partir das últimas duas décadas do século XX, a história de Anne Boleyn passou a ser revisada com seriedade e sem o peso de preconceitos patriarcais. Eric Ives⁷⁶³, no minucioso trabalho *Life and Death of Anne Boleyn* detalha todos os aspectos da vida da personagem que podem ser comprovados através de fontes históricas. O historiador demonstra a impossibilidade de que as acusações imputadas a Anne, no processo que a condenou à morte, fossem verdadeiras. E revela os motivos reais pelos quais ela tinha que morrer. Com isso, o historiador reabilita a memória da personagem, desconstruindo os discursos de vilanização e demonização, determinantes da percepção negativa com relação a ela através dos séculos. O texto de Starkey⁷⁶⁴, embora não de forma tão detalhada, também defende a inocência de Anne, no processo que a condenou à morte. E realiza um procedimento de clarificação da memória da personagem semelhante ao efetivado por Ives⁷⁶⁵. Os textos da literatura também apresentam Anne como inocente das acusações recebidas e atribuem a morte da personagem ao desejo de Henry VIII de livrar-se dela para contrair um novo casamento.

Os discursos demonizantes mais fantasiosos, aqueles que se referem a aparência física da personagem, também são desconstruídos nas narrativas estudadas. Ives⁷⁶⁶ desarticula esses discursos revelando que as falas que descrevem Anne de maneira monstruosa partem sempre de recusantes católicos ou de relatos anônimos, que, pelo tom, presume-se, também venham dos católicos. Como, na época, acreditava-se que o exterior representava o interior, retratá-la com uma aparência repulsiva equivalia a vinculá-la ao mal, portanto, ao demônio. Em adição a isso, o historiador cita relatos de diversos contemporâneos de Anne, que conviveram com ela, e que a descrevem como uma mulher sem grandes grande beleza física; mas não mencionam: papo, seis dedos, verrugas, manchas, dentes pontiagudos projetados para frente; detalhes que, segundo o historiador, não

⁷⁶³ IVES, 2005.

⁷⁶⁴ STARKEY, 2004.

⁷⁶⁵ IVES, 2005.

⁷⁶⁶ Ibid.

passariam despercebidos. O biógrafo salienta também que Henry VIII jamais se atrairia por uma mulher que tivesse todas essas marcas do demônio.

Os textos literários também desarticulam os discursos de demonização da personagem com base na aparência, mas o procedimento adotado é outro. As narrativas romanescas subvertem esses discursos, repetindo-os com diferença, incorporando-os através da paródia e da ironia. Em *Secret diary*⁷⁶⁷, os discursos surgem através da própria voz da personagem, com a referência ao sexto dedo e a expressão do ressentimento de Anna pelo preconceito sofrido. Em *Dear heart*⁷⁶⁸, a mancha que a heroína teria no pescoço é referida pelo narrador, com o comentário de que era o que a fazia ainda mais encantadora. E o sexto dedo é mencionado como um detalhe que não desmerecia em nada a mão da amada, que ainda assim, era bonita.

Os discursos demonizantes oriundos da acusação de bruxaria e pacto com o demônio também são desarticulados pelas narrativas literárias. Em *Dear heart*⁷⁶⁹, o narrador afirma que Anne não era bruxa, ela era 'enfeitiçante' pois tinha uma personalidade que tocava as pessoas profundamente. Em *Secret diary*⁷⁷⁰, a personagem relata episódios e menciona detalhes que podem ter dado origem ao boato de que ela era bruxa ou que tinha intenção de envenenar Henry, Mary e Richmond. Em uma ocasião, foi visitar uma velha curandeira, comprar uma poção, pois temia que Henry (que tinha várias amantes) lhe transmitisse alguma doença. Em poucos dias, corria o boato de que ela teria ido comprar uma poção para envenenar Mary.

A lenda que fala da última gravidez de Anne e do aborto de um menino deformado é referida pelas duas narrativas. Em *Dear Heart*⁷⁷¹ o narrador sinaliza para os preconceitos que moldavam o pensamento da época, ao comentar que a criança, se tivesse sobrevivido, não seria o salvador, mas sim a condenação de

⁷⁶⁷ MAXWELL, 2004.

⁷⁶⁸ DUNN, 2002.

⁷⁶⁹ Ibid.

⁷⁷⁰ MAXWELL, 2004.

⁷⁷¹ DUNN, 2002.

Anne, pois apresentava diversas deformidades. Em *Secret diary*⁷⁷², a personagem relata o desespero por perder a criança e o horror que estava sentindo, ao ver-se condenada pelas disformidades que ele apresentava.

Em todos os casos, se nota a subversão do sentido original das falas vilanizantes e demonizantes, marcando sua negação e desconstrução. Os textos estudados mostram que a sociedade patriarcal, e católica, transformou Anne em objeto de vários discursos depreciativos. Moldando, dessa forma, a percepção com relação a ela e formando um arquivo no inconsciente coletivo, que determina o que é pensado ou falado sobre ela. Ao construir representações da personagem em bases diferenciadas das tradicionais, os textos do corpus agem no sentido de: 1. Desconstruir as imagens depreciativas; 2. Remodelar a percepção da personagem; 3. Desarticular a imagem negativa cristalizada no inconsciente coletivo.

A desconstrução do aviltamento da personagem é feita também na medida em que os discursos em questão focalizam o desenvolvimento do relacionamento entre Anne Boleyn e Henry VIII. Em todos os textos do corpus, as versões concordam com relação aos seguintes aspectos: 1. Anne não foi amante do rei, logo, ela não era ‘concubina’ ou ‘prostituta’, como os opositores se referiam a ela. 2. Ela só tinha duas opções, tornar-se amante ou tornar-se rainha. Anne escolheu a segunda opção. Ela aparece nas representações textuais estudadas como uma mulher que se negou a desempenhar papel de objeto sexual. Para a mulher, o único caminho honroso, na época, era o casamento e ela não aceitou menos do que isso em troca de sua sexualidade. Com isso, ela aparece como uma figura feminina altamente transgressora, que quebrou todas as regras e hierarquias de seu tempo. Primeiro, se negou a agir como esperado, ou seja, ceder ao assédio sexual de Henry VIII. Segundo, ela, mulher e súdita, ousou barganhar com o rei. Terceiro, assumiu publicamente o relacionamento com um homem casado. E, finalmente, mesmo não sendo uma princesa de sangue real, Anne estipulou que o relacionamento com o rei só se consumaria com o casamento.

⁷⁷² MAXWELL, 2004.

O processo de legitimação da personagem se faz na medida em que discursos investidos de poder, pois partem de acreditados historiadores britânicos, resgatam e reabilitam a memória de Anne, assinalando o importante papel que ela desempenhou na história, propiciando que haja uma mudança na forma como ela é vista é compreendida pela humanidade. Os historiadores a colocam no centro de discursos privilegiados, uma vez que emanam de sujeitos investidos de credibilidade nos meios histórico, acadêmico e midiático. Esses discursos não a santificam, o que seria até inverossímil, contudo, exploram e destacam o maior número possível de aspectos da vida da personagem, conferindo a ela o relevo histórico merecidos. Nessa medida, compreendo as obras de ambos os historiadores como parte de um movimento de resgate de inúmeras figuras femininas tradicionalmente esquecidas, diminuídas e aviltadas pela história.

Com relação à questão de gênero, diferenças importantes surgem entre os textos das romancistas e dos historiadores. As narrativas dos historiadores focalizam marcadamente o empoderamento de Anne Boleyn, em um mundo dominado pelos homens. A figura global da personagem que emerge das narrativas da história é a de uma valorosa agente histórica. Uma mulher de alta educação e grandes habilidades, dotada de uma inteligência aguda, que foi capaz de conquistar espaço em um universo masculino. O autor de *Six wives*, mostra Anne como uma figura mais poderosa e atuante politicamente que Catarina de Aragão. Ambos os textos a descrevem como uma reformista de fé genuína e uma política com ideais elevados, que defendeu ferrenhamente seus pontos de vista e morreu por isso. Em sentido estrito, o texto destaca as conquistas de Anne Boleyn, em sentido amplo, remete às conquistas das mulheres na sociedade como um todo. Nessa medida, a figura de Anne Boleyn que emerge das narrativas históricas estudadas revela-se como um signo metonímico das lutas e das conquistas femininas através dos tempos.

As narrativas literárias focalizam marcadamente questões referentes à opressão e à exploração da mulher na sociedade patriarcal, problematizando as relações que se estabelecem entre mulher e sociedade. As romancistas endereçam diretamente temas como violência doméstica, estupro, exploração sexual e feminicídio. Problemas enfrentados pelas mulheres no século XVI e também no século XXI. Dessa forma, os textos levam à reflexão que, embora a situação da

mulher na família e na sociedade tenha mudado muito, nesses quase cinco séculos, os problemas referentes à violência permanecem quase inalterados. Por outro lado, *Secret diary*⁷⁷³ destaca, também, a insubmissão feminina representada pelo comportamento rebelde, subversivo e desafiante exibido por Anne Boleyn ao longo de toda narrativa. Esse mesmo aspecto é representado em *Dear Heart*⁷⁷⁴, através da selvageria e indomabilidade da personagem Anna, conforme referido nas queixas do narrador. Também no discurso das romancistas, Anne Boleyn surge como metonímia da minoria diversificada e multifacetada, grosso modo, denominada Mulher e das situações de opressão e violência vivenciadas pelas mulheres em todas as sociedades.

No que tange à questão do gênero, em um ponto, as representações da personagem, tanto na história quanto na literatura, convergem: todos os textos sob análise apresentam Anne como uma transgressora das normas e padrões estabelecidos para a mulher, na sociedade patriarcal, do século XVI.

As diferenças de paradigma discursivo, histórico e literário, também provocam diferenças essenciais entre os textos de romancistas e historiadores. Os textos literários, devido à liberdade imaginativa que lhes é peculiar, enfatizam, especialmente, os aspectos não cobertos pela história devido à escassez ou a inexistência de fontes: a psicologia da personagem e traços do relacionamento pessoal de Anne com Henry VIII e com outros personagens, como Wyatt e George Boleyn. Pensamentos, sentimentos, impressões e reações interiores diante dos acontecimentos, constituem uma incógnita para os historiadores e matéria privilegiada para a imaginação das romancistas. Encontros e conversas entre as personagens, que não fazem parte dos registros históricos, são largamente explorados nas narrativas literárias. O romance de cunho histórico contemporâneo tem como uma de suas características essa aspiração de complementar a informação histórica, apresentando versões possíveis daquilo que a história, por sua limitação às fontes, não tem como alcançar.

⁷⁷³ MAXWELL, 2004.

⁷⁷⁴ DUNN, 2002.

Nos textos híbridos que surgem da intersecção entre literatura e história, passado e presente, ex-colônia e ex-metrópole, o passado é re-escrito com as tintas vivas de um presente pós-colonial. A desconstrução dos discursos vilanizadores profundamente enraizados na ideologia patriarcal, corresponde à desconstrução dos modelos discursivos coloniais.

Aspectos que compõem a representação de Anne nas quatro narrativas estudadas são a religiosidade e a educação elevada que ela recebeu tendo vivido vários anos no exterior, primeiro na Burgúndia e, posteriormente, na França. Ambos os aspectos tem recebido pouco ou nenhum destaque nas representações da personagem mais popularmente difundidas (mídia imagética). Os textos do âmbito da história dão grande destaque a esses dois aspectos. Ambos os historiadores acreditam que o poder que Anne Boleyn exercia sobre os homens não se devia somente ao sex appeal. Mas, principalmente, à inteligência e ao grande número de habilidades que ela desenvolveu, no tempo que viveu fora da Inglaterra.

Os romances também fazem referências bastante marcadas à educação e à religiosidade de Anne. E tanto os textos históricos quanto os literários creditam a ela o direcionamento de Henry VIII para a reforma religiosa, especialmente, através de textos reformistas que entregou a ele. Os romances sugerem que, em função da educação no exterior, Anne se tornou uma dama muito mais francesa do que inglesa, inclusive falando inglês com um sotaque levemente Francês. Isso a tornava um pouco estrangeira em sua própria terra, fazendo dela uma figura exótica. Os romances enfatizam que Anne era tanto imitada quanto criticada na corte, pelo excessivo afrancesamento que ostentava. Anne Boleyn, pelos oito anos que passou fora da Inglaterra foi uma personagem diáspórica. E assim é apresentada pelas narrativas que a tematizam como uma personagem marcada e moldada pela diáspora, pela hibridização cultural, pelo resvalamento constante da identidade. É provável que este fato tenha determinado a escolha de Anna como protagonista dos romances. AB teve personalidade e trajetória construídas através de deslocamentos. Alguns dos quais geográficos: Hever, Bruxelas, Paris, Londres, Calais e todas as viagens pela Inglaterra, acompanhando o rei. Outros tantos na posição social: Lady Anne; Lady Rochford, Marquis of Pembroke, Queen of England, Esfinge Universal.

Anne foi um produto da diáspora, da mesma forma que as ex-colônias também foram geradas e moldadas através de diásporas.

Pode-se ainda perceber a heroína como metáfora das terras colonizadas. A virgem rica e exótica é desejada, perseguida, deflorada e destruída pelo rei, na mesma medida em que as terras distantes são conquistadas, exploradas e arrasadas pelos europeus, que espoliaram as riquezas e exterminaram as populações nativas. A figura da virgem deflorada como metáfora da terra conquistada é muito frequente nas literaturas nacionais dos países com um passado colonial. Nos dois casos sob análise, essa metáfora é deslocada na medida em que o texto não focaliza o passado nacional imediato, mas se dirige ao passado do colonizador, indicando a origem de todo processo colonizatório, revelando que a truculência do colonizador começou em casa e nas terras recém descobertas apenas cresceu em proporções e crueldade. No caso de *Dear heart*⁷⁷⁵, essa metáfora é ainda mais marcada. Anne, a condenada, representa a população de condenados que deu origem à Austrália.

As obras que compõem o *corpus* buscam reconstruir a história perdida-apagada de uma personagem feminina que não só esteve à frente de seu tempo, mas também desafiou e renovou o mundo ao afrontar o poder em todas as suas instâncias – o marido, o rei, o imperador, o papa, a igreja católica. É óbvio que, na sociedade patriarcal do século XVI, ela seria castigada com a morte. Acredito, assim como Eric Ives⁷⁷⁶, que Anne deve ser entendida como uma precursora da causa feminista, que abriu caminho ao distinguir-se por sua educação e habilidades, ao expor e lutar por seus pontos de vista e ao clamar sua insatisfação. Ela foi um exemplo de insubmissão e rebeldia extremas, em uma época em que as mulheres estavam condenadas ao mais absoluto silêncio. Por outro lado, foi também uma vítima das truculências e injustiças da sociedade patriarcal, tornando-se um exemplo do destino de mulheres voluntariosas e insubmissas antes da revolução feminista; destino que se apresentava em poucas variações: a morte, o convento ou o asilo de loucos.

⁷⁷⁵ DUNN, 2002.

⁷⁷⁶ IVES, 2005.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Michael. *A history of English literature*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2000.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Mulheres tão diferentes que éramos: a escritora contemporânea e as narrativas cosmopolitas na aldeia global. In: DALCASTAGNÈ & LEAL (Org.). *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte, 2010, p.12-22.

ANNA BOLENA (ópera de Donizetti). Eric Génovèse & Brian Large, 2011. 194 min. son. color.

ANNE OF THE THOUSAND DAYS (filme). Hal Wallis, 1969. 145 min. son. color. 35 mm.

BANN, Stephen. Analisando o discurso da história. In: *As invenções da história. Ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: UNESP, 1994.

_____. Eternos retornos e o sujeito singular: fato, fé e ficção no romance. Analisando o discurso da história. In: *As invenções da história. Ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: UNESP, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. O plurilinguismo no romance. In: *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1988.

BARRENTO, João. O regresso de Clio. *História literária – problemas e perspectivas*. Portugal, 1986.

BARTHES, Roland. O discurso da história. In: _____. *O rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p.121-130.

BAL, Mieke. *Narratology*. Toronto: University of Toronto Press, 2009.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

_____. Narrating the nation. In: *Nation and Narration*. London: Routledge, 1990.

_____. O entrelugar das culturas. In: *O bazar global e o clube dos cavaleiros ingleses*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p.80-94.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialista. In: BONNICI & ZOLIN (org). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: EDUEM, 2009, p. 257-286.

BORDO, Susan. *The creation of Anne Boleyn*. New York: HMH, 2013.

CÂNDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

CARVALHAL, Tânia. *O próprio e o alheio*. Porto Alegre: Editora da UNISINOS, 2003, p.125-152.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

COWART, David. "Time present and time past: History and the contemporary novel" in *History and the contemporary novel*. USA: Southern Illinois University Press, 1989, p.1-30.

DECCA, Edgar De. "Literatura, Modernidade e história: O olhar estrangeiro sobre o mundo colonial.", in *Discurso histórico e narrativa literária*. Org. LEENHARDT & PESAVENTO. Campinas: Editora da Unicamp, 1998, 67-91.

DENNY, Joanna. *Anne Boleyn: A new life of England's tragic queen*. Philadelphia: Da Capo Press, 2006, 374pp.

DOUGLASS, Ellen H. Para uma mitologia feminista do século XX. *Organon*, Porto Alegre n.16, p. 26-33, 1989.

DUNN, Wendy J. *Dear heart, how like you this?* United Kingdom: Metropolis Ink, 2002, 322p.

_____. Writing the rainbow: my musing about what I write. Disponível em <<http://wendydunn.com/about/187-2/>> Acesso em: 26\04\2013.

_____. The age of Anne Boleyn. Disponível em <<http://wendydunn.com/about/187-2/>> Acesso em: 26\04\2013.

_____. Anne Boleyn in the tower, by Edouard Cibot. Disponível em: <<http://wendydunn.wordpress.com/tudor-articles/anne-boleyn-in-the-tower-by-edouard-cibot/>> Acesso em 25\01\2013 – 10h35min.

_____. *Before the dawn breaks*. Disponível em <<http://wendydunn.com/tudor-fiction/before-dawn-breaks>> Acesso em: 20\02\2013.

_____. Informações biográficas. Disponível em <<http://facebook.com/wendy.j.dunn>> Acesso em: 26\04\2013.

_____. Vários escritos. Disponível em <<http://www.wendydunn.com>> Acesso em: 26\04\2013.

DUPLESSIS, Rachel Blau. *Writing beyond the ending*. Bloomington: Indiana University Press, 1985.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EXPERIENCE THE TOWER OF LONDON. Souvenir Guide Book. London: Historic Royal Palaces, 2007, 72p.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FREITAS, Maria Teresa. *Literatura e História: O romance revolucionário de André Malraux*. São Paulo: Atual, 1996.

GOOGLE HISTORICAL NOVEL.

<[p://books.google.com.au/books/about/The_Historical_Novel.html?id=MsMBBddhODoC&redir_esc=yzs](http://books.google.com.au/books/about/The_Historical_Novel.html?id=MsMBBddhODoC&redir_esc=yzs)> Acesso em: 04\12\2012.

GREENSLEEVES. By Cornwall. Disponível em
<<http://www.youtube.com/watch?v=YHlwHCitmMs>> Acesso em 27\04\2013.

GREENSLEEVES. By Gregorian. Disponível em
<<http://www.youtube.com/watch?v=pHhA70sLjPI>> Acesso em: 27\04\2013.

GREENSLEEVES. Disponível em <<http://letras.mus.br/enya/1524074/>> Acesso em: 10\06\2013. 22h38min.

GROOT, Jerome. *The historical novel*. New York: Routledge, 2010.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. Feminismo em tempos pós-modernos. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 7-19.

HUMM, Maggie. Pelos caminhos da crítica feminista. A mulher e a Literatura. *Organon/ Revista da UFRGS*, Porto Alegre n.16, p. 81-98, 1989.

HUTCHEON, Linda. Metaficção historiográfica: “o passatempo do tempo passado”. In: *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p.141-162.

ILUSTRAÇÕES. Disponível em <<http://thetudorenthusiast.weebly.com>> Acesso em: 27\04\2013 14h45min.

ILUSTRAÇÕES. Disponível em <<http://rainhastragicas.com/2012/09/03/ana-bolena/>> Acesso em: 06\05\2013 - 15h36min.

ISER, Wolfgang. La realidad de la ficción. In: WARNING, Rainer (Org.). *Estética de la recepción*. Madrid: Visor, 1989, p.165-195.

_____. El proceso de lectura. In: WARNING, Rainer (Org.). *Estética de la recepción*. Madrid: Visor, 1989, p. 149-164.

_____. La estructura apelativa de los textos. In: WARNING, Rainer (Org.). *Estética de la recepción*. Madrid: Visor, 1989, 133-148.

_____. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa(Org.). *Teoria da literatura e suas fontes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984, v.2, p.384-416.

_____. O fictício e o imaginário. In: ROCHA, João C. Castro. *Teoria da ficção*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1999, p. 65-77.

_____. O que é Antropologia Literária? In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p.147-178.

IVES, Eric. *Life and death of Anne Boleyn*. Oxford: Blackwell, 2005, 458pp.

JOHNSON, Barbara. *The feminist difference*. Massachusetts: Harvard University Press, 1998.

KRYSINSKI, Wladimir. Narrativa de valores: Os novos actantes da weltliteratur. In: *Dialéticas da transgressão*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 1-14.

_____. Questões sobre o sujeito e suas incidências no texto literário. In: *Dialéticas da transgressão*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p.51-68.

_____. A consciência, a alteridade e o discurso da narração em Svevo. In: *Dialéticas da transgressão*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p.97-110.

LAURETIS, Teresa. Tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Tendências e impasses*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.206-242.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1992.

LIMA, Luiz Costa. *Aguarrás do tempo: Estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Roco, 1989.

LIMA DUARTE, Constância. (o título está apagado, é um texto sobre literatura de autoria feminina p.69-75) Boletim do GT A Mulher na literatura – ANPOLL 1994 – UFRGS – Porto Alegre. Instituto de Letras.

LOFTS, Norah. *The Concubine*. New York: Touchstone, 2008, 452p.

LUKÁCS. Georg. *La novela histórica*. Mexico: Bibliotera, 1966.

_____. *A teoria do Romance*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

MAXWELL, Robin. *The secret diary of Anne Boleyn*. London: Orion, 2004, 260p.

MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

_____. "Christopher Columbus and the new historical novel." In *Hispania Magazine*, número 75. October, 1992, p.930-940.

MIGNOLO, Walter. "Lógica das diferenças e política das semelhanças da literatura que parece História ou Antropologia, e vice-versa.", in CHIAPINNI & AGUIAR, Lúcia e Flávio Wolf Org. *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: EdUSP, 1993, p.115-161.

MIGNOLO, Walter. La Razón Postcolonial. In: *Gragoatá*. Niterói, n.1, p. 7-29, 2. Sem. 1996.

MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. Boletim do GT A Mulher na literatura – ANPOLL 1994. UFRGS/ Porto Alegre. Instituto de Letras, 1994, p.77-84.

NUNES, Benedito. Narrativa histórica e narrativa ficcional, In: *Colóquio UERJ* – org. RIEDEL, Dirce Cortês. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p.10-31.

OH DEATH, ROCK ME ASLEEP. Disponível em: <http://www.poetry-archive.com/b/o_death_rock_me_asleep.html>. Acesso em 10\06\2013. 22h47min.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PLOWDEN, Alison. *Tudor women. Queens & Commoners*. Gloucestershire: Sutton Publishing, 2007, 182p.

POE, Edgar Allan. The philosophy of composition (Quotes). Disponível em <http://www.egs.edu/library/edgar-allan-poe/quotes/> Acesso em: 25\05\2013.

POLLACK, Gillian. Living history through fiction. Disponível em <http://wendyjdunn.com/other-voices/living-history-through-fiction-by-gillian-pollack> Acesso em: 20\02\2013.

REMINI, Robert V. *A short history of the United States*. New York: Harper Perennial, 2009.

RICOUER, Paul. Poética da narrativa: história, ficção, tempo. In: *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papyrus, 1997, t.3, p.173-178.

SADLIER, Darlene. Teoria e crítica literária Feminista nos Estados Unidos. *Organon*, Porto Alegre n.16, p. 14-25, 1989.

_____. Os debates sobre a mulher/gênero na teoria e crítica literária feminista nos Estados Unidos. Boletim do GT A Mulher na literatura – ANPOLL 1994. UFRGS/ Porto Alegre. Instituto de Letras, 1994, P.29-41.

SAID, Edward. Territórios sobrepostos, histórias entrelaçadas. In: *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANDER, Lucia V. *O caráter confessional da literatura de mulheres*. *Organon*, Porto Alegre n.16, p. 38-51, 1989.

SANDERS, Andrew. *The short Oxford history of English literature*. New York: Oxford University Press, 2000.

SCHMIDT, Rita Terezinha. O pensamento-compromisso de Homi Bhabha: notas para uma introdução. In: BHABHA, Homi. *O Bazar global e o clube dos cavaleiros ingleses*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 13-61.

SCHWANTES, Cíntia. Narrativas de formação contemporânea: uma questão de gênero. In: *Contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte, 2010, p.12-22.

SCOTT, Joan W. The evidence of experience. In: CRITICAL ENQUIRY 17 (Summer 1991). Chicago: University of Chicago, 1991, p.773-797.

SHAKESPEARE, William. King Henry VIII. In: *The complete works of William Shakespeare*. Hertfordshire: Wordsworth Editions, 1999. pp.1160-1194.

SOMMER, DORIS. Irresistible romance: the foundational fictions of Latin America. IN HOMI, Bhabha. *Nation and Narration*. London: Routledge, 1990.

STARKEY, David. Anne Boleyn. In: *Six Wives: The Queens of Henry VIII*. London: Vintage, 2004, 852 p.

VEYNE, Paul. Apenas uma narrativa verídica. In: *Como se escreve a história*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998, p.17-24.

_____. Tudo é histórico, logo a história não existe. In: *Como se escreve a história*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998, p.25-50.

VICENTINI, Ana. Mudar a referência para pensar a diferença. *Organon*, Porto Alegre n.16, p. 59-67, 1989.

WATT, Ian. *The rise of the novel*. London: Pimlico, 2000.

WEBBY, Elizabeth (Ed.). *The Cambridge Companion to Australian Literature*. Lexington: Cambridge University Press, 2012.

WEIR, Alison. *Henry VIII: King and Court*. London: Pimlico, 2002.

WHITE, Hayden. *Meta-história. A imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: EdUSP 1995.

_____. *The content of the form. Narrative, discourse and historical representation*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1992.

THE OTHER BOLEYN GIRL. Justin Chadwick, 2008. son. color. 115 min.

THE PRIVATE LIFE OF HENRY VIII. Alexander Korda, 1933. son. pb. 97 min.

THE TUDORS (Série - Primeira Temporada). Michael Hurst, 2007. son. color. 547min.

THE TUDORS (Série - Segunda Temporada). Michael Hurst, 2008. son. color. 524min.

TODD, Janet. *Gender and literary voice*. New York: Holmes&Méier Publishers, 1980.

TUCHMAN, Bárbara W. O historiador como artista. In:_____. *A prática da história*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991, p. 37-42.

WYATT, Thomas. *The poetical works of Sir Thomas Wyatt*. Edinburgh: Bibliobazaar, sd.

_____. "They flee from me" Disponível em
<<http://www.poetryfoundation.org/poem/174858>> Acesso em: 04\12\2013.

ZINN, Howard. *A people's history of the United States*. New York: Harper Perennial, 2005.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI & ZOLIN (org). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: EDUEM, 2009, p.217-242.

_____. Literatura de autoria feminina. BONNICI & ZOLIN (org). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: EDUEM, 2009, p.327-336.

ANEXO1

GREENSLEEVES

Alas, my love, you do me wrong,
To cast me off discourteously.
For I have loved you well and long,
Delighting in your company

Greensleeves was all my joy
Greensleeves was my delight,
Greensleeves was my heart of gold,
And who but my lady greensleeves.

Your vows you've broken, like my heart,
Oh, why did you so enrapture me?
Now I remain in a world apart
But my heart remains in captivity.

I have been ready at your hand,
To grant whatever you would crave,
I have both waghered life and land,
Your love and good-will for to have.

If you intend thus to disdain,
It does the more enrapture me,
And even so, I still remain
A lover in captivity.

My men were clothed all in green,
And they did ever wait on thee;

All this was gallant to be seen,
And yet thou wouldst not love me.

Thou couldst desire no earthly thing,
but still thou hadst it readily.

Thy music still to play and sing;
And yet thou wouldst not love me.

Well, I will pray to God on high,
that thou my constancy mayst see,
And that yet once before I die,
Thou wilt vouchsafe to love me.

Ah, Greensleeves, now farewell, adieu,
To God I pray to prosper thee,
For I am still thy lover true,
Come once again and love me.

ANEXO 2

O DEATH, ROCK ME ASLEEP

O DEATH, rock me asleep,
 Bring me to quiet rest
 Let pass my weary guiltless ghost
 Out of my careful breast.
 Toll on, thou passing bell;
 Ring out my doleful knell;
 Let thy sound my death tell.
 Death doth draw nigh;
 There is no remedy.

My pains who can express?
 Alas, they are so strong;
 My dolour will not suffer strength
 My life for to prolong.
 Toll on, thou passing bell;
 Ring out my doleful knell;
 Let thy sound my death tell.
 Death doth draw nigh;
 There is no remedy.

Alone in prison strong
 I wait my destiny.
 Woe worth this cruel hap that I
 Should taste this misery!
 Toll on, thou passing bell;
 Ring out my doleful knell;

Let thy sound my death tell.
Death doth draw nigh;
There is no remedy.

Farewell, my pleasures past,
Welcome, my present pain!
I feel my torments so increase
That life cannot remain.
Cease now, thou passing bell;
Rung is my doleful knell;
For the sound my death doth tell.
Death doth draw nigh;
There is no remedy.

